



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RENATA SILVA PAMPLONA

**PEDAGOGIAS DE GÊNERO EM NARRATIVAS SOBRE
TRANSMASCULINIDADES**

**SÃO CARLOS - SP
2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RENATA SILVA PAMPLONA

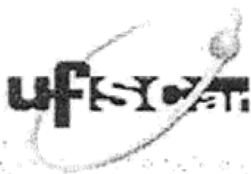
**PEDAGOGIAS DE GÊNERO EM NARRATIVAS SOBRE
TRANSMASCULINIDADES**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, como requisito para o Exame de defesa de Doutorado. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

SÃO CARLOS - SP

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Renata Silva Pamplona, realizada em 16/02/2017:

Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis
UFSCar

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues
UFSCar

Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos
UFSCar

Profa. Dra. Andréza Marques de Castro Leão
UNESP

Prof. Dr. Welson Barbosa Santos
UFG

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor Dr^o Nilson Fernandes Dinis, pela orientação rizomática, livre, ao mesmo tempo criteriosa, aberta às novas possibilidades e conexões. Agradeço pelo incentivo e apoio incondicional para a realização do Estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Coimbra/Portugal. Os momentos compartilhados com você foram de experimentações únicas.

Ao CNPq pela bolsa concedida, apoio fundamental para a concretização desse trabalho.

Agradeço a CAPES e ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior/PDSE pela bolsa concedida para realização do Estágio Sanduíche em Portugal.

À Professora Dr^a Carmen Lúcia Brancaglioni Passos pela distinção com que me recebeu para dar esclarecimentos em relação à documentação para o Estágio Doutoral Sanduíche. Assim como pela torcida humana pela efetivação do processo.

À Professora Dr^a Ana Cristina Santos pela gentileza e pontual aceite em supervisionar o estágio sanduíche, no Centro de Estudos Sociais/CES, na cidade de Coimbra-Portugal.

À Professora Dr^a Maria Filomena Rodrigues Teixeira agradeço a amável acolhida na cidade de Coimbra, e na Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra.

Aos Colegas do PPGE/UFSCar agradeço a oportunidade da rica convivência. De modo especial agradeço ao Welson e à Luana; ao Reginaldo e à Edmacy pela amizade e revisão do projeto de pesquisa.

Às professoras, Dr^a Maria Walburga dos Santos e Dr^a Tatiana Cosentino Rodrigues, pela leitura cuidadosa do texto de qualificação, e arguição refinada, a qual possibilitou lapidar o texto.

Às professoras, Dr^a Andreza Marques de Castro Leão, Dr^a Maria Walburga dos Santos e Dr^a Tatiana Cosentino Rodrigues, e ao professor Dr Welson Barbosa Santos pela arguição e contribuições na banca de defesa.

Ao Paulo Macambyra agradeço a revisão rigorosa, assim como as sugestões críticas e inteligentes.

Ao João W. Nery, Jordhan Lessa, Anderson Herzer (*in memoriam*) e Dom, agradeço por compartilharem suas histórias de vida, permitindo assim o ressignificar de vidas e trajetórias de outros homens transexuais. Assim como a realização de pesquisas acadêmicas como essa.

À Cristiane Borzuk, por sua amizade e contribuição na revisão do projeto de pesquisa.

Ao José Sílvio, por ter compartilhado momentos importantes nessa trajetória de formação, tanto em São Carlos, como em Coimbra/Portugal.

À minha mãe, Lair, pelo incentivo irrestrito aos meus estudos. Pela torcida sempre declarada, por ser um roseiral na minha existência.

À Pétria e ao Amadeus, amor maior, potência que me impulsiona pelos surpreendentes labirintos da alegria. Presença constante e força que sustentou a escrita desse trabalho.

*“O homem que diz dou
Não dá!
Porque quem dá mesmo
Não diz!
O homem que diz vou
Não vai!
Porque quando foi
Já não quis!
O homem que diz sou
Não é!
Porque quem é mesmo é
Não sou!
O homem que diz tou
Não tá
Porque ninguém tá
Quando quer”*

Vinícius de Moraes, Baden Powell

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar aspectos das transmasculinidades a partir dos relatos autobiográficos de quatro transhomens brasileiros. O objetivo proposto fundamenta-se na compreensão de que as transmasculinidades, quando comparadas a outras minorias sexuais e de gênero, apresentam menos visibilidade política. Entretanto, na sociedade brasileira, nos últimos anos, essa visibilidade tem se constituído aos poucos mediante certo ativismo exercido pelos transhomens. O problema levantado consiste em analisar por meio dos relatos de quatro homens trans como esses têm arquitetado possíveis ferramentas para enfrentar a matriz hegemônica das masculinidades. Nossa hipótese é a de que as transmasculinidades podem constituir-se como uma categoria inventora da potência de vida e um exercício subversor do sistema sexo/gênero mediante a produção de múltiplas expressões de masculinidades. Compreendemos que saberes e práticas pedagógicas (escolares e não escolares) estão intimamente implicados nos processos de produção de subjetividades e relações de poder que regulam os corpos das pessoas. Fazem parecer que algumas identidades normativas são naturalmente constitutivas dos sujeitos e não estrategicamente produzidas e ensinadas pelos exercícios de normalização das condutas e dos corpos. Como opção teórica, trabalhamos com alguns conceitos dos estudos pós-estruturalistas e dos estudos *queer* e feministas, ancorados predominantemente na leitura de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Beatriz Preciado e Judith Butler. Nossos procedimentos metodológicos consistem, em um primeiro momento, na apresentação do objeto de estudo e problematização acerca do conceito da transexualidade e transmasculinidade. Posteriormente, analisamos os relatos literários de três homens trans: João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer. Ao final procedemos à análise de vinte e uma cartas redigidas por Dom, um transhomem anônimo que relata suas experiências de vida e os territórios traçados para a vivência de sua transmasculinidade. Após transitar pela riqueza dessas distintas produções das subjetividades do universo trans masculino, pudemos perceber que elas buscam multiplicar as possibilidades de vivência das masculinidades. Todavia, o risco de assujeitamento e abjeção é permanente quando se vive na fronteira dos gêneros dicotômicos, levando, às vezes, à cilada da encenação do sistema heterocentrado. Desse modo, o processo de desconstrução da masculinidade hegemônica para os homens trans é uma tarefa contínua, em devir.

Palavras chave: Transmasculinidade, masculinidade hegemônica, heteronormatividade, pedagogias de gênero.

ABSTRACT

This research aims to analyze aspects of transmasculinities from the autobiographical accounts of four Brazilian men. The proposed objective is based on the understanding that transmasculinities, when compared to other sexual and gender minorities, have less political visibility. However, in Brazilian society, in recent years, this visibility has gradually been constituted by a certain activism exercised by transmen. The problem raised is to analyze through the accounts of four transsexual men how these individuals have constructed possible tools to confront the hegemonic matrix of masculinities. The hypothesis is that transmasculinities may constitute an inventive category of life potentials and an exercise capable of subverting the sex/gender system through the production of multiple expressions of masculinities. We understand that knowledge and pedagogical practices (school and non-school) are intimately involved in the processes of the production of subjectivities and the power relations that regulate people's bodies. They make it appear that some normative identities are naturally constitutive of the subjects and not strategically produced and taught by the normalization exercises of behaviors and bodies. As a theoretical option, this study draws on some concepts of post-structuralist studies and gay and feminist studies, centered predominantly on readings of Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Beatriz Preciado and Judith Butler. In the first instance, our methodological procedure consists of the presentation of the object of study and the problematization surrounding the concepts of transsexuality and transmasculinity. Subsequently, we analyze the literary accounts of three trans men: John W. Nery, Jô Lessa and Anderson Herzer. Finally, we offer an analysis of twenty-one letters written by Dom, an anonymous transhuman who relates his life experiences and the territories traced in the experience of his transmasculinity. Having examined the wealth of these distinct productions from the subjectivities of the trans male universe, it is striking to note the extent to which they seek to multiply the possibilities of living out masculinities. However, the risk of subjection and abjection is permanent when one lives on the frontier of dichotomous genres, sometimes leading to entrapment within the staging of the heterocentric system. Thus, the process of deconstructing hegemonic masculinity for trans men is a continuous task in becoming.

Key words: Transmasculinity, hegemonic masculinity, heteronormativity, gender pedagogies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHT	Associação Brasileira de Homens Trans
APA	Associação Psiquiátrica Americana
CID-10	Código Internacional de Doenças (10ª Versão)
CTE	Comunidade Terapêutica Enfance
DSM 4	Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais
EMC	Educação Moral e Cívica
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
FtM	<i>Female to Male</i>
HBIGDA	<i>Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association</i>
IBRAT	Instituto Brasileiro de Transmasculinidades
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros
LGBTTT	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros
MtF	<i>Male to Female</i>
MST	Movimento Sem Terra
NAHT	Núcleo de Apoio a Homens Trans
SOC	Normas de Tratamento (<i>State of Care</i>)
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO E O CAMPO DA TRANSEXUALIDADE.	18
1.1- A transexualidade em questão	44
1.2- A transmasculinidade: uma categoria menor?	63
CAPÍTULO 2 - RELATOS LITERÁRIOS SOBRE TRANSMASCULINIDADES: JOÃO W. NERY, ANDERSON HERZER, JÔ LESSA.	73
2-1- Relatos de João W. Nery...	75
2.2- Relatos de Jô Lessa...	95
2.3- Relatos de Anderson Herzer.	125
CAPÍTULO 3 – TERRITÓRIOS E TRAÇADOS QUE CONSTITUEM/ PRODUZEM DOM	150
3.1- Um panorama sobre o atual contexto de vida de Dom. (Referência principal: 1ª Carta: Hoje em Antares/ Anexo 1)	150
3.2- A infância de Dom - (Referência principal: 2ª Carta: No quintal da minha infância/ Anexo 2)	154
3.3 A entrada na Escola (Referência principal: 3ª Carta: Quando meu mundo caiu.../ Anexo 3)	164
3.4 A resistência em não ser menina mesmo com a imposição familiar (Referência principal: 4ª Carta: Presentes inadequados/ Anexo 4)	170
3.5 As experiências na casa da tia-paterna, os jogos sexuais com as primas. – (Referência principal: 5ª Carta: Instintos secretos. / Anexo 5)	173
3.6 A adolescência e o exílio imposto pela família (Referência principal: 6ª Carta: O concreto do Planalto Central/ Anexo 6)	181
3.7 Experiências em Brasília - Primeiras paixões (Referência principal: 7ª Carta: O inevitável/ Anexo 7).	187
3.8 Minhas múltiplas faces - Minha não aceitação –O retorno de Brasília (quando o tiro saiu pela culatra...). (Referência principal: 8ª Carta: De volta às raízes e a decepção do real / Anexo 8)	194
3.9 Crises de não pertencimento ao grupo, a necessidade de me sentir aceito. (Referência principal: 9ª Carta: Tristezas de um quarto – minguante/ Anexo 9).	197
3.10 Tentativa de ser uma mulher heterossexual. (Referência principal: 10ª Carta: Certificado de ser mulher sendo homem / Anexo 10)	200
3.11 O choque de ser mãe sendo homem - A primeira gravidez. (Referência principal: 11ª Carta: Meu Pequeno Príncipe/ Anexo 11)	205
3.12 Relacionamento com uma companheira/ discriminações sociais e necessidade de provar mais uma vez que eu era mulher - A segunda gravidez (Referência principal: 12ª Carta: Estranha forma de vida /Anexo 12)	210

3.13 A convicção de construir uma família com um Padre também falhou - A terceira gravidez (Referência principal: 13ª Carta: No ergástulo de ser quem sou / Anexo 13)	216
3.14 O reencontro com a ex-companheira e a decisão de esquecer o passado. Quando me tornei pai. (Referências principais: 14ª Carta: Minha fuga para Pasárgada / Anexo 14 & 16ª Carta: É comum a gente sonhar, eu sei... / Anexo 16)	223
3.15 Minhas experiências sexuais. (Referência principal: 15ª Carta: Usei todos os sentidos / Anexo 15)	230
3.16 A fase da maturidade e a solidão necessária. (Referência principal: 17ª Carta: Minha vida aos poucos... / Anexo 17)	239
3.17 O atravessamento de múltiplos dispositivos: a formação acadêmica, vida profissional, amizades etc. (Referência principal: 18ª Carta: Como garrafas de naufrago / Anexo 18)	242
3.18 Apreciações sobre a participação nesta pesquisa e a inserção no processo transexualizador. (Referências principais: 19ª Carta: Ser ou não ser, eis a questão! / Anexo 19 & 20ª Carta: Há um virar de página em minha vida / Anexo 20)	251
3.19 O desejo de ser invisível na multidão. (Referência principal: 21ª Carta: Janelas do meu quarto. / Anexo 21)	264
EM ALIANÇAS RIZOMÁTICAS NÃO HÁ FINAIS, OU CONCLUSÕES, MAS ENTRELAÇAMENTOS DE VIDAS, E UMA PORTA ABERTA...	272
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	278
ANEXOS 1 - 1ª Carta: Hoje em Antares	288
ANEXOS 2 - 2ª Carta: No quintal da minha infância	289
ANEXOS 3 - 3ª Carta: Quando meu mundo caiu...	291
ANEXOS 4 - 4ª Carta: Presentes inadequados	294
ANEXOS 5 - 5ª Carta: Instintos secretos.	295
ANEXOS 6 - 6ª Carta: O concreto do Planalto Central	297
ANEXOS 7 - 7ª Carta: O inevitável	299
ANEXOS 8 - 8ª Carta: De volta às raízes e a decepção do real	300
ANEXOS 9 - 9ª Carta: Tristezas de um quarto – minguante	302
ANEXOS 10 - 10ª Carta: Certificado de ser mulher sendo homem	304
ANEXOS 11 - 11ª Carta: Meu Pequeno Príncipe	306
ANEXOS 12 - 12ª Carta: Estranha forma de vida	307
ANEXOS 13 - 13ª Carta: No ergástulo de ser quem sou	310
ANEXOS 14 - 14ª Carta: Minha fuga para Pasárgada	313
ANEXOS 15 - 15ª Carta: Usei todos os sentidos	316
ANEXOS 16 - 16ª Carta: É comum a gente sonhar, eu sei...	320
ANEXOS 17 – 17ª Carta: Minha vida aos poucos...	321
ANEXOS 18 – 18ª Carta: Como garrafas de naufrago	324
ANEXOS 19 – 19ª Carta: Ser ou não ser, eis a questão!	326
ANEXOS 20 - 20ª Carta: Há um virar de página em minha vida	328
ANEXOS 21 - 21ª Carta: Janelas do meu quarto.	330
ANEXOS 22 - Termo de consentimento livre e esclarecido.	333

INTRODUÇÃO

Esta investigação compõe um território de análise que me possibilita a capacidade, o domínio, a disposição, o poder, o direito à fala, ao discurso, mais que isso, a subversão e a insubordinação em relação, sobretudo, aos conceitos, às normas, às legalizações, às padronizações que engendram e produzem verdades sobre o corpos, sexualidades e gêneros. Todas as ferramentas teóricas utilizadas me possibilitam pensar em diagonal, e impulsionam minha experiência e desafio da escrita. Essa investigação conduz a experiência do pensar, sentir, assim como o mergulhar, emergir e tecer conexões com o objeto de estudo proposto.

Muito escutei no ínterim da realização do mestrado e do doutorado, portanto, do processo formativo, como também em outros espaços sociais, que a pesquisa proposta por uma/um pesquisadora/o diz respeito às suas questões de ordem pessoal e a seus próprios atravessamentos. O que me leva a refletir que por um lado, tal proposição traz pertinências, felizmente, pois se fizéssemos pesquisas sem envolvimento afetivos, sem a totalidade do corpo e dos sentidos, penso que essas seriam pouco vivazes; sem cor, sem brilho, seriam como uma criança triste. No entanto, por outro lado, tal discurso, com seu poder produtivo de subjetividades, se propõe também a formular algumas verdades políticas, e inúmeros encerramentos.

Tal proposição parece realizar uma caça ao *verdadeiro sujeito*, ou seja, parece alvitrar o seguinte questionamento: quem é esse/essa que realiza tal pesquisa? Qual sua proposta de vida? Quais suas filiações? A pesquisa acadêmica, em especial na área das ciências humanas, devido sua própria constituição, traz a contraditória armadilha de tentar desvelar as/os pesquisadoras/es, assim como os sujeitos a serem pesquisados, numa tentativa de lhe arrancar a própria pele, revirá-la ao avesso, numa busca de confissões e capturas possíveis.

Parece haver algum entendimento de que a categoria de estudos das relações de gênero e das multiplicidades sexuais é reservado, fortemente, a quem rompe os lugares fechados e hegemônicos dos gêneros e sexos. E se de algum modo há a nomeação atribuída aos sujeitos que contestam à norma heterossexual, biologicista e dualistas dos gêneros, de dissidentes, posso seguramente afirmar: sim, sou uma dissidente, pois contraponho e resisto a esse modelo que busca enlaçar as múltiplas expressões de vida e das sexualidades.

Esse é o principal vetor que me faz adentrar no segmento teórico dos estudos de gênero, das multiplicidades sexuais e da transexualidade. Por outro ângulo, não trago muitas histórias particularizadas, isto é, preenchidas por fatos ou acontecimentos estupendos, a serem narrados como ardor e exemplo. Ao contrário, pouco tenho a partilhar, a não ser o fato de ter me constituído como uma precoce contestadora dos valores patriarcais, hegemônicos, misóginos, sexistas, desde o período da infância. Minhas memórias remetem-me a uma pessoa inquieta perante as situações de desigualdades, exclusões e relações de poder assimétricas. Havia sempre um grito prestes a se romper. E ainda há. É este grito que perpassa inevitavelmente nos fios dessa tese. A constituição de minhas múltiplas faces se faz, constantemente, à baila da dissidência, ainda que muitas vezes aprisionada aos valores contestados, quase sempre inquieta perante as normas e poder regulador das instituições artesãs de subjetividades.

De maneira mais concisa afirmo que esta proposta de pesquisa surge diante do interesse em dar continuidade aos estudos acerca da temática diversidade sexual, efetivamente iniciados em função da pesquisa de mestrado, intitulada *O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual*. No entanto, as indagações pertinentes a esse eixo investigativo emergem de um contexto anterior e mais distante. A experiência pedagógica em diferentes níveis de ensino oportunizou-me perceber as múltiplas formas com que as relações do saber e do poder atuam na produção da subjetividade da criança, da mulher, do homem, e de seu corpo e sexualidade.

No trabalho com crianças na Educação Infantil, iniciado no ano de 1999, nos primeiros exercícios pedagógicos defrontava-me com o processo sutil de fabricação das dicotomias de gênero, da negação ou adestramento do corpo, dos espaços construídos para produzirem as diferenciações entre menino e menina. Agenciamentos que atuam na produção e manutenção da naturalização e essencialismo do gênero, sexo e sexualidade. Na docência de filosofia e sociologia realizada no Ensino Médio, entre os anos de 2007 a 2010, observei a difícil realidade da homo/lesbo/bifobia sendo exercida por diferentes sujeitos dentro de instituições escolares, desde alunas/os, professores/as, diretoras/res, coordenadores/as. No Ensino Superior, na Universidade Federal de Goiás, Regional de Jataí, na condição de docente de Psicologia da Educação, entre os anos de 2005 a 2009, causou-me, entre outros, um grande desconforto perceber que os currículos propostos para essa disciplina, em diferentes licenciaturas, não contemplavam uma discussão a respeito das diferenças e das diversidades sexuais.

As indagações de como realizar possíveis enfrentamentos a essa realidade se processavam cada vez mais fervilhantes. Mas, certamente não tinha disponíveis as ferramentas necessárias. A pesquisa de mestrado oportunizou esse encontro. No entanto, antes de trazer respostas e soluções, trouxe mais inquietação e novas indagações. Mostrou ser preciso constantemente se desviar dos pensamentos apaziguados na calmaria do conhecido e das paisagens rotineiras dos caminhos trilhados.

Essas circunstâncias profissionais e acadêmicas levaram-me a compreender que o objeto de conhecimento deve ser evidenciado não como uma realidade pronta e acabada, mas transitória, possível de ser descrita, desmantelada, retalhada por cortes transversais.

Esta pesquisa se situa na temática dos estudos de gênero e das diversidades sexuais. Conforme salientamos, marca a continuidade de nossa caminhada iniciada durante a realização do mestrado nos anos de 2011 e 2012.

A caminhada posterior a realização do mestrado, ou seja, o início do doutorado no ano de 2013, nossa revisão de literatura, a realização do estágio de doutorado sanduíche no Centro de Estudos Sociais/CES, na cidade de Coimbra/Portugal, e nosso retorno ao Brasil, no final do ano de 2014, nos conduziu a um maior contato com a temática da transmasculinidade, e nos aproximou de nosso objeto de estudo.

O que nos permite considerar que esta tese emerge do forte desejo de adentrar, transitar nos territórios das transmasculinidades, das masculinidades dissidentes da hegemônica masculinidade patriarcal, tida como única expressão natural da sexualidade.

É dentro deste viés teórico que nossa investigação circunscreve, e aproxima de forma direta do nosso objeto de estudo. Especificamente, nasce após o encontro com a história de vida de Dom, um de nossos colaboradores de pesquisa. Após conhecer um pouco dos trânsitos estabelecidos por Dom para vivência de suas masculinidades e os impactantes enfrentamentos decorrentes, sentimos que sua história de vida teria muito para contribuir para as reflexões e análises no campo teórico a que nos dedicamos, ou seja, os estudos de gênero, e das múltiplas expressões de sexualidade. Nosso interesse investigativo também se impulsionou após o encontro com os relatos autobiográficos de três outros homens transexuais: João W. Nery, Jô Lessa¹, Anderson Herzer.

¹ Esclarecemos que Jô Lessa nomeia-se hoje como Jordhan Lessa, entretanto, utilizaremos a abreviação Jô, devido ser essa a nomeação utilizada em seu livro *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual* (Lessa, 2014).

Nosso maior interesse é buscar por meio de nossas problematizações analisar como é possível criar rotas subversivas em relação à masculinidade padrão, normativa, sexista, machista. Pretendemos levantar análises de como os transhomens² têm tecido práticas de resistência ao modelo heterocentrado de sexualidade, buscando pensar as armadilhas e limites enfrentados para o exercício das masculinidades tidas como abjetas, anormais, excêntricas, dissidentes das normas e padrões sexuais heteronormativos.

Não temos pretensão de falar em nome dos homens transexuais, pois recairíamos na “indignidade de falar pelos outros” (FOUCAULT, 2012, p. 133), especialmente porque esses se representam de forma articulada, pois a organização política e coletiva dos homens trans no Brasil se faz hoje cada vez mais crescente. Temos por exemplo, o Núcleo de Apoio a Homens Trans – NAHT, a Associação Brasileira de Homens Trans – ABHT, e o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT, conforme destaca Ávila (2014). Nossa intenção é antes estabelecer alianças políticas por meio de nossas análises e problematizações com o coletivo transmasculino, ainda que, inevitavelmente, saibamos que sempre há o risco da captura, pois esse é próprio às análises acadêmicas e a seus discursos.

A categoria transmasculinidade, quando comparada a outras expressões de gênero e diferenças sexuais, manteve-se na invisibilidade pelos menos até o início do século XXI. No Brasil, apenas nos últimos dez anos, é possível encontrar na ordem discursiva a nomeação transmasculinidade, ou transexual masculino. Podemos dizer que a transmasculinidade começa a se engendrar como um fenômeno bastante atual, segundo destaca Miriam Pillar Grossi e Simone Ávila (2013). Sua invisibilidade vem se destituindo mediante forças políticas exercidas pelos transhomens.

Visando alcançar o objetivo proposto problematizaremos os territórios das transmasculinidades a partir dos relatos autobiográficos de quatro transhomens brasileiros, João W. Nery, Jô Lessa, Anderson Herzer e Dom.

Utilizamos o livro *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, de João W. Nery (2011), o qual é também uma releitura de seu primeiro livro *Erro*

² Compreendemos, resumidamente, por transhomens, aqueles sujeitos que foram designados em seu nascimento como pertencentes ao gênero feminino, entretanto, se identificam com o gênero masculino. Reconhecem-se como homens. Ressaltamos que para nos referirmos à experiência da transexualidade masculina adotaremos distintas nomenclaturas, como: transexuais masculinos, homens transexuais, homens trans, transhomens, *Female to Male/FtM*, *transman*,

de pessoa: João ou Joana?, para realizarmos nossas análises a respeito dos relatos autobiográficos descritos.

João é considerado o primeiro transhomem brasileiro conhecido, dada sua evidência ao aparecer em diferentes mídias brasileiras para publicação de seu livro, assim como por palestras realizadas em diversas instituições, a exemplo dos espaços acadêmicos. A história de vida de João se tornou um referencial, uma espécie de espelho, para muitos homens trans que vivem experiências semelhantes, mas que muitas vezes desconhecem a própria noção da transexualidade.

Jô Lessa é um exemplo da influência exercida por João W. Nery na vida de um homem trans, pois relata que somente passou a se identificar como um transhomem depois de assistir a uma palestra de João contando suas experiências desde o tempo da infância. Para tecermos nossas análises a respeito dos relatos autobiográficos de Jô Lessa utilizamos seu livro *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual* (LESSA, 2014).

Nossa terceira referência para análise são os relatos de Anderson Herzer deixados no livro autobiográfico *A queda para o alto*. Herzer faleceu no ano de 1982, aos vinte anos de idade. O livro traz também sua obra poética, sobre a qual buscaremos traçar possíveis conexões com sua história de vida. Foi interno da extinta Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), e nessa instituição marcada por suas leis reguladoras dos corpos e sexualidade Herzer se reconhecerá como um garoto, passando a se nomear no masculino.

Dom é nosso colaborador anônimo, que aceitou o convite de participar de nossa pesquisa nos relatando suas experiências de vida, em especial no que se refere aos caminhos traçados para a produção e vivência de suas masculinidades. Por não ter sua história publicada, como nossos demais colaboradores, elaboramos uma metodologia específica. Dom narra sua história por meio da escrita de aproximadamente 21 cartas. Nessas cartas aborda de forma livre as experiências que julga relevantes e marcantes em sua trajetória, desde o período da infância até os dias atuais.

Metodologicamente nossa pesquisa se situa no campo teórico dos estudos pós-culturais, nos estudos *queer* e feministas, ancorados predominantemente na leitura de Beatriz Preciado (2011, 2014), Félix Guattari (2010, 2011, 2014), Gilles Deleuze (2010, 2011, 2014), Judith Butler (2006, 2008, 2010) e Michel Foucault (1982, 1999, 2002, 2010a, 2010b, 2010c, 2012, 2014). Compreendemos que tais estudos constituem-se como

ferramentas capazes de contribuir para desconstrução do sistema político sexo/gênero que engendra a sociedade heterocentrada.

Caminharemos, por exemplo, na esteira das reflexões tecidas por Beatriz Preciado (2014) no que diz respeito aos princípios de uma sociedade contrassexual. Argumenta:

Com a vontade de desnaturalizar e desmistificar as noções tradicionais de sexo e de gênero, a contrassexualidade tem como tarefa prioritária o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais e, portanto, das relações de sexo e de gênero que se estabelecem entre o corpo e a máquina (PRECIADO, 2014, p. 25).

Nossa hipótese é a de que as transmasculinidades podem produzir múltiplas expressões de masculinidades, e assim desconstruir a matriz hegemônica da masculinidade convencional.

Entendemos que as relações e experiências de construção e produção das subjetividades trans masculinas são múltiplas, plurais, elas desterritorializam o viés único e fechado da masculinidade hegemônica³ e abre possibilidades para que as verdades naturalizadas e essencializadas dos sexos e gêneros dicotômicos possam ser desconstruídas. Constituem-se como dispositivos políticos de ruptura do sistema heteronormativo, ainda que aspectos normativos também estejam presentes nos processos de constituição de suas subjetividades, e seu rompimento se faça de forma gradual e contínua.

Realizar essa pesquisa em um Programa de Pós-graduação em Educação é importante, pois compreendemos que a escola, os saberes e práticas pedagógicas estão intimamente implicados nos processos de produção de subjetividades, nas relações de poder que regulam os corpos e as mentes das pessoas que circulam nos espaços escolares. Sabemos que a escola, por meio de seus currículos, tem historicamente alijado os direitos das pessoas que se situam em algum dos marcadores sociais da diferença, como: gênero, sexualidade, classe social, raça/etnia e geração. Faz parecer que as diferenças apontadas são naturalmente constitutivas dos sujeitos e não estrategicamente produzidas, ensinadas, pelos discursos e práticas, pelos saberes, pelos exercícios de normalização das condutas, dos corpos. De acordo com Guacira Lopes Louro:

... se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz

³ Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 272).

identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2012, p. 89-90).

Nosso trabalho se estrutura em três capítulos. Capítulo 1- A escolha do objeto de estudo e a constituição da transexualidade. Capítulo 2 - Relatos literários sobre transmasculinidades: João W. Nery, Anderson Herzer, Jô Lessa. Capítulo 3- Territórios e traçados que constituem/produzem Dom.

No primeiro capítulo buscamos apresentar os caminhos tecidos para o encontro com nosso objeto de pesquisa e a organização dos procedimentos metodológicos, assim como realizamos uma discussão conceitual a respeito das categorias transexualidade e transmasculinidade.

No segundo capítulo nos debruçamos sobre as análises dos relatos autobiográficos de João W. Nery, Anderson Herzer e Jô Lessa. Buscando esmiuçar as tessituras de suas masculinidades.

No capítulo três analisamos as cartas de nosso colaborador anônimo, Dom. Buscamos tecer diálogos constantes com os relatos apresentados, e aproximações ou distanciamentos em relação às memórias autobiográficas de João W. Nery, Anderson Herzer e Jô Lessa.

As cartas estarão anexadas ao final do trabalho, sem qualquer correção ou alteração nas informações descritas. Enfatizamos que todas as cartas foram assinadas com o nome de registro civil de nosso colaborador, e as mantemos em reserva como documento de pesquisa. No entanto, as cartas a serem anexadas (com o mesmo conteúdo) traz a assinatura do nome social de nosso colaborador, visando à proteção do anonimato e respeito a seu gênero de identificação. Ao longo de nossas análises apresentamos excertos das cartas com objetivo de evidenciarmos as questões desenvolvidas e priorizadas por Dom.

Ao final de nosso trabalho possivelmente chegaremos com a sensação de que nossa ousadia foi maior do que nossa caminhada, pois a estrada que buscamos percorrer é inacabada, longa, ainda que não seja reta e horizontal; ela se bifurca, multiplica-se em

rotas não catalogáveis, assim não queremos chegar a um ponto final. Esperamos apenas abrir novas trincheiras por meio das questões propostas e análises tecidas. Almejamos que as transmasculinidades possam ser pensadas de forma plural, capazes de desterritorializar os espaços normativos da masculinidade hegemônica. O desejo é que o nosso discurso emergja e alastre em outros possíveis discursos que enfatizem o potencial dos corpos trans masculinos e de suas subjetividades, os quais podem subverter a lógica política dos binarismos dos gêneros e dos sexos.

Capítulo 1- A ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO E O CAMPO DA TRANSEXUALIDADE.

Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros, assim de encantamentos, como pendências, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas, e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo. (SAAVEDRA, 1981, p.30).

Este capítulo tem como objetivo apresentar o objeto de estudo diante do campo temático das diferenças sexuais. Paralelamente discorreremos sobre os caminhos metodológicos traçados, construídos, reconstruídos, inventados para conectarmos ao nosso objeto de estudo e desenvolvermos vieses possíveis para nossas problematizações. Como o objeto se refere aos territórios das transmasculinidades e sua (in) visibilidade na contemporaneidade, optamos por realizar um recorte de um *corpus* de análise para constituir e personificar nosso objeto de estudo. O qual se compõe nos processos de subjetivação de quatro transhomens brasileiros.

Três deles, João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer, possuem seus relatos autobiográficos publicados, os quais tomaremos como referência para nossas análises. Um deles, Dom, é o vetor de força que nos impulsionou a iniciar esta pesquisa. Como não possui publicado um relato literário sobre sua história de vida, desenvolvemos a metodologia da escrita de cartas, por meio das quais nos relatará suas experiências. Por ser um sujeito anônimo, optamos neste primeiro momento por apresentá-lo de forma abreviada, sem esgotar as particularidades de sua trajetória de vida, as quais serão ferramentas de análises no capítulo três. Em um segundo momento, exploraremos conceitualmente a noção de transexualidade e de transmasculinidade. No capítulo dois nos dedicaremos a apresentar as outras três histórias que compõem nosso *corpus* de análise.

...

Reviravoltas, imprevistos, mudanças, tropeços, andanças, recomeços, encontros, agitação, embaraço, êxtase, movimento, incógnito, novidade, são algumas possíveis nomeações para falar do encontro com o objeto de estudo eleito para esta tese. Aqui tudo funciona ao mesmo tempo, como as máquinas desejanter descritas por Gilles Deleuze e

Félix Guattari, “mas nos hiatos e rupturas, nas avarias e falhas, nas intermitências e curtos-circuitos, nas distâncias e fragmentações...” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 61). Intuição e emoção abdicam parte da entronizada razão para, diante do desconhecido, abrir-se à possibilidade de trilhar suas veredas, em semelhança à canção da cantora e compositora brasileira, Adriana Calcanhoto, quando afirma: “Se o inesperado quer chegar eu deixo...” (BAGATELAS..., 2015, s. p.).

O recorte do objeto de estudo foi marcado pelo inesperado e pelo acaso, pelo fascínio de sua diferença feita carne. Uma carne plástica, dobrável, performativa e material. Uma carne que quebra a relação linear feminino/masculino dos gêneros, pois segundo Beatriz Preciado:

O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria (PRECIADO, 2014, p. 29).

Há, assim, uma plasticidade carnal impressa na superfície da pele de Dom⁴, que com ousadia e gentileza aceita partilhar sua história, sua vida. Permitindo que seja pensado um campo teórico ainda tímido no que se refere às investigações e tessituras teóricas pertinentes aos estudos das transmasculinidades. Segundo as pesquisadoras Miriam Pillar Grossi e Simone Ávila, tal categoria de estudo e de reivindicações de direitos civis, sociais, políticos e jurídicos, só vem adquirindo maior visibilidade no cenário brasileiro, nos últimos cinco anos. Salientam:

Temos percebido uma crescente visibilidade de transhomens desde 2010, que até então estavam praticamente invisíveis tanto no cenário político do chamado movimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT) quanto no campo de estudos trans e nas mídias digitais e televisivas, quando comparados à visibilidade de travestis e transexuais femininas. (ÁVILA; GROSSI, 2013, p.5)

Mara é o nome fictício atribuído em substituição ao nome de Registro Civil de Dom, em respeito aos necessários cuidados éticos de anonimato. A escolha pelo nome Mara se deve à correspondência com o significado de seu nome no Registro civil. Mara remete à amargura, significa: “amarga, guerra, desordem, revolução” (DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS, 2015, s. p.), semelhante, em denotação, ao nome civil de Dom, que também possui um teor forte e negativo. Amargura é como relata, muitas vezes ter sido o

⁴ Dom é o nome social e fictício adotado para reportarmos a nosso colaborador.

trilhar de sua vida. Marcado por uma não equivalência entre sua identidade de gênero e seu sexo biológico, assim como pelos muitos enfrentamentos decorrentes, uma vez que uma sociedade heterocentrada espera tal causalidade. Entendemos por sociedade heterocentrada aquela que toma a heterossexualidade e as dicotomias de gênero, como centro e referência hegemônica às demais expressões de sexualidade, e para as expressões de gênero que escapam às atribuições naturalizantes e essencialistas de feminino e masculino.

Entretanto, alertamos para a inexistência de tal equivalência, pois, de acordo com o pensamento de Preciado, as diferenças de gênero e de sexo resultam como “produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas” (PRECIADO, 2014, p. 21). Essas são invenções, fabricações, arquiteturas de um sistema patriarcal, heteronormativo que opera uma produção e manutenção constante de sua estrutura, que é política e tecnológica, pois sexo, sexualidade e gênero, “devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas; que é necessário estabelecer conexões políticas e teóricas entre o estudo dos dispositivos e dos artefatos sexuais...” (PRECIADO, 2014, p.25).

O primeiro contato com nosso colaborador Dom ocorreu tempos atrás, de maneira fortuita e breve, sem nenhum vínculo com a constituição da presente pesquisa. No entanto, o reencontro ocorreu quase dez anos depois, por intermédio das redes sociais, e desdobrando-se em um rápido encontro de café. Dom tomou conhecimento de meu interesse pelos estudos das diferenças sexuais, como a pesquisa: *O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual*, desenvolvida em função do mestrado em Educação.

Relatei sobre a pesquisa desenvolvida e o interesse em dar continuidade no doutorado ao mesmo campo teórico, contribuindo, assim, com pesquisas sobre as diferenças sexuais e as possibilidades de enfrentamento ao universo das práticas homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas e heteronormativas. Partilhamos o entendimento de que “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MILSKOLCI, 2007, p. 5).

Nosso colaborador parece ter encontrado um lugar de confiança ao escutar o relato de minha pesquisa, e ao perceber que meu trabalho de alguma forma compõe uma

estratégia política em defesa dos direitos de pessoas que rompem os tradicionais territórios de uma cultura machista, sexista, racista e homo/lesbo/transfóbica.

Apesar de reservado em relação a sua privacidade, demonstrou sentir liberdade para compartilhar os fatos mais caros de sua vida para falar sobre sua intimidade, seus afetos e diferentes experiências.

Assim sendo, as reviravoltas e o devir⁵ que me colocaram perante Dom, e de suas instigantes andanças, não me deixou escolha, senão desejar percorrer, por meio de interseções e problematizações teóricas, as marcas deixadas pelas dobras de sua existência, que teimosa e desordeira, persiste em caminhar na contramão dos valores e normas estabelecidas, social e culturalmente, pelo sistema heterocentrado.

Justamente diante de certo embaraço e perplexidade, que desestabilizam nossas certezas e convicções, compreendi que a vida de Dom, suas nuances e performatividades, compõe um terreno para férteis análises sobre as transmasculinidades. Em semelhança com a vida de João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer.

A potência dessas diferentes histórias possibilita a desconstrução de verdades fundadas acerca das dicotomias entre identidade de gênero/orientação sexual, identidade de gênero/sexo biológico, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino. Verdades que são arquitetadas a partir de uma lógica empreendida por uma tecnologia social heteronormativa, ou seja, “... esse conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher...” (PRECIADO, 2014, p. 28), a qual se caracteriza “como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa do sujeito como corpo sexuado” (idem).

Entendemos ser possível proceder a uma estratégia de problematização e análise das experiências vividas por nossos colaboradores, a partir da perspectiva da contrassexualidade, desenvolvida por Beatriz Preciado em seu *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Entre outras elucidações, Preciado considera que:

A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como

⁵ Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3).

tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, fluxos de próteses, redes, aplicações, programas, conexões, interrupções, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p. 22-23).

Segundo o viés contrassexual, percebemos que a pluralidade das diferenças parece obter grande sentido ao adentrar os muitos territórios que marcam a vida de Dom, especialmente porque esses são repletos de detritos, desvios, pouco estáveis e localizáveis. Eles se misturam em muitas linhas e ramificações que tornam difíceis sua captura.

Mas, capturar é o que não pretendo ao tomar a singularidade da história de vida de Dom como objeto de estudo, ao contrário, a busca é antes por perder-se, para então navegar na inexactidão do ser humano e de suas múltiplas faces. As quais não precisam ser catalogadas como normais para serem vistas como vidas dignas de suas existências, de suas experiências. Entretanto, mesmo diante desse desejo de não captura, ressaltamos que perante o escopo de uma pesquisa acadêmica, a qual visa justamente capturar o múltiplo, corremos esse risco, e nos colocamos frente a possíveis contradições ao tecer análises, nomeações e problematizações teóricas. Sabemos que inevitavelmente atuaremos contra nossas aspirações ao impor nosso olhar já contaminado de convicções e doutrinamentos recebidos de uma cultura ocidental europeia, branca, masculina, heterocentrada, cristã, elitista. A par desse risco, o que realizaremos é, antes, um esforço para desconstruir nossas próprias verdades, a fim de não operarmos com o absoluto e o universal ao tecermos nossas análises. Sabemos que esse será um exercício de fugas, resistências e de confronto com nossos próprios fantasmas, monstruosidades e fragilidades, pois também fazemos parte dessa mesma herança tradicional do sistema político: sexo/gênero. A exemplo de Beatriz Preciado, nosso esforço também consistirá “... na tentativa de fugir do falso debate essencialismo-constitutivismo (dito de outra maneira, da oposição tradicional natureza-cultura, hoje rebatizada natureza-tecnologia) ... (PRECIADO, 2014, p. 95).

Perante os relatos autobiográficos de nosso colaborador, e nosso interesse em tomá-los como ferramenta para a problematização das transmasculinidades, propusemos-lhe a possibilidade de tomar sua autobiografia como estudo em nossa tese de doutorado.

Após explicar os procedimentos éticos que seriam adotados, a finalidade, as contribuições acadêmicas e sociais, Dom aceita participar de nossa pesquisa.

Por questões éticas, adotamos o anonimato de nosso colaborador. Atribuímos-lhe o nome fictício de Mara em substituição a seu nome de Registro civil. No entanto, por respeito a sua identidade de gênero masculina, atribuímos-lhe também o nome social de Dom, o qual é aqui utilizado de forma predominantemente. Esclarecemos que nosso colaborador é socialmente reconhecido por seu nome de registro civil; até o momento não optou por utilizar um nome social. Ocultamos sua cidade natal, apenas mantivemos a referência à região Centro-Oeste, por compreender ser indispensável frente aos detalhes que nos serão apresentados em seus relatos.

Buscamos, sobretudo, manter o cuidado e a ética com nosso colaborador, visando não expô-lo a constrangimentos, julgamentos de valor, ou a qualquer tipo de pressão para obtenção de informações. Buscamos evitar supervalorizar sofrimentos psicológicos e afetivos para além do inevitável, já que, revisitar nossas memórias e experiências de vida pode muitas vezes significar dor, sofrimento.

Nosso colaborador mostrou-se instigado em falar de si por meio de nossa pesquisa, além de ver uma possibilidade de reelaboração de sua própria história. Percebemos, assim, uma busca por uma possível nomeação, ou identidade, muitas vezes não encontrada, por vezes desejada, pois se sente frequentemente confuso em como auto definir-se.

A necessidade, ou busca aflitiva por uma nomeação, origina-se substancialmente em decorrência da imposição heteronormativa, que imputa a obrigatoriedade de todo sujeito se encaixar numa naturalização biológica do sistema sexo/gênero.

Nosso colaborador também busca uma âncora identitária com a qual possa se conectar e manter-se seguro diante das intempéries do preconceito homo/lesbo/transfóbico. Aliás, destacamos que essa busca identitária enquanto verdade psicológica, ou verdade original, desejada não apenas por nosso colaborador, mas pela maioria dos sujeitos, é inexistente.

Como bem mostra Stuart Hall (2014), o conceito de identidade é implicado pela transitoriedade, inacabamento, antagonismos e multiplicidade, do mesmo modo, por fraturas, práticas e ordens discursivas em disputa pelo poder de nomear. É historicizado e se metamorfoseia permanentemente. O que nos impulsiona a pluralizar o termo e falar em identidades, uma vez que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2014, p. 109-110).

De maneira mais pertinente talvez devêssemos considerar que nosso clamor por identidade se situa pela própria necessidade de silenciarmos à diferença que também nos constitui.

A identidade é mais uma das verdades arquitetadas por um regime político e por paradigmas científicos e jurídicos. Os quais permitem aos sujeitos inventarem, fantasiarem suas próprias verdades em relação a si, como uma espécie de ficção de si mesmos, ou ainda, segundo Butler (2010), enquanto “paródias de gênero”. Nas palavras da autora “A perda do sentido do ‘normal’, contudo, pode ser sua própria razão de riso, especialmente quando se revela que ‘o normal’, ‘o original’, é uma cópia, e, pior, uma cópia inevitavelmente falha, um ideal que ninguém pode incorporar” (BUTLER, 2010, p. 198).

É necessário destacar que para nosso colaborador a noção das transmasculinidades era desconhecida até o início de nosso contato e primeiras conversas. Dom possui aversão a ser reconhecido como lésbica, mulher, e se define como homem. Constantemente reafirma: *Eu sou homem*. Definição que não ocorre sem grande sofrimento e constrangimento, já que ousou extraviar-se de seu gênero estabelecido, pois, “Os constrangimentos acerca do acatamento e desvio de gênero são tão grandes que muita gente sente-se profundamente ferida se lhes dizem que exercem a sua masculinidade ou feminilidade de modo impróprio” (BUTLER, 2008, p. 158).

Quando falamos a respeito das pessoas trans, sobre as transmasculinidades em nossas conversas acerca das questões de gênero, sexo e sexualidade, Dom passa aos poucos a se identificar como um homem trans. Uma identificação apenas pessoal e subjetiva, pois em seu grupo social ainda é reconhecido majoritariamente como mulher.

Comprendemos que esse reconhecimento social de nosso colaborador, como mulher, se dá a partir da perspectiva de gênero originada por um poder fortemente

político, o qual institui o que é feminino e o que é masculino, pois de acordo com Joan Scott:

Gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa, fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder. (SCOTT, 1995, p.92).

Diante de nossos esclarecimentos referentes à postura ética de nossa pesquisa, elaboramos um termo de consentimento, o qual foi aceito e assinado por nosso colaborador.

Convencionalmente pode-se afirmar que a vida de Dom se constitui como uma espécie de camuflagem, que contém muitas outras caricaturas imagináveis. Uma máscara, às vezes, produzida performaticamente; outras, aprisionada às designações admissíveis, ou mesmo tolerada pelas convenções e produções sociais.

Dom vive rotineiramente, há pelo menos quarenta anos, um grande dilema, uma tarefa árdua, dolorosa e vergonhosa, por ter que conviver com os mínimos detalhes de ter nascido em um corpo feminino, quando convictamente se sente e se percebe como homem. Sentimento recorrente desde a primeira infância, período no qual tinha consigo a certeza de ser um menino. Para Simone Ávila, é comum as pessoas trans terem sentimentos de vergonha, recorrentemente “Sentem vergonha do corpo, da família, dos/as amigos/as, e por vezes também há o sentimento de culpa por serem o que são” (ÁVILA, 2014, p. 27). O que também é um sentimento expresso por nosso colaborador, ou seja, a sensação de culpa, ou carma divino, assim como de ser uma pessoa indesejável e ameaçadora para o estabelecimento de relações de amizade, ou de parcerias afetivo-sexuais. Ávila também considera que “A experiência da vergonha vem da não conformidade com a heteronormatividade, o que as torna abjetas por bascularem as normas do sistema sexo-gênero, colocando-as no patamar do ‘mau-sexo’ na hierarquia sexual”. (ÁVILA, 2014, p. 27-28).

Nesse processo de desafios, a escola ocupou lugar de destaque, pois, de acordo com as palavras relatadas por Dom, essa cumpriu o desfavor de lhe informar que não era um menino, e sim uma menina. Período que marcará uma nova faceta em sua vida, e sem dúvida dará início a uma espinhosa jornada que enfrentará daí em diante.

Sabemos o quanto a escola é determinante para a produção e regulação de gênero. Para Richard Miskolci, ela é um dos espaços “... privilegiados para que ‘meninos’ ‘aprendam’ a ser masculinos e meninas ‘aprendam’ a ser femininas. Se aprendem é porque a masculinidade e feminilidade são flexíveis e podem adquirir formas variadas em cada pessoa” (MISKOLCI, 2014, p. 100). O autor evidencia que o processo educativo

... tenta restringir essas possibilidades reforçando visões hegemônicas sobre o que é ser masculino ou feminino, portanto contribuindo para que todos acreditem que meninos são masculinos porque ‘naturalmente’ têm gestos brutos e são mais agressivos, enquanto meninas seriam mais femininas por serem ‘por natureza’ delicadas e quietas (idem).

Relembramos que nossa estratégia de problematização mais pormenorizada sobre as experiências vivenciadas por nosso colaborador se realizará no capítulo três, quando então também discorreremos sobre a influência determinante e marcas deixadas pela escola em sua vida.

De forma abreviada, podemos traçar o seguinte retrato de Dom: nascido no interior de um pequeno município do Centro-Oeste brasileiro, filho de pai e mãe simples e trabalhador/a rural. O segundo de três filhos. Com seus irmãos aprendeu um pouco da convencional realidade masculina e também descobriu as frustrações de perceber-se diferente, de não possuir um órgão genital como o deles. Quando mais novo acreditava que seu pênis ainda cresceria e ficaria igual ao dos irmãos. Essa afirmação evidencia um viés teórico que para muitos/as psicanalistas freudianos/nas, seria tomado como a *inveja do pênis*, fruto do complexo de castração, pois para Sigmund Freud:

O complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também sua importância. Sentem injustiçadas, muitas vezes declaram que querem ‘ter uma coisa assim, também’, e se tornam vítimas da ‘inveja do pênis; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do caráter, não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica. O fato de a menina reconhecer que lhe falta o pênis, não implica, absolutamente, que ela se submeta a tal fato com facilidade. Pelo contrário, continua alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir algo semelhante e acredita nessa possibilidade durante muitos anos... (FREUD, 1996, p. 125).

Entretanto, seguimos em direção oposta à freudiana, especialmente sua proposição edipiana, por meio da qual teoriza acerca da suposta inveja do pênis. O que nos impõe a necessidade de levantar algumas considerações. Entre as quais, indagamos se o forte desejo, desde a primeira infância, de possuir um pênis, não seria antes, originado

pela intensa atribuição de poder, dada pelo sistema heterocentrado ao homem portador de um pênis? Se Dom percebe-se como um menino, hoje homem, não seria compreensível que desejasse possuir um pênis, em uma sociedade que reforça incessantemente sua supremacia e indispensabilidade? Respondemos às indagações apresentadas partilhando do viés de Beatriz Preciado, para quem “A centralidade do pênis, como eixo de significação de poder no âmbito do sistema heterocentrado, requer um imenso trabalho de ressignificação e de desconstrução” (PRECIADO, 2014, p. 37). Entendemos que somente a partir desse permanente processo de desconstrução e análises, será possível pensar, por exemplo, que para ser homem não necessariamente necessita-se de um pênis, pois nele não residem os valores e verdades sobre o masculino. Existem homens sem pênis, assim como mulheres sem vagina. O que não impede a realização de múltiplas performatividades do feminino e do masculino. Mas, desejar ser um homem sem pênis, numa sociedade fortemente patriarcal, machista e heteronormativa, realmente não consiste em tarefa fácil para qualquer homem.

Nosso colaborador viveu na zona rural, em companhia de sua mãe, pai e irmãos até os seis anos de idade. Após esse período foi morar na cidade, na casa de uma tia paterna, para frequentar a escola. Na casa da tia não possuía o calor fraterno e acolhedor de sua mãe. Afastar-se da roça e de sua mãe foi para Dom uma tortura. Especialmente devido à escola ter sido uma realidade de dor e constrangimento infundáveis para ele, em semelhança com muitas pessoas que vivem a experiência transexual. Segundo destaca Berenice Bento em relação às entrevistas realizadas com transexuais, esses retratam a escola como território de hostilidade e crueldade, ou, uma “instituição narrada como espaço de terror” (BENTO, 2008, p.167). Um dos entrevistados, Pedro, relata: “Agora eu estou tentando voltar a estudar. Quando eu era pequeno, todo dia eu voltava para casa todo machucado. Me chamavam de macho-fêmea, sapatão. Eu não aceitava [...] Era uma confusão. Até que um dia, eu parei de ir”. (idem). Percebemos nesse relato, aquilo que Bento considera como “um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de exclusão e não de evasão”. (BENTO, 2008, p.166). É notório que ao deixar de frequentar a escola, Pedro não se evadiu, antes, foi colocado forçosamente, por diversos mecanismos de exclusão, fora desse espaço.

Em relação ao nosso colaborador, esse processo, felizmente, não se findou no abandono escolar. Entretanto, a escola, as relações estabelecidas ali, marcará negativamente sua trajetória, pois, como já destacamos, é a escola que lhe informará,

recorrentemente, não ser um menino, mas sim, uma menina. É fácil perceber, segundo destaca Montserrat Moreno, o quanto “A escola, por seu caráter de instituição normativa, contribui de maneira sistemática para o desenvolvimento desses padrões de organização da conduta e das atividades, de forma praticamente permanente” (MORENO, 1999, p. 68).

Toda pressão enfrentada, produziu um menino rebelde e travesso. Sempre desobediente e pronto para descumprir as ordens e normas postas na escola. A revolta em paulatinamente perceber sua assimetria entre a identidade de gênero e sexo biológico fez, desde muito cedo, Dom se rebelar contra as regulações sociais, familiares e religiosas. Possíveis anúncios de linhas de fugas à vista, formas de sobrevivência frente ao processo de disciplinarização de seu corpo, de normalização de seu gênero, da produção de sua sexualidade. Rompimento ao território sombrio das instituições sequestradoras dos corpos, a exemplo da instituição escolar. Veiga-Neto lembra-nos o que Michel Foucault nomeou em *Vigiar e Punir de instituições de sequestro*, como as “instituições capazes de capturar nossos corpos por tempos variáveis e submetê-los a variadas tecnologias de poder” (VEIGA-NETO, 2003, p. 91).

Contra tal sequestro, Dom parece traçar linhas de fuga numa busca de desterritorialização da masculinidade hegemônica e tradicional, pois, segundo Deleuze e Parnet, “As linhas de fuga não têm território” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 41). Contudo, não se trata de fugir, esconder-se do mundo, já que, “O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma” (ibid., p. 40). Trata-se, antes, de criar possibilidades e experiências de vida na contramão dos valores aprisionadores, pois “Sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.39). Nessa direção, discutiremos ao longo do capítulo três sobre a hipótese que constitui nossa tese. Ou seja, buscaremos problematizar se, mesmo diante da (in) visibilidade imposta pelas relações de saber-poder⁶ à masculinidade não hegemônica, os territórios das transmasculinidades traçados por Dom, produz-lhe uma vida de resistências, de fugas potentes, de experimentações de vida, opondo-se assim a uma vida abjeta.

⁶ Compreendemos por saber-poder aquilo que Michel Foucault chamou de “Forma de saber situada na junção de um tipo de poder e de certo número de conteúdos de conhecimentos” (FOUCAULT, 2002, p.77).

Em suas muitas experimentações, nosso colaborador, para frequentar a escola, permanece na casa da tia paterna dos seis aos doze anos. Posteriormente se muda para Brasília, residindo com uma prima mais velha, modelo para sua família, a qual acreditava que a convivência com a prima, uma referência feminina, seria uma possibilidade para adequar Dom aos seus devidos papéis de gênero, ou seja, poderia definitivamente aprender a ser mulher. Aprendizado decorrente do paradigma que produz estereótipos de conduta que determinam formas de comportamento e de expressão dos gêneros, porém, “Estes padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o masculino, claramente definidos” (MORENO, 1999, p. 29).

No entanto, o Planalto Central não cumpriu sua missão. Dom reafirmou sua identidade de gênero como masculina. Conheceu o amor, a paixão e iniciou sua vida sexual com suas professoras do colégio e mulheres mais velhas.

Em Brasília inicia, junto com a descoberta da sexualidade, das amizades e desafios da adolescência, o conflito de ter que esconder sua identidade de gênero e orientação sexual. Orientação sexual que embora para Dom seja heterossexual, para muitas pessoas era, ou é tida como homossexual. Afinal, ainda prevalece a dicotomia de que o sexo biológico define o gênero e, conseqüentemente, a orientação sexual.

Richard Miskolci, ao discorrer sobre sexualidade e orientação sexual, afirma ser “possível reconhecer a cadeia convencional e socialmente compulsória que molda a formação de identidades sexuais nos nossos dias” (MISKOLCI, 2014, p. 109). Ressalta o forte caráter de uma perspectiva naturalizante, representada pela cadeia “Sexo → Gênero → Desejo → Práticas → Identidades” (idem), e argumenta a respeito da configuração autoritária dessa cadeia. Expõe que esta se “subdivide em apenas dois padrões de identidade sexual em detrimento da diversidade das experiências vividas” (MISKOLCI, 2014, p. 109). Por meio desta subdivisão, apresenta dois quadros. O primeiro, sobre a identidade masculina tida como padrão, constituída pela sequência: “pênis → masculino → desejo pelo feminino-vagina → práticas sexuais penetrativas” (idem), e a identidade feminina padrão, representada pela lógica sequencial: “Vagina → feminino → desejo pelo masculino-pênis → práticas sexuais ‘passivas’” (idem).

Poderíamos dizer que muitos dos enfrentamentos e conflitos vividos pelos homens transexuais são frutos dessa visão encerrada na restritividade desses dois polos padrões

de identidade sexual. Os quais produzem, e disseminam incansavelmente, a verdade de que o sexo biológico define o gênero, que por sua vez determina a orientação sexual.

Tais verdades acompanharam Dom em seu regresso à sua cidade natal, ocorrido aos dezoito anos, e não foi marcado por nenhuma tranquilidade, exceto o reencontro com sua mãe e família. Ao retornar, nosso colaborador ocasionou um grande choque aos familiares, devido sua excentricidade, incomum para os padrões de um pequeno município do interior. Relata que nesse momento possuía uma aparência estética de um hippie. Usando tranças rastafári, colares, pulseiras e acessórios em couro, roupas rasgadas etc.

Desde criança sempre fez uso de vestimentas consideradas, convencionalmente na cultura ocidental, como pertencentes ao universo masculino. Usando apenas calças, camisetas largas, tênis, botas, bermudas, cuecas, carteira no bolso da calça, perfume masculino e cabelos curtos. Nunca utilizou quaisquer acessórios ou trajes tidos como femininos. Em casa, chegou a tentar usar saia e batom. Entretanto, sem êxito, pois sentia uma enorme repulsa ao ver-se em tais vestes. Era algo insuportável vestir roupas consideradas femininas.

Como homem transexual, Dom não correspondia assim à expectativa em relação ao seu gênero socialmente considerado feminino, suas vestes denunciavam sua falha como mulher, ao mesmo tempo em que também denunciava uma masculinidade não hegemônica. O que torna sua expressão masculina depreciada, rejeitada e, portanto, interdita, pois a masculinidade hegemônica "... refere-se à forma de masculinidade predominante, a mais lisonjeada, idealizada e valorizada num determinado momento histórico, enquanto a 'feminilidade enfatizada' representa o ideal cultural mais celebrado para as mulheres" (SABO, 2002, p. 42).

Ainda assim, rompe a naturalização do sistema sexo/gênero com a inscrição em seu corpo de todas as características do gênero subversivamente desviante, ou seja, não correspondente às demandas de seu sexo biológico. Logo, anormal, monstruoso, o que escapa da norma inscrita pelo contrato social heterocentrado. Segundo Preciado,

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados (PRECIADO, 2014, p. 26).

No entanto, apesar de possuir uma aparência estética tradicionalmente considerada masculina, Dom, contraditoriamente, tentava, ou ainda persiste, em manter segredo sobre sua masculinidade, uma vez que não é fácil assumir o desvio do sistema heterocentrado. Acreditava que esconder suas cuecas da prima, assim como, afugentar os olhos das moças no colégio, ou afastar-se das garotas da mesma idade, seria uma forma de evitar que pudessem descobrir seu *outro lado*, o qual nunca chegou a aceitar sem maiores conflitos. Não nos restringiremos a considerar apenas os conflitos psicológicos de nosso colaborador, pois, como bem destaca Ávila, “Em certo sentido, quando se fala em conflitos relacionados às pessoas trans se pensa de imediato em conflitos ‘psicológicos’, porém, esta é apenas uma das possíveis abordagens” (ÁVILA, 2014, p. 111). Concordamos com a afirmação de que “... o conceito de conflito em ciências humanas e sociais é um conceito polissêmico; ele é o cruzamento de múltiplos horizontes e é atravessado por diferentes disciplinas, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia” (idem).

Entre seus anseios residia o grande temor de que pudessem descobrir sua masculinidade e sua orientação sexual, o que fez Dom convencer a si mesmo de que poderia construir formas de não ser notado. Para isso lançou mão, desde o início de sua adolescência, de uma singular estratégia. Acreditava que seu interesse pela literatura, poesia, política, história e por músicas como: jazz, blues, fado, música latina e brasileira antiga, dos anos vinte aos anos quarenta, assim como por seu modo *hippie*, poderia fazer as pessoas acreditarem que sua diferença se devia a um estilo, visto na época como intelectualizado. Deixando, assim, possíveis especulações sobre sua sexualidade e identidade de gênero, de lado. Pensava que se fosse considerado inteligente, as pessoas nunca descobririam sua outra identidade, pois assim elas acreditariam que sua forma de vestir era uma escolha política e intelectual. Percebemos que essa estratégia e forma de entendimento experimentada por Dom, desdobra-se a outros homens trans. A pesquisadora Ávila, por meio de pesquisa realizada com transhomens, discorre que uma forma de seus interlocutores lidarem “com sua(s) ‘diferença(s)’ na escola e, conseqüentemente, para serem tratados com mais respeito e talvez para serem aceitos foi estudar bastante, ‘voltarem-se para os livros’” (ÁVILA, 2014, p. 116).

Além de se voltar para os livros, também pensava e desejava ser tomado como uma pessoa assexuada. Poderia se livrar da perseguição ao verdadeiro-sexo, ou seja, da concepção de que “No fundo do sexo, está a verdade” (FOUCAULT, 1982, p. 4). Verdade

que é imputada insistentemente a todo sujeito, pois, segundo Michel Foucault, ao responder a indagação: “Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?” (ibid., p.1), a resposta é, mais do que nunca, afirmativa. Nas palavras do filósofo:

Com uma constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta. Situavam obstinadamente essa questão do ‘verdadeiro sexo’ numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contam a realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres (FOUCAULT, 1982, p. 4).

Como nem sempre foi, ou é possível, a nosso colaborador escapar à caça ao verdadeiro sexo, outra estratégia desenvolvida e utilizada, consigo, com pessoas próximas e amigas, é o uso de pseudônimos, utilizando nomes de poetas e escritores da literatura clássica estrangeira e brasileira.

Dom relata não apenas utilizar pseudônimos, mas sentir-se como o poeta e escritor, assim como sentir-se personagem das histórias, dos fados ou poesias lidas. Posteriormente, nos debruçaremos em análises específicas sobre tal estratégia. No momento optaremos por trazer algumas poesias elegidas por Dom, as quais exprimem um pouco de sua percepção de si, ou, possibilita a criação de novas subjetividades que metamorfoseiam seu gênero feminino, atribuído convencionalmente em decorrência de sua genitália biológica, e criam uma identidade masculina vinculada a um ideário de fantasias vívidas.

Tabacaria

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que
ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos sêres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada

De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.
Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.
Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa [...]
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o
Dono da Tabacaria sorriu.
(PESSOA, 1981, p. 86-93).

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(ANJOS, 1980, p. 312).

Canção do Boêmio

Morrer de frio quando o peito é brasa...
Quando a paixão no coração se aninha!?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se há dor que se compare à minha!
(ALVES, 1980, p. 34).

Canção do Tamoio

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;

No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as fronte,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir! [...]

X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.
(GONÇALVES DIAS..., 2015, s. p.).

Para Dom, a ficção literária rompe o universo da fantasia e torna-se uma realidade própria, inventada, capaz de fazer dos pseudônimos uma maneira de driblar as asperezas cotidianas e forjar um enfrentamento às adversidades de viver na pele odiada que não lhe revela. Possivelmente uma linha de fuga deleuziana, uma fissura perante as farpas da existência, uma potência criadora de vida, ainda que por meio da fabricação e personificação literária.

Entre seus poetas e escritores preferidos, destacamos: Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Gonçalves Dias, Eça de Queiroz, Menotti Del Picchia, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Chico Buarque de Holanda, Tomás Antônio Gonzaga, Gregório de Matos, João Cabral de Melo Neto, Miguel de Cervantes Saavedra, Luiz Vaz de Camões, Manuel Maria Barbosa du Bocage, Willian Shakespeare.

Não por acaso nosso colaborador tem pelos escritores uma grande admiração. Em seus relatos afirma que ao ler poemas, poesias, romances, ficções, ou letras de músicas, sente-se como vivendo a trama narrada, vê-se nos detalhes e sentimentos descritos. Identifica nos dramas suas próprias angústias, desejosos, medos. Sente-se, como nunca,

o homem que é, o qual muitas vezes em sua vida cotidiana se vê obrigado a renunciar em goles secos de silêncio e dor. Assim, sua entrega à literatura constitui-se como uma forma de enfrentamento, pois se sente como os personagens das histórias lidas; sonha como os poetas. Arquiteta, desse modo, uma resistência sutil, perspicaz. Uma maneira de traçar seus territórios da masculinidade por meio de outras masculinidades, menos árduas que às impostas pelo sistema heterocentrado, mais mágicas, ainda que às vezes sofridas.

Miguel de Cervantes, talvez seja o escritor que mais potencializa Dom a construir uma ruptura à sua realidade cotidiana, pois vê na obra *Dom Quixote de La Mancha* e no personagem principal, uma similaridade à sua própria história de vida. Dom Quixote, pequeno fidalgo castelhano que perdeu a razão por muita leitura de romances de cavalaria, pretende imitar seus heróis preferidos, mas suas fantasias são sempre desmentidas pela dura realidade. Combatendo as injustiças, o personagem enfrenta situações penosas e ridículas. De tal modo, Dom também fantasia seus próprios moinhos de vento, capazes de tecer dias mais leves e menos cinzentos. O nome social aqui utilizado, Dom, é assim advindo da identificação com o personagem de Cervantes.

Criar novos mundos, por meio da fantasia, tornou-se exercício recorrente, cada vez mais acentuados dados os novos acontecimentos vividos após o retorno à sua cidade natal.

A pressão e cobrança relacionada à sua estética, à sua identidade de gênero e orientação sexual, passaram a ser constantes e praticadas por familiares: tias e primas/os, amigos/as, colegas de colégio. O pai e a mãe poucas vezes exerceram diretamente exigências, entretanto sofriam influência dos parentes e, às vezes, manifestavam decepção, vergonha ou tristeza ao ver sua sexualidade sendo questionada.

Dom enfrenta a dupla sensação conflitante: de perceber-se como homem e ser socialmente considerado como mulher e, de se reconhecer como heterossexual e ser considerado como lésbica/*sapatão*. Tais considerações são produzidas por uma rede de entendimento advinda do fato de que “A (hetero) sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (PRECIADO, 2014, p. 26).

Perante toda coação sofrida, a angústia era companhia persistente, e despertou em Dom, cada vez mais, o sentimento de não aceitação de sua condição, fazendo-o desejar ser *normal*, ou seja, não ser apontado como estranho ou como uma aberração monstruosa

no seu meio social e cultural. Entendemos por monstrosidade a perspectiva desenvolvida por Jeffrey Jerome Cohen, para quem “O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio...” (COHEN, 2000, p.32).

... o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual. (COHEN, 2000, p.32).

O desejo constante de ser aceito em seu grupo social e se refugiar das fronteiras perigosas da monstrosidade, fará com que Dom tome decisões e escolhas que marcará seu futuro e o colocará, frequentemente, refém dessas.

Escolhe sair com homens para socialmente ser visto como uma mulher heterossexual, no entanto, se vê grávido depois de uma primeira e única relação sexual com o pai de seu primeiro filho. Dom relata ter se sentido *gay* durante o ato sexual. Afasta-se radicalmente do pai de seu filho e se esconde durante toda gravidez por vergonha de ser visto *grávido*. No entanto, a pressão social fará com que repita a mesma estratégia, ou seja, sair pela segunda vez com um homem para mostrar, em seu grupo de amigos/as e familiares, uma possível identidade feminina, e novamente engravida de um segundo parceiro em apenas uma relação sexual. Mais tarde terá um terceiro relacionamento com um padre, motivado para além da pressão social, por uma convicção de construir uma família tradicional. O objetivo era o padre abandonar a igreja e construir uma família nuclear. Mas Dom não consegue perseguir tal projeto, assim, decide assumir consigo, embora sem revelar socialmente, sua identidade de gênero masculina, e seu desejo afetivo e sexual por mulheres.

Dom vive no limbo da identidade de gênero, às vezes mulher; outras, homem, já que seu gênero se estabelece no rol dos gêneros não-inteligíveis, pois, segundo Judith Butler, os “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2010, p.38).

Assim sendo, transita em um gênero não inteligível. Embora se reconheça como homem, se sinta e perceba homem, socialmente é chamado de Mara. Os filhos e a filha o tratam por mãe, ou Mara. Algumas pessoas mais íntimas, colegas de trabalho, amigas/os o nomeiam no masculino, por saber de sua preferência. Relata que embora não lhe sejam

endereçadas ofensas e atos diretos de discriminação, percebe muitas vezes olhares desconfiados, atitudes de distanciamento de suas colegas de trabalho, as quais preferem evitar estabelecer contatos sociais e públicos por considerá-lo uma lésbica masculinizada. Assim, uma ameaça para a reputação de mulheres em possível busca de parceiros heterossexuais. Aqui “O monstro da proibição existe para demarcar os laços que mantêm unido aquele sistema de relações que chamamos cultura, para chamar a atenção — uma horrível atenção — a fronteiras que não podem — não devem — ser cruzadas” (COHEN, 2000, p. 43).

Seu corpo constitui-se num híbrido entre as expressões naturalizantes e biológicas da masculinidade e feminilidade. Embora possua seios, é notória certa estrutura física constituída convencionalmente como masculina, ainda que não tenha feito até o momento nenhum uso de hormônios, como a testosterona. Possui um leve bigode como dos adolescentes no início da puberdade, com o qual brinca ao afirmar ser preciso fazer a barba regularmente. Tem o privilégio de não menstruar, já que a maioria dos transexuais, antes do processo de histerectomia⁷, vivenciam grande desconforto, raiva, nojo e sofrimento nesse sentido. Joao W. Nery (2011), certamente o homem transexual de maior e primeira evidência no Brasil, cunhou sua terrível experiência com a menstruação de “monstruação”. O termo dispensa explicação, por bem retratar essa condição monstruosa do que é para um homem transexual menstruar. Dom afirma ter vivido essa desagradável experiência cerca de quatro vezes ao longo de sua vida, sendo a primeira com dezesseis anos de idade.

Relata grande desejo em se submeter ao processo transexualizador e a cirurgia de transgenitalização. O processo transexualizador caracteriza-se, segundo Berenice Bento, por um “Conjunto de alterações corporais e sociais que possibilitam a passagem do gênero atribuído para o identificado. A cirurgia de transgenitalização não é a única etapa desse processo.” (BENTO, 2008, p. 185). A cirurgia de transgenitalização é “Também conhecida como mudança de sexo (SRS), readequação sexual, cirurgia corretiva. Para os transexuais masculinos, consistem na histerectomia, mastectomia e na construção do pênis”. (ibid., p. 187).

⁷ Processo de retirada do aparelho reprodutor.

Afirma que seu desejo mais urgente e majoritário é submeter-se à mastectomia, ou seja, o processo de retirada das mamas. Procedimento desejado pela maioria dos *Female to Male/FtM*, segundo aponta Simone Ávila:

As cirurgias de retirada das mamas (mastectomia) é o desejo de todos os transhomens que participaram da pesquisa, sendo que apenas quatorze deles fizeram este procedimento. Os que ainda não fizeram a mastectomia usam coletes ou faixas para esconder o volume « superior ». Vários tomam hormônios masculinos como a testosterona (ÁVILA; GROSSI, 2013, p. 9).

Possivelmente, um dos maiores embates enfrentados por nosso colaborador, assim como por outros homens trans é o dilema do corpo. O que está mais visível no corpo dos transhomens são as mamas, por estarem mais destacadas, assim, de imediato é o que mais ocasiona a identificação de muitos homens transexuais como mulheres. Sentem-se em corpos errados, ou antes, sentem-se como um “Erro de pessoa” (NERY, 2011, p. 11). Expressão cunhada por João Nery, que dá nome a seu primeiro livro, fazendo referência direta aos dilemas enfrentados como transhomem, desde a infância até o intenso processo de intervenções cirúrgicas, ou ainda, por toda a vida.

Ao longo do capítulo três, buscaremos discorrer sobre os caminhos traçados e as escolhas feitas por Dom, quando nos dedicaremos a problematizar os relatos deixados por suas cartas.

Antes de seguir, gostaria de discorrer a respeito de como organizamos nossas estratégias metodológicas para conduzir nossa investigação. É fundamental ponderarmos um pouco mais detalhadamente sobre o encontro com nosso colaborador e como se desenvolveu nossa conexão para que a presente pesquisa se tornasse possível.

Como dissemos anteriormente, a aproximação com nosso colaborador se deu de forma contingente, a princípio sem nenhuma vinculação com a pesquisa. Entretanto, de forma contraditória e imprevista, quiçá rizomática, pois o encontro aprazível de um café expandiu-se com ramificações e bifurcações à produção da presente tese. Rizomática no sentido dado por Gilles Deleuze e Félix Guattari ao desenvolverem a noção de rizoma. Pois, em sentido oposto ao da árvore e de suas raízes “o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.43).

De modo análogo, o contato com Dom permitiu esse conectar de um ponto ao outro, no sentido de que ao tomar conhecimento sobre meu interesse pelos estudos de gênero e das múltiplas formas de expressões da sexualidade, Dom parece perceber na

possibilidade de nossa pesquisa uma dimensão transversal, passível de permitir um transbordamento de si.

Como um ponto desse rizoma, instintivamente, conjecturei a possibilidade de que suas experiências de vida, juntamente com o relato literário de outros transhomens, poderiam constituir-se como ferramentas potentes para a problematização das transmasculinidades.

Percebemos que esse rizoma tomou vida quando questioneei Dom a respeito de como se sentiria caso alguém propusesse tomar sua experiência de vida como estudo em uma pesquisa acadêmica. A grande preocupação era saber se se sentiria ofendido, ou se essa conjectura não conteria “microfascismos sempre à espera de cristalização” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 26) de nossa parte. Sabia que corria o risco de matar o rizoma, antes mesmo que esse pudesse sair em disparada, uma vez que “Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”. (ibid., p. 32).

Tentamos produzir um rizoma potente, sabendo que “... o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas” (idem). Assim, após ouvir vários relatos sobre sua trajetória de vida e de seus contextos desafiadores, começamos a nos indagar de que forma poderíamos traçar, ou antes, criar nossas próprias estratégias metodológicas para operar com ferramentas tão ricas. Portanto, após muito ruminar sobre como proceder metodologicamente, deixamo-nos, mais uma vez, nos guiar pelo impulso de um olhar rizomático, ou seja, nos conduzir por fluxos de ideias pouco estáveis. Resolvemos apostar em uma estratégia metodológica aberta, maleável, passível como um rizoma, de ser refeita, reelaborada a qualquer momento, pois, “O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.43).

Ao pensar em que tipo de mapa seria mais “aberto, conectável, rasgado, revertido” (ibid., p. 30), cogitamos a possibilidade de nosso colaborador contar sua história de vida por meio da escrita de cartas. De tal modo, Dom poderia narrar suas experiências de maneira desconexa, livre, solta, caótica; sem regras, rigor, ou formatos pré-estabelecidos. Poderia, por meio de uma escrita aberta, ir e vir em sua própria história; mudar de ideia, confirmar posições, desistir, apagar, persistir, ressignificar suas memórias. Reelaborar suas perspectivas, seus paradigmas. De nossa parte, manteve vivo o desejo de ir “contra

os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas” (ibid., p. 43).

A necessidade de metamorfosear a própria ciência, seu caráter universal e suas crenças enraizadas, impulsionou-nos a certo viés dimensional, movediço, ou seja, ao rizoma. Ancoramo-nos pelo desejo de “um sistema acentrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizada ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43). Compreendemos que a escrita de cartas nos distanciaria de uma estrutura fechada, ou de uma busca intencionada, contendo um *a priori* sobre os territórios das transmasculinidades. Assim, as cartas nos levariam ao labirinto do imprevisto, do desconhecido.

Perseguindo tal meta, firmamos um acordo, em que Dom escrevesse cartas a respeito de suas experiências de vida. Entretanto, enfatizamos que nosso interesse não era acessar uma história retilínea, limpa, com início, meio e fim. Em outras palavras, nossa estratégia metodológica não se conduziu de forma esmerada. Não recebemos as cartas de Dom, e posteriormente conduzimos à análise. O processo foi de fluxos, embates, trocas, cruzamentos; foi perpendicular, transversal, rizomático, no sentido de não haver uma direção localizável, antes, ocorreu entre as coisas e acontecimentos, pois:

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma parte para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49).

Nesse movimento transversal, após tomar conhecimento dos acontecimentos mais relevantes experimentados na vida de Dom, por meios de conversas informais, pude previamente esboçar um sumário para dar corpo a nossa tese. A partir desse, solicitei temáticas específicas para que nosso colaborador pudesse ter um ponto de partida para sua escrita, já que uma de suas angústias era saber o que deveria relatar e descrever nas cartas. Em outras palavras, ansiava por certo direcionamento.

Tentamos dar o máximo de abertura e liberdade para que falasse daquilo que o movia mais fortemente, sem interferir ou definir o que deveria discorrer. Mas, ainda que sem o desejo de atuar como general, ou como autômato central, em muitos momentos, solicitamos que acrescentasse em suas cartas informações que nos haviam sido passadas em momentos informais, como conversas de café. Por exemplo, pedíamos que abordasse

uma e outra situação de discriminação, ou, as minúcias descritas em momentos de emoção e liberdade da fala, as quais muitas vezes a escrita por seu caráter formal poderia excluir do papel, dado o temor de sua materialidade. Negociávamos a retomada de alguns pontos, o acréscimo de outros, e, com a generosidade de nosso colaborador, quase sempre obtivemos êxito em nossas solicitações.

Por sua vez, também nos solicitou, em diversos momentos, a retirada de algumas poesias e o acréscimo de outras. Por exemplo, nos dizia para acrescentar a segunda parte de um poema, ou, mudar o local do texto onde deveria aparecer. De igual modo, solicitava a inclusão de elementos que julgava fundamentais.

Ao longo do processo de escrita das cartas, Dom sentiu-se angustiado, entristecido, estressado, cansado, em muitos momentos dizia-se irritado por ter que acessar e relatar situações e acontecimentos que preferiria esquecer. Entretanto, julgava relevante relatá-los, e não conjecturou desistir de sua colaboração com nosso trabalho. Devido tais enfrentamentos, realizou algumas pausas prolongadas na escrita das cartas.

Ressaltamos que durante todo o processo de análise de suas cartas compartilhamos nossa escrita, o que permitiu a Dom opinar a respeito, quase sempre se mostrando satisfeito com nossas inferências. Mostrava preocupação de que mantivéssemos a máxima aproximação com os fatos que considerava os mais verídicos em sua memória.

Construímos ao longo de todo processo, uma parceria e muitas trocas, afinal, não podemos simplesmente, ainda que por meio de uma pesquisa acadêmica, retirar neutramente algo do outro, sem compartilhar um pouco de nós, pois, dessa forma, a conexão estaria morta. Nesse ínterim, realizamos um processo de elaborações de vida, também nos abrimos em nossas próprias particularidades e expressões de existência. Assim, também busquei partilhar parte de minha história, de minhas experiências. Aliás, podemos trocar a palavra parceria por aliança, já que “o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

Tal dinâmica, com a conjunção do “e... e... e...”, também de minha parte, transportou maior confiança ao nosso colaborador, como também, mais liberdade para falar de si. Permitindo, para além de trocas de informações e confidências, realizarmos por diversos momentos, trocas de livros literários, de CDs e DVDs. Entendia que o fato de ter acesso às preferências literárias, aos romances e ao universo musical de Dom,

ajudaria na análise mais ampla e sensível dos relatos deixados em suas cartas. Também compartilhei, por solicitação de nosso colaborador, leituras sobre os estudos de gênero, diversidade sexual e, especificamente, sobre as transmasculinidades, pois até então não possuía tais leituras. Compartilhamos documentários e depoimentos de homens transexuais. Assim como o filme *Boys don't cry* (Meninas não choram), dirigido por Kimberly Peirce (1999), o qual relata a história do transexual *Brandon*. Dom se emocionou com o filme, e se identificou com vários conflitos do protagonista. Afirma ter sido um exercício desafiante assistir ao filme até o final. Também compartilhamos o filme *La Piel que Habito* (A pele que habito) de Pedro Almodóvar (2011), da mesma forma o filme *Vera*, do cineasta Sérgio Toledo Segall (1987). O drama *Tomboy* de Célinne Sciamma (2011), por se tratar de uma história a respeito da possível transmasculinidade de uma criança, permitiu a Dom reconhecer vários aspectos comuns em suas experiências na infância.

Partilhamos o documentário *Olhe para mim de novo*, dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla (2011). Dom relatou ter tido grande dificuldade em assistir esse documentário, sentiu-se fortemente impactado pela história de vida do transexual Sillvyo Lucio, uma vez que as narrativas do protagonista, e sua estética lhe fez ver em si aspectos que preferiria negar a existência. Disse-nos que ao assistir o documentário pôde reconhecer a si mesmo e a forma como as pessoas lhe veem de fato. O que considera motivo de sofrimento e vergonha, já que acredita que as pessoas o veem como os poetas e personagens que fabrica para se auto afirmar, e não com aquilo que postula como limitações físicas.

Gostaria ainda de destacar alguns momentos em que pudemos compartilhar a vida social e familiar de nosso colaborador. Entendemos que esses momentos potencializaram nossas linhas e fluxos rizomáticos, e enriqueceram nossas análises e problematizações.

Assim, nos dirigimos algumas vezes até sua cidade natal para, por exemplo, o visitarmos em um hospital, quando esteve internado em decorrência de um acidente de moto. Nessa experiência percebemos situações que poderiam ser consideradas triviais, no entanto, são para Dom grandes desafios. Como, ser internado na ala feminina do hospital e, ao mesmo tempo, ter a inquietude de esconder suas cuecas. A vergonha da equipe médica em relação ao seu corpo, perante a submissão a um processo cirúrgico decorrente de uma fratura no ombro. Ter o nome: senhora Mara, em destaque na cabeceira da cama, para lhe designar.

Posteriormente à alta hospitalar, o visitamos em sua residência, momento em que compreendemos um pouco de seu cotidiano com os dois filhos. A vergonha de às vezes ser tratado por esses como mãe, e certo desconforto, ou mesmo dúvida dos próprios filhos, em como se dirigir a Dom. Por isso, não raro, o tratam, simplesmente como Mara.

Tivemos ainda a oportunidade de fazer uma visita em uma maternidade, em função do nascimento da primeira neta de nosso colaborador. Ocasão em que foi possível perceber uma série de minúcias e olhares consternados, por exemplo, quando Dom acompanhava sua filha na maternidade na condição de mãe. As enfermeiras o olhavam com certo estranhamento, ele, por sua vez demonstrava constrangimento ao ter que se identificar como mãe e avó. Já que sua vontade era ter o mesmo comportamento dirigido às algumas pessoas íntimas, às quais dizia com ar brincalhão, já estar ficando velho, pois era agora vovô.

Numa situação e contexto de maior descontração, tivemos ainda a oportunidade de socializar com uma amiga de nosso colaborador, Vitória⁸. Pessoa com quem Dom possui bastante intimidade e com quem confia sua história de vida. Dom frequenta a casa de Vitória e é tratado por todos seus familiares, inclusive pelas crianças, como homem. Apesar de também utilizar o nome Mara, eles o tratam no masculino. Durante os encontros com Vitória, pude perceber certo exagero da amiga para afirmar a masculinidade de Dom. Às vezes excedia ao protagonizar brincadeiras em torno de sua orientação sexual. Em relação a essa particularidade, é importante destacar que nosso colaborador relata sentir além da liberdade com Vitória, certo constrangimento, devido à ênfase e necessidade que possui em afirmar para as pessoas sua masculinidade. Assim, confidenciou, e queixou-se às vezes, considerar a amiga inconveniente ao lhe colocar em situações vergonhosas e humilhantes. Por exemplo, quando reafirma constantemente sua condição de homem, mesmo perante pessoas estranhas, ou, em ocasiões que julga inoportunas. Por essa razão, em muitos momentos, conjectura seriamente a possibilidade de romper sua amizade com Vitória, pois o fato de ser um transhomem passa a ser, em muitas circunstâncias, fonte de espetacularização para a amiga. Vive uma contradição, às vezes muito feliz com a autenticidade e franqueza de Vitória, por aceitá-lo sem discriminação, outras vezes, sente-se envergonhado, ou mesmo, usado como um fantoche em cena de comédia.

⁸ Nome fictício utilizado como preservação do anonimato, em respeito aos procedimentos éticos. Doravante, quaisquer nomes pessoais terão aqui caráter fictício.

Em espaços menos formais, como bares e restaurantes, na cidade natal de nosso colaborador, observamos outros detalhes que constituem sua rotina. Como as diferentes formas de endereçamento de garçons e garçonetes à sua pessoa. Parecem ter necessidade de enfatizar seu gênero como feminino, quando, por exemplo, questionam: o que vão querer meninas? Outras vezes o tratam por senhora. Rotulações que o deixam desconcertado, apesar de tentar manter um ar indiferente. Perante uma incerteza em relação a seu gênero, são poucas as pessoas que se mantêm neutras.

Outro fato observado, e também relatado por Dom, é a necessidade que alguns homens possuem em manter uma competitividade em torno dos territórios da masculinidade. Não raro, percebe que quando está acompanhado de amigas, colegas, ou parceiras, outros homens tentam lhe inferiorizar em sua masculinidade, parecendo quererem lhe informar sobre sua condição feminina. Expõe ser um fato corriqueiro muitos homens paquerarem suas companhias femininas quando frequenta bares ou festas. O que remete à ideia da conquista feminina como prova de uma masculinidade hegemônica bem sucedida, necessária para manter sua normalidade e afastar aqueles que representam uma ameaça a tal ordem. Relembramos aqui as palavras de Donald Sabo, quando considerou que o fato de sair com mulheres constitui uma espécie de esporte, “... e a ‘conquista’ (*scoring*) ou fazer sexo sem muito envolvimento emocional passa a ser um signo da façanha masculina [...] Muito frequentemente, as mulheres tornam-se joguetes na procura, por parte dos homens, do *status* na hierarquia masculina” (SABO, 2002, p. 39).

Essa proximidade com os acontecimentos diários vividos por Dom nos possibilitou percorrer pelas minúcias de suas experiências, e igualmente, tecer um paralelo com as histórias e narrações fornecidas. Podemos dizer que esses momentos serviram para refinar e potencializar todos nossos sentidos para nos dedicarmos à problematização e análise de suas cartas. Para que pudéssemos ir além daquilo que o olhar pode alcançar, pois nosso desejo é ver com todos nossos sentidos, com toda a intuição de nosso corpo, e não apenas com o olhar prisioneiro da razão.

Antes, nossa intenção é fugir à superioridade epistemológica do olhar, pois “... a visão toca com o olhar sem ser contaminada nem pelo particular, nem pela matéria, isto é, a visão supõe um modo superior de experiência...” (PRECIADO, 2014, p. 99-100).

1.1.A TRANSEXUALIDADE EM QUESTÃO.

As pessoas transexuais, do mesmo modo que travestis, intersexuais, *dragqueens*, *dragkings*, operam uma marca da diferença acentuada ao romperem as convenções sociais hegemônicas, presentes na cultura ocidental, no que se refere às atribuições tradicionais de sexo e de gênero.

Tais sujeitos transitam nos limites estabelecidos pelos preceitos de gênero, e produzem inquietude diante de sua plasticidade e volatilidade, impressa em seu corpo. Não raro ocasionam temor, dúvida e espanto, desencadeando a exclamação: é homem ou mulher?

Perante indagações dessa ordem, Berenice Bento argumenta que essas deveriam ser reelaboradas e expressas em termos como: “O que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?” (BENTO, 2014, p.49). De modo semelhante, podemos também indagar: só se é homem quem possui pênis? Como então qualificar os inúmeros homens que foram assignados homens em seu nascimento, mas amputaram seu órgão genital em decorrência de doenças ou acidentes? Esses deixam de ser homens?

Podemos falar em um homem ou mulher *de verdade*? Quem são e como saber? Falar em um homem e mulher *de verdade* só é possível a partir do eixo estrutural do sistema heterossexual, heterocentrado, fruto de uma concepção naturalizante que produz a mulher como passiva, frágil, submissa, e o homem como viril, másculo, ativo. No entanto, essa postulação dicotômica de atribuição dos gêneros e corpos sempre falha, pois, por mais refinada que seja a produção da feminilidade ou masculinidade, não as encontramos de forma cristalizada, essencializada e pura. Antes, há sempre um borrar de fronteiras entre o masculino/feminino, e vice-versa. Não é possível encontrar o masculino e o feminino original, já que esses são produzidos culturalmente e socialmente por normatizações de gênero perpassadas por dispositivos biopolíticos que legitimam e arquetam as noções do ser homem e mulher.

Tais questões devem ser situadas dentro de um regime político e um sistema biopolítico complexo, as quais necessitam ser incansavelmente desconstruídas para se desmistificar o trabalho refinado que o sistema heterossexual processa ao produzir uma masculinidade e uma feminilidade naturalizadas e aprisionadas na lógica de um determinismo biológico.

Problematizaremos a categoria conceitual da transexualidade a partir desse lugar das engrenagens tecnológicas biopolíticas, sendo assim, nos lançaremos na tentativa de

desmontar a maquinaria do sistema patriarcal e heterossexual, o qual também engendra a noção de transexualidade e a emoldura em um viés articulado às ciências médicas e psicológicas. Entendemos por tecnologia biopolítica o sentido dado por Beatriz Preciado, “Isto é, como um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (PRECIADO, 2014, p.79).

Mais que definir a transexualidade a partir de um padrão fixo, salientamos a necessidade de buscar compreender as experiências transexuais em suas mais distintas nuances, em sua pluralidade e multiplicidade de apresentação e de produção realizada ao longo do curso histórico, e das muitas influências políticas, sociais e dos saberes e poderes vigentes.

As pessoas transexuais dissolvem a lógica causal entre sexo/gênero/orientação sexual e removem os lugares fixos de compreensão do universo masculino e feminino, atribuídos de forma essencializada.

Entretanto, embora seja inviável e errôneo pensar a transexualidade em termos universais, optaremos inicialmente, e de forma abreviada, a compreender que a transexualidade se constitui pelo não reconhecimento do sujeito com seu sexo biológico assignado pelo nascimento. A pessoa se reconhece em um corpo estranho, distinto daquele que sente ser de fato seu gênero. Existe uma dimensão identitária e um conflito com as normatizações e regulações de gênero. Uma mulher trans é aquela que nasceu em um corpo biológico masculino e no entanto se identifica, ou se percebe, como mulher. Um homem trans é aquele que nasceu em um corpo biológico feminino, mas se identifica como homem, se reconhece como homem, seja, em sua personalidade, vestimentas, estrutura psíquica, entre outras. Contudo, salientamos não haver unanimidade em relação à nomeação da transexualidade masculina e feminina, conforme analisaremos posteriormente.

Tal redução não significa que as experiências e vivências das pessoas trans sejam universais, padronizadas, ou se encaixem em uma sintetização homogênea. Mais, essas são plurais, diversas. Cada pessoa trans, seja a/o transexual feminino ou masculino, é antes, ou, deveria ser, primordialmente pessoas humanas e, sendo assim, são constituídas e atravessadas por diferenças, multiplicidades e devires.

Não podemos encontrar uma redução discursiva para definir ou essencializar qualquer expressão identitária ou sexual, pois “Não existe o bissexual, a bissexual, assim

como não existe a lésbica, o homossexual, a travesti, o/a transexual, a *drag queen*, existem sim, travestilidades, homossexualidades, lesbianidades, transexualidades e também bissexualidades” (PAMPLONA, 2012, p. 51).

Também deveria ser inexequível se falar em uma única vertente heterossexual, pois não localizamos o/a heterossexual verdadeiro, e sim formas e vivências da heterossexualidade, “Mesmo porque a heterossexualidade é uma tecnologia social e não uma origem natural fundadora” (PRECIADO, 2014, p. 30), embora tenha se normatizado, na modernidade ocidental, um padrão de heterossexualidade que é visto e desejado como o correto e autêntico. É fácil perceber qual o esboço de homem e mulher preenche o perfil modelo de casal heterossexual, ou seja, um casal monogâmico, de posses econômicas/consumidores, cristão, passíveis de reprodução, magros, com corpos saudáveis, sem deficiências e, preferivelmente, brancos.

Segundo Jorge Leite Júnior, o que sustenta a arquitetura da ideologia moderna de gênero, a qual fundamenta a heterossexualidade compulsória e também a heteronormatividade é “... o modelo de família heterossexual monogâmica reprodutiva burguesa, ainda que nuançada pelos avanços e mudanças conceituais e sociais característico das culturas ditas modernas” (LEITE JÚNIOR, 2008, p.114).

Portanto, é também, fundamentalmente, na esteira das discussões sobre gênero que transcorreremos pelos territórios conceituais da transexualidade, uma vez que os/as transexuais são sujeitos que transitam entre os sexos e os gêneros.

Teremos como referência central para nossa problematização, assim como para o resgate dos percursos e origem da categoria transexualidade, os estudos de Pierre-Henri Castel (2001), Jonathan Ned Katz (1996), Berenice Bento (2006, 2008), Jorge Leite Júnior (2008), Judith Butler (2010) e Beatriz Preciado (2014). Buscaremos transitar entre tais estudos com intuito de estabelecer possíveis conexões, às quais possam nos permitir problematizar a produção da transexualidade e de seus territórios traçados.

Assim, observamos que Judith Butler (2010), ao discorrer sobre os sentidos de gênero, evidencia que esses só se tornam possíveis mediante atos performativos, no sentido de que a ação do gênero requer uma performance repetida dos atos do que seja masculino ou feminino. Ou seja, só se aprende a viver em determinado núcleo de gênero, vivenciando repetidamente rituais próprios de cada gênero. Em outras palavras, os que foram designados em seu nascimento como meninos, não nascerão sabendo ser meninos, antes, aprenderão com os corpos, movimentos, falas, posturas dos sujeitos masculinos

como deverá ser viver e assumir o gênero masculino. Sendo a mesma repetição performática aplicada às mulheres e ao gênero feminino, pois, para Butler:

Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são *performativos*, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010, p. 201).

Mesmo que não haja uma identidade preexistente, ou atos de gêneros verdadeiros ou falsos, Butler destaca a estratégia de ocultação dessa performance, fazendo assim parecer que os gêneros são naturais e essencializados. Portanto, todo sujeito que foge à atuação esperada e desejada pela dicotomia dos gêneros passa a ser visto como abjeto, estranho. Entre os quais, o/a transexual, pois constitui como afronta à prática legítima dos gêneros quando não consegue manter-se nos limites designados para o seu gênero no nascimento.

Leite Júnior realiza um importante destaque ao ponderar que a performatividade butleriana não se trata de uma escolha voluntária de um sujeito, pois “É uma repetição obrigatória das normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não podem ser descartadas por vontade própria” (LEITE JÚNIOR, 2008, p.118).

Por sua vez, Beatriz Preciado dirá que “O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler” (PRECIADO, 2014, p. 29). O gênero está, em sua visão, para além da imitação.

O gênero é pura tecnologia, complexa, capaz de arquitetar, produzir, fabricar um sexo-prostético, ou uma tecnologia sexual e, sendo assim, tanto capaz de produzir e reiterar as dicotomias entre os corpos masculinos/femininos, como também capaz de implodir essas mesmas barreiras, por meio de resistências.

Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas de sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2014, p. 29).

Beatriz Preciado analisará, ainda, que é justamente essa produção sexo-prostético que assegurará aos gêneros masculinos e femininos sua naturalização. E toda falha constituinte da máquina heterossexual, vista pela aproximação imperfeita do irreal masculino e feminino “... deve se renaturalizar em benefício do sistema, e todo acidente sistemático (homossexualidade, bissexualidade, transexualidade...) deve operar como exceção perversa que confirma a regra da natureza” (PRECIADO, 2014, p. 30).

Percebemos nessa refinada análise, que a transexualidade, entre outras expressões não heterossexuais, é tida como desvio, erro, acidente, mas, ao mesmo tempo, necessária para garantir e reafirmar a permanência das dicotomias de gêneros e da heterossexualidade.

A estratégia de utilização do outro, dito como o estranho, bizarro, anormal, portanto, indigno e abjeto, é recorrente na história da sexualidade para legitimar o dito normal, correto, padrão, aceitável, desejável.

O pesquisador Jonathan Ned Katz (1996), em *A invenção da heterossexualidade*, realiza uma desconstrução do processo de naturalização da sexualidade tida como normal, nomeadamente, a heterossexualidade. O termo heterossexual “... teria sido criado por volta de 1892, ou seja, depois do termo ‘homossexual’, e designava, em um primeiro momento, o amor patológico e desmedido por pessoa do sexo oposto, só posteriormente adquirindo o sentido de norma e de referência para a sexualidade” (PAMPLONA; DINIS, 2013, p. 6).

De forma instigante, o autor quebra aquilo que nos parece óbvio, para mostrar que não existe nada de evidente, e sim de produções precisas. Por exemplo, questiona o motivo de falarmos sobre a travestilidade, quando não questionamos o fato de vestirmos roupas designadas para nosso próprio sexo. Assim, poderíamos questionar o porquê de uma mulher usar saias, vestidos, batons, saltos. Falamos sobre raça, mas pouco sobre ser da raça branca, e menos ainda problematizamos a normalidade e naturalidade produzida em torno da branquitude⁹. Falamos muito sobre a história das mulheres e bem menos sobre a dos homens, a qual ganha evidência apenas nos últimos anos, com os estudos sobre as masculinidades.

⁹ Para entender a branquitude, é importante compreender a forma como se constroem as estruturas concretas de poder em que as desigualdades raciais se ancoram. Faz-se necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades, estabelece e gera efeitos de verdade [...] A branquitude está relacionada a situações de privilégio e de poder, as quais conferem vantagens, prestígio e estabelecem padrões normativos a serem seguidos pelo Outro não branco. E desse modo, a escola privilegia de forma icônica um grupo racial branco em detrimento do negro. (SOUZA, 2016, p. 115-116)

E, designadamente, destacamos as colocações do pesquisador em relação à transexualidade, quando afirma:

Falamos sobre Transexualismo (dando-lhe esse nome) problemático, a sensação de ser do sexo oposto, o desejo de ter o corpo do outro sexo. Não falamos muito sobre a sensação de ser do próprio sexo (ou damos a isso um nome) – o sexo que acreditamos ser o nosso, o que a maioria de nós deseja conservar. Mas o fato de nos sentirmos relativamente bem com o nosso sexo e o forte desejo de manter a nossa integridade sexual não indicam algo que precisa ser explicado, tanto quanto o transexualismo? (KATZ, 1996, p. 26).

Katz, de maneira perspicaz, levanta questionamentos que para muitas pessoas seriam impensáveis, pois esses desestabilizam a maquinaria do sistema sexo/gênero ao fazer colocações simples. Ou seja, não falamos muito sobre a sensação de ser do sexo que somos. E será que somos mesmo do sexo que acreditamos ser o nosso? Ou antes, podemos fazer tal proposição? O fato de termos uma genitália considerada de determinado sexo é fator mais importante que outros em nosso comportamento, corpo, afeto, emoção, pensamento para designar nosso gênero? Por que é normal nos sentirmos bem com nosso sexo de nascimento? Não deveríamos questionar nosso sexo, nosso gênero, como muitas vezes questionamos o nome que nos foi dado no nascimento? Segundo Katz, a não ser quando somos pressionados por vozes fortes e insistentes, não temos o costume de dar nome “... à norma, ao normal e ao processo social de normalização, muito menos os consideramos desconcertantes, objetos de estudo. A análise do anormal, do diferente e do outro, das culturas da minoria, aparentemente tem despertado um interesse muito maior” (ibid., p. 27).

Se tais indagações podem parecer absurdas, não são quando se trata da transexualidade, pois aí sim, parece ser normal indagar qual razão leva uma pessoa a se sentir em um corpo errado, desejar ser de outro gênero, diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento.

De acordo com Berenice Bento “A transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos ‘normais/anormais’ e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais” (BENTO, 2008, p. 24-25).

Seria um equívoco, conforme aponta a pesquisadora Bento (2008), proceder a uma investigação sobre a trajetória da transexualidade fora da perspectiva histórica em que as identidades passam a ser prisioneiras do corpo e as condutas tornam-se medicalizadas.

Para que a transexualidade se tornasse compreensível, segundo a explicação da verdade dos gêneros centrada na diferenciação dos corpos masculinos e femininos, foi necessário um embate com a interpretação do isomorfismo, segundo a qual não havia diferenciações entre um corpo feminino e outro masculino. A partir da concepção do isomorfismo “Até meados do século XVII, os anatomistas trabalhavam com a convenção de que existia apenas um corpo e pelo menos dois gêneros...” (BENTO, 2008, p. 24).

Somente a partir dos séculos XVIII e XIX os discursos e saberes começam a se arquitetarem e questionarem uma nova convenção social do que é ser homem e mulher, ou seja, o dimorfismo. Assim, “Por volta da segunda metade do século XVIII, as diferenças anatômicas e fisiológicas visíveis entre os sexos não eram consideradas, até que se tornou politicamente importante diferenciar biologicamente homens e mulheres, mediante o uso do discurso científico” (BENTO, 2008, p. 25).

Em decorrência dessa diferenciação sexual entre masculinidade e feminilidade passou-se a nomear aquelas pessoas que borravam a clareza das distinções dicotômicas do feminino e masculino.

A denominação transexual mais recorrente e ainda utilizada na contemporaneidade é um termo cunhado internacionalmente no século XX, a partir da década de 1950, pelo saber médico-psiquiátrico, o qual compreende a transexualidade como um transtorno de comportamento. Nesse viés biologizante é inevitável a associação da transexualidade à doença mental e a uma dimensão patologizante, sendo assim, nomeada de transexualismo. O saber médico e das ciências psicológicas, da mesma forma que já havia patologizado a homossexualidade, irá empreender o mesmo processo com a transexualidade. Assim, “‘Transexualismo’ é a nomenclatura oficial para definir as pessoas que vivem uma contradição entre corpo e subjetividade. O sufixo ‘ismo’ é denotativo de condutas sexuais perversas, como, por exemplo, ‘homossexualismo’”. (BENTO, 2006, p. 44).

Anteriormente, em 1910, o sexólogo Magnus Hirschfeld cunha em seu livro *Die Transvestiten*, o termo transexual e transexual psíquico. É o primeiro livro onde aparecerá tal designação, como destaca o historiador Pierre-Henri Castel (2001).

Como se vê no título, não se trata de separar o transexualismo (a palavra figura, de resto, inserida na expressão “transexual psíquico”) do conjunto das perversões, mas, sobretudo, de um lado, de separar as formas de homossexualidade, e de outro, de estabelecer que o transvestismo não é uma prática especificamente homossexual, em via de destruir a homogeneidade aparente da categoria de “atos contra a natureza” (CASTEL, 2001, p. 81).

Novamente o termo transexual é utilizado em 1949, por Cauldwell, conforme aponta Bento (2006), quando esse “... publicou um estudo de caso de um transexual masculino. Nesse trabalho são esboçadas algumas características que viriam a ser consideradas exclusivas dos/as transexuais. Até então, não havia uma nítida separação entre transexuais, travestis e homossexuais” (BENTO, 2006, p. 40).

Intensificam-se, assim, a partir de 1950, as publicações “que registram e defendem a especificidade do ‘fenômeno transexual’. Essas reflexões podem ser consideradas o início da construção do ‘dispositivo da transexualidade’” (idem). É importante destacar a analogia realizada pela pesquisadora Berenice Bento, a partir da qual toma a noção de dispositivo da sexualidade para se referir ao dispositivo da transexualidade. Relembramos aquilo que Foucault compreende por dispositivo da sexualidade:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 2010a, p. 116-117).

Compreender a transexualidade como um dispositivo é bastante pertinente, dada a existência de uma proliferação de discursos circulando em torno da figura do/da transexual, assim como a manipulação dos corpos transexuais, a exemplo das intervenções cirúrgicas que irão ganhar notoriedade nesse momento, e reforçar a consolidação desse dispositivo. O que é possível perceber perante:

A articulação entre os discursos teóricos e as práticas reguladoras dos corpos ao longo das décadas de 1960 e 1970 ganhou visibilidade com o surgimento de associações internacionais, que se organizam para produzir um conhecimento voltado à transexualidade e para discutir os mecanismos de construção do diagnóstico diferenciado de gays, lésbicas e travestis. Nota-se que a prática e a teoria caminham juntas. Ao mesmo tempo em que se produz um saber específico, são propostos modelos apropriados para o “tratamento” (BENTO, 2006, p. 40).

Por sua vez, Harry Benjamin, médico endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos, é considerado o pai da transexualidade após a publicação de seu livro *O fenômeno transexual*, em 1966, e a retomada do termo transexual utilizado por Cauldwell. Será um personagem relevante na gama do saber específico para a produção do dispositivo da transexualidade. Com influências de sua obra, a condição transexual passa a ser

reconhecida e submetida a tratamento médico, passando a ser admitida nas nosografias psiquiátricas, de acordo com Castel (2001).

Para Harry Benjamim, a gênese da transexualidade se associa a uma ordem biológica, e o dilema em que vivem as pessoas transexuais só pode ser minimizado mediante a cirurgia de transgenitalização. Segundo Bento (2008), o endocrinologista Benjamim forneceu as bases para o diagnóstico do “verdadeiro transexual”. Diagnóstico que só poderá ser realizado pelo saber médico-psiquiátrico e pelo refinado nascente dispositivo da transexualidade.

Benjamim, como mostra Bento (2006), ao propor a cirurgia como única alternativa terapêutica possível para o *tratamento* dos/das transexuais, empreenderá uma forte oposição aos profissionais da saúde mental, particularmente aos psicanalistas, uma vez que esses eram radicalmente contrários às intervenções corporais como alternativas terapêuticas, pois as consideravam como mutilações.

A primeira intervenção de redesignação sexual é datada de 1921, conforme afirma Castel (2001). O cirurgião Felix Abraham, aluno de *Eugen Steinach*, opera clandestinamente *Rudolf*, o primeiro transexual redefinido.

O procedimento cirúrgico de redesignação sexual, nomeadamente, a vaginoplastia, é um procedimento de domínio médico desde a segunda metade do século XIX, conforme destaca Castel (2001). Já a faloplastia, tem o início de seu aperfeiçoamento com o médico *Harold Gillies*, considerado:

... um dos pais da cirurgia plástica, virtuoso de sua profissão, que a havia experimentado em 1917 em soldados mutilados. Gillies, ao qual se dirigiram após 1919 os intersexuais, e que redigiu um manual de cirurgia urogenital sobre esses pacientes, opera também alguns transexuais¹. Ele parece ter praticado a primeira faloplastia em Laura Dillon, que se tornou Michael, primeira militante do “direito moral” à mudança de sexo. Ele os considera todos, como Abraham, e mesmo Daniel Stürup (que fará parte da equipe encarregada de Goerge Jorgensen em 1952) como homossexuais e transvestistas (CASTEL, 2001, p. 85).

Embora exista a neofaloplastia desde 1917, no Brasil apenas em 2010 o Conselho Federal de Medicina regulamentou o processo transexualizador para transexuais masculinos, o qual consiste na remoção do útero, ovário e das mamas. No entanto, a neofaloplastia, ou seja, a construção do pênis segue ainda em caráter experimental, conforme atesta Camila de Jesus Mello Gonçalves:

A técnica cirúrgica encontra limites em si mesma, persistindo dificuldades para a obtenção de bom resultado tanto no aspecto estético quanto no funcional, das neofaloplastias, mesmo nos casos com boa indicação de transformação do fenótipo feminino para o masculino (décimo primeiro *Considerando* da Resolução CFM 1.955/10). Em razão do estado da técnica, neste caso, a autorização para a realização da cirurgia ainda é dada somente a título experimental (Resolução CFM 1.995/10, art. 2º). (GONÇALVES, 2014, p. 176).

É interessante observar como em uma época histórica de grandes avanços na área das tecnociências, biotecnologias, tecnologias da informação atreladas à medicina, robótica, e as constantes invenções de máquinas, terapias gênica e celular, implantes cerebrais, entre outras inúmeras técnicas de grandiosa sofisticação e eficácia médica, coexiste um lento avanço na intervenção cirúrgica da vaginoplastia e, especialmente da faloplastia. Entretanto, tal lentidão contrastada com os avanços da medicina nos primeiros anos do século XXI, não ocorre por simples acaso, antes, existe uma intencionalidade política de manutenção e estabilização das categorias heteronormativas de sexo e gênero, como bem delinea Beatriz Preciado.

A sofisticação da maior parte dos ramos da medicina terapêutica e da cibernética (xenotransplantes, próteses cibernéticas visuais e auditivas etc.) contrasta com o subdesenvolvimento das tecnologias que permitem modificar os órgãos (faloplastia, vaginoplastia...) e as práticas sexuais (tomemos, por exemplo, a escassa evolução do preservativo nos últimos dois mil anos). A meta das atuais biotecnologias é a estabilização das categorias heteronormativas de sexo e de gênero (que vai da erradicação das anormalidades sexuais, consideradas como monstruosidades no nascimento ou antes do nascimento, às operações no caso de pessoas transexuais) (PRECIADO, 2014, p. 40-41).

Pioneiro nas intervenções cirúrgicas para a mudança ou definição de um único sexo, junto ao nome de Harry Benjamim, é o nome John Money, que irá se dedicar aos estudos da intersexualidade e as diferenças do masculino/feminino. De acordo com Bento (2006), o psicólogo e professor de psicopediatria, John Money, nascido na Nova Zelândia, vai para os Estados Unidos para estudar casos de crianças intersexuais, na primeira clínica especializada em identidade de gênero, no hospital universitário de John Hopkins, na cidade de Baltimore. Nesse local, elabora e utiliza pela primeira vez, em 1955, suas primeiras teses sobre o conceito de gênero, apoiado na teoria dos papéis sociais do sociólogo *Talcott Parsons*, remetendo assim às diferenças sexuais ao aprendizado sociocultural dos papéis de masculinidade e feminilidade.

Assim, “A conclusão à qual chegava Money em 1995 não podia ser, aparentemente, mais revolucionária: o gênero e a identidade sexual são modificáveis até a idade de 18 meses” (PRECIADO, 2014, p.132). Entretanto, sem abandonar o crivo biológico, responsável por coroar a supremacia da genitália como aquela que permitirá atribuir o sexo correspondente do sujeito, ou seja, se masculino, feminino ou intersexual. Se intersexuais, os bebês deverão se submeter às cirurgias corretivas para escolha do sexo mais adequado, dependendo da preponderância de cada genitália e seu melhor encaixe às normas do sistema heterocentrado.

Leite Júnior (2008), em análise dos conceitos de Butler, delineia que a filósofa considera a tese de Money revolucionária ao afirmar que o comportamento de gênero não é inato ao funcionamento de gênero. Entretanto, Butler ainda considera que o psicólogo Money “... procurava manter a tradicional *inteligibilidade de gênero*, ou seja, que as pessoas com pênis deveriam ser ‘masculinas’ e sentir atração afetivo-sexual por mulheres e vice-versa” (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 143). Assim, o saber médico e as intervenções cirúrgicas realizadas com crianças com algum nível de intersexualidade “... visavam então manter a lógica heteronormativa: ‘construir’ vaginas para meninas que deveriam ter uma vida sexual com meninos e ‘pênis’ para garotos que seriam educados a desejar garotas” (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 143).

Por sua vez Preciado (2014), em uma análise detalhada, destaca a importância e autoridade de Money nos anos cinquenta, para a atribuição sexual do recém-nascido e de reconstrução sexual. De forma sarcástica, afirma que indubitavelmente podemos considerar que “Money *makes sex*” (PRECIADO, 2014, p.133), ou seja, era de fato um fabricante de sexos ao ter em suas mãos um saber-poder capaz de produzir um sexo tido como o mais apropriado em cada circunstância, ou, em cada genitália indefinida. A eficácia de seu modelo resulta “... da combinação estratégica de duas linguagens, de duas epistemologias que serão utilizadas para descrever o corpo: a análise cromossômica e o juízo estético” (PRECIADO, 2014, p.133).

No modelo de Money, os corpos intersexuais, assim considerados por um critério de exploração visual, serão submetidos a um longo processo de operações genitais que transcorreram até a pré-adolescência. É minuciosa e bastante intencionada a lista de definições para a atribuição de sexo. O tratamento observará de início a combinação cromossômica, e outras linguagens específicas para a atribuição sexual, como:

“Clitopênis, micropênis, microfalo, pênis-clitóris”, segundo mostra Preciado (2014, p. 134).

Em sua análise, a filósofa busca argumentar como todo o processo de atribuição sexual se dá nos parâmetros de respaldo do sistema sexo/gênero heterocentrado. Ou seja, o recém-nascido considerado geneticamente feminino (XX) deverá suprimir qualquer vestígio de um pênis, ainda que lhe custe a mutilação do clitóris, e mais tarde se fará a construção do canal vaginal. Nesse caso, é inegável que a preocupação central é que essa vagina seja capaz de receber um pênis no coito heterossexual, sem ao menos considerar que futuramente essas meninas intersexuais pudessem ser “sapas”, segundo observa Preciado (2014).

Em relação à atribuição sexual masculina, quando a criança é XY, a preocupação é com o “tecido fálco”, a possibilidade de aumento do “microfalo” ou do “micropênis”, com os critérios de “longitude”, de “tamanho” e de “aparência normal” dos genitais, ou, como bem salienta Preciado, a preocupação é com o resultado da “política do centímetro” (2014, p.140). Semelhante à atribuição feminina, a inquietação é que o indivíduo possa ser capaz de ter relações heterossexuais genitais.

Caso houvesse para Money e seus colaboradores, qualquer incerteza em relação ao tamanho e desenvoltura futura do pênis que pudessem gerar conflitos em relação à identidade, seria preferível realizar o procedimento de vaginoplastia. O que acarretava o fato de frequentemente a maior parte dos bebês intersexuais XX ou XY serem atribuídos ao gênero feminino. O que nos faz concordar que “Para Money, então ‘o masculino’ não está definido por um critério genético (possuir um cromossomo y e um x) ou pela produção de esperma, mas por um critério estético, o fato de ter uma protuberância pélvica ‘do tamanho apropriado’” (PRECIADO, 2014, p.140).

As postulações de Money embora tragam algum vislumbre para a inovação em relação ao aprendizado social dos gêneros, recua em defesa da sociedade heterocentrada quando visa à extinção da ambiguidade dos sexos por meio das intervenções cirúrgicas de adequação do sexo/gênero. Ou antes, teme as consequências políticas e sociais de uma identidade de gênero ambígua e fluida, como também observou Preciado em relação às teses de Money:

Se Money afirma que a identidade sexo/gênero é modificável até aproximadamente os 18 meses (embora os tratamentos hormonais e cirúrgicos prossigam inclusive depois da puberdade) não é porque não existe a possibilidade de mudança depois dessa idade (como as operações de mudança

de sexo e de reatribuição nas pessoas transexuais suficientemente provam), mas sim porque o discurso médico não pode lidar com as consequências políticas e sociais da ambiguidade ou da fluidez sexual para além da tenra infância. Por isso, segundo Money, o sexo deve ser atribuído o mais rápido possível, o que com frequência quer dizer imediatamente, à primeira vista. E isso, de maneira decisiva e irreversível (PRECIADO, 2014, p. 142).

Após percorrermos por algumas leituras e contribuições teóricas a respeito do modelo de Money referente às designações de gênero para bebês intersexuais, gostaríamos de destacar sua influência na elaboração do dispositivo da transexualidade, pois, a transexualidade passa a ser considerada como disforia de gênero.

O termo disforia de gênero foi cunhado por John Money e Norman Fisk em 1973, após o primeiro congresso da Harry Benjamin Association, realizado em Londres em 1969, o qual modificou seu nome em 1977 para *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HIBGDA)*, e consolidou-se como referência para o tratamento de pessoas transexuais.

A designação disforia de gênero traz em seu bojo duas vertentes de produção do saber a respeito da transexualidade. São elas: "... o desenvolvimento de teorias sobre o funcionamento endocrinológico do corpo e as teorias que destacaram o papel da educação na formação da identidade de gênero" (BENTO, 2006, p. 42). Tais concepções serão centrais para a constituição do dispositivo da transexualidade e de seus desdobramentos, como a forte ênfase dada a seu tratamento, já que a vertente biológica e médico-psiquiátrica obtiveram maior refinamento ao operar as disputas de saber-poder. Sendo causal a noção de que a disforia de gênero nada mais era que distúrbio, ou transtorno de gênero, portanto, anomalia.

De acordo com Castel, a transexualidade "... figura hoje no manual-diagnóstico publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (DSM 4), não sob o título de 'transexualismo', mas como 'distúrbio de identidade de gênero'" (CASTEL, 2001, p. 77-78).

Tal acontecimento apresenta consequências importantes ainda na atualidade. Por um lado se constitui como uma defesa em relação às pessoas transexuais, e seu grande anseio de correção de um corpo inadequado às aspirações do gênero identificado. Por outro, constitui uma armadilha ao reafirmar um modelo dicotômico e patológico de gênero, em um sistema heterocentrado.

Embora afirmar que uma pessoa é ou não transexual incida em uma impossibilidade objetiva, não se caracterizou como impedimento para que a refinada

maquinaria das ciências médicas e das ciências psi¹⁰ sofisticassem procedimentos para realizar tal determinação. Para Berenice Bento “O que assusta é perceber que tão pouco saber, dito científico, gerou tanto poder” (BENTO, 2008, p. 119).

As pessoas que desejam se submeter ao processo transexualizador deverão aceitar, sem quase nenhuma possibilidade de questionamento, às exigências dos centros médicos responsáveis, e o rol de procedimentos exigidos para a redesignação sexual. “Os protocolos irão concretizar essas obrigadoriedades quanto ao tempo de terapia, à terapia hormonal, ao teste de vida real, aos testes de personalidade, além dos exames de rotina” (BENTO, 2006, p. 48). Somente depois de passar pelo menos dois anos por esse humilhante, exaustivo, e porque não desumano processo, o/a transexual, se conseguir cumprir todas as etapas e exigências instituídas, estará apto/a ao processo transexualizador e à cirurgia de transgenitalização.

Existe uma normatização oficial/internacional/universal que regulamenta por meio de documentos a orientação do diagnóstico e tratamento da transexualidade. “A HBIGDA publica regularmente as *Normas de Tratamento* (State of Care ou SOC) que orientam profissionais que trabalham com transexualidade em todo o mundo. Atualmente o SOC está em sua 6ª versão” (BENTO, 2008, p. 97).

Outros dois documentos são reconhecidos internacionalmente no tratamento da transexualidade, o Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais (DSM- 4) da Associação Psiquiátrica Americana (APA), e o Código Internacional de Doenças (10ª Versão), ou CID-10.

Bento (2008) esclarece que esses documentos foram construídos a partir da perspectiva da transexualidade como doença, sendo assim, como doentes, as pessoas apresentam características comuns e universais, independente de diferenças culturais, econômicas ou sociais. Entretanto, existem algumas particularidades em cada documento, tais como:

Para o SOC, ‘o transexual de verdade’ tem como única alternativa para resolver seus ‘transtornos’ ou ‘disforias’, as cirurgias de transgenitalização. Já no DSM-IV, a questão da cirurgia é apenas tangenciada, visto que sua preocupação principal está em apontar as manifestações do ‘transtorno’ na infância, adolescência e fase adulta. O CID-10 é o documento mais objetivo: apresenta as características gerais e o código que deve estar presente em todos os diagnósticos referentes ‘ao transexualismo’ (BENTO, 2008, p. 99).

¹⁰ Termo designado para nomear as ciências: psicologia, psiquiatria, psicanálise.

A/o transexual só será assim diagnosticada/o, como uma/um transexual verdadeira/o, primeiramente se aceitar ser nomeada/o como doente, possuidora/o de um transtorno de gênero e, posteriormente, se lutar para obter um laudo que comprove ser um/uma transexual verdadeiro/a. O qual na sua impossibilidade objetiva de se realizar, ou seja, de atestar a veracidade da transexualidade, se fará a partir de um referencial normativo passível de nomear e designar o que seja homem e mulher, segundo as normas dicotômicas de gêneros. A respeito dessa inexistência objetiva da nomeação da transexualidade, Bento afirma que:

Diante da transexualidade, a suposta objetividade dos exames clínicos não faz nenhuma diferença. Nessa experiência o saber médico não pode justificar os ‘transtornos’ por nenhuma disfunção biológica, como aparentemente se argumenta com o caso dos intersexos que devem se submeter às cirurgias para retirar-lhes a ambiguidade estética dos genitais, conformando-os com os corpos-sexuados hegemônicos (BENTO, 2008, p. 118).

Portanto, o transexual não deixa de recair, para além da perspectiva patologizante de possuir um transtorno mental, no essencialismo da heterossexualidade, que postula: ou se possui pênis ou vagina, ou se é homem ou mulher, ou se é feminino ou masculino. As indefinições e ambiguidades são temidas e devem ser corrigidas para a adequação mais precisa, seguindo o mesmo modelo defendido e postulado pelo psicólogo John Money.

Em outras palavras, o diagnóstico que define se o sujeito é ou não transexual se fará em decorrência do entendimento do que seja homem e do que seja mulher. Entretanto, como já discorremos, falar em uma mulher e homens originais, verdadeiros, também não é uma tarefa possível, ainda que na modernidade tardia algumas postulações tenham sido realizadas nessa direção.

A esse respeito Katz afirma que na América, “No início do século XIX, foram definidos ideais particulares de masculinidade e feminilidade, o que criou um culto do homem e da mulher de verdade” (KATZ, 1996, p. 55). Tais ideais pautavam-se pela defesa do amor verdadeiro entre um homem e uma mulher e de suas aspirações como classe média, em especial com a reprodução. Assim, “O verdadeiro amor era um sistema hierárquico dominado por um sentimento espiritual suficientemente forte para justificar o casamento, a reprodução e a sensualidade, que de outra forma era pecaminosa” (KATZ, 1996, p. 56). O corpo estava a serviço do amor verdadeiro e os órgãos (vagina e pênis) eram apenas ferramentas para a procriação, e não instrumentos de prazer. Para Katz:

Naquele tempo, considerava-se que o corpo humano constituía diretamente o homem e a mulher de verdade, e os seus sentimentos. Não era feita qualquer distinção entre o sexo propiciado biologicamente e a masculinidade e feminilidade construídas socialmente. Sob o domínio do verdadeiro amor, o corpo humano era considerado o meio de expressão. De acordo com a norma de reprodução do início do século XIX (como na Nova Inglaterra primitiva), o pênis e a vagina eram meios de procriação – órgãos reprodutores – não partes prazerosas. Somente depois do casamento podiam unir-se no amor. (idem).

O que estava em jogo era a garantia do amor indissolúvel entre um homem e uma mulher e sua capacidade reprodutiva para perpetuação da família de classe média, especialmente para se distinguir da classe alta, considerada promíscua, e da classe baixa, tida como vulgar e animalesca. Essa necessidade de se diferenciar como classe e fixar seus valores permite perceber que “A criação da classe média e a invenção da heterossexualidade caminharam de mãos dadas” (ibid., p. 52).

A capacidade reprodutiva era o instrumento de medida para saber se um homem e uma mulher eram homem e mulher de verdade, pois “O local onde o amor era consumado – de procriação – era o santuário do verdadeiro amor do século XIX, o lar do homem e da mulher de verdade” (ibid., p. 56). No entanto, é preciso salientar que não há nesse momento uma distinção entre amor romântico/apaixonado e a sensualidade, ou seu caráter imoral enquanto desejo sexual. Assim como ainda não temos a invenção da heterossexualidade, e tampouco a invenção da homossexualidade, que é criada primeiramente como modelo daquilo que é o ruim, abjeto e monstruoso, para então se criar o que o bom, normal e aceitável, ou seja, a heterossexualidade. Mas, já temos a centralidade e importância dada à vagina e ao pênis como ferramentas centrais na união/coito de um homem e uma mulher. Era potencialmente o ato sexual que “... distinguia a mulher de verdade, virtuosa, da desonrada. A abstenção do ato sexual era o teste final do valor do homem de verdade, de seu status de cavalheiro cristão e bem-educado” (KATZ, 1996, p. 58).

Essa importância dada ao ato sexual com a obrigatoriedade da presença de uma vagina e de um pênis será fundamental para a emergência das categorias homossexualidade e heterossexualidade, uma vez que:

O heterossexual e o homossexual não surgiram do nada em 1892. Aquelas duas categorias eróticas de sexo diferenciado estavam em formação desde 1860. Na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Itália e na América do final do século XIX, nossa ideia moderna e historicamente específica do heterossexual começou a ser construída; a experiência de uma devida luxúria de sexo diferente da classe média começou a ser publicamente nomeada e documentada (KATZ, 1996, p. 62).

Falar em uma mulher e homem de verdade ainda não quer dizer falar em heterossexualidade, mas certamente constrói suas bases, e contribui para forjar sua invenção. Assim como contribui igualmente para criar a fantasia da existência de um homem e de uma mulher originais, autênticos/as, verdadeiros/as, universais, e, portanto, modelo para todas as culturas e épocas históricas, independentemente de suas particularidades.

Katz, ao realizar uma genealogia da invenção da heterossexualidade, objetiva justamente desconstruir o postulado de sua normalização como prática legítima e superior, por reunir em um mesmo espaço a capacidade reprodutiva e o deleite erótico. Assim, sugere que a heterossexualidade “... não é análoga ao ato sexual reprodutivo do sexo; não é o mesmo que as diferenças sexuais; não é igual ao erotismo de mulheres e homens” (KATZ, 1996, p. 25). Antes, assevera que a heterossexualidade não é universal, pois se trata de um arranjo histórico particular dos sexos e de seus prazeres. Ou, em outras palavras, “Mesmo porque a heterossexualidade é uma tecnologia social e não uma origem natural fundadora” (PRECIADO, 2014, p. 30).

Katz argumenta que no início da invenção da categoria heterossexual o sujeito heterossexual não era identificado e conhecido pela prática do sexo hoje considerado normal. Era sim, visto como pervertido, devido seu apetite sexual aflorado, não inclinado para a exclusividade da procriação. Pessoas heterossexuais eram condenadas quando se desviam de suas obrigações reprodutivas. De tal modo “Sob a influência do velho padrão reprodutivo, o novo termo heterossexual a princípio nem sempre significou o normal e bom” (KATZ, 1996, p. 31).

Ironicamente, a heterossexualidade que nasce pela contestação do ato reprodutivo, mais tarde se reportará à própria naturalização da reprodução para rechaçar outras configurações sexuais, como as homossexualidades, lesbianidades, transexualidades. Decorre supor que “... a heterossexualidade se situa na esfera de natureza, biologia, hormônios e genes – uma questão de fato fisiológico, uma verdade da carne. Apenas secretamente ela é um valor e uma norma, uma questão de moralidade e gosto, de política e poder” (KATZ, 1996, p. 51).

A heterossexualidade passa a se firmar como fato consolidado no final do século XIX, assim como ser homem e mulher tornou-se sinônimo e atestado da prática heterossexual, por meio do encontro harmonioso de seus corpos. Os gêneros e práticas

sexuais que ameaçavam essa normalidade heterossexual passam a ser tidos como monstruosos e indesejáveis, devendo ser tratados, convertidos e curados, buscando eliminar qualquer barreira para a identificação do homem e mulher verdadeiros, carimbos da heterossexualidade.

A respeito da indissociabilidade entre homossexualidade e heterossexualidade Miguel Vale de Almeida, considera que:

O que distingue a emergência do 'homossexual' na segunda metade do século XIX é o facto de que então se tomou inseparável e literalmente incompreensível sem o seu gêmeo 'normal', 'o heterossexual'. Assim, a heterossexualidade é também uma construção cujo significado depende de modelos culturais cambiáveis. Ora, nos finais do século XX, tanto a hetero quanto a homossexualidade foram naturalizadas (ALMEIDA, 2004, p. 93).

Se “Isso deu início a uma tradição de um século na qual o anormal e homossexual foram apresentados como um enigma e o normal e heterossexual presumidos” (ibid., p. 66), é fácil perceber quais as linhas e conexões que antecedem a inauguração da transexualidade enquanto categoria também inventada.

Dessa vez, a invenção tem por objetivo central a manutenção da heterossexualidade, como podemos ver mediante as teses de Money e de suas intervenções cirúrgicas que visam à fabricação de corpos adequados para o ato sexual heteronormativo.

Compreendemos que realizar uma problematização da transexualidade, assim como das transmasculinidades, implica uma tarefa substancial de desconstrução das noções e verdades arquitetadas em torno da sociedade heterocentrada e de suas normas produzidas a partir do ideal heterossexual.

Embora não queiramos recair em mais dicotomias, ou seja, heterossexualidade/transexualidade, não podemos deixar de evidenciar o fato de que toda a estranheza em relação ao que é considerado diferença se funda a partir de um lógica decorrente de uma identidade tida como padrão e, portanto, desejada. E da depreciação daquelas pessoas que são consideradas como estranhas e anormais.

Com isso, também não queremos nos colocar em oposição à heterossexualidade, a qual se inclui entre uma das formas de se vivenciar uma política sexual e práticas sexuais. O que buscamos é uma equivalência para expressões de sexualidades distintas da heterossexual.

O que pretendemos é questionar, analisar as práticas e discursos que operam para manutenção e produção do sistema heterocentrado. Desestabilizar as naturalizações e essencialismo atribuídos aos corpos e aos papéis de gênero, ou seja, a forma como socialmente cada pessoa desempenha seu gênero. Denunciar as violências desempenhadas pelas dicotomias de gênero. Assim como a imposição e centralidade do pênis nas práticas sexuais, e a depreciação da totalidade dos corpos em alusão aos órgãos genitais como única garantia de satisfação orgástica nas práticas sexuais. Buscamos defender o uso de linguagens e vivências para práticas sexuais plurais, as quais possam circular, transitar por diferentes espaços sociais, institucionais e culturais.

A filosofia de Beatriz Preciado nos inspira a pensar para além das dicotomias, e a desejar movimentos contínuos de contestação e subversão, assim como a utilizar as tecnologias a favor das resistências, e para o esboço de rotas de fugas capazes de produzir territórios potencializados para o exercício de vivências sexuais estrangeiras, inomináveis e plurais. Mediante sua proposta contrassexual, a defesa é por uma “... contraproduktividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. [...] tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como formas de contradisciplina sexual” (PRECIADO, 2014, p. 22).

A transmasculinidade, tema sobre o qual nos debruçaremos na sequência de nossa discussão, tem-se constituído nos últimos dez anos como um rico espaço da contradisciplina sexual, o que não significa calma, antes, a necessidade de enfrentamentos constantes e desvio da produção disciplinar da sexualidade.

1.2. A TRANSMASCULINIDADE: UMA CATEGORIA MENOR?

*Não há tão grande, nem revolucionário, quanto o menor.
(DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 52)*

A transexualidade masculina é ainda um tema pouco abordado nas pesquisas acadêmicas brasileiras e de pouca evidência dentro do próprio movimento LGBTTT¹¹. Pode-se dizer que existe certa invisibilidade em relação a essa categoria, em especial

¹¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

quando comparada à transexualidade feminina, o que também compreendem Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi:

São praticamente inexistentes no Brasil, estudos sobre transmasculinidade e que os transexuais masculinos, parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas, tendo em vista a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas como os de Marcos Benedetti (2005), Don Kulick (1996, 1997, 1998), Roger Lancaster (1998) e Fernanda de Albuquerque e Maurizio Janelli (1995), e transexualidade feminina, como o estudo de Berenice Bento (2006) em comparação com a quase inexistência de similares sobre transexualidade masculina (ÁVILA & GROSSI, 2010, p. 1).

Dentro desse contexto da escassez dos estudos da transexualidade masculina parece ser indispensável traçar linhas de análises que contemplem essa categoria a partir de um lugar que prestigie o empoderamento¹² dos homens trans.

Em relação às nomeações para os transexuais masculinos ressaltamos a inexistência de consenso entre as/os pesquisadoras/es, a comunidade LGBTTT e entre os próprios homens transexuais e seus movimentos sociais. Na literatura encontramos as possíveis nomenclaturas: transexuais masculinos, homens transexuais, homens trans, trans homens, *Female to Male/FtM*, ou, de mulher para homem, *transman*.

Todos esses termos nomeiam os homens que foram assignados ao nascer com o sexo biológico feminino, no entanto, sentem-se e percebem-se como homens, assim, reivindicam o reconhecimento social e legal como homem.

Internacionalmente propagou-se o uso da sigla em inglês *FtM*, *female to male*, para se referir as pessoas que nasceram com a genitália feminina, mas se autoidentificam com o gênero masculino, a sigla *MtF*, *male to female*, é o oposto, ou seja, as pessoas que nasceram com a genitália masculina, mas se autoidentificam com o gênero feminino.

No entanto, outro viés, antes de considerar o gênero como fator para atribuição de nomenclaturas, considera o sexo. Assim, por exemplo, Amanda V. Luna de Athayde (2001), em seu artigo *Transexualismo Masculino*, atribui aos homens, nascidos com o sexo masculino e que reivindicam o reconhecimento e o processo transexualizador para mulher, a nomeação de transexuais masculinos. Percebemos essa imputação no seguinte excerto:

Focalizaremos aqui apenas os transexuais masculinos. Nestes casos lançaremos mãos de um anti-androgênio, que irá diminuir as características

¹² A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. (HOROCHOVSKI, MEIRELLES, 2007, p. 486).

masculinas. Mais frequentemente, entretanto, os pacientes chegam a um centro especializado para tratamento já em uso de auto-medicação. Outro hormônio a ser utilizado é o estrogênio (ATHAYDE, 2001, p. 412).

Partilham também dessa noção, as psicólogas Maria Jaqueline Coelho Pinto e Maria Alves de Toledo Bruns. No livro *Vivência Transexual: o corpo desvela seu drama*, percebemos o corroborar dessa nomeação nos seguintes excertos: “No que se refere ao transexual masculino, a cirurgia visa à remoção dos testículos e à formação da neovagina funcional” (PINTO; DE TOLEDO BRUNS, 2003, p. 52), e “No transexual feminino, são realizadas mastectomia bilateral, que consiste na redução significativa dos seios [...], colocação de próteses testiculares de silicone e faloplastia, (construção plástica do pênis)” (ibid., p. 60).

Esse viés postula-se pelos padrões e normatizações que atribuem causalidade entre sexo/gênero, assim, as designações dadas ao sujeito partem dessa lógica, a qual estabelece que a verdade do sujeito está incidida no sexo.

De acordo com Bento, nessa “mesma lógica da patologização, o saber oficial nomeia as pessoas que passam pelo processo transexualizador de mulher para homem, de ‘transexuais femininos’, e de homem para mulher, de ‘transexuais masculinos’” (BENTO, 2006, p. 44). Desse local de poder atribuidor e nomeador de uma nova identidade de gênero, os/as normalizadores/as do sexo/gênero sustentam seus posicionamentos tendo como referência e defesa absoluta a centralidade heteronormativa.

De tal modo, ainda que tenham cumprido todos os processos destinados “... a construção de signos corporais socialmente reconhecidos como pertencentes ao gênero de identificação, os/as transexuais não conseguiram descolar-se do destino biológico, uma vez que o gênero que significará ‘transexual’ será o de nascimento.” (BENTO, 2006, p. 44).

A linguagem utiliza todo o seu poder de designação para alcançar e produzir a verdade que nesse caso lhe parece mais apropriada. Entretanto, sabemos que a linguagem não apenas nomeia, ela é discurso, e enquanto discurso transita entre o “desejo e o poder”, entre sua “vontade de verdade”, como bem lembra Foucault (2010b). O filósofo considera que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2010b, p. 10). Sobre as armadilhas da linguagem, Nilson Fernandes Dinis nos lembra de que:

... este é um eterno embate de resistência aos limites da linguagem, pois aprendemos, com Roland Barthes (1989), que infelizmente a função da linguagem não é comunicar, mas nos sujeitar, nos obrigar a dizer. Nesse sentido, a linguagem seria fascista, pois mais do que nos impedir de falar, nos obriga a dizer utilizando suas formas convencionalizadas (DINIS, 2011, p. 40).

Nesse afã, fascista, de produzir uma verdade, o absurdo a se observar é que a pessoa mesmo na reivindicação de se livrar de um gênero contestado, do qual se esforça para construir uma imagem contrária, se vê obrigada durante todo o processo transexualizador a ser qualificada em sentido oposto ao de seu desejo. Assim sendo, “A nomenclatura oficial retorna à essencialização que a própria experiência transexual nega e recorda todo tempo que ele/ela nunca será um homem/uma mulher de ‘verdade’”. (BENTO, 2006, p. 44).

Em sentido oposto ao discurso oficial, a pesquisadora Bento expõe que suas escolhas para nomear os/as transexuais, parte das subjetividades das pessoas trans e de suas narrativas, mais que se preocupar com a possibilidade de intervenção cirúrgica, preocupa com o desejo que as move. Assim, esclarece: “Utilizarei ‘transexuais femininas’ ou ‘mulheres transexuais’ para me referir aos sujeitos que se definem e se sentem como mulheres, e ‘transexuais masculinos’ ou ‘homens transexuais’ para os que se definem e se sentem como pertencentes ao gênero masculino” (BENTO, 2006, p. 44).

De forma semelhante, Simone Ávila, ao referir-se à transmasculinidade, não toma o sexo como critério para sua nomeação, mas sim o gênero, e utiliza o termo transhomem para se referir “aos sujeitos que foram identificados no nascimento como pertencentes ao ‘sexo’ feminino...” (ÁVILA, 2014, p. 34). Explica que, entre outras considerações, sua escolha se deu, pois:

... ‘transhomem’ se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se ‘qualifica’, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos ‘masculino’ ou ‘feminino’ após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ao usar ‘transexual’ após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual), estamos qualificando o sujeito (idem).

Além de compreender que transhomem é um substantivo, fugindo assim da adjetivação, Simone Ávila também compreende que sua escolha se afasta dos “binarismos já conhecidos, como por exemplo, homem/mulher, masculino/feminino...” (ÁVILA, 2014, p. 34), e se aproxima de uma vertente “polisssexual” (idem). Utiliza ainda, outra categoria de grande repercussão em relação aos estudos das transmasculinidades, que é a categoria ‘Transexperiência. Pontua que sua opção se justifica no sentido de partir “da

categoria ‘experiência transexual’ que aparece frequentemente em estudos publicados no Brasil sobre o tema, em uma perspectiva teórica diferente da psiquiatria...” (ÁVILA, 2014, p. 34-35).

Destacamos a produção na área do direito da pesquisa *Transexualismo e direitos humanos: o reconhecimento da identidade de gênero entre os direitos da personalidade* de Camila de Jesus Mello Gonçalves. A autora corrobora a perspectiva da necessidade de se ressaltar a demanda de gênero das pessoas transexuais em detrimento do crivo biológico. Esclarece que “Assim, será considerada ‘mulher transexual’ o indivíduo que nasce com a anatomia masculina e se identifica com o gênero feminino, e como ‘homem transexual’ a pessoa que nasce com anatomia feminina, identificando-se com o sexo masculino” (GONÇALVES, 2014, p. 66). Ponto de vista com o qual compartilhamos.

A ausência de consensualidade em relação à nomeação da/do transexual é notável, assim, é pertinente lembrarmos da alegação de Bento (2006), quando defende a necessidade urgente de se desconstruir a patologização imputada pelo saber oficial (jurídico, médico e psi) à vivência transexual. Salienta que tal trabalho de desconstrução deve se iniciar “... pela problematização da linguagem que cria e localiza os sujeitos que vivem essa experiência” (BENTO, 2006, p. 43).

Dada à divergência aqui apresentada, e os pilares que a sustentam, ou seja, por um lado uma prerrogativa que se pauta no sexo como o atribuidor primeiro da identificação transexual; por outro, o gênero como referência central, percebemos a necessidade constante da problematização do discurso, já que esse não é neutro. Ao contrário, pois como argumenta Foucault “... – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2010b, p. 10).

Sabemos que também corremos o risco de nos apoderarmos de um discurso polido, palatável, repleto de boas intenções. Diante da controvérsia em torno da nomenclatura a se adotar para se referir aos sujeitos transexuais masculinos, optamos inicialmente em expor as diferentes utilizações e abordagens para posteriormente delinear a respeito de nossa eleição.

Como o/a leitor/a deve ter percebido, até o momento de nosso texto não fizemos uma única opção relacionada à nomenclatura a ser empregada para nos reportarmos à transexualidade masculina e aos sujeitos que vivenciam tal experiência. Partimos sim, na esteira da reflexão das pesquisadoras Simone Ávila e Berenice Bento, de uma

consideração em relação à dimensão de gênero, e não do sexo como fazem as ciências médicas e psicológicas.

Ponderamos a respeito da problemática inserida no ato de nomear, das implicações políticas de uma atribuição identitária, que invariavelmente opera por rotulações, fabricações de sentidos, verdades, inclusões e exclusões. Indagamos quais seriam as contribuições ou barreiras que nosso ato de nomear traria ao sujeito transexual masculino, e a seu corpo coletivo enquanto movimento político-social.

A opção a ser realizada, vai além de uma mera escolha de nome, ou categoria, trata-se de uma tarefa de delicadeza e particularidade ética, especialmente por não viver essa experiência na própria pele, portanto, estarei nomeando o outro. Operarei um processo de diferenciação, já que de fato não me incluo dentro da categoria transexual. Sou a não transexual! Pois, de acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2014), quando a linguagem é utilizada para atribuir uma identidade, ao mesmo tempo, aponta a diferença, já que identidade e diferença são interdependentes, inseparáveis, marcadas por relações amplas de poder, e nunca são inocentes. Em outras palavras:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer 'o que somos' significa também dizer 'o que não somos'. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre 'nós' e 'eles'. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. 'Nos' e 'eles' não são, simples distinções gramaticais. Os pronomes 'nós' e 'eles' não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeitos fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2014, p. 82).

O que torna necessário questionar como me sentiria na mesma condição, assim como ponderar sobre qual nomeação seria mais estratégica no sentido de trazer ganhos à luta dos homens transexuais, e não simplesmente qual categoria seria mais favorável ao propósito da presente pesquisa.

Como já alertamos, sabemos que não escaparemos ao rol do poder, pois transitamos nessa mesma roda, e em nossas mãos também se encontra o pesado bastão do poder, que ora muito desejamos, e por vezes tememos não saber controlar seu peso, e assim causar cicatrizes naqueles a quem esperamos atuar em defesa. Igualmente, não somos inocentes, mas esperamos saber manusear o peso do poder que circula por nossas mãos.

Assim, após muitas conjecturas, optamos em não fazer uma única escolha ao nos referirmos aos sujeitos que vivem à experiência da transexualidade masculina. Sendo assim, adotamos distintas nomenclaturas, como: transexuais masculinos, homens transexuais, homens trans, transhomens, *Female to Male/FtM*, *transman*, por compreender que esse é um campo teórico de estudos relativamente novo, que começa a ganhar evidência no Brasil apenas nos últimos anos. Assim, nossa justificativa respalda-se no fato de que a utilização de uma multiplicidade de termos opera um alargamento e empoderamento dessa categoria. Vale ressaltar que também entre os homens transexuais não há uma unanimidade ao se auto referirem, ou ainda, uma única categoria utilizada para se representarem no coletivo.

Em relação aos movimentos sociais de homens transexuais no Brasil, temos o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), o qual utiliza diferentes nomeações para se referir aos transexuais masculinos, como: *FtM*, homens transexuais, transhomem, entre outras. Temos o Núcleo de Apoio a Homens Trans (NAHT) e a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), a qual, em relação à polêmica da autonegação, Simone Ávila esclarece que:

Leonardo Tenório afirmou no seu discurso que a ABHT não nega as lutas do movimento LGBT e, em especial, a luta de travestis e transexuais, a ABHT quer somar, e não dividir, e aceita todas as autoidentificações, como homens trans, transhomens, FTM, transgêneros, etc. (ÁVILA, 2014, p. 203).

Tais movimentos sociais, juntamente com o aumento de pesquisas acadêmicas direcionadas à problematização da categoria transmasculinidade, têm contribuído nos últimos dez anos para compor um novo cenário e campo de visibilidade para os transhomens e suas lutas.

Sabemos que o homem transexual enfrenta desafios frequentes por estar inserido em uma sociedade que postula um único modelo desejado de masculinidade. O qual não é fácil estar inserido quando não se é um homem esperado pelos ditames de uma sociedade machista, patriarcal, heteronormativa, misógina, sexista.

O *FtM* se constitui, nesse sentido, como um subversor, pois toma para si o papel de desconstrutor de verdades. O homem transexual é o próprio martelo¹³ que liquida com

¹³ Referência à obra de Friedrich Nietzsche *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar como o martelo* (1888). O filósofo faz uso do “jogo de palavras” para se referir ao martelamento dos ídolos. Trata-se de uma declaração de guerra aos ídolos, como a moral cristã e crítica à razão e à metafísica. Dessa maneira, lemos

a verdade da virilidade genital e do falocentrismo, e com um suposto arquétipo daquilo que seria um homem de verdade.

Considerarmos em nossa problematização a transmasculinidade como uma categoria menor, não no sentido numérico de menos, mas pertencente às relações de poder constituídas como menores, ou seja, aquelas não dominantes, não normativas. Emprestamos essa categoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari cunhada em *Kafka: por uma literatura menor*. Nessa obra os autores consideram que “uma literatura menor não é de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 35).

Em relação à análise da mesma obra, Nilson Fernandes Dinis considera que “O Menor não tem mais uma conotação valorativa pejorativa [...], menor é sempre no sentido de revolucionário” (DINIS, 1998, p. 14). Consideração a qual condescendemos e endereçamos à transmasculinidade, pois essa é menor no sentido revolucionário de seu caráter, uma vez que o homem transexual é o dissidente de uma masculinidade soberana, tida como modelo ideal para a heterossexualidade.

Talvez possamos considerar que o poder circulante nas mãos dos *FtM* é justamente esse, o de ocupar um lugar de menoridade e, desse modo, capaz de operar potencialmente um dismantelamento do regime de normalização heteronormativa que produz hegemonicamente os corpos masculinos e faz deles reféns. Sendo assim, necessário realizar “Toda uma micropolítica das fronteiras contra a macropolítica dos grandes conjuntos” (DELEUZE, 2004, p. 61). Nesse caso, temos a sociedade heterocentrada como a macropolítica que impõe condutas e verdades aos corpos considerados marginais.

Gilles Deleuze e Félix Guattari apontam ainda uma segunda característica sobre as literaturas menores, ou seja, de que tudo nelas é político. Já “A terceira característica é que tudo toma um valor coletivo” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 37). Em resumo, as três características da literatura menor são:

... a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo da enunciação. É o mesmo que dizer que ‘menor’ não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida) (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39).

os golpes de martelo como uma forma de desconstruir verdades tidas como absolutas ou crenças enraizadas (NIETZSCHE, 1974, p. 335).

Aplicamos aqui as mesmas características atribuídas à literatura menor à transmasculinidade. Assim, ao ocupar um espaço de desterritorialização, de um lugar zero, ou de um não lugar, se vê obrigada ao forjar sua própria *língua*, ou, nesse caso, suas nuances, caricaturas. Podemos dizer que a transmasculinidade constitui-se não como uma identidade de gênero ou sexualidade menor, mas como emergência e evidência de uma nova subjetividade masculina.

Enquanto categoria de menoridade, a transmasculinidade também se constitui por sua dimensão política, possível de reorganizar e engendrar novas linguagens e novos arranjos sociais. Os quais, diante de suas crescentes ramificações e alianças políticas, se tornam capazes de produzirem instrumentos e estratégias que desmontem as normatizações que buscam incansavelmente reconduzir as diferenças sexuais ao bojo da heterossexualidade.

Por fim, também podemos relacionar a transmasculinidade à terceira característica da literatura menor, ou seja, com seu valor coletivo, pois opera em conexão com a multiplicidade de homens trans, em suas mais distintas singularidades e reivindicações. Age como uma categoria desestabilizadora de verdades enraizadas e essencializadas socialmente, as quais implodem as dicotomias de gênero vinculado à lógica da causalidade biológica: feminino/masculino.

Em decorrência de seu caráter político e coletivo, possibilitam também denúncias das injustiças e abusos físicos, morais, psicológicos, afetivos a que são acometidos os homens trans, pelo saber médico, psiquiátrico, psicológico e sociológico, nos diferentes estabelecimentos de saúde responsáveis pelo processo transexualizador. E a que são submetidos cotidianamente nas mais distintas instituições sociais, e acentualmente pela própria família, a qual enquanto produto da sociedade heterocentrada vê-se na obrigação de renegar *uma filha*, quando *essa* não atende às designações impostas a seu gênero.

Os dois próximos capítulos serão dedicados a analisar a transexperiência. No segundo capítulo nos debruçaremos nos relatos literários de três homens trans, João Nery, Anderson Herzer e Jô Lessa. No terceiro capítulo analisaremos as cartas com os relatos autobiográficos de Dom.

Compreendemos que essas quatro experiências de vida nos permitirão realizar aproximações com a concepção de menoridade apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Uma vez que suas masculinidades apresentam semelhanças com as

características da literatura menor, ou seja, com a desterritorialização, o caráter político, e o agenciamento coletivo. Assim, buscaremos desenvolver análises mais próximas de uma literatura menor e mais afastada da literatura maior, a partir da compreensão de que:

Uma literatura maior ou estabelecida segue um vetor que vai do conteúdo à expressão: dado um conteúdo, em uma dada forma, achar, descobrir, ou ver a forma de expressão que lhe convém. O que se concebe bem se enuncia... Mas uma literatura menor ou revolucionária começa por enunciar, e só vê e só concebe depois... (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 57-58).

Capítulo 2- RELATOS LITERÁRIOS SOBRE TRANSMASCULINIDADES: JOÃO W. NERY, ANDERSON HERZER, JÔ LESSA.

Então, chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar algo ou alguém, como conseguir fazer falar aqueles que não têm esse direito, e devolver aos sons seu valor de luta contra o poder? Sem dúvida é isso, estar na própria língua como estrangeiro, traçar para a linguagem um espécie de linha de fuga (DELEUZE, 2004, p. 56).

Este capítulo tem por objetivo apresentar e tecer possíveis análises sobre os relatos literários/autobiográficos que versam sobre a história e experiências de vida de três transhomens brasileiros, João Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer.

Pretendemos estrategicamente, seguindo as ponderações de Deleuze, possibilitar que a linguagem de nossos interlocutores possa, como estrangeiros às designações normalizadoras dos gêneros, atuar contra o poder hegemônico do sistema sexo/gênero e constituir-se como uma espécie de linha de fuga.

Nossa escolha por essas três histórias se explica mediante alguns elos que as une. Primeiro, por compartilharem a condição da transmasculinidade, ainda que com grandes diferenças em suas caminhadas. Segundo, porque essas histórias se unem de forma intrínseca. E como veremos, entre pelo menos duas delas, há uma interferência e impacto direto entre si. Terceiro, porque percebemos aspectos comuns entre as experiências relatadas, especialmente no que tange ao universo de violência, dor, traumas. Entretanto, também pactuam o tecer de uma produção subversiva dessa condição desumana, mediante o costurar de rotas de fugas como enfrentamento e sobrevivência aos momentos limites impostos às suas condições de vida.

Iniciaremos pelo relato das experiências de João Nery, o primeiro transhomem¹⁴ brasileiro a se submeter ao processo transexualizador e a reivindicar para si o direito de viver o gênero a que se identifica, e não no corpo de nascimento que lhe impõe um gênero normativo.

Trabalhar primeiramente com a narrativa de João, não é uma escolha aleatória, antes, proposital, pois, como veremos, o acesso público e midiático de outros homens

¹⁴ Utilizaremos, predominantemente, o termo transhomem para nos reportarmos a João W. Nery, pois a exemplo da pesquisadora Simone Ávila, João Nery compreende que esse se constitui como um substantivo, fugindo assim da adjetivação e dos binarismos feminino/masculino.

trans à sua história, a exemplo de Jô Lessa, permitirá que possam se reconhecer na mesma condição e, assim, assumir uma identidade trans como forma de uma *autoidentificação de urgência*.

Cunhamos essa expressão, *autoidentificação de urgência*, após percebermos que os quatro transhomens a que fazemos referência neste trabalho, João Nery, Jô Lessa, Herzer e Dom, sentem-se, igualmente, em longo período de suas vidas, confusos em relação à automeação. Não sabem ao certo como se identificarem, mas buscam produzir em seus corpos o gênero desejado, em detrimento do gênero normativo que as relações de poder institucionais tentam lhes fixar a todo custo. Sobre essa necessidade, João afirma:

Embora pertencesse a vários outros grupos – profissional, familiar, estudantil (comecei a fazer mestrado), em nenhum desses o estigma deixava de ser manipulado. Não tinha o tranquilo escudo para me defender por meio de nenhum grupo sexual específico. Não conhecia nenhum com que pudesse me identificar. Desde cedo fui obrigado a aprender a me proteger por conta própria das pressões de todos os grupos (NERY, 2011, p. 130).

Parece um tanto óbvio, mas gostaríamos de assinalar que não apenas os transexuais masculinos, ou qualquer segmento das consideradas minorias, anseiam por uma âncora identitária. A maioria das pessoas, em algum momento de suas vidas ansiou por alguma identidade, um porto. Seja em relação à origem parental, profissional, corporal, psíquica. Gostamos de dizer quem somos e o que somos fazendo referência às possibilidades de identificação. Muitas vezes os corpos são lidos como cartões postais que exibem o eixo de conexão com as identidades, pois “Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância” (LOURO, 2013a, p. 14). Em alguns momentos chegamos ao ponto de esquecer que o cartão postal pode refletir um código errado e falho, podendo significar o oposto da informação devida. Uma vez que de fato tal evidência, precisão e estabilidade corporal são inexistentes.

Alertamos que, com a expressão *autoidentificação de urgência*, não buscamos fazer referência ao desejo de uma identidade masculina enquanto categoria fixa e estática.

Antes, percebemos que as masculinidades trans são construídas de forma maleável e contínua, pois necessitam realizar intervenções físicas constantes no processo de transição de seus corpos. O que está em evidência é o processo ininterrupto de

transformações, pois, “O que as comunidades transexuais e transgênero colocaram em evidência não é tanto a performance teatral ou de palco dos gêneros (*cross-gender*), e sim as transformações físicas, sexuais, sociais e políticas dos corpos fora de cena...” (PRECIADO, 2014, p. 94).

O que pretendemos marcar com a expressão *autoidentificação de urgência* é o desejo intenso dos homens transexuais de operarem uma mudança de sua estrutura física corporal para se aproximarem do universo masculino. Pois estão convictos que a *natureza* não os abasteceu com o corpo desejado e, sendo assim, precisarão, subversivamente, manusear “as tecnologias precisas de transincorporação” (idem). O trabalho será de produção pormenorizada, uma vez que incorporar o gênero desejado, requererá tecnologias de administração hormonais, até uma série de procedimentos, desde:

... clitóris que crescerão até se transformarem em órgãos sexuais externos, corpos que mudarão ao ritmo de doses hormonais, úteros que não procriarão, próstatas que não produzirão sêmem, vozes que mudarão de tom, barbas, bigodes e pelos que cobrirão rostos e peitos inesperados, dildos que terão orgasmos, vaginas reconstruídas que não desejarão ser penetradas por um pênis, próteses testiculares que ferverão a cem graus e que poderão. Inclusive, ser fundidas no micro-ondas...” (idem).

2.1 Relatos de João W. Nery...

João W. Nery, no ano de 2011 publica seu segundo livro, *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, no qual afirma: “Esta Viagem Solitária é uma releitura de minha própria história. Nos 27 anos que transcorreram desde a publicação de *Erro de Pessoa: João ou Joana?*, meu primeiro livro, as transidentidades saíram da clandestinidade e conquistaram um espaço de cidadania” (NERY, 2011, p. 11).

Erro de pessoa: João ou Joana?, publicado em 1984, narrava as experiências vividas por João Nery desde a infância até às cirurgias para o processo transexualizador, em um momento em que esse processo não era legalizado. Sobre seu primeiro livro ressalta:

Escrevi este livro enquanto me recuperava das cirurgias e não podia trabalhar, por não ter mais direito aos documentos civis e curriculares. Meu objetivo, antes de qualquer pretensão literária, foi o de documentar as sensações que fui tendo das vivências ambíguas no transcurso de minha vida - o de ter nascido homem, aprisionado num corpo de mulher. Sei que não sou o único, mas um dos poucos que, além de viver este dilema dual, pode ter condições não só de

expressá-lo no papel, através de total desnudamento diante dos leitores, como também de denunciar a hipocrisia e ignorância sociais diante de um problema sério, profundo, e até agora unicamente humano. Esta não é propriamente a história da minha vida, mas da minha sexualidade. Alguns fatos - que talvez façam falta - foram esquecidos; outros, omitidos por meu 'filtro' de interesse, e outros ainda modificados, para não comprometer ninguém (NERY, 1984, apud ÁVILA, 2014, p. 145-146)

Temos por meio desse excerto a informação que João Nery, em decorrência de sua transição *FtM*, perdeu o direito de utilizar seus documentos civis, conseqüentemente sua profissão como psicólogo, seu emprego como professor universitário, e o curso de mestrado que havia iniciado. No momento que faz sua transição não havia nenhuma garantia jurídica sobre a mudança de documentos civis.

A história de João se faz marcante também por essa particularidade, a qual compreendemos como uma subversão às condições que lhe eram impostas, pois no lugar de se fazer vítima de seu aprisionamento a um corpo não desejado, e dos preconceitos e violências sofridas, resolve escrever de forma corajosa outra história. Abandona as referências identitárias já conquistadas, como profissão, ascensão acadêmica, pois a identidade buscada era outra, a de produzir-se fisicamente como o homem que sempre se reconheceu.

Desde a publicação de *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* se torna uma pessoa pública ao aparecer constantemente na mídia, dando entrevistas em programas de grande repercussão. Assim como realizando palestras no âmbito acadêmico, junto ao movimento LGBTTT e, especificamente, junto a movimentos de transmaculidade. Estabelece ainda conexões com inúmeras pessoas e particularmente com homens trans, por meio de suas três páginas no *Facebook*.

Particularmente, conheci João Nery em um evento no município de São Carlos-SP, na Semana da Diversidade Sexual, no ano de 2013, quando participou como palestrante de uma mesa nomeada *Faces da sexualidade humana*. Nesse momento, tive a oportunidade de perceber a pessoa incrível que é o João, sua alegria, empatia de comunicador, e gentileza em receber e trocar conexões com as pessoas. Particpei de um bate-papo reservado após o evento, quando pude lhe falar sobre minha pesquisa de mestrado e meus planos para desenvolver minha pesquisa do doutorado, mas ainda não tinha projetado trabalhar com as transmasculinidades. Fiquei fortemente impactada por sua fala, e certamente encantada com a potência de vida que evapora por seus poros e contagia quem compartilha de sua presença. Saí com sua dedicatória no exemplar

adquirido de seu último livro, e instigada com a força de sua história, sem imaginar que daqui a dois anos estaria redigindo estas linhas.

Por intermédio das mídias, muitos transhomens ao terem acesso à sua história, veem uma espécie de exemplar de si mesmos, capaz de acolher a urgência e necessidade de desnaturalização de uma identidade atrelada ao sexo biológico. Uma desnaturalização que os livre, sobretudo, de serem identificados como lésbicas. Já que sendo lésbicas, seriam em alguma acepção vinculados ao universo feminino, o qual buscam afastar-se enquanto referência identitária normativa.

João Nery, narra de forma emocionada sua experiência e os dilemas vividos. Delineia, em minúcias, os enfrentamentos dramáticos de sua infância, desde aproximadamente os três anos, quando já se reconhecia como menino. Descreve alguns momentos de alegria quando brincava com carrinhos ou inventava histórias cheias de fantasia do imaginário de um garoto. Ao mesmo tempo, também relata que apesar das brincadeiras junto com as irmãs, se sentia uma criança só e triste, por não ser reconhecido como o menino que se afirmava, e por perceber que seu pai não lhe incentivava a seguir seus exemplos de homem.

Sabemos que convencionalmente, em uma família heterossexual, é comum, quase numa espécie de ritual, um pai ensinar repetitivamente seu filho a ser homem. Ensino que se dá, conforme aponta Donald Sabo (2002), afastando a masculinidade de tudo que se vincula à mulher e ao universo feminino. No entanto, por mais que João, em seu comportamento e interesses, demonstrasse ser um menino, a ele era negado o acesso ao gênero reivindicado.

O que nos obriga a relembrar que de natural não há nada nesse aprendizado, ou seja, não se aprende a ser homem ou mulher em decorrência de uma genitália feminina ou masculina, mas das violentas reiterações exercidas por meio das políticas de sexo/gênero.

João, afirma ter começado a sofrer constrangimentos e preconceito desde muito cedo, por exemplo, “Na pracinha, perto de casa, onde costumava brincar, era ridicularizado. No colégio, não tinha grupinhos e, em casa, não era compreendido” (NERY, 2011, p. 32).

Ainda em sua infância não compreendia o motivo das pessoas o tratarem de forma diferente e de não o reconhecerem como menino. Assim, relata que:

Não conseguia entender por que me tratavam como se fosse uma menina! Faziam questão de me ver como nunca fui. Sabiam que não gostavam disso! Por que insistiam em me entristecer, em me ridicularizar? Algo estava errado. Restava saber se com eles ou comigo. Tornei-me um ser acuado (NERY, 2011, p. 32).

Aos poucos identificava que o errado deveria ser ele, pois não se adequava às exigências familiares ou escolares para viver no universo considerado feminino. Por exemplo, a vestimenta desde a infância foi um desafio, pois rejeitava utilizar vestidos, saias, ou acessórios femininos. No entanto, sua mãe insistia que usasse tais vestes. A única forma de resistir era solicitar que, pelo menos nos vestidos feitos por costureiras, pudessem ser acrescentados muitos bolsos e gravatas, pois assim, de alguma forma, se aproximaria daquilo que é considerado masculino.

Os apontamentos nas pracinhas, as reafirmações constantes de adequação à feminilidade fizeram João se retrair, e silenciar em sua solidão as tormentas corriqueiras. A esse respeito, descreve alguns momentos marcantes; um ocorrido com um desconhecido: “Certa vez saí com mamãe. Tivemos de atravessar a pracinha. Alguém gritou: ‘ - Maria-homem! Maria-Homem! Quis morrer naquela hora” (NERY, 2011, p. 34). Outro transcorrido em sua própria casa, quando escutava: “- Tome jeito, menina, parece um homem! Isto não é maneira de se comportar! ‘Uma mocinha não faz isso, não senta assim, não fala assado, não come assim, não olha assado!’ Não! Não! Não!” (ibid., p. 35).

Para João, infelizmente, os ensinamentos não eram sobre como ser menino, e sim como ser menina. Assim, deveria se adequar aos papéis que cabia para um comportamento considerado e esperado de uma menina. Pois embora haja na contemporaneidade grandes avanços em relação a uma educação não sexista e androcêntrica, ainda prevalecem, em múltiplos contextos educacionais, formações pautadas no privilégio das expressões de gênero normativas. Ou seja, para as meninas reserva-se a liberdade “... para ser cozinheiras, cabelereiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc. e os meninos são livres para ser índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, ‘super-homens’, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva” (MORENO, 1999, p. 32).

No exercício de sua paternidade, João teve a oportunidade de educar Yuri, seu filho, em uma perspectiva contrária ao do machismo, androcentrismo e sexismo. Yuri, que em um dado momento manifestou não gostar de futebol, o indagou: “– Pai, menino

que não gosta de futebol é veado?” (NERY, 2011, p. 269). João, em sentido oposto ao que foi educado, conta sua atitude: “Falei que homem não tem de gostar de futebol, nem mulher gostar de boneca. Falei do preconceito das pessoas em relação a quem tem opção sexual diferente”. (idem). Buscou ensinar seu filho a ser um homem que não tivesse vergonha de chorar, ou medo de demonstrar ser gentil, sincero, sensível. Desse modo, adota “todos os mesmos valores que na nossa cultura são considerados femininos, sem fazer dele um ser necessariamente efeminado, fortalecendo sentimentos que dificilmente são enaltecidos nos homens” (NERY, 2011, p. 262).

Voltando à infância de João Nery, destacamos que seu corpo aos poucos também lhe causava angústia e vergonha, pois cada vez mais percebia sua diferença em relação aos outros garotos da mesma idade. Não possuir um pênis era um dilema e um sonho, “Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu ‘pinto’, para ver se aumentava. Ao acordar, a decepção! Tudo continuava na mesma. Nenhuma fada apareceu. Nenhum milagre aconteceu” (NERY, 2011, p. 33). Assim, considera que o seu corpo não representava a forma como de fato se via, sentia e reconhecia, queria de tal modo, fazer as pessoas compreenderem que seu corpo era uma mentira sobre si.

O que nos permite percebermos que mesmo em um período muito remoto de sua infância, João W. Nery já possui incorporados os códigos reguladores da sociedade heterocentrada, a qual, como bem aponta Preciado (2014), coloca o pênis em local privilegiado e central. Desse modo, para um garotinho, se ver em um corpo feminino, sem a presença do pênis, é razão para sofrimentos psicológicos e emocionais intensos. A glamorização dada a esse pedaço de carne, e sua capacidade reguladora, impõe a verdade dos gêneros. Sem ela não se pode ser homem! Ao menos quando não se tem disponíveis ferramentas capazes de operar uma desconstrução desse postulado, para compreender que de fato “A fabricação da heterossexualidade depende do sucesso da construção destes sexos gonodais, binários, diferenciados” (PRECIADO, 2014, p. 126).

Essa certeza acompanhará João durante um longo período de sua vida, apenas mais tarde, com a vivência da paternidade, e o acesso às informações sobre os estudos da transexualidade e os estudos *queer*, começa a perceber que não precisa de um pênis para ser de fato homem. Fala-nos que tomou:

... conhecimento de algumas teorias, como a *queer*, que surgiu nos anos 1980, nos Estados Unidos. Essa nova postura questiona as diferenças de gênero

baseadas no sexo biológico, heterossexual, ou mesmo nas práticas homo e transexuais. Acredita na multiplicidade de corpos sexopolíticos que se sobrepõe aos rótulos de normal e anormal. São transidentidades: homem sem pênis, *gays* lésbicos, *cross-dresser*, *grags* (*queen e quing*), *trans-gays*, etc. A orientação sexual seria uma criação da sociedade, e não algo natural, inclusive a heterossexual. Quando nos referimos ao papel do homem ou da mulher, estamos falando do “gênero” ou dos papéis de gênero, e não de sexo. Há inúmeras formas de transversalidades de gênero (NERY, 2011, p. 320-321).

Entretanto, para traçar tais rotas de desconstrução das verdades relacionadas à sexualidade e aos gêneros, as quais foram produzidas em seu meio como verdades absolutas, João teve que esboçar sua própria trajetória, de maneira corajosa, ainda que os temores muitas vezes o assombrassem a caminhar em sentido oposto.

A educação de seu filho também lhe permitirá colocar em prática todo um processo de desestabilização das vertentes normativas dos gêneros e sexo. Destacamos outra fala de Yuri, quando este mostra de forma autêntica a simplicidade com que o sistema heterocentrado pode ser desconstruído, quando o ambiente discursivo opera nesse sentido. João nos conta que “Yuri tinha uns quatro anos quando um dia ele aparece com meu pênis artificial na mão, encontrado numa gaveta do armário: - pai, não consigo tirar o meu. Como você faz?” (NERY, 2011, p. 260). A fala de Yuri é representativa do ponto de vista contrassexual, de como a tecnologia “se faz corpo” (Preciado, 2014, p. 158), pois nos mostra que os corpos poderiam, sem grande esforço, ser vistos como máquinas, tecnologias artificiais, e não como resultado de uma condição biológica naturalizante.

A resposta dada por João à indagação do filho é perspicaz, pois de maneira simples, ele relaciona a prótese pênis, com outra prótese qualquer, nesse caso, a dentária, quando diz: “O deslumbramento dele foi semelhante ao me ver tirar a prótese dentária para limpar, o que parecia uma mágica.” (NERY, 2011, p. 260).

O diálogo de João e Yuri ajuda-nos a constatar a pertinência das colocações de Beatriz Preciado, quando considera que afinal a prótese “não substitui somente um órgão ausente; é também a modificação e o desenvolvimento de um órgão vivo com a ajuda de um suplemento tecnológico [...] cada ‘órgão’ tecnológico reinventa uma ‘nova condição natural’ na qual todos nós somos incapazes” (PRECIADO, 2014, p. 164-166).

Entretanto, no período da infância o dilema ainda persistia de maneira mais acentuada, alimentava paixões secretas e fantasiosas por suas coleguinhas de sala, sentia-se atraído por cada detalhe e beleza da feminilidade. Mas, por exceção de uma paixão, as demais foram, até o fim da adolescência, unilaterais. Pois, sentia que as meninas não

aceitariam qualquer declaração vinda de um menino fora dos padrões hegemônicos de gênero.

Como podemos perceber, João demonstra uma orientação sexual heterossexual, afinal, despertava-se sentimental e sexualmente por garotas. Embora gostaríamos de apontar, desde já, que a transmaculindade não é sinônimo de orientação sexual heterossexual. Antes, uma expressão identitária de um sujeito masculino, o qual pode ter seu desejo sexual voltado para o mesmo sexo, para o sexo contrário, para ambos os sexos, ou, pode ainda ser uma pessoa assexuada, ou seja, sem interesses por relações sexuais diretas.

João experimentou, durante todo o período da infância e início da adolescência, o dilema com o corpo, o preconceito; angustiado, carregava a sensação de ser marginal, estrangeiro. Não sabia a qual identidade se identificar, pois não se reconhecia, ou se sentia como mulher, nem como homossexual. Porém, ansiava por uma identificação, com uma categoria em que pudesse se agarrar, se nomear, e sentir de alguma forma pertencente a um grupo. Afinal, “A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir” (NERY, 2011, p. 45).

A ironia apontada por Nery é problematizada por Stuart Hall (2014), pois enquanto estratégia política parece que não podemos facilmente abandonar a categoria de identidade. Em nossa análise, quando nos referimos em diversos momentos à identidade, não trabalhamos com uma perspectiva enrijecida, permanente, antes, dobrável, capaz de ser refeita, multiplicada, relacionada, intercalada, posta ao lado, ou, em conjunto com as diferenças e com as práticas discursivas que implicam a produção das identidades e das diferenças dos sujeitos. Para Stuart Hall:

Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da *identificação*, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar – volta a aparecer (HALL, 2014, p. 105).

Se “A infância era uma espécie de álibi. ‘Não tinha sexo’” (NERY, 2014, p. 46), o início da adolescência vem depor contra sua masculinidade, quando “A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira ‘monstruação’. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver” (NERY, 2014, p. 46).

Supostamente, o corpo assexuado, álibi da infância, dá lugar ao corpo delator da adolescência, aquele que gritará em tom elevado aquilo que deveria estar soterrado, ou melhor, aniquilado. Para João “... tudo, absolutamente tudo, estava fora do lugar [...] não podia se expressar por meio daquele monte de carne” (ibid., p. 47), assim, protestava: “Não sou isso! [...] Seu aleijão, só lhe resta mesmo chorar pelos cantos... [...] Quem foi o imbecil que disse que a natureza é perfeita?” (idem).

Perante seu imenso desespero, João conclui que possui apenas duas saídas: “acabar comigo ou lutar contra o impossível” (ibid., p. 48). Como não tinha desejo pela morte, resolve traçar uma rota nova, transversal. Decide apostar no impossível, o que caracteriza uma aposta na potência da vida, ou, em termos nietzschianos, uma vontade de potência¹⁵.

Para driblar as mudanças no corpo, a *monstruação*, João resolve dedicar-se ao esporte. Sua escolha nos chama a atenção, pois buscará justamente no esporte um agenciador¹⁶ de masculinidades, sua sobrevivência nesse período dramático.

A particularidade dessa escolha é proposital para João, pois subversivamente resolve produzir uma masculinidade justamente no meio em que ela é posta em cheque ou confirmada, ou seja, o meio esportivo. Resolve se dedicar, especificamente, ao salto aquático.

Afirma que embora competisse na categoria feminina, seu esforço, dedicação e seriedade fará com que adquira grande admiração. Conta-nos que apenas com poucos meses de treino já havia ultrapassado, “... em técnica e estilo, muitos saltadores [...] Foi a primeira vez que me senti importante e necessário [...] concorria no trampolim de um metro, na categoria infanto-juvenil, pelo Clube Fluminense [...] levantei o título de campeão nacional (NERY, 2011, p. 49).

Ainda que vestido de um corpo feminino, João consegue subverter as normatizações dos gêneros e adentrar no círculo competitivo das masculinidades, assim, consegue se colocar em lugar de evidência e admiração.

¹⁵ Suposto, enfim, que desse certo explicar toda a nossa vida de impulsos como a conformação e ramificação de *uma* forma fundamental da vontade - ou seja, da vontade de potência, como é *minha* proposição [...] toda força eficiente univocamente como: *vontade de potência* (NIETZSCHE, 1974, p. 283).

¹⁶ Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte lados territoriais ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, picos de desterritorialização que o arrebatam (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 23).

Observamos a partir das considerações de Sabo (2002), em um contexto norte americano, como o esporte é central e decisivo na produção das masculinidades e das relações de gênero. Segundo o autor, por meio do esporte, os meninos aprendem sua superioridade em relação às mulheres, ou seja, incorporam ensinamentos sexistas e misóginos. Aprendem que em termos de competições e disputas, o homem será sempre superior. Assim, por meio do esporte, precocemente, os garotos devem instruir-se a serem frios, racionais, disciplinados, competitivos, agressivos, fortes, assim como a ignorar a dor e emoções. “A subcultura do futebol também nos ensinou, como meninos, várias lições sobre as meninas e sobre nossa relação com as mulheres. Nós meninos aprendemos a receita básica do sexismo: os meninos não só se distinguem das meninas, senão que são superiores” (SABO, 2002, p. 36).

Em larga medida as ponderações de Sabo (2002) são pertinentes à cultura brasileira, pois observamos práticas misóginas acentuadas naquilo que diz respeito ao futebol brasileiro, sem dúvida um cartão postal de nossa cultura. Entretanto, apenas o futebol masculino, pois apesar de o futebol feminino ser de elevada qualidade técnica, premiado com medalhas de ouro em olimpíadas, é pouco aclamado, quando comparado à categoria masculina.

Se levantássemos uma conjectura e propuséssemos a entrevistar uma dezena de brasileiras/os, questionando o nome de mais de três jogadoras do futebol da seleção brasileira, possivelmente muitas pessoas não saberiam responder. Mas, acreditamos que todas teriam em mente vários nomes de jogadores (craques) do futebol masculino.

Situação em que se nota como o discurso é arquitetado para produzir ideais desejados e politicamente bem intencionados, assim, não se trata de acasos, inocências, ou preferências. Homem e mulher ocupam discursivamente locais hierárquicos, diferenciados no que se refere ao futebol brasileiro, assim como ocupam posições inferiores no trabalho, na escola. Sendo essa última uma das primeiras instituições a atuar nesse agenciamento, sexista e androcêntrico, da fabricação hierárquica das diferenças entre meninos e meninas. A esse respeito Guacira Lopes Louro destaca que os “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças do gênero, sexualidade, etnia, classe - são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores” (LOURO, 2012, p. 68).

A relação de João com o esporte era um embate com a realidade hegemônica dos gêneros, buscava um aval para demonstrar que poderia ser competitivo, forte, disciplinado. Precisava comprovar, ainda que às vezes em uma afirmação somente para si, não ser o que seu corpo estampava.

A seu favor, tinha o fato de não precisar incorporar os ensinamentos típicos do meio esportivo, de hostilidade contra as mulheres, nem de superioridade a elas para confirmar ser homem. Já que se mostra uma pessoa de extrema sensibilidade com o universo feminino, e um militante contra as expressões de qualquer comportamento machista ou misógino.

O que lhe interessava, era, por meio do esporte, despistar os olhares para outras características e qualidades, provar ser diferente da imagem que seu corpo estampava. Ansiava forjar uma linha de ruptura em relação a seu corpo.

Assim, se diferenciava da maioria dos outros homens, pois “Ironicamente, uma grande parte da iniciativa de meninos e de homens a se conformarem ao ideal masculino provém nem tanto do desejo de ser viril (*macho, manly*), mas do medo de ser visto como pouco viril ou como feminino” (SABO, 2002, p. 37). Para João, o que estava em jogo não era tanto o medo exacerbado da feminilidade, mas sim o desejo de ser viril, já que lhe faltava o pedaço de carne glamorizado. Entretanto, tudo indica que sua busca não era por “... uma masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida” (LOURO, 2013a, p. 17).

Temos uma situação limiar a se analisar, pois João desmente todos esses naturalismos; se era socialmente considerado uma mulher excêntrica, deveriam admitir, não era inferior no esporte, antes, mais disciplinado, competitivo, que muitos outros atletas. Não precisaria, assim, temer ser feminino de maneira efetiva, o que é tradição no meio esportivo, segundo destaca Sabo:

Culturalmente, o esporte tem sido um terreno onde a masculinidade se comprova, uma ‘escola’ na qual se aprende a desvalorizar o ‘ser mulher’ (*womanhood*), um espaço cultural onde, muito frequentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres (SABO, 2002, p. 34).

Ao contrário, ainda que fosse tido por uma maioria, como mulher, seu corpo era apenas lido como a mentira política produzida pelo sistema heterocentrado. De tal modo, pelo esporte, provava ser homem, mas não precisava provar ser maior ou melhor que as

mulheres, precisava, sim, realizar seu sonho de significar em seu corpo marcas vinculadas às dimensões atribuídas à masculinidade.

Para acelerar o processo de significação e construção do corpo desejado, João Nery, a partir dos vinte e sete anos, inicia o procedimento transexualizador, de forma ilegal, já que nos anos setenta era proibido no Brasil. Ilegalidade que se tornava ainda mais arriscada, pois naquele período vivia-se em pleno contexto da ditadura militar.

Destacamos que mesmo antes de iniciar os procedimentos de mudança de sexo, João já havia se submetido a duas cirurgias para redução das mamas. “Tinha consciência dos perigos e das sequelas que as cirurgias poderiam acarretar. Sem dúvida, o saldo continuava a ser positivo” (NERY, 2011, p. 176).

Todo o processo até chegar o momento das cirurgias foi marcado pela sabatina, ainda hoje existente, realizada por uma vasta equipe multidisciplinar, composta por psicóloga/os, psiquiatras, endocrinologista, assistentes sociais, e por médicas/os-cirurgiãs/ões.

João W. Nery (2011) relata que foi obrigado a peregrinar por diversas instituições de saúde, teve muitas vezes que mendigar ajuda de diferentes profissionais, se humilhar, e pagar muito caro por exames e consultas. Após ficar um longo tempo em atendimento psiquiátrico, João tem negado o laudo que atesta ser um transexual, o que o impedia de iniciar o processo transexualizador. Se revolta e chega a perder sua empatia de costume:

- Mas que grande palhaçada! Indicam-me um psiquiatra que faz parte de uma equipe que se diz a única especializada no assunto, entretanto não acredita na transexualidade, nem mesmo sabe se existe. Não é formidável? [...]
- João, quero que me compreenda. Dar um laudo para uma cirurgia dessas é um compromisso muito sério. Posso até, com um ato desses, perder meu diploma! (NERY, 2011, p. 169).

Em decorrência da recusa do psiquiatra, João se desespera perante a urgência de encontrar outro psiquiatra que tivesse a coragem de enfrentar essa contravenção da época. Encontrou, pela indicação do cirurgião que iria realizar o procedimento cirúrgico. As palavras do psiquiatra foram: “Esse laudo não é problema. Já dei um e poderia dar outro. Evidentemente, como você mesmo disse, desde que eu me convença. [...] vou exigir apenas duas coisas; uma entrevista com você e outra com sua mãe” (NERY, 2011, p. 174-175).

Ficaria ainda refém da vontade da mãe, que já sabia não ser favorável ao procedimento. Teve que implorar à mãe em uma tentativa de convencê-la de seu

sofrimento e urgência pelo processo transexualizador. Sua mãe ainda acreditava que poderia viver como mulher, o lembra de quando teve namorados e de quando se vestia como mulher. “- Mãe, essa cirurgia é a minha salvação! Por favor, você é a pessoa que mais me conhece no mundo, me ajude! Confie em mim.” (ibid., p. 181).

João relata que de fato tentou ser mulher, quando tinha dezesseis anos, numa atitude desesperada de ser aceito, reconhecido, amado, ou, perante o cansaço de ser o monstro marginalizado. Em suas palavras, afirma ter iniciado uma experiência do travestismo. “Um dos motivos que atribuo ao fato de me ter submetido a uma vida de mulher foi a necessidade dos símbolos de prestígio, antagônicos aos de estigma” (ibid., p. 57).

Em resposta à mãe, explicou que apesar do grande esforço empreendido para ser mulher, nunca conseguiu se sentir uma, nem se adaptou ao corpo de mulher. De maneira emocionada diz: “- Mãe, eu tentei... Tentei! Não aguentava mais viver assim, todos me vendo como se fosse um bicho, um monstro. Precisava de carinho, de ser amado. Reconhecer-me... Mas não consegui...” (ibid., p. 181).

Importante observarmos como o transexual se vê refém de uma série de pessoas e contextos para ter direito à produção de seu próprio corpo. Ou seja, além de ficar dependente do depoimento da mãe, dependerá da avaliação final do médico, pois segundo o discurso do psiquiatra, ele precisaria se convencer de que João era de fato transexual. Realidade que ainda persiste na atualidade, pois mesmo com a regularização, cabe ao saber médico postular a verdade sobre a transexualidade do/da paciente. Nesse caso, a verdade da transexualidade será produzida arbitrariamente pelo saber-poder médico, fruto dos agenciamentos¹⁷ estabelecidos pelo dispositivo da sexualidade, “tais processos são assumidos mediante uma série de intervenções e controles regulares: *uma bio-política da população*” (FOUCAULT, 2010a, p. 152).

Hoje a legalidade do procedimento transexualizador constitui-se como um avanço, ao possibilitar às pessoas transexuais uma harmonia entre seus corpos e o gênero a que se reconhecem. Cumprindo, assim, uma expectativa das/dos transexuais. A esse respeito, com suas mudanças corporais, João afirma: “Agora meu corpo se moldava melhor à minha essência. A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente de gestos mais tímidos de antes” (NERY, 2011, p. 220).

¹⁷ Compreendemos por agenciamento o sentido desenvolvido por Gilles Deleuze e Claire Parnet (DELEUZE; PARNET, 1998) e Gilles Deleuze e Félix Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

No entanto, para a comunidade científica, o que está em questão, enquanto política de estado e, portanto, agenciadoras de subjetividades, de vidas e corpos, é a produção e manutenção da heterossexualidade.

Em um viés oposto, talvez pudéssemos levantar outra problematização em relação ao próprio discurso de muitos transhomens quando expressam a busca de uma “essência”, ou de uma “harmonia” do sexo/gênero, o que remete de igual modo à vertente heteronormativa.

Embora exista essa possibilidade de reflexão, por outro lado resta-nos questionarmos em que medida o fato de já realizarem a desconstrução do seu corpo biológico e de seu gênero produzido culturalmente, já não desestabiliza possíveis vinculações à normatividade do sistema sexo/gênero. O desejo de aproximar o gênero identificado de um corpo performaticamente produzido, não seria compreensível, especialmente frente aos dilemas e conflitos enfrentados ao longo de suas vidas? Das exclusões, violências, carências e apontamentos incessantes? Em particular, porque em numerosos momentos foram forçados a viverem de forma sufocante, clandestina e imposta.

Pensamos ser este um aspecto que exigirá nossos esforços e sensibilidade mais acentuada, para não recairmos no avesso da questão que aqui buscamos analisar e desconstruir.

Ao tentar romper essa lógica, Beatriz Preciado (2014) alerta em seus princípios de uma sociedade contrassexual, ou seja, aquela capaz de criar estratégias de rompimento à normalização das políticas heterocentradas, que “... as operações de mudança de sexo constituirão uma espécie de cirurgia de utilidade pública, por livre escolha ou imposição” (PRECIADO, 2014, p. 39). No entanto, ao longo de nossas análises, leituras e contatos com muitos transhomens (por meio das diferentes mídias), percebemos que esses desejam sim estabelecer uma coerência entre seus corpos e o gênero masculino. Livrar-se dessa armadilha e estabilidade biopolítica é uma tarefa que se faz por meio de micro ações diárias, como nos mostra João Nery. E como veremos pelos relatos de Jô Lessa, Herzer e Dom.

No entanto, essa não se constitui em uma tarefa limpa, cristalina, sem borramentos de suas fronteiras. Sem escorregadas junto à heteronormatividade. Afinal, desconstruir é o desejo, mas certamente esse é um projeto muito mais minucioso e delicado, por se tratar de uma desconstrução de “vidas inteiras”. Não possui equidade com o processo

heterossexual de produção dos sujeitos, desde o mais remoto período da infância, tendo disponível a maioria dos veículos agenciadores e favoráveis às demandas dicotômicas do sistema sexo/gênero.

João, em suas andanças pela produção do novo corpo, na segunda tentativa pela busca do laudo psiquiátrico, o consegue. Assim, disposto a arriscar tudo ou nada, realiza uma mastectomia masculinizadora e uma reconstrução neo-uretral (destinada à micção em posição vertical) e inicia o uso de hormônios, em particular, a testosterona.

A sensação de alívio e felicidade se mesclava quando João finalmente pode ver o resultado da mastectomia masculinizadora. “Mal conseguia falar. Fiquei louco de vontade de passar a mão no peito: estava lisinho... lisinho... Era realidade!” (NERY, 2011, p. 191).

Por ser o primeiro transhomem a se operar no Brasil, com todas as limitações da medicina da época e das circunstâncias da clandestinidade, pagou um alto preço por isso. Teve inúmeras sequelas, mesmo com todos os cuidados “... apareceram as fistulas. Comecei a urinar por três lugares ao mesmo tempo, sendo obrigado a me sentar novamente no vaso quando ia ao banheiro” (ibid., p. 194).

Para além das sequelas físicas, teve que enfrentar as sequelas da discriminação social, da violência exercida por pessoas que não conseguem desfazer dos ensinamentos a que foram submetidas para decodificarem as relações sexuais e de gênero segundo regras normativas. Uma vez que “Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas que se expressam” (LOURO, 2013a, p. 15).

Desde cedo, João aprendeu a relevar o preconceito e a dificuldade das pessoas em não reconhecerem seu gênero de autoidentificação. No entanto, após a realização das primeiras cirurgias e do uso de hormônios, começa a se inquietar com as inconveniências de quem não consegue romper seus preconceitos, nem mesmo em prol do respeito e amizade. Afirma que compreendia quando as pessoas se enganavam no tratamento, pois sabia se tratar de um lapso, sem qualquer intenção de agredir. Entretanto, “Não perdoava quando percebia haver no outro a necessidade de negar a minha mudança, tratando-me no feminino, como se quisesse manter viva a antiga imagem de mulher. Consertava o gênero quantas vezes aparecesse no diálogo” (NERY, 2011, p. 205).

Mesmo que em seu corpo não estivesse ainda todos os códigos reconhecidos como masculinos, já havia informações suficientes para que João não fosse considerado

fisicamente uma mulher. Esse impasse retoma o embate da discussão identitária, pois nos mostra que “Os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ dos corpos” (LOURO, 2013a, p. 15).

Perceberá, assim, na própria pele, como essa evidência dos corpos não lhe garantirá o reconhecimento da identidade desejada. Terá que enfrentar os argumentos de alguns familiares, amigos, ao realizarem considerações de que seu corpo não aniquilará o fato de que é, ou foi a Joana, e, portanto, de que continuarão a vê-lo como Joana.

Sabemos que os gêneros não são definidos pelos corpos, como prediz a política heteronormativa, e tampouco os corpos determinam os gêneros. Essa é uma relação de negociação, (re) elaboração, experimentação em fluxos, em processos de devir.

A esse respeito, Pedro Almodóvar (2011), em seu filme *La Piel que Habito*, produzido em 2011, realiza uma sutil desconstrução ao mostrar que os gêneros não são decorrência direta de um corpo performaticamente produzido. O que vemos por meio de seu protagonista Vicente (Jan Cornet), o qual é condenado a se tornar, pelo menos fisicamente, Vera (Elena Ayana). Entretanto, sua mudança corporal, e o fato de estrategicamente assumir-se mulher por um período como forma de sobrevivência, não aniquilará em nada seu reconhecimento e autoidentificação com o gênero masculino. Assim, será um homem em um corpo feminino, com o qual consegue enganar seu algoz que produziu seu corpo feminino e o fez seu refém e posse. O seu corpo feminino será sua arma para a fuga e para a futura e possível vivência do gênero masculino, em semelhança com a realidade dos homens trans.

Os temas sobre transgêneros e constituições do feminino e masculino norteiam todo o filme, e deixa o/a telespectador/a com uma sensação de ausência de respostas e muitos questionamentos, pois nos obriga a realizar um exercício de olhar para além do óbvio impresso na pele feminina que habita Vera. É preciso reconhecer que ali não se encontra Vera, mas Vicente.

Esse exercício de olhar uma carne e pele feminina e reconhecer que ali habita o masculino, talvez não seja assim tão absurdo, pois o enredo do filme nos assegura do fato de que biologicamente ali nasceu um corpo masculino, que foi sequestrado e mutilado para se tornar feminino. Assim, parece haver uma possibilidade de sentimento de consternação e solidariedade com o fato de Vicente ter sido uma vítima nesse processo.

Por outro lado, o que também nos chega com as provocações de Pedro Almodóvar é que as marcas inscritas e impressas nos corpos biológicos das pessoas transexuais, em nosso caso, dos transhomens, evidenciam sinais biológicos/naturalizantes, mas não dizem sobre a masculinidade desses homens.

A legitimidade dada pelo corpo biológico de *Vicent* não é desfrutada pelos transhomens, como é o caso dos corpos de João Nery, Jô Lessa, Anderson Herzer e Dom, antes de iniciarem o processo transexualizador. Mas, em semelhança com *Vicent (Jan Cornet)* são corpos imagéticos imprecisos.

Podemos realizar uma aproximação com as vertentes teóricas de Beatriz Preciado (2014), quando afirma que os sexos e gêneros são prostéticos e, nesse sentido, não se localiza uma dicotomia entre natureza e cultura, mas um amplo sistema biopolítico de arquitetura maleável do masculino e feminino. A partir dessa compreensão é preciso desconfiar sempre de que a pele que eu habito, ou a pele que o outro habita, seja uma verdade consolidada, pois essa é, antes, fragmentada, temporária, falha, sempre passível de ser desmontada, reelaborada, em procedimentos constantes de ressignificação.

Em sua continuação dos processos de reelaborações João realiza mais uma cirurgia, a de histerectomia, ou seja, a retirada do aparelho reprodutor, e dará sequência ao uso contínuo de hormônios. Aos poucos, vai se aproximando cada vez mais do ideal pretendido em relação à construção de seu novo corpo.

Era chegado o momento de sentir que “Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! [...] Era inacreditável! Tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido!” (NERY, 2011, p. 220-221). Embora ainda não tivesse realizado o procedimento da faloplastia, sentia-se feliz, pois socialmente poderia ser reconhecido como um homem, por considerar que “os corpos ganham sentido socialmente” (LOURO, 2013a, p. 11) e, afinal, era esse seu desejo desde a infância. Poderia, aos trinta anos, deliciar-se como o fato de habitar agora em sua pele as marcas ansiadas por toda vida. O espelho, antes odiado, torna-se um aliado.

Os meses transcorriam, e inovações brotavam do meu corpo. Nada me passava despercebido. Pelos nasciam do dorso, na altura dos rins. Foram sendo acompanhados cuidadosamente. Inicialmente finos e esquálidos até se tornarem um chumaço preto e consistente. Como um adolescente que começa a descobrir as transformações de seu físico, deliciava-me aos 30 anos com o mesmo fenômeno. Uma degustação bem mais apurada pela longa e sofrida espera (NERY, 2011, p. 221).

Não podia mais atuar socialmente apresentando documentos de Joana, assim, foi obrigado a retirar documentos falsos; carteira de identidade, certidão de reservista militar, CPF, título de eleitor.

... enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na justiça porque havia a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê dos juízes, cuja maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transexualidade. (NERY, 2011, p. 234).

Os ensinamentos que João ansiava receber de seu pai quando era apenas um menino, os terá depois de trinta anos, após as modificações no corpo, e as mudanças nos documentos civis. Perante a subversão do filho, mesmo depois dos trinta anos decorridos, seu pai não declina a ensinar os códigos e comportamentos designados tradicionalmente para a incorporação da masculinidade.

Após retirar seus novos documentos, em uma visita a seu pai e sua mãe que estão vivendo em Brasília, afirma ter sido recebido por seu pai com um churrasco, “Papai resolveu fazer um churrasco para comemorarmos juntos o ‘nascimento’ do mais novo cidadão brasileiro. Quase caí para trás. Todos estavam aliviados porque agora eu poderia arranjar um emprego” (ibid., p. 234).

Se o homem é tradicionalmente considerado o provedor e chefe do lar, o executor de tarefas pesadas, braçais, João colocará tal realidade à prova. Desse modo, se submeterá a qualquer tipo de trabalho, mesmo sendo psicólogo e professor universitário. Com sua nova identidade, terá inicialmente que se dedicar às atividades braçais, como, pintor, ou trabalhador de uma usina de concreto. O que não era problema para quem já havia sido lavrador, vendedor, massagista, taxista.

Seu pai, seis meses depois de sua visita, liga informando: “- Meu filho, arranjei um emprego para você. Falei com um amigo, e na próxima semana você já pode começar a trabalhar na usina de concreto dele” (NERY, 2011, p. 234).

Na usina de concreto, por meio da convivência com os colegas de trabalho, João entrará em contato com o universo do machismo declarado. Relata que quase todos os colegas mantinham duas famílias, e os assuntos centrais eram “... as exibições de quem comia mais e melhor”. (ibid., p. 235). O que nos evidencia uma das características mais marcante da cultura heteronormativa, ou seja, considerar a mulher como objeto sexual, fetiche disponível aos homens, ou como uma mera reprodutora, papel reservado às

esposas e mães. Adriene Rich problematiza a existência de uma particular e violenta pornografia, a serviço e domínio exclusivo do homem heterossexual, a qual produz a mulher como mercadoria sexual.

Contudo, mesmo a propaganda e a pornografia, digamos, “leves”, apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens. A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado. (RICH, 2010, p. 26).

A realidade de violência exercitada contra mulheres persiste corriqueiramente na sociedade brasileira. Um dos exemplos mais notórios diz respeito à realidade dos ininterruptos e covardes assassinatos de que mulheres são vítimas de seus próprios companheiros. As causas são sempre triviais e características de como se fundamentam as motivações que podem incitar a violência dos homens embrutecidos pela cultura do machismo. Os exemplos costumam se repetir, mostrando que não são isolados, antes, indicam que são produzidos por uma mesma dimensão política e cultural. A trivialidade das motivações vai, desde a recusa das mulheres em continuarem casadas, seja porque alcançaram alguma independência financeira, ou porque se destacam na vida profissional mais que seus companheiros, ou ainda, devido terem, ocasionalmente, encontrado um novo parceiro.

Arrisco-me a dizer que o acentuado número de casos de violência conjugal em pleno século XXI, que leva o homem contemporâneo a continuar desejando subjugar a mulher e a espancá-la, ou mesmo matá-la, é o fato de que cada vez mais as verdades consolidadas em torno das políticas de gênero e sexo, vêm se tornando desestabilizadas. O postulado patriarcal de homem ideal, declina cada vez mais, e lhes causa pânico. Pois, segundo Sabo:

... a ‘masculinidade’ é, em grande parte, uma construção cultural baseada na história e nas políticas das relações de gênero e não na biologia, na química do cérebro ou da genética. As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal e, como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens para se conformarem ao ideal da masculinidade são como tentar subir uma montanha que não tem topo – eles lutam com determinação, mas nunca chegam, no entanto, os esforços dos homens em se conformarem à masculinidade ideal também se vincula à reprodução da ordem maior do gênero (SABO, 2002, p. 40).

João Nery, possivelmente em decorrência de seus embates com as políticas de gênero, produz uma masculinidade oposta a essa busca de um modelo ideal, não alcançável. Assim, se mostra um homem capaz de grande sensibilidade com suas companheiras, e na educação de seu filho, ainda que biologicamente fosse filho apenas de sua companheira. Demonstra partilhar da ideia de Sabo, quando este afirma que “Nós, homens, precisamos repensar nossas identidades, nossas sexualidades e os padrões de nossas vidas. Acredito que os homens se beneficiam mudando a si mesmos e refazendo a rede das relações” (SABO, 2002, p. 45).

Mesmo construindo-se um homem aberto às mudanças e aprendizagens constantes sobre as diferenças humanas, em particular aquelas tangenciadas à sexualidade e gênero, João não conseguirá se desvencilhar facilmente de seu desejo de possuir um pênis, e sentir-se desejado por ser um homem convencional, no que se refere aos atributos físicos.

Assim, durante grande parte de sua vida dedicará a obter maiores informações para dar continuidade às suas cirurgias, seu desejo era ir até o fim, como costuma dizer, ou seja, realizar a faloplastia. Fernando, seu ex-cunhado e cirurgião plástico, irá contribuir para informá-lo e alertá-lo sobre os riscos e consequências dessa técnica cirúrgica. O qual explica que:

- A faloplastia ou feitura do pênis não é uma cirurgia, são várias. A ciência ainda engatinha nessa técnica. Se tudo der certo, você ficará com um pênis sofrível e, muito possivelmente, não poderá ter orgasmo. [...] Nas condições atuais, acho o resultado muito precário. O novo pênis não terá sensibilidade, talvez só na base. [...] com certeza eu teria um pênis, mas obrigatoriamente eu teria de continuar a contar minha história a qualquer mulher que fosse dormir comigo (NERY, 2011, p. 231-232).

Aos poucos João chegará à conclusão de que submeter-se a tal procedimento, além de muito caro, não corresponderia à expectativa desejada, já que a ciência era nessa época muito precária na realização de tal procedimento, o que parece não ter se modificado de maneira considerável. Assim, buscará caminhos alternativos, como às próteses penianas.

Relata que quando comprou um daqueles pênis rígidos com cinto, sentiu-se pela primeira vez um homem desejado; sem pudores afirma: “Olhei-me no espelho. Pela primeira vez via meu corpo como um objeto de desejo. Fiquei louco de tesão, sonhando que agora quase todos os meus problemas estariam resolvidos. Finalmente, tinha uma alternativa além da mão” (NERY, 2011, p. 242).

Em outras palavras, tinha em suas mãos diferentes alternativas para experimentar sua sexualidade, além daquelas ditadas pelo sistema heterocentrado. Podia ousar novos caminhos e descobertas sobre seu próprio corpo e os recursos disponíveis a potencializar suas falhas.

O desejo por um pedaço de carne artificial, metálica, plastificada, digitalizada, é assim, análogo a qualquer outro desejo relacionado à readequação do corpo. Opera de modo semelhante a outras próteses. Como próteses penianas que auxiliam homens com deformações congênitas, vítimas de acidentes, doenças adquiridas, assim como os transexuais que nasceram com o órgão genital oposto ao do gênero identificado.

Temos ainda, diferenciados e vastos casos de utilização de próteses. Por exemplo, de mulheres que fazem uso de próteses de silicone para embelezar seios naturais modificados com a amamentação. Ou ainda, de garotas, que mesmo na adolescência, realizam tal procedimento. O uso de próteses dentárias que sofisticaram a ciência odontológica. Cabelos artificiais, que auxiliam o mercado da moda, ou pessoas vítimas de doenças que induzem à queda do cabelo. Próteses que ajudam pessoas paraplégicas em seus movimentos, como o revolucionário exoesqueleto robótico, que possibilita aos/as paraplégicos/as andarem. Óculos, ou lentes de contato, que potencializam à visão maior alcance ou nitidez. Botox e cirurgias cosméticas inumeráveis a serviço da estética.

A partir dessa realidade, é notório constatar a colocação de Preciado (2014), quando argumenta que já estamos todas/dos nós mais ou menos operadas/os. Nossos corpos, especialmente numa época da revolução técnico-científica-informacional, da comunicação e robótica sofisticadas, dos acessos mediados pelo campo virtual, são cada vez mais produzidos como dispositivos robôs, andróides, ciborgues.

Qual a grande perplexidade em homens que usam próteses penianas? Qual a razão de serem vistos como menos homens, se pouco é questionado, por exemplo, o fato de uma mulher ser menos mulher por usar uma prótese de silicone, para dar maior volume aos seios? Antes, se tornam mais sexualizadas, desejadas.

Conjecturamos que a resposta parece constituir a razão de ser de nossa pesquisa. Do contrário, se esse fosse um impasse já resolvido, ou inexistente, não teríamos que tangenciar por essa via de análise. Explicitamente há uma questão posta, ou seja, um sistema a ser desmantelado, desestabilizado, questionado, posto por terra. Uma vez que o sistema heterocentrado exclui possibilidades de vidas, marginalizam-nas, violentam-nas. Sufocam, silenciam, obriga homens, mulheres, meninas e meninos a caminhadas

tortuosas e desafiadoras, simplesmente em prol da reivindicação do direito pelo exercício de uma condição de vida que supostamente afronta a normalidade.

Trata-se de uma luta pelo desejo da vida, uma vida que transborde em suas experiências e conexões, que possa fugir dos caminhos retos e consolidados, e operar uma busca pela vontade de poder e por suas “... forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a ‘adaptação...’” (NIETZSCHE, 1998, p. 76).

Esse parece ter sido o viés que João buscou para arquitetar sua vida, sempre com grande aspiração em viver, em produzir uma subjetividade segundo as nuances desejadas.

Fortalece seus laços afetivos com seu filho, se dedica a novas experiências profissionais e afetivas. Lança-se de forma mais tenaz aos estudos da transexualidade, aos estudos *queer*, a transexperiência, e a escrita de *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*.

Nos últimos capítulos de sua *Viagem Solitária*, a qual descobrimos bastante povoada em suas ricas trocas e alianças, João relata seu encontro com outros transhomens e suas discussões em torno do caso de um homem grávido¹⁸. A esse respeito realizaremos nossas análises por meio das cartas de Dom, quando também retomaremos aspectos relacionados aos relatos autobiográficos de Jô Lessa e João Nery.

2.2 Relatos de Jô Lessa...

Jô Lessa apresenta-nos seus relatos autobiográficos por meio da escrita de seu livro *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual*. Logo nas primeiras páginas traz uma das temáticas centrais de sua história, a ausência de diferentes vínculos indentitários. Sobre o objetivo da escrita de suas experiências, expõe:

O livro tem o firme propósito de relatar a vida de alguém que até os 46 anos de idade não se sentia enquadrado (não que isso seja assim tão necessário) em nenhuma família, nenhuma tribo, em nenhum grupo, enfim sempre foi só e se

¹⁸ O Transhomem Thomas Beatie, nascido em Honolulu, Havaí – Estados Unidos, ficou conhecido como o primeiro homem grávido, após ter realizado uma inseminação artificial em 2007. Thomas Beatie iniciou o processo transexualizador em 2002, realizou a mastectomia e começou o tratamento hormonal de testosterona. Como pretendia ter filhos/as biológicos, optou em manter seus órgãos reprodutivos internos. Assim, ganhou uma aparência estética tradicionalmente tida como masculina, ao mesmo tempo em que exibiu uma barriga de grávido, subvertendo radicalmente os limites impostos para os gêneros dicotômicos.

tornou ímpar, até o dia em que assistiu a uma palestra e ouviu a suas lutas serem contadas pela boca de outra pessoa (LESSA, 2014, p. 1).

O clamor pelo pertencimento a uma tribo, um grupo, ou uma categoria, salta nas palavras de Jô Lessa, de modo análogo à história de João W. Nery. Embora entenderemos, ao ter acesso a seus relatos, que a fragmentação identitária de Jô é ainda mais acentuada, pois essa se deve aos desdobramentos ocasionados pela incerteza referente à sua origem familiar, a seu corpo e a seu gênero de identificação.

Explicitamos que ao problematizar a questão identitária, como também fizemos ao discutir os relatos de João Nery, não estamos com isso propondo, ou defendendo a existência de uma identidade essencializada, rígida, ou de base natural. Antes, estamos fazendo referência a um contexto e postulado produzido pelo sistema sexo/gênero e regulado pelos preceitos da heteronormatividade. No qual “... (os códigos da masculinidade e da feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida”. (PRECIADO, 2011, p. 11). Contexto marcado pelas experiências de vida dos quatro transhomens a que aqui fazemos referência.

Para Jô Lessa, a problemática em torno da questão identitária será circulante em sua vida, já que além de viver na fronteira dos gêneros, também não conhece sua origem parental, ou seja, não conhece ao certo a história de seu nascimento, e quem são seus pais biológicos.

Quase todo seu universo lhe afirmava ser um desconhecido de si. A esse propósito, fazemos uma ressalva ao recordarmos as palavras de Nietzsche, quando expressa que a maioria das pessoas são desconhecidas de si, no entanto, não sem motivo, pois:

Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? [...] Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará para sempre a frase: ‘Cada qual é o mais distante de si mesmo’ – para nós mesmos somos ‘homens do desconhecimento’... (NIETZSCHE, 1998, p. 7-8).

No entanto, quando percorremos os relatos autobiográficos de Jô, não percebemos um assujeitamento, uma entrega, ou apaziguamento às condições de desafios atravessadas. Em quase todos os momentos de questionamentos, ou vazios identitários, encarou-os por meio de enfrentamentos, traçando rotas nômades, pelas quais pôde, não

sem grandes dificuldades, percorrer e produzir uma vida potente, livrando-se assim de possíveis capturamentos.

Não que não fosse capturado literalmente, pois foi, em diversos momentos, como veremos. No entanto, frente às capturas, buscou traçar rotas de fuga por meio do desterritoriamento da heteronormatividade, pois, segundo Peter Pál Pelbart: “... é o desterritorializado por excelência, aquele que foge e faz tudo fugir. Ele faz da própria desterritorialização um território subjetivo” (PELBART, 2002, p. 34). Encontrou assim, em seus deslizamentos, formas de sobrevivência, quando essa parecia impensável, e a entrega o único caminho a seguir.

Entretanto, como veremos, Jô Lessa arquitetarará sua vida de forma a sempre construir novas possibilidades de trajetórias, as quais lhe trarão vivências perpassadas pela busca de uma potência de vida, no sentido de que “... podemos compreender os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo” (PRECIADO, 2011, p. 12).

Jô, desde muito cedo se reconhecia como uma pessoa anormal, estranha, inicialmente não sabia ao certo por qual razão, depois, e aos poucos, começará a perceber que sua estranheza se devia ao fato de estar fora dos estereótipos designados para os gêneros binários. Acreditava, devido aos apontamentos e discriminações sofridas ao longo de sua vida, que era uma lésbica com certo estilo estético masculinizado.

A história de vida de Jô se mescla entre os conflitos e agressões sofridas em diferentes contextos e espaços institucionais, primeiro em casa, no manicômio, depois na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM) e, por fim, nas ruas. Entre as motivações, ocupava lugar de destaque sua diferença física e de gênero, já que não era uma menina dentro das convenções normativas.

Eu sempre tive uma aparência masculina, não era uma criança feia, mas era esquisito e sempre me senti diferente das meninas, sendo isso um grande problema. No colégio não fazia amizades, os meninos não brincavam comigo por acharem que eu era menina e as meninas também não brincavam por acharem que eu era menino, ou seja, eu era uma ‘coisa’ diferente e não me encaixava de lado nenhum (LESSA, 2014, p 18-19).

Os relatos de Jô evidenciam a dificuldade das instituições escolares em lidarem com as multiplicidades sexuais e os gêneros não normativos, o que contribui diretamente para produção dos processos de estigmatização desses sujeitos.

A discriminação ocorre porque a escola participa da rejeição social daqueles que vivem masculinidades (ou feminilidades) de formas diversas das hegemônicas, o que contribui para que travestis e transexuais sejam socialmente perseguidos e que gays e lésbicas não sejam reconhecidos como homens e mulheres verdadeiros (MISKOLCI, 2014, p. 101).

A usual padronização política dos sexos e dos gêneros não estava estampada na imagem corporal de Jô, nesse sentido, muitas vezes era tido como menino. Por exemplo, quando sua mãe furou sua orelha para lhe colocar brincos, ao chegar ao colégio, um colega o questiona: “- Porque você sendo menino sua mãe te botou brincos? Fiquei sem saber o que responder e disse: - Não sei...” (LESSA, 2014, p. 19).

A suposta clareza e evidência dos gêneros ficam por meio desse diálogo embaralhadas, pois, tudo indica que o garoto ao fazer a indagação sobre a razão de ser dos brincos, estava convencido que Jô era um garoto, e nesse sentido não os deveria usar. Por sua vez, Jô demonstra que até aquele momento tais questionamentos não lhe ocorriam. Assim, afirma que não sabia ao certo se era um menino, ou menina, achava-se apenas “... estranho, não me enquadrava em nada, não tinha parâmetros, referências, apenas vivia” (ibid., p. 25).

A desterritorialização de Jô, enquanto menino, mostra-se marcante, ele foge aos lugares esperados e marcados para seu suposto gênero feminino. Demonstra, por suas palavras, que ainda não estava nem mesmo preocupado em ser um menino, embora tivesse preferências por elementos convencionalmente atribuídos ao universo masculino.

Esse é um aspecto que mostra certa diferença em relação à história de João Nery e Dom, os quais se nomeavam e identificavam, desde o período mais remoto da infância, como pertencentes ao gênero masculino. Quando alguém se endereçava a eles no feminino, mentalmente corrigiam para o masculino, como considera João Nery (2011).

Por sua vez, Jô, transitará com certa autonomia em relação às dicotomias dos gêneros. Por um período se reconhecerá como uma lésbica masculinizada, perpassando pela condição de mãe/pai, ou pai/mãe, até o reconhecimento como transhomem.

A exemplo da maioria das pessoas transexuais, não possui um gênero estável, antes, “As identidades e as trajetórias serão sempre relativas num perpétuo movimento de desterritorialização e (re) territorialização. E a Subjetividade longe de remeter a um Eu, é sempre múltipla” (DINIS, 2008, p. 356).

Seu reconhecimento como homem trans se dará no momento que conhece João W. Nery, que protagonizará em sua vida uma via transversal para a grafia de novas rotas na produção de sua subjetividade.

Aos quarenta e cinco anos, a história de vida de Jô Lessa se cruza com a história João Nery, produzindo impactos e desmoronamentos produtivos. Em agosto de 2013, assiste a uma palestra de João Nery, na Casa de Cultura da cidade de Maricá, no Estado do Rio de Janeiro. A partir dessa ocasião novas direções serão experimentadas por Jô Lessa. O qual explica que aceitou ir à palestra por incentivo de sua companheira, que argumentou achá-lo diferente dos *sapatões*, e sem também conhecer a categoria transexual, afirmou que ele parecia *um* travesti, no entanto, homem.

Jô diz ter se sentido confuso, pois “Apesar de sempre ter me sentido assim, mas por total desconhecimento ter me sufocado tanto, achei que jamais isso viria à tona novamente [...] Eu me sufoquei tanto que me esqueci das mulheres que reclamaram por eu parecer um homem na cama” (LESSA, 2014, p 102).

O convite para estar presente na palestra de João Nery, possibilita a Jô rememorar uma série de acontecimentos relacionados à sua incerteza sobre o gênero identificado, e de como se definir. Relata: “Eu via as diferenças, já tinha me preocupado muito com isso, mas como não tinha parâmetro algum, como me reconhecer?” (LESSA, 2014, p. 103).

João Nery, mais tarde, ao realizar a escrita da contracapa do *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual*, mostra-nos ter colaborado para que Jô pudesse responder a tal indagação. Assim, afirma ter servido de espelho para o encontro de Jô com sua transexualidade.

Jô confirma a apresentação feita, ao descrever que durante a palestra de João, a cada palavra ouvida sobre sua infância, e história de vida, se sentia atônito, “meio que chacoalhado por inteiro, como se tivesse sido desmontado e montado de novo só que dessa vez com as peças no lugar certo” (LESSA, 2014, p 104).

Começa a descobrir a existência de vidas em uma condição próxima à sua, com muitas linhas de entrecruzamentos. Segundo Berenice Bento esse é um momento de encontro.

O conhecimento da existência de outras pessoas que compartilham a mesma sensação de não-pertencimento ao gênero atribuído é relatado como um momento de "revelação" e de encontro. Finalmente, conseguem nomear, situar o que sentem; entender que não são os únicos com aqueles conflitos e, principalmente, que não são gays, travestis ou lésbicas. Ser "transexual" oferece uma posição identitária que dará um sentido provisório a suas vidas. Contudo, socialmente, continuarão identificados como

"veado/travesti/sapatão", o que implica outro trabalho: como explicar para os outros o que eu sou? Nesse ponto, recuperam-se as margens, por meio do "Eu não sou" (BENTO, 2006, p. 209).

Percebemos que a história de João permitiu a Jô a possibilidade de se nomear, renomear, ou mais, de mais uma vez renascer, pois para ele, segundo suas palavras "... esse era o meu renascimento. Naquele dia entrei naquela palestra de um jeito e saí completamente diferente, saí revirado, saí mesmo do avesso" (LESSA, 2014, p 104).

Podemos dizer, segundo as narrações de Jô, que entrou na palestra supostamente como uma lésbica masculinizada e saiu um homem transexual, corroborando a ideia de que "Eles encontraram o termo após uma deriva em que eram assignados ora como 'lésbicas masculinizadas' (aceitando ou não essa classificação em algum período de suas vidas), com toda a pecha a ela associada, ora como loucas, ora como ambas". (ALMEIDA, 2012, p. 517).

Ao chegar a sua casa, sorveu toda a leitura do *Viagem Solitária*, com a qual se identificou em cada situação exposta, como se tivesse vivido na própria pele de João. E de fato experimentou acontecimentos comuns, em especial aqueles relacionados à recusa de viver no gênero feminino, quando tomou conhecimento sobre as diferenças dos gêneros. As palavras lidas eram reflexos de suas próprias dores e enfrentamentos.

Vi-me ali, meio quieto e nu no fundo de uma caverna, sem roupas e sem rótulos e de repente me dei conta que talvez tenha passado a vida até agora assim e por isso tenha dito tantas vezes que eu não era nada daquilo que diziam de mim e decidi por isso ser somente Eu (LESSA, 2014, p. 106).

Entretanto, Jô relata que "esse Eu estava nu e só" (idem), e assim começa a vislumbrar uma mudança radical, que somente em seus sonhos achava ser possível. Passa a ansiar pelas mesmas transformações corporais realizadas por João.

Identifiquei esse como sendo o meu maior sonho e lembrei que no final da infância e início da puberdade, naquela fase em que o corpo começa a tomar formas eu rezava pedindo para que não nascessem os indesejáveis, os intrusos (seios) e que o trabalho e a energia utilizada nessa construção fossem usados para nascesse um pintinho (LESSA, 2014, p 106).

A partir desse encontro, tem acesso às ferramentas nunca antes disponibilizadas, agora sabe que o corpo não segue a ordem da natureza e que pode produzi-lo, ainda que com grandes desafios, segundo seus ideais. Percebe que "O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros" (PRECIADO, 2011, p.14).

O desejo de modificar seu corpo transforma-se de um devaneio para uma realidade a se arquitetar, antes era “... utópico demais, algo que jamais alcançaria, mas agora ele começava a ter contornos sólidos e eu já começava a planejar como fazer a cirurgia necessária” (LESSA, 2014, p. 106-107).

O momento de nossa escrita é simultâneo às mudanças corporais e de identidade de gênero de Jô Lessa. Tivemos a oportunidade de contatá-lo via *e-mail* e de acompanhar seus projetos e transformações, também por meio de sua página na rede social *Facebook*.

O encontro com João Nery se caracterizará como uma conexão potente, uma via transversal que possibilitará, em certa medida, Jô reconhecer seu corpo como uma obra de arte, sendo ele mesmo seu próprio escultor, capaz de operar a modelagem da subjetividade desejada, e por tantas vezes literalmente encarcerada.

João Nery será um divisor de águas em sua vida, o impacto se caracterizará como um redemoinho que revirará toda sua história, numa espécie de explosão de acontecimentos, pois até mesmo a autonomia para se referir no masculino passa a ser possível. Antes, como podemos ver em um audiovisual compartilhado no canal de vídeos *You Tube*, no ano de 2013, Jô Lessa ainda se nomeava no feminino. No início de sua apresentação reporta-se aos/as internautas dizendo: “Olá, tudo bem, eu sou a Jô Lessa...” (COMO SE RELACIONAR..., 2015, s. p.).

Após a publicação desse vídeo, em agosto do mesmo ano, conhece João Nery. No ano seguinte, em 2014, publicará o livro que nos permitiu o acesso a sua história e a presente análise. Por meio das redes sociais, soubemos que no mês de maio de 2015 deu início a seu processo transexualizador, com a realização da mastectomia masculinizadora, conforme pode se constatar em uma publicação de sua página no *facebook*¹⁹. Jô Lessa diz:

Conquistar os meus sonhos não me basta é muito boa a sensação de liberdade, é uma felicidade incrível olhar no espelho e me reconhecer, mas eu quero mais... Quero que outros milhares iguais a mim sintam essa mesma alegria, quero que em qualquer parte desse planeta onde existi um homem trans ele possa reacender a esperança de ser livre e inteiro ao perceber que somos muitos e estamos em todos os lugares, inclusive na Guarda Municipal do Rio de Janeiro quero que em um futuro não muito distante deixemos de fazer parte da estatística de suicídios e de pacientes psiquiátricos para sermos reconhecidos somente como gente (LESSA, 2015, s. p.).

¹⁹ Relatamos que a publicação ocorreu no dia vinte e nove, do mês de junho do ano de 2015, às vinte horas e vinte nove minutos, a qual pode ser alterada ou delatada a qualquer momento, segundo interesse do veiculador.

Toda a reviravolta experimentada recentemente na vida de Jô, em seu encontro com a categoria da transmasculinidade, se realiza após os muitos enfrentamentos iniciados desde o período da infância.

Sua infância foi bastante conturbada, marcada por um universo de violência, conhecida em distintos ambientes, sendo o primeiro e principal deles, em sua própria casa. O fato de ser de uma família de classe média, com alguns confortos, não lhe retirava suas dores diárias.

Era o primeiro filho, sem saber ao certo em qual versão acreditar sobre seu nascimento, pois havia duas. Uma afirmando que era filho de uma trabalhadora do sexo, já falecida, e teria sido adotado bebê, ainda no hospital. A outra, afirma ser filho biológico do pai de sua mãe, fruto de uma relação extraconjugal. Sua mãe o teria criado como filho adotivo para preservar a honra e o casamento do próprio pai.

Relata que faz mais sentido acreditar na segunda versão, embora a mãe sustente a primeira. Têm dois irmãos, filhos biológicos de seus pais. O irmão nasceu com sérios problemas de saúde, vindo a ter um atraso mental, a irmã caçula se tornou o mimo da mãe. O irmão, por suas dificuldades de saúde, exigia cuidados permanentes. A Jô cabia a indiferença e violência, conforme expõe.

Seu pai adotivo era alcoólatra, o que desencadeava muitas brigas em sua casa, chegando mesmo a agressões físicas com registros em delegacias. Sua mãe, uma mulher forte e autoritária, não lhe demonstrava carinho e era sempre muito enérgica e violenta. Apanhar se tornou uma rotina na vida de Jô, ocorreu por diversas vezes ao longo de sua infância, sendo que muitas delas, não chegava a saber a motivação. Afirma que “Aquele chicote passou a conhecer bem todos os poros da minha carne por qualquer motivo” (LESSA, 2014, p 14).

A violência marcou toda a relação de Jô com seus familiares, em especial com a mãe. A qual, parece nunca ter aceitado sua ambiguidade e maleabilidade de gênero, e especialmente sua orientação sexual. Passou a considerá-lo como lésbica, e fundamentar sua revolta e atitudes nessa prerrogativa.

A mãe de Jô é apenas um exemplo da grande dificuldade dos familiares, de muitas outras mães e pais em lidarem com a homossexualidade, travestilidade, transexualidade, ou qualquer expressão que incluía uma orientação sexual ou identidade de gênero fora do viés da heteronorma. O que advém de seus próprios engendramentos como sujeitos

inseridos nas relações de forças e poder do sistema sexo/gênero. Pois segundo Marlene Neves Strey:

A ideologia de gênero dos pais/mães é um fator central para examinar o impacto da família de origem com respeito às questões de gêneros. Desde uma perspectiva da socialização, os pais/mães transmitem e reforçam suas próprias crenças por meio da linguagem e das ações. As crianças são aprovadas ou repreendidas a partir daquilo que seus pais/mães respectivamente julgam ser os comportamentos apropriados ou não- apropriados para ambos os sexos (STREY, 2007, p. 27).

A dificuldade das famílias em lidarem com a circunstância da fluidez dos gêneros é apresentada no filme francês, *Tomboy*, um drama de *Célinne Sciamma* (2011), que problematiza a relação familiar perante a possível transmasculinidade de *Laure* (*Zoé Héran*). O qual era considerado para a família uma garota, e não viam problema com seu hábito de se vestir com roupas atribuídas a meninos. Até o momento que isso se torna público, e acarreta conflitos com vizinhos. A trama gira em torno da angústia de uma família, que apesar de liberal em muitos aspectos, como brincadeiras e vestes que rompem a naturalização dos gêneros, não consegue admitir o fato de que o filho pudesse ser um transhomem.

O filme também exhibe atitudes do garoto *Laure*, muito semelhantes com os relatos deixados por João e Dom. Por exemplo, a necessidade de parodiar um pênis, com intuito de mostrar publicamente um corpo masculino convencional. No filme, *Laure* utiliza massa de modelar para construir seu pênis, e assim poder nadar com os/as amigos/as. Recurso também utilizado por Nery e Dom, com materiais diferenciados.

Da ficção às conjunturas cotidianas, podemos dizer que no Brasil poucas famílias, em especial nos contextos anteriores à década de noventa, possuem ferramentas adequadas para atuarem contra os processos de normalização da heteronormatividade. Uma vez que no cenário político brasileiro ações efetivas para instrumentalizar e potencializar os sujeitos a atuarem contra os poderes normalizadores só começou a se desenvolver tardiamente. De forma específica, a partir das ações implementadas na primeira gestão do governo Lula (2003-2006), com continuidade em sua gestão de (2007-2010), quando foram traçadas políticas públicas de combate à lógica dos binarismos de

classe, raça, sexualidade, gênero, e particularmente contra as práticas homo/lesbo/transfóbicas, especialmente com o *Programa Brasil sem homofobia*²⁰.

Como a infância de Jô se passou entre os anos setenta e oitenta, não havia nesse período, nas diferentes instituições brasileiras, ações no sentido de rompimento ao assujeitamento agenciado pelos poderes reguladores e disciplinadores de classe, raça e das sexualidades dissidentes. Pensar uma educação passível de produzir subjetividades inventivas e dinâmicas, fora das padronizações hegemônicas, parecia ainda uma grande utopia.

Assim, por exemplo, na casa de Jô não faltavam brinquedos, no entanto, tinha especialmente aqueles de que não gostava, ou seja, “bonecas, panelinhas e coisas do tipo, a salvação eram os jogos, os quebra-cabeças, brinquedos de montar, o pianinho, o violão e a vitrolinha” (LESSA, 2014, p. 19-20).

Um elemento comum nas narrativas de nossos interlocutores, quando se referem ao papel do brinquedo em relação aos gêneros. Pois todos eles, de alguma forma, com maior ou menor insistência, foram induzidos a escolher brinquedos convencionalmente considerados de menina, ou seja, objetos relacionados a casa, ou o cuidado materno com crianças, como: bonecas, panelas, enfeites. E desencorajados, ou mesmo proibidos de fazer escolhas por objetos considerados próprios para meninos, pois representam a hegemonia da masculinidade heteronormativa, ou seja, de um contexto produtor da ação e agressão. Desse modo, ficarão reservados para garotos brinquedos como: carinhos, armas, bolas etc. A esse respeito, Berenice Bento expõe.

Uma criança que recebe de presente bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) e terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer esses atributos. Ou então, se essa criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público. Os brinquedos continuam o trabalho do/a médico/a que proferiu as palavras mágicas: produzem o feminino e o masculino. Funcionam como próteses identitárias (BENTO, 2011, p. 551).

A respeito desse temor, ou quase pânico, demonstrado pelos adultos em relação à escolha dos brinquedos por parte das crianças, Jimena Furlani levanta algumas questões: “O que, efetivamente, amedronta os adultos? (FURLANI, 2011, p. 121). Em sua análise

²⁰ A esse respeito consultar a pesquisa de doutoramento: FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*. 2011. 420 f. 2011. Tese de Doutorado.

o que está em jogo “... é a relação automática que fazemos entre os brinquedos infantis e a formação da identidade sexual da criança. Mais precisamente, a crença de que o brinquedo explicita e constrói a orientação sexual da criança.” (idem).

Por essa linha de entendimento, percebemos que mais do que uma preocupação com o fato das crianças assumirem papéis de gêneros opostos ao de nascimento, a preocupação central é com a possibilidade de despertarem uma orientação sexual fora do padrão heterossexual. Esse parece ser o grande pânico, ou seja, que o filho ou a filha não seja heterossexual. Essa é a vergonha que deverá ser evitada desde o princípio, para isso, o mais seguro é que meninas estejam com suas bonecas, e meninos com seus carrinhos. Na execução de tal meta, a normalização dos gêneros começa em casa, nas escolas, como forma de evitar que as/os filhas/os deslizem, escorreguem para o suposto mundo pervertido e marginalizado das multiplicidades sexuais. Para Bento:

Essa pedagogia dos gêneros hegemônicos tem como objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. As “confusões” nos “papéis” provocam, direta e imediatamente, “perturbações” na orientação sexual, supõem os defensores do binarismo (BENTO, 2011, p. 551).

Para o desespero da mãe de Jô, suas brincadeiras estavam além da preferência por brinquedos tidos como do gênero masculino, também vinculadas a um interesse pelos jogos sexuais realizados com as vizinhas. Conforme expressa: “Não sabia ainda quem eu era e nem o que era aquilo que sentia, só sabia que era bom sentir o cheiro de um corpo feminino, era bom tocá-lo, era bom beijá-lo e essa passou a ser minha brincadeira preferida” (LESSA, 2014, p. 20).

Com a chegada da adolescência e as dúvidas sobre sexo e sexualidade, Jô começa a levantar questões. Pergunta à sua mãe o que significa masturbação, a qual responde ser pecado praticado pelas mulheres da vida. Com a resposta, Jô relata ter se intrigado mais com o fato de ser uma prática das mulheres, uma vez que até então não se reconhecia necessariamente como mulher. Assim, ficou mais incomodado com essa nomeação. “Acho que até aquele momento eu não tinha consciência nenhuma da condição de ser ‘mulher’, a resposta da minha mãe jogou na minha cara uma realidade que eu não via e não sentia. Era como se ela estivesse se referindo a outra pessoa” (ibid., p. 26).

De modo semelhante à maioria dos/das adolescentes daquele período, não teve acesso a uma educação sexual no seu meio familiar, tampouco escolar. Todo o seu

aprendizado se resumiu na leitura de um livro que encontrou na lixeira de seu prédio, no qual havia um capítulo dedicado à discussão sobre a homossexualidade. Ao realizar a leitura pôde reconhecer e se identificar em alguns aspectos, certamente aqueles relacionados com a orientação sexual, “... mas ainda faltava alguma coisa, ficava sempre uma lacuna e eu não achava resposta que a preenchesse satisfatoriamente” (ibid., p. 27).

Jimena Furlani (2011), com a problematização apresentada em seu livro *Educação sexual na sala de aula – relações de gênero, orientação sexual de igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*, operacionaliza novas conexões para o acesso de educadoras/es à possibilidade de criação de uma prática educativa aberta, e menos fascista. A qual possa contribuir e interferir politicamente com a produção de subjetividades menos duras e mais abertas às multiplicidades e diferenças. Entre as afirmações da pesquisadora, está o fato de que para muitas/os educadoras/es, ainda hoje, pensar em uma prática que envolva a educação sexual, constitui uma espécie de tabu, uma monstruosidade. Por falta de conhecimento, na maioria das vezes, esse é um debate que fica fora das salas de aula.

A obra de Furlani tem essa intenção, desmistificar e propor sugestões de atividades, jogos, para que se possa trabalhar, raça, gênero, sexualidade, sexo, com estudantes da educação infantil ao ensino médio. Em suas palavras:

Mas “como iniciar?”. É para muitas pessoas um ato difícil. Quando se trata de dar início a uma prática docente de planejamento e de implementação de atividades no campo da educação sexual, muitos/as educadores/as “não sabem por onde começar”. Dentro de um conjunto de entendimentos que considero importantes para as crianças, vou apresentar algumas possibilidades para um início na educação sexual (FURLANI, 2011, p. 87).

A contemporaneidade brasileira apresenta visíveis avanços no que se refere a uma abertura para discussão, problematização e propostas pedagógicas para se exercer um debate e práticas inovadoras sobre as questões de gêneros e sobre as multiplicidades sexuais. No entanto, os avanços consolidados pelas políticas públicas do Governo Lula, encontram muitas barreiras para se renovar na conjuntura política atual.

As práticas educativas voltadas para a educação sexual demonstram carência de elaborações criativas semelhantes à da educadora Jimena Furlani. Para isso, seria necessária a criação de leis pontuais para a regulamentação da educação sexual nas escolas públicas brasileiras. Evitando assim, que situações como a ocorrida em 2011, em

relação à controvérsia e polêmica em torno da aprovação do material *kit anti-homofobia*²¹, cristalizem as políticas públicas.

É importante enfatizarmos que a questão da reelaboração do material *kit anti-homofobia* e seu envio às escolas foi esquecida. Retomada apenas em circunstância das disputas por cargos políticos, como foi o caso da eleição municipal de 2012 para a prefeitura de São Paulo, quando Fernando Haddad foi acusado de ser o candidato do *kit gay*.

O *Programa Brasil sem homofobia*, entre outras metas, é responsável por financiar projetos, pesquisas, produção de materiais didáticos, como o fez em relação ao *kit anti-homofobia*. Mas, por outro lado, o próprio governo que o mantém, se nega a dizer, de forma simples, que apoia, em caráter formal/legislativo, as sexualidades e os gêneros dissidentes dos limites heterossexuais.

O governo Dilma Rousseff (2011-2014), assim como seu atual mandato, apazigua os ânimos entre pesquisadores, mas recua frente aos holofotes das grandes mídias e dos seus variados alcances. O que em alguns momentos nos parece que somente no âmbito acadêmico e dos movimentos sociais LGBTTTT existe a pauta de desconstrução do sistema sexo/gênero. E as demais forças espalhadas na sociedade, os demais espaços, sabem ou sentem a existência do *Programa Brasil sem homofobia*?

Como pesquisadora residente no interior do estado de Goiás, região predominantemente agropecuarista, em uma cultura onde os germes fascistas, racistas e homo/lesbo/transfóbicos são cultivados como as lavouras de soja da região, ousar ponderar que os alcances do *Programa Brasil sem homofobia* são ainda tímidos. Especialmente no que se refere, por exemplo, à interferência concreta no cotidiano da família, escola, trabalho, lazer. Aqui, matar gays, travestis, transexuais, parece ser ainda uma prática de lazer daqueles que se sentem donos de uma raça legítima; óbvio, a branca. Que se sentem legitimados por sua classe social, e por seu sexo tido como padrão, normal

²¹ PAMPLONA, Renata Silva. *O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual*. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2012. Esse trabalho consistiu em analisar os audiovisuais e discursos referentes à possível aprovação do material didático *kit anti-homofobia*, o qual seria disponibilizado nas escolas públicas brasileiras. Entretanto, o que se observou, tanto nos audiovisuais como nos discursos a respeito do material, foram estratégias para esvaziar ou tornar palatável qualquer expressão de estranheza das/dos: travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros. O dispositivo *kit anti-homofobia* reafirma tradicionais modelos da heteronormatividade, ainda que os discursos sutilmente se construam em defesa dos sujeitos que se quer normalizar.

e único; claro, a heterossexualidade. Após análises realizadas sobre o Programa Brasil sem homofobia, Alexandre José Rossi expõe:

... tanto o Programa Brasil sem Homofobia quanto os PCNs contribuem para a formação desse novo sujeito que deve ser tolerante e respeitar a liberdade de cada um, bem como de cada grupo social. [...] Neste sentido, entendemos que quem tolera está em princípio numa posição de superioridade em relação àquele que é tolerado e que, estando nesta posição, cabe a ele escolher se tolera ou não aquilo/aquele que foge às regras sociais estabelecidas. Assim, tem-se a necessidade de formar esse novo sujeito que não se sinta superior ao outro, somente diferente, porém igual enquanto cidadão. [...] Algumas políticas públicas desencadeadas a partir daí, como já vimos discutindo, passam a ser determinadas de forma mais acentuada pelo Estado conforme os seus interesses. Assim, podemos inferir que os propósitos do Programa Brasil sem Homofobia, desencadeado como política pública através da pressão popular, especificamente organização dos homossexuais, têm grande avanço no que se refere à conquista de direitos sociais, porém estes estão imbuídos de um conceito de democracia individualista (ROSSI, 2008, p. 3-6).

Como nesse momento, especificamente, nossas problematizações se voltam para a temática das transmasculinidades, buscaremos retomar ao longo de nosso trabalho tais questionamentos. Pois, como nossos interlocutores têm mostrado em seus relatos, os homens trans vivem dilemas intensos, perpassados por relações de forças travadas com as mais diferentes instituições sociais. Sendo a escola e a família os espaços institucionais primeiros em operar a normalização dos gêneros, como também indicam os relatos de João Nery e Jô, uma vez que “A família sancionada pelo Estado exclui gays e lésbicas” (LOURO, 2013b, p. 91). Assim como exclui qualquer outra expressão discordante da norma heterossexual.

Jô Lessa teve toda sua educação sexual marcada pelo acaso de encontrar um livro na lixeira de seu prédio, assim, ao realizar a leitura sobre o tópico destinado ao debate sobre a homossexualidade, sentia que em larga medida as descrições não correspondiam a seus sentimentos. Pois “Houve um período em que eu me sentia como um quebra-cabeça, com as peças trocadas ou um boneco que foi montado às pressas e encaixaram uma cabeça masculina em um corpo feminino” (LESSA, 2014, p. 27). Como o livro não dizia respeito à transexualidade, e suas particularidades, não conseguia compreender suas diferenças em relação às pessoas homossexuais.

Os questionamentos feitos estavam encerrados apenas no centro das discussões da orientação sexual homossexual, não contemplava uma discussão a respeito das naturalizações biológicas e dicotômicas dos gêneros. Assim, juntar as peças do quebra-cabeça para Jô, só lhe levava a hipótese frágil de que não era uma mulher convencional,

segundo os padrões discursivos e normativos. Percebia-se como uma mulher masculinizada e não cogitava outras categorias identitárias, especialmente porque naquele momento a visibilidade das transmasculinidades não estava ainda na ordem discursiva.

Esse deslocamento identitário não se restringe à história de vida de Jô. Por exemplo, a complexidade do universo das mulheres masculinizadas, as fronteiras limiares entre a lesbianidade e suas diferentes experimentações, e as transmasculinidades, são cruzamentos delineados pelas autoras Suely Aldir Messeder e Ana Gabriela Pio Pereira.

Quando adentramos o universo das mulheres masculinizadas, sentimos a complexidade deste universo, uma vez que elas próprias questionam o seu lugar de pertencimento. Estamos em uma linha fronteira; percebemos que algumas destas mulheres masculinizadas se sentem mulheres, mas, ao mesmo tempo, possuem uma afinidade com o universo das mulheres que se sentem biologicamente homens. A ambiguidade não é despercebida, muito pelo contrário, é posta. Elas querem ser mulher biologicamente, mas se sentem desejosas do estilo masculino. (MESSEDER; PEREIRA, 2013, p. 254)

Perante as linhas fronteiriças dos gêneros e de seus turvamentos, aos poucos Jô percebe em seu próprio corpo, como as transformações físicas da puberdade, que aquele não era o corpo desejado. Sente repulsa em relação às mudanças, em especial com o surgimento dos seios “Passei muito tempo esperando o milagre, mas não adiantou nada, os intrusos indesejáveis cresceram e não nasceu pintinho nenhum” (LESSA, 2014, p. 26).

Perante suas descobertas e muitas confusões da adolescência, certo dia Jô, em meio a uma discussão, diz à mãe que está usando maconha e gostando de uma garota no colégio. Afirma que apenas experimentou maconha, não fazia uso regular, mas sua mãe parece ter se chocado mais com seus sentimentos por uma garota. A consequência da revelação foi encaminhá-lo a um psicólogo. Como naquele momento a homossexualidade era vista como *homossexualismo*, ou seja, como doença, foi internado em uma clínica para poder ser tratado e curado de sua considerada lesbianidade.

O que estava em questão era a produção e patologização das multiplicidades sexuais, por meio do discurso do saber médico. Pois, segundo Bento, há uma disputa pelo poder discursivo de nomear.

Há uma disputa acirrada, muitas vezes negada, entre os discursos. Aqueles que são hegemônicos têm poderosas instituições que repetem em uníssono: a normalidade da existência tem como fundamento a diferença sexual. O saber médico é uma dessas poderosas instituições. Sua legitimidade está na capacidade de produzir verdades inquestionáveis. Por ser “neutro”, há uma crença de que esse saber descreve a natureza, quando, de fato, produz a natureza em sua imagem e semelhança (BENTO, 2011, p. 558).

O tratamento recebido o fez totalmente refém dos medicamentos, ao ponto de não mais conseguir tomar banho, andar, comer sem a ajuda das/os enfermeiras/os. Chegou mesmo a receber tratamentos de choque, uma vez que para o saber biomédico todos os métodos eram legítimos em prol da cura homossexual/lésbica. Compreensão advinda da defesa de que “Quando se localiza exclusivamente no indivíduo a fonte explicativa para a emergência do conflito identitário. Portanto, o passo seguinte é pensar que se pode ‘curá-lo’” (idem).

Percebemos que Jô foi ainda herdeiro do discurso produzido no Brasil, pelo saber médico- psiquiátrico, em torno do corpo homossexual, datada da primeira metade do século XX. O qual estava autorizado a diagnosticar a natureza desviante, anormal e patológica do sujeito homossexual. E conseqüentemente desenvolver técnicas corretivas e de cura.

Os manuais médico-legais, desde o século XIX, estavam repletos de orientações de como proceder com os sujeitos que se desviavam da conduta tida como normal para a vivência da sexualidade e dos gêneros. Trata-se de “... técnicas e política da normalização, aplicando-a ao domínio da sexualidade” (FOUCAULT, 2010c, p. 43).

Para Foucault, o século XIX inaugurou a normalização das condutas com a passagem do crivo jurídico-natural para a esfera jurídico-moral. Assim, o que passa a estar em questão é o comportamento moral do sujeito. Não mais suas deformações físicas, como, por exemplo, era considerada a ambigüidade física do hermafrodita. Simplesmente o fato de o sujeito ousar experimentar uma orientação sexual fora dos limites heterossexuais, passa a se constituir como motivo para a sua classificação como sujeito monstruoso.

Os reflexos da política jurídico-moral da sexualidade fará com que as escolhas da mãe de Jô para lidar com sua orientação sexual, e o rompimento ao gênero biológico, resulte em sua internação em numa clínica psiquiátrica e, posteriormente na FEBEM. Assim, certifica aquilo que Foucault defendia como uma forma de condenação ao comportamento monstruoso. Segundo o filósofo:

É simplesmente o fato de que, sendo mulher, ela tem gostos perversos, gosta de mulheres, e é essa monstruosidade, não de natureza mas de comportamento, que deve provocar a condenação. A monstruosidade não é mais, portanto, a mistura indevida do que deve ser separado pela natureza (FOUCAULT, 2011, p. 62).

Somente em conversa com uma colega, Jô terá outras informações que o ajudará a lidar com suas confusões sobre o reconhecimento de si. Uma amiga que era lésbica o irá esclarecer que as homossexualidades não se tratam de doenças, mas o grande problema eram as práticas de discriminação e homofobia, as quais são produzidas politicamente.

Há assim, um deslocamento epistemológico do comportamento do indivíduo para uma questão de interface política, em outras palavras, “Política porque não é mais a questão homossexual, mas a homofobia que merece, a partir de agora, uma problematização particular” (BORRILLO, 2009, p. 16).

Jô começa a perceber que poderia transformar as discriminações sofridas a seu favor, pois “As identificações negativas como ‘sapatas’ ou ‘bichas’ são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à ‘universalização’” (PRECIADO, 2011, p. 15).

Após as trocas de informação com a amiga, Jô passa a se aceitar e a reconhecer que sua condição não seria mudada com “... uma vacina, não era algo que eu pudesse esconder para o resto da vida e que eu não seria feliz ao lado de um homem só para agradar aos outros, enfim, ela me encorajou a me assumir e a me aceitar antes de qualquer coisa” (LESSA, 2014, p. 33). Começa a traçar novos territórios para suas experiências, assim como para seus desejos, sem maiores preocupações com os olhares de discriminação.

Podemos considerar que Jô descobriu seu entendimento ancorado na perspectiva de que as orientações sexuais não heteronormativas constituem uma problemática de ordem moral, religiosa, patológica, sendo a causa o próprio sujeito. Enfoque que desvia o discurso da homofobia para a busca de explicações originárias para as multiplicidades sexuais, e para a aspiração de possibilidades de mudanças de comportamentos tidos como inadequados.

A homofobia refere-se a discursos e práticas de violência endereçadas às pessoas que rompem as fronteiras designadas para a heterossexualidade. Trata-se de uma intolerância para com quem ousa viver experiências sexuais e afetivas fora do sistema heterocentrado.

Entretanto, temos também o exercício da homofobia motivado não apenas por vivências efetivas de práticas oposta à orientação sexual privilegiada, ou seja, com o sexo oposto. A homofobia trata-se substancialmente de uma aversão, repulsa, ódio contra

quem rompe os binarismos de gênero, mulher/homem, masculino/feminino, assim, devemos alargar a categoria e falar em transfobia.

O insuportável parece ser esse embaralhamento da naturalização do gênero biológico. Quando se olha uma mulher, um homem, e não se sabe ao certo qual seu gênero, restando a perplexidade; quem é essa pessoa? Homem, mulher?

Nesse caso, a homofobia dirigida contra esses sujeitos não possui necessariamente um repúdio à orientação sexual, uma vez que esta pode ser até desconhecida. O insuportável é aquilo que a carne apresenta de maneira inexata, ou seja, que deixa de evidenciar a política sexista dos gêneros. A esse respeito Daniel Borrillo destaca que:

A homofobia torna-se, assim, uma guardiã das fronteiras sexuais (hetero/homo) e de gênero (masculino/feminino). É por essa razão que os homossexuais não são mais as únicas vítimas da violência homofóbica, que se dirige também a todos os que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade forte, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade (BORRILLO, 2009, p. 18).

Os relatos de Jô mostram que aos poucos começa a fazer suas escolhas de forma a contestar as relações de poder que buscam produzir o assujeitamento de seu corpo, sexualidade, e de seu gênero. Com maior autonomia, adota, por exemplo, o uso do nome social. Afirma ter sido essa a melhor decisão tomada em sua vida, assim, “Nessa época adotei pela primeira vez um nome masculino, me chamei *Tommy* por causa de um filme que assisti [...] Fui *Tommy* por muitos anos” (LESSA, 2014, p. 33).

No entanto, mais tarde voltará publicamente a se nomear no feminino. O que expressa por meio dessa dinâmica fluida, como a constituição dos gêneros se opõe à perspectiva fixa, naturalizante e essencialista, a qual postula a prerrogativa de que os gêneros são determinados pelo nascimento. Evidencia, desse modo, que as pessoas transexuais constituem sua sexualidade e seu gênero por meio de movimentos contínuos de trânsito, negociações, arranjos, e oscilações entre os gêneros. Sobre o trânsito que perpassa as transmasculinidades, Simone Ávila considera que:

O trânsito por tantos lugares e saberes me fez perceber as linhas de força e as tensões que estão presentes na discussão das identidades trans e suas subjetividades. Percebo que o tema é inesgotável, que não há solução ou definições absolutas, não há verdades inequívocas (ÁVILA, 2014, p. 107).

Sobre sua primeira relação sexual, Jô relata ter sido com a filha da empregada de sua casa, por quem estava apaixonado. Sobre essa experiência e suas sensações, lembra

que: “Deixava que os meus instintos me guiassem e sentia o que cada toque meu provocava no corpo dela. Ficava louco com os cheiros e sabores que emanavam do seu corpo e com os sons de prazer misturados aos gritos abafados no travesseiro” (LESSA, 2014, p. 35).

As memórias descritas por Jô sobre sua primeira relação sexual, assim como seus relatos no capítulo “As mulheres de minha vida” (ibid., p. 87), oportuniza a problematização de alguns contrapontos em relação ao que Beatriz Preciado (2014) nomeia de práticas de inversão contrassexual. Como já discorremos, a contrassexualidade, entre outras ressignificações, busca desconstruir a centralidade do pênis nas práticas sexuais. Assim, quando Jô afirma que em suas experiências sexuais se deixava guiar pelo toque, cheiros, sons, sabores, nos parece que não estava cerceado pelo poder discursivo do sistema heterocentrado. A totalidade do corpo é colocada em cena, em oposição à restritividade dos sexos gonodais.

Em outro excerto relata que:

Não usava mais nada, apenas o corpo, o tesão e a imaginação, mas em várias situações elas me confessaram que me viam grande e forte, houve até quem dissesse no decorrer dos anos que não gostou muito de ir para cama comigo, por que eu parecia um homem e ela esperava uma coisa mais delicada (LESSA, 2014, p. 35).

Jô afirma que não usava mais nada em suas relações sexuais, apenas o corpo. No entanto, Beatriz Preciado irá extrapolar o uso do corpo em sua totalidade, em defesa das práticas da inversão contrassexual. O que está em questão é a contraproduktividade do prazer em oposição às naturalizações binárias do sistema sexo/gênero, um prazer que possa por meio de paródias e repetições em série, produzir novas vias de prazer, antes impensadas no regime heterocentrado, o qual naturaliza os corpos e o orgasmo.

Defende por exemplo o uso do dildo, objeto prostético que realiza a paródia do pênis. Em uma definição detalhada sobre o que é, e o que não é o dildo, a filósofa afirma:

Para desmascarar a sexualidade como ideologia, é preciso compreender o dildo (seu corte do corpo) como centro de significação diferido. O dildo não é um objeto que substitui uma falta. Trata-se de uma operação que acontece no interior da heterossexualidade. Digamos mais uma vez, o dildo não é só um objeto, é também, estruturalmente, uma operação de recortar-pegar: uma operação de deslocamento do suposto centro orgânico de produção sexual para um lugar externo ao corpo. O dildo, como símbolo de potência e excitação sexual, trai o órgão anatômico deslocando-se para outros espaços de significação (orgânicos ou não, masculinos ou femininos) que vão ser ressexualizados por proximidade semântica. A partir desse momento, qualquer coisa pode se tornar um dildo. Tudo é dildo. Inclusive o pênis (PRECIADO, 2014, p. 80-81).

De forma sutil, Beatriz Preciado mostra que as relações sexuais são apreendidas e experimentadas, sem regras, modelos únicos ou exclusivos de atuação sexual, como gostaria que fosse a sociedade heterocentrada. Sendo assim, esse postulado necessita ser desconstruído de forma intencional, política e constante.

As experiências sexuais de Jô Lessa nos permitem exemplificar com algumas aproximações e distanciamentos, que no exercício das práticas sexuais distintas da heterossexual não falta nada. Ao contrário, essas parecem possuir os elementos postulados por Preciado (2014) para se quebrar as regras edificadas pela política do sistema sexo/gênero. Talvez falte a ousadia do uso das próteses, do dildo, que são consideradas para além de ferramentas orgásticas, ferramentas políticas do exercício contrassexual.

Na contramão daquilo que Preciado problematiza, observamos que muitos homens transexuais²² possuem uma visão heteronormativa quando consideram que seus corpos são incompletos, falhos. Muitas vezes acreditam que devido à ausência da peça de carne glamorosa, o pênis, não são de fato homens. Assim, busca desenhar na estética corporal os contornos do gênero identificado, o que em certa medida pode construir-se numa armadilha de aprisionamento do próprio corpo aos fascismos discursivos e normalizadores dos gêneros e sexualidade.

Não queremos com isso dizer que o desejo de muitos transexuais de possuírem um pênis não seja legítimo. Porém, não podemos deixar de apontar que em certa medida tal desejo possui um caráter de reivindicação social, pelo reconhecimento identitário masculino. O que está em questão, muitas vezes, não deixa de ser uma adequação ao sistema heteronormativo, e não necessariamente a ausência de um pênis enquanto ferramenta indispensável na prática sexual. O qual, Jô, ao descrever sua primeira relação sexual, demonstra não ser o centro exclusivo de uma relação heterossexual.

Quando sua mãe descobre seu romance com a filha da empregada, a despede, com intuito de romper o relacionamento. Entretanto, Jô foge e vai para casa da namorada, ficando ali por duas semanas. Sua mãe e seu pai descobrem e acionam a polícia militar para o buscarem. Ao chegar à casa da namorada “Minha mãe agia como se tivesse

²² Essa afirmação advém da revisão de literatura feita, e no encontro com trabalhos que realizaram investigações com transhomens, a exemplo dos trabalhos de Almeida (2012) e Ávila (2014), assim como do contato com homens trans por meio das redes sociais, de audiovisuais disponíveis na *Web*, e, sobretudo, do contato com nossos colaboradores.

encontrado um criminoso perigoso e procurado, meu pai não falava nada, apenas acompanhava tudo como um robô. Os policiais, eu acho que não entendiam o que estava realmente acontecendo...” (LESSA, 2014, p. 37).

O preconceito e desinformação da família de Jô em relação às multiplicidades sexuais, primeiro o conduziram a uma clínica psiquiátrica, agora o conduziram à extinta Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). Buscaram nas técnicas corretivas da detenção penal a possibilidade de correção da sexualidade de Jô, uma vez que a prisão comporta “... a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido; seu modo de ação é a coação de uma educação total” (FOUCAULT, 1999, p. 265).

Jô será refém de mais uma instituição reguladora e de seus dispositivos de assujeitamento dos corpos e da sexualidade. Dessa vez uma instituição prisional, que embora tenha por princípio ser uma instituição de reeducação de menores infratores/as, para Foucault possui o mesmo princípio regulador e de disciplinarização dos corpos. No entanto, tem em específico o intuito moralizador, assim “Não é portanto um respeito exterior pela lei ou apenas o receio da punição que vai agir sobre o detento, mas o próprio trabalho de sua consciência. Antes uma submissão profunda que um treinamento superficial; uma mudança de ‘moralidade’ e não de atitude” (FOUCAULT, 1999, p. 265).

Apesar do medo, Jô tentava não demonstrá-lo. Logo percebeu como funcionavam as regras do local e as consequências para quem as burlavam. Relata que lá havia uma detenta que era a chefona do lugar.

As coisa lá funcionavam mais ou menos assim: a chefona era o paizão, tinha a mulher dela e ninguém podia encostar ou trocar olhares. As outras menores escolhidas por ela ficavam sob sua proteção como se fossem seus filhos. As meninas podiam se relacionar entre elas desde que tivessem o consentimento “da paizão” e foi isso o que aconteceu comigo. Passei a ser um de seus filhos e contar com a sua proteção contra qualquer agressão por parte de outras menores ou até mesmo de pessoas que eram responsáveis por cuidar de nós (LESSA, 2014, p. 40).

As relações de poder estabelecidas pelas internas na FEBEM reproduzem o modelo familiar heterocentrado. As internas que se intitulam de *paizão* assumem um gênero masculino e os signos discursivos próprios do universo machista e sexista. Reiteram as mesmas regras convencionalmente praticadas pela biopolítica dos gêneros. Por exemplo, as detentas líderes, assumem um papel masculino, de pai, chefe, o qual se relaciona com uma mulher submissa, que é tida como propriedade, um objeto a serviço

do *paizão*, e as/os filhas/os devem ser obedientes e leais ao *paizão*. Em troca, o macho provedor do grupo oferece sua proteção. Toda e qualquer decisão passa pela aprovação do *paizão*.

Nessa reprodução do modelo heteronormativo, as crianças e as mulheres são tidas como infantilizadas e incapazes de autogoverno. O que mostra os rastros deixados e ainda incorporados da herança do período em que a mulher, de acordo com o Código Civil de 1916, não podia atuar como cidadã capaz de atos jurídicos sobre si mesma, ficando, assim, sob a tutela do pai ou do esposo, conforme expõe Maria Berenice Dias.

O Código Civil de 1916 era uma codificação do século XIX, pois foi no ano de 1899 que Clóvis Beviláqua recebeu o encargo de elaborá-lo. Retratava a sociedade da época, marcadamente conservadora e patriarcal. Assim, só podia consagrar a superioridade masculina. Transformou a força física do homem em poder pessoal, em autoridade, outorgando-lhe o comando exclusivo da família. Por isso, a mulher ao casar perdia sua plena capacidade, tornando-se relativamente capaz, como os índios, os pródigos e os menores. Para trabalhar precisava da autorização do marido (A MULHER NO CÓDIGO..., 2015, s. p.).

Nesse arranjo familiar, as relações firmadas têm como instrumento regulador a violência. Se a mulher do *paizão*, ou, uma das filhas, o trai, recebe uma severa punição, com práticas explícitas de violência. Jô relata ter assistido um estupro de uma detenta, o qual foi ordenado pelo *paizão*. A cena foi chocante, com um elevado teor de crueldade, pois utilizam “... cabos de vassouras cometidos por algumas menores contra outra menor [...] A *paizão* deu ordem para que aquilo acontecesse, acho eu, porque uma de suas meninas a traiu com um dos funcionários e isso para ela era algo imperdoável” (LESSA, 2014, p. 41).

Durante o tempo que estive na FEBEM todo o cotidiano de Jô foi marcado pela violência e temores. Apenas a relação amorosa que estabeleceu com uma detenta permitiu que seus dias se tornassem mais leves e menos perigosos, já que tinha o consentimento do *paizão*.

Jô foi liberado pelo Juizado de Menores depois que se percebeu que o motivo de estar ali poderia ser resolvido em família, pois contra Jô parece que só pesava o fato de ter fugido temporariamente de casa para manter um relacionamento afetivo-sexual considerado lésbico.

Se deveria ser resolvido em família, resta-nos questionarmos o porquê de ter sido aceito na FEBEM. Sabemos não se tratar de um mal entendido, mas uma aliança própria

dos dispositivos acionados pela política de normalização dos sujeitos. Aliança firmada pelas diferentes instituições reguladoras e normalizadoras, ou seja, a família, escola, prisão, manicômios.

Para além de uma compreensão de que o menor infrator teria seu comportamento inadequado corrigido, transformado, a necessidade parece ser antes produzir e fabricar a própria infração ou delinquência das/dos menores. Pois, segundo Silva (2007), na esteira do pensamento foucaultiano, “O louco, o prisioneiro, o homossexual não são expressões de um estado prévio, original; eles recebem sua identidade a partir de aparatos discursivos e institucionais que os definem como tais. O sujeito é o resultado dos dispositivos que o constroem como tal” (SILVA, 2007, p. 120-121).

Pelos relatos de Jô, as possibilidades de aprendizado naqueles espaços estavam voltadas para as relações de poder normativas da produção da própria criminalidade. O que Foucault expressa quando se referiu ao sistema prisional.

Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, uma utilização estratégica daquilo que era um inconveniente. A prisão fabrica delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico como no político (FOUCAULT, 2012, p. 216-217).

Entretanto, a mãe de Jô insistirá nas políticas institucionais, nas relações de saber-poder para garantir a normalização e assujeitamento do corpo de seu filho. Ao sair da FEBEM, Jô foi levado por sua mãe a outras clínicas psicológicas para fazer terapia, na esperança de mudar seu comportamento homossexual. A saga só teve fim quando sua mãe foi solicitada a fazer terapia familiar junto com Jô. Refutou veementemente a possibilidade, pois considerava que não havia nenhuma desordem de sua parte para ter que se submeter a tratamento terapêutico, afinal a desordem sexual não era sua, estava na segurança naturalizada pela norma heterossexual.

Posteriormente, Jô foi levado para o interior de Minas Gerais para conviver com os familiares de seu pai. A família acreditava que por ser uma cidade do interior, longe dos perigos da capital do Rio de Janeiro, Jô poderia se redimir de seu mau comportamento.

Porém, a realidade por lá trazia os mesmos acontecimentos temidos por sua mãe, ou seja, drogas facilmente vendidas nas ruas, e primas também homossexuais. Assim, “Em pouco tempo arrumei um emprego em um consultório dentário, uma namorada e

comecei a passar as noites fora” (LESSA, 2014, p. 49). Os tios rapidamente solicitaram que Jô fosse levado de volta para o Rio.

Em seu retorno a mãe deixou claro não querer que fosse morar com ela, assim foi morar com o pai, nos fundos de sua loja, pois havia se separado de sua mãe. No entanto, sua mãe acusava o pai de ter outros interesses por ele, então, voltou a morar com a mãe, mas também por pouco tempo, pois as brigas aumentavam. A mãe o denunciou novamente na delegacia, por achar que havia fumado maconha em casa. Queria de toda forma que ficasse preso. Mas, o delegado verificou que não estava drogado e não tinha motivos para ficar ali.

Rejeitado por sua mãe, e por toda sua família, Jô saí de casa e vai viver na casa de uma amiga, depois consegue trabalho e aluga uma vaga em um quarto, no entanto, quando perde o trabalho não pode mais pagar o quarto, e vai morar nas ruas, sob marquises, em bancos de praças, e nas areias da praia. Jô relata:

Eles (os parentes) passavam por mim e fingiam não me conhecer, pedi ajuda algumas vezes à minha tia, mas ela ‘não podia’ me ajudar. Minha mãe passava por mim, do outro lado da rua e me chamava de ‘sapatão’ bem alto para que todos a ouvissem e me reconhecessem (LESSA, 2014, p. 52).

Passa a ser execrado por seus familiares, além de abandonado à própria sorte; é também vítima de ataques lesbo/transfóbicos, quando já estava na sarjeta. É chocante pensarmos o que move uma mãe a endereçar ofensas e xingamentos a um filho que já se encontra em completo abandono, nas ruas, sem nenhuma perspectiva de vida. Há aqui uma questão ética relacionada aos modos de existência, pois “Há coisas que só se pode fazer ou dizer levado por uma baixeza de alma, uma vida rancorosa ou por vingança contra a vida. Às vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro” (DELEUZE, 2004, p. 126).

Os ataques de injúrias parecem estar vinculados à necessidade de marcar o segregacionismo, demarcando que aquele lugar, um gueto, a sarjeta, é o local para aqueles/as que ousam romper as demarcações normativas dos gêneros e da sexualidade. A dissidência da norma heterossexual precisa não só ser estigmatizada, mas apedrejada, espezinhada, para lembrar na própria pele aqueles/as que ousaram exercer uma traição ao sistema político dos gêneros e dos sexos. O apedrejamento tem por intuito manter a hierarquia do sistema heterossexual intacta, e mostra ao/à desertor/a dos gêneros binários

e da heteronorma sua marginalização. A atitude de ataque e ofensas parece querer rememorar enfaticamente que:

A lembrança constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual. A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão com o qual todas as outras sexualidades devem ser comparadas e medidas. É essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – que constitui uma forma específica de dominação chamada heterossexismo. Este pode ser definido como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade assume posição superior. Todas as outras formas são qualificadas, na melhor das hipóteses, como incompletas, acidentais e perversas, e na pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização (BORRILLO, 2009, p. 25).

Perante a delicadeza da situação em que se encontrava, de ser visto e desprezado pelos familiares e sofrer ataques lesbo/transfóbicos de sua mãe, quando já estava em uma condição de extrema fragilidade, Jô decide sair da cidade juntamente com um grupo de pessoas em situação semelhante à sua. Torna-se um mochileiro, e por meio de caronas e aventuras, vai a São Paulo, Curitiba e até à Argentina. Encontrou nas conexões criadas com o grupo de amigos/as, e pessoas desconhecidas, algum calor de acolhimento que não possuía em casa. Saiu em busca de novas possibilidades de vidas, da criação de novos modos de existência, para usar um termo de Deleuze (2004).

Ao voltar ao Brasil, novamente fica morando de favor em casa de amigos/as dos/as amigo/as, até conhecer o senhor Bandejas, que o acolheu em sua casa e o ajudou, dando-lhe moradia e algum dinheiro, em troca da ajuda com os serviços domésticos. Para conseguir mais dinheiro e poder desfrutar de algum lazer nos finais de semana, Jô “Vendia panelas e garrafas velhas, capinava quintais, lavava carros, passeava com cachorros, enfim, dava um jeito de garantir meu fim de semana” (LESSA, 2014, p. 62).

Nesse ritmo, Jô vivia entre ganhar seus trocados e a ida a boates, bares e bebidas aos finais de semana, sabia, mesmo contra as adversidades, agir em favor da vida. Até que um dia depois de beber poucas doses de cachaça com refrigerante, em um bar perto da casa do senhor Bandejas, ao fazer hora para esperar o ônibus, pois iria a uma boate, Jô se vê vítima de um estupro.

Conta não se lembrar de quase nada naquela noite, apenas das palavras: “– Vou te mostrar como você vai deixar de ser sapatao, depois de conhecer um homem de verdade como eu’. Eu via claramente um chão de terra, mas não lembrava do rosto de ninguém que estivesse naquele mesmo lugar” (ibid., p. 62).

A subversão de Jô à normalização dos gêneros dicotômicos lhe fará vítima de um crime comum praticado contra transhomens, lésbicas masculinizadas, travestis, homossexuais, mulheres transexuais, o estupro corretivo.

O insuportável para o imaginário de um homem heterossexual estuprador, subjetivado por uma cultura machista e sexista, é o fato de ter seu território abalado, fragmentado com o ofuscar dos limites estabelecidos para a masculinidade hegemônica. Parece ser uma grande ofensa para um homem heterossexual ter diante de si a performance de seu gênero realizada por um homem sem pênis. O que configura numa ousadia insuportável, uma espécie de traição semelhante à realizada por um homem que se apropria de atributos da feminilidade, pois “Numa sociedade androcêntrica como a nossa, os valores masculinos são cultuados, e sua ‘traição’ resulta nas mais severas condenações” (BORRILLO, 2009, p. 35).

Se a masculinidade hegemônica se produz e mantém-se erguida a custa de uma sofrida recusa da incorporação e aproximação como o universo feminino, como pode um corpo biológico feminino querer assumir um lugar exclusivo do masculino viril e dominante?

Assim, percebemos o extremo da violência homo/lesbo/transfóbica, pois nesse caso particular também percebemos que “É, igualmente, a estigmatização ou negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional de feminilidade” (BORRILLO, 2009, p. 22).

A correção dessa invasão das fronteiras dos gêneros será feita submetendo o/a transgressor/a dos gêneros, pelo, assim considerado, dispositivo mais poderoso do homem, o poder do seu pênis. Ele será a ferramenta, em tese, fundamental para provar que sem ele não se pode ser homem, e que, se não aprendeu a ser mulher é porque não conheceu um homem de verdade, conforme as conhecidas palavras de agressores de travestis, transexuais, lésbicas e homossexuais. Nesse caso, homem de verdade é aquele capaz de uma relação sexual ativa, máscula, assegurada pela ordem heterocêntrica. A esse respeito Rogério Diniz Junqueira considera que o estuprador atuaria como um agenciador da normalização.

Relatos de estupros contra travestis, lésbicas masculinas e gays mais femininos não são incomuns. São atos impregnados de desprezo em relação às mulheres e ao feminino. Expressam um desejo de normalização, uma ânsia para encerrar, de maneira binária, a masculinidade nos homens e a feminilidade nas mulheres. Por isso, no caso do estupro contra lésbicas, tais atos de violência machista, sexista, homofóbica e lesbofóbica são comumente animados pela crença de

que mulheres lésbicas somente são lésbicas por não terem encontrado um homem que soubesse “fazer o serviço direito”. O estuprador de uma lésbica agiria como um pretense agente de normalização. Seria o estupro uma “oportunidade de redenção” de mulheres que ousaram desobedecer aos cânones da matriz heterossexual? Estupros são truculências heterorreguladoras de afirmação masculina. Por meio deles, se procura fazer as vítimas lembrarem que sexo para elas deve permanecer um sofrimento imposto, nunca uma iniciativa (JUNQUEIRA, 2010, p. 7).

Jô que já havia experimentado em seu corpo o poder regulador das clínicas de terapia, dos choques nas clínicas psiquiátricas, da reclusão na FEBEM, terá agora seu corpo como ferramenta da afirmação masculina heterorreguladora. Conheceu contra seus anseios a terrível experiência da relação sexual com o gênero não desejado, e sem seu consentimento, pois como relata:

Nunca havia me deitado com homem algum e agora eu estava ali, dezesseis anos, violentado e sem saber o que fazer. Decidi não contar nada a ninguém, não queria passar a vergonha de contar algo que pudessem me chamar de mentiroso, como minha mãe já havia feito na minha infância (LESSA, 2014, p. 65).

Jô terá em seu corpo, e de forma personificada, as marcas deixadas por essa experiência corretiva que lhe foi imposta. Terá que traçar inúmeras rotas de fuga para lidar com as consequências desse acontecimento. Depois do qual se muda da casa do senhor Bandejas, devido ser muito próxima do local onde tudo aconteceu. Novamente passou a morar de favor na casa de pessoas conhecidas, de companheiras de relacionamentos esporádicos.

Algum tempo depois desse violento episódio em sua vida, começa a perceber muitas alterações em seu corpo, quando procura sua mãe e pede ajuda para ir ao médico. Na consulta descobre que as modificações se devem a uma gravidez, “Isso mesmo parece incrível, mas é a mais pura verdade eu estava grávido, ou seria grávida? De alguém que não sabia quem era, fruto de uma violência sexual, ou como se diz hoje em dia fruto do ‘Estupro Corretivo’” (LESSA, 2014, p. 66).

Jô tinha apenas dezesseis anos e resolveu assumir sua gravidez quando a mãe se propôs a pagar um aborto. Perante a recusa de Jô sua mãe o recebe em casa com intenção de lhe dar apoio. Fica na casa da mãe até o nascimento do filho. Após o nascimento passa a viver exclusivamente para ele. Foi um homem que amamentou seu filho, afirma que tinha tanto leite que era possível amamentar muitos outros bebês.

Nesse período eu me sentia completamente assexuado, a única função do meu corpo era produzir leite para amamentá-lo. O crescimento dos intrusos não me

incomodava, porque cumpriam uma finalidade e eu via naquele bebezinho a minha continuidade. No mais íntimo dos meus sentimentos eu torcia para que ele fosse completo e livre e não um quebra cabeças como eu me sentia, eu pedi a Deus que seu corpo estivesse em harmonia com sua mente e ele jamais passasse pelo que tive que passar (LESSA, 2014, p. 72).

Pela afirmação de Jô, ao expor seu desejo de que seu filho fosse completo, ou, harmônico no corpo e mente, segundo suas palavras, percebemos uma semelhança com o discurso de Dom em ocasião do nascimento de sua neta, conforme relatamos no início do primeiro capítulo. Várias vezes confidenciou certa angústia e aflição afirmando um temor de que a neta pudesse ser como ele. Assim, afirma que seu desejo é que ela possa ser *normal*.

O discurso de Jô e Dom mostra-nos como é complexo lidar com as reiterações normalizantes do sistema heterocêntrico, pois “Esse processo de ‘desterritorialização’ do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se ‘normal’” (PRECIADO, 2011, p. 14), ao mesmo tempo em que traça vias de isolamento, dor e desespero.

Se por um lado, traçam trajetórias de enfrentamento e afirmação de suas identidades trans, por outro, a dor vivida em decorrência da enraizada matriz heterossexual e dos gêneros naturalizados, faz temer que uma pessoa amada, um/uma filho/a, neto/a, possam enfrentar o mesmo dilema.

A calma na casa da mãe de Jô durou até os cinco meses de seu filho, quando uma ex-namorada o foi visitar; sua mãe ficou enlouquecida de fúria diante da situação, e novamente o expulsou de casa. Entretanto, não o deixou levar o filho, e o fez assinar um documento abdicando a guarda do filho a seu favor.

Jô relata que desde o momento que sua mãe o acolheu já tinha um plano para lhe retirar seu filho. Certamente não faltavam justificativas para considerá-lo incapaz de cuidar do filho, especialmente jurídicas. Era considerado como mulher, ainda que se mostrasse, segundo os padrões convencionais, esteticamente um menino. Legalmente incapaz, pois tinha apenas dezesseis anos de idade, e lésbica. Reunia em si uma gama de atributos que designam aqueles que devem ser silenciados e protegidos pelas instituições políticas normalizadoras. A esse respeito Daniel Borrillo considera que:

Como aconteceu com as mulheres e ainda acontece com as crianças e os deficientes físicos, há uma tentativa de submeter os homossexuais a uma espécie de vigilância protetiva, tratando-os como inferiores: incapazes de empreender um projeto conjugal e parental, impossibilitados de transmitir seu patrimônio livremente ou, ainda, passíveis de sujeição a terapias para obter a guarda de seus filhos (BORRILLO, 2009, p. 9).

Em nome de um discurso protetivo da ordem sexual, foi obrigado a ficar longe do filho por sete anos, nesse ínterim, via o filho de forma breve e sobre os olhares de vigilância. Expõe que apesar da dor ser grande por estar longe do filho “... em alguns momentos me senti grato por ela ter criado ele para mim, pois eu temia não saber fazê-lo. Eu não saberia ser mãe” (LESSA, 2014, p. 78).

O medo de não saber ser mãe, possivelmente era reforçado pelas postulações defensoras da naturalização e reiteração dos gêneros binários, que afirmam que a boa mãe é uma mulher feminina e dedicada aos cuidados com a casa, com aos/as filhos/as, ainda que essa possuísse uma profissão e trabalhasse também fora de casa. Como Jô não se via como mulher, especialmente uma mulher convencional, em certa medida achava que o fato de sua orientação sexual ser, naquele momento, homossexual, não seria habilidoso para exercer a função materna, pois se sentia pai, “Ter parido me deu sentimentos sublimes, mas não apagou quem eu sou por dentro, eu me sentia pai” (idem).

A esse respeito traçaremos correlações ao procedermos às análises dos relatos autobiográficos de Dom, pois encontramos pontos de conexão nos discursos e experiências vividas.

Quando o filho tinha sete anos, a mãe de Jô permitiu que ele fosse morar em sua companhia; acredita que o motivo era o fato de estar relacionando com uma mulher doze anos mais velha que ele. E a mãe “Acho que no fundo minha mãe sempre soube que eu era pai e nesse momento eu me relacionava com alguém que faria bem o papel de mãe, mesmo porque eu já tinha quatro enteados” (LESSA, 2014, p. 80).

Percebemos que mesmo ousando reinventar os padrões de gênero, por meio de sua transexualidade, o discurso binário, herdeiro da ordem discursiva biologizante e naturalizada, irá comparecer recorrentemente, pois permanece uma insistente separação entre papéis de mulher e homem numa ordem dicotômica masculino-feminino.

O jogo de forças faz-se assim permanente, sendo necessárias as práticas de resistência e subversão, especialmente aquelas pequenas, diárias, minuciosas, para não recairmos na produção de um sistema heteronormativo que buscamos desconstruir. Partilhamos a perspectiva de que “Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente” (LOURO, 2012, p. 38).

Jô experimentou também a inexactidão dos gêneros na relação com o filho, não atuou com a clareza das definições do sistema heterocentrado para as vivências do papel social paterno e materno, embora tenha atuado mais como aquilo que convencionalmente é atribuído ao papel de pai. Teve um convívio rico e intenso com o filho, e pôde ensinar-lhe os valores que julgava devidos, especificamente, passar ensinamentos considerados próprios do universo masculino.

De modo semelhante, como veremos em relação à história de Dom, o filho sabia ter nascido de seu corpo biológico feminino, porém, na relação diária, nas experiências compartilhadas e educação recebida, Jô não assumia a condição de mãe, e sim de pai.

Sabemos que tais atribuições em relação ao papel de pai e mãe, decorrem das naturalizações em torno dos papéis designados para a mulher e o homem. O sexismo e o androcentrismo engendraram como verdade que docilidade, sensibilidade, afeto são reservados à mulher, assim como sua capacidade em cuidar das necessidades com a higiene e alimentação da criança. Ao pai estaria reservado o papel de provedor financeiro, defensor da segurança e ensinamentos de valores mais duros e dinâmicos na vida.

Depois de uma convivência mais intensa e cotidiana, Jô pôde então, de modo semelhante a João Nery com seu filho Yuri, ensinar seu filho a partir de uma relação de pai e filho “Na sua adolescência tivemos uma relação de pai e filho, pois mesmo ele se referindo a mim como mãe, nossas atitudes eram masculinas” (LESSA, 2014, p. 82).

Também iremos perceber a mesma dinâmica de Dom, com seus filhos e filha, ou seja, apesar de terem nascido de um corpo feminino a relação era de fato com um pai, no sentido hegemônico do que seja ser pai.

Jô afirma ter contado ao filho sobre sua origem paterna biológica, quando esse completou vinte e um anos. O filho se emocionou muito com o relato e disse o amar mais a partir daquele momento.

Essa era uma questão resolvida, no entanto, as dúvidas sobre suas identidades, especialmente sobre sua identidade de gênero, continuavam a atormentá-lo, pois continuava confuso diante da obrigatoriedade dicotômica de ser homem ou de ser mulher.

Na realidade eu nunca me senti 100% mulher, pois meus pensamentos, sentimentos e desejos eram masculinos; nem 100% homem, porque meu corpo me mostrava o contrário e muito menos lésbica, porque nos meus desejos jamais me vi em uma relação de igualdade com uma mulher ou seja, não me sentia enquadrado em nenhum grupo, mas o que eu ainda não sabia é que existiam muitas outras formas de ser, de amar, de viver e ser feliz (LESSA, 2014, p. 85).

Confusão que só começara a encontrar possibilidades de ressignificação após o encontro com João Nery, conforme relatamos.

Hoje Jô está imerso em um processo de ressignificação de sua vida, de sua subjetivação. Está produzindo novos contornos de si, desterritorializando os espaços de aprisionamento de seu corpo atrelado ao gênero biológico, e construindo novas territorializações. Está, talvez, mais do que nunca, em um produtivo processo de devir, pois “A única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável” (DELEUZE, 2004, p. 211).

2.3 Relatos de Anderson Herzer...

Não poderia iniciar os relatos de Anderson Herzer, de outra maneira, senão com sua própria apresentação feita em *A queda para o alto*, seu livro autobiográfico, lançado no ano de 1982, o qual tomaremos como referência para tecer nossas análises.

Apresentação

Para que nos apresentemos, vamos a uma poesia, na qual eu me transfiguro, a seguir iniciamos o nosso trabalho. Boa leitura.

A GOTA DE SANGUE
Eu decaí, eu persisti
tentei por todos os meios ser forte.
Lutei contra o tempo,
chorei em silêncio
gritei seu nome ao vento.
Sou filho da gota
fui templo de miséria
meu pai, um perdido
minha mãe, a megera.
Cresci vendo prantos,
dormi em meio à mata
chorei gotas sanguíneas
sou o pecado, sou a traça.
Eu ouvi um grito de desespero,
vi a lenta corrupção,
vi o olhar do corruptor,
vi uma vida na destruição
eu vi o assassinato do amor.
Tentei, venci, a vitória conquistei
porém um dia faleci.

Hoje estou em sua lembrança
eu sou sua alma oculta
e serei sua esperança.

Anderson Herzer (HERZER, 2007, p. 23).

A história de Anderson Herzer se arquiteta pela forma como enfrentou uma vida marcada pelo abandono, sofrimento e inumeráveis situações limites. Contra toda desumanidade e secura de seus dias, encontra na escrita da poesia uma rota de fuga repleta de uma beleza decantada em sua própria dor.

O inesperado quase sempre lhe veio revestido pela irrevogável morte, temática recorrente em sua poesia.

A obra de Herzer é um instrumento potente e passível de análises pelos mais diferentes campos de saber, pois há inúmeras conexões presentes, desde a negligência aos direitos dos/das menores à denúncia de uma instituição que se presta a ser protetora de menores, mas é carcerária. De igual modo, a narrativa poética e literária, os meandros e especulações psicológicas em torno dos conflitos identitários, os quais terão desdobramentos dramáticos, e as questões de gênero e da sexualidade, as quais nos despertam singular atenção. Entendemos que os relatos de Herzer configuram-se como instrumentos possibilitadores da desconstrução dos discursos constituidores dos gêneros dicotômicos e heteronormativos, pois segundo Guacira Lopes Louro “é preciso *desconstruir* o ‘caráter permanente da oposição binária’ masculino-feminino” (LOURO, 2012, p. 34-35).

Herzer nasceu em uma cidade do interior do Paraná, Rolândia, no dia 10 de junho de 1962. Relata não se recordar de ter conversado algum dia com sua mãe, ou seu pai, o qual foi assassinado quando tinha apenas 34 anos. Era apenas um menino de aproximadamente quatro anos. “Eu e minha irmã, em cima de duas cadeiras, ajoelhados, olhando o corpo do meu pai em seu caixão” (HERZER, 2007, p. 27).

Havia ainda sua mãe, porém não tinham maiores vínculos, era trabalhadora do sexo, e não tinha tempo para se dedicar aos/às filhos/as; Herzer e duas irmãs. A fome uma conhecida frequente, conforme expõe “... quando tínhamos fome e pedíamos algo para comer, recebíamos de minha mãe uma caneca de água com açúcar; aquele era o único alimento ali dentro” (ibid., p. 28).

Ficava muitas vezes aos cuidados da avó materna e de uma tia. Certo dia ouviu a notícia da morte de sua mãe, “... de repente, pensei em um modo de fugir daqueles

comentários. Andei em direção aos fundos da casa, onde existia uma pequena horta. Foi lá que eu chorei, sem que ninguém visse, de cabeça baixa, fingindo que estava colhendo abobrinhas.” (HERZER, 2007, p. 27).

Sem pai e sem mãe, foi adotado por sua tia e tio, mudou-se para Foz do Iguaçu. Em retorno de férias à Rolândia, sua cidade natal, mais uma triste notícia, sua querida avó paterna faleceu. Essa era a terceira morte em um curto espaço de tempo em sua vida.

A morte foi assim se tornando quase uma conhecida, uma espécie de companheira às avessas. Ganhou um cachorro que passou a ser sua maior alegria, porém, um dia quando Rex demorava a responder seu chamado, descobriu “Rex, deitado na calçada, com sangue por todo o corpo; perdi meu melhor amigo. Meu Rex estava morto” (ibid., p. 32).

Sua poesia se arquitetará de forma a dar voz aqueles que são silenciados, esquecidos em sua invisibilidade de vida. De tal modo, ressalta as vidas abjetas, depositadas na sarjeta da insignificância, a exemplo de sua própria vida. Assim, sua criação se faz entre impossibilidades, uma vez que “A criação se faz em gargalhos de estrangulamento” (DELEUZE, 2004, p. 167).

A seguir trazemos uma dessas poesias, por compreendermos que mais do que fazer parte do contexto de vida de Herzer, fala do anonimato e das linhas incertas de muitas caminhadas de vida; conforme expõe, de suas menoridades; seja a raça, classe, gênero, ou sexualidades não hegemônicas e, portanto, abjetas. Podemos facilmente visualizar a imagem de João Ninguém refletida nas pessoas vítimas da homo/lesbo/transfobia.

Mataram João Ninguém

Quando o próximo sangue jorrar
daquele por quem ninguém irá chorar,
daquele que não deixará nada para se lembrar
daquele em quem ninguém quis acreditar.
Quando seus olhos só puderem fitar o escuro
quando seu corpo já estiver inerte, frio e duro,
quando todos perceberem morto João Ninguém
e quando longe de todos ele será seu próprio alguém.
Tantas mãos, tantas linhas incertas,
tantas vidas cobertas, sem ninguém pra sentir,
Tantas dores, tantas noites desertas
tantas mãos entreabertas, sem ninguém pra acudir.
Qualquer dia vou despir-me da luta
pisar em coisas brutas, sem me arrepender.
Tão difícil ver a vida assassinada

quando estamos já tontos pra tentar sobreviver.
As perguntas sem respostas, sem nada,
as vidas curtas e desamparadas
o último grito que não foi ouvido
calaram mais um homem iludido.
E no mundo não dão mais argumentos
pra fugir aos lamentos
de quem sozinho falece.
Para esses, não há mais compreensão,
não há mais permissão, para que se tropece.
Na televisão, o aguardo da cotação
um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém
mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?
e João morreu... ninguém ouviu.
Eu vou distribuir panfletos,
dizendo que João morreu
talvez alguém se recorde
do João que falo eu.
Falo daquele mendigo que somos
pelo menos em matéria de amor,
daquele amor que esquecemos de cultivar
o qual com tanto dinheiro, ninguém jamais coroou.

Anderson Herzer (HERZER, 2007, p. 146).

Após sua adoção, deixou de ser conhecido como Sandra Mara Peruzzo para ser, temporariamente, Sandra Mara Herzer. Esse foi o nome que o acompanhou em seu meio familiar e social até o início de sua adolescência, quando passa a utilizar o nome social de Anderson Bigode Herzer.

É interessante observarmos que mesmo assinando seu livro no masculino, e ao longo de todo seu relato tratando a si no masculino, muitas/os pesquisadoras/es que tomaram sua obra e história de vida como objeto de estudo, optaram em fazer referência a Herzer no feminino.

Em um de seus poemas, *Estado psicológico*, afirma: “e se me quer na lembrança,/ guarde meu nome contigo/meu nome é nome, só nome/é simples, mas decisivo” (HERZER, 2007, p. 150). Herzer enfatiza o poder produtivo da linguagem e de seus ecos emitidos pela repetição. Parece saber que a linguagem produz corpo, sujeitos, vidas. E, assim, por sua linguagem escrita, deixa marcado seu nome.

Contudo, conforme observamos no excerto: “Um dos poucos relatos sobre as meninas na FEBEM é o de Sandra Mara Herzer (1982), o Anderson Bigode. Nascida em 1962...” (GONÇALVES, 2015, p. 01), a referência ainda que traga a presença da

masculinidade, mantém a identidade de Herzer atrelada à naturalização do gênero feminino. De modo semelhante, também percebemos que Renato Cordeiro Gomes segue a mesma dinâmica, pois expressa: “É, neste mundo marcado pela falta de compreensão e carinho, como Herzer redundantemente afirma, que ela vai viver a sua situação-limite em busca de identidade” (GOMES, 2013, p. 204-205).

No artigo *Homofobia em a queda para o alto: discriminação x afirmação de identidade por menores infratores*, as autoras e autor, embora optem por nomear Herzer no masculino, em alguns momentos escorregam e, normativamente, o tratam no feminino. Nota-se que, mesmo antes de trazerem uma citação de Herzer afirmando se reconhecer como um rapaz em fase adolescente, o incluía no grupo das meninas lésbicas, conforme observamos no excerto: “... não havia sequer o direito de expressar-se como eram de fato, fazendo com que elas se perguntassem por que não podiam ser aceitas da forma como realmente eram...” (BARBOSA, et al., 2015, p. 6).

Em outra referência, no artigo *Experiência autoritária e construção da identidade em A queda para o alto, de Herzer*, o autor Arnaldo Franco Júnior, em muitos momentos também opta por um tratamento no feminino, conforme observamos no excerto: “Amparada pelo então deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, a ex-interna da Febem apresentou-lhe poesias e peças de teatro...” (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 240).

Percebemos como a linguagem, no poder enunciativo de suas elaborações discursivas, ainda se mantém regulada pelo policiamento dos gêneros, defensor da política heteronormativa, ainda quando parece propositalmente intencionada a desconstruir tais regulações. Assim, o que mais uma vez se nota é uma produtividade incansável realizada pelo discurso heterocentrado, o qual não cessa de se renovar e recompor nas mais detalhadas e inesperadas formas.

O cineasta Sérgio Toledo Segall fez uma adaptação do livro *A queda para o alto* de Herzer para a produção do filme *Vera*, no qual teve “liberdade para modificar a história real de Herzer” (SUPLICY, 2007, p. 10). Em sua trama Herzer é Vera Bauer, entretanto, apesar do nome feminino, o cineasta traz Herzer como um transhomem, o qual se automeia apenas como Bauer. Enfatiza em seu enredo os dilemas enfrentados por um homem trans ao viver a instabilidade de uma identidade de gênero subversiva em uma sociedade que impõe barreiras constantes para a vivência das experiências transexuais.

Para Marie-Hélène Bourcier, é preciso conceber “o sujeito e o agente político não como um centro autômato de soberania e conhecimento, mas como uma posição instável,

como o efeito de constantes renegociações estratégicas de identidade” (BOURCIER, 2014, p. 10). Assim, nomear um sujeito em um gênero decorrente de um sexo gonadal, constitui uma forma de encerrá-lo numa posição estável e politicamente intencionada.

Nosso olhar buscou trilhar pelas vias da instabilidade e renegociações da identidade de gênero de Herzer. Buscamos perceber o que não se apresenta na essência biológica de seu corpo, ou, em outras palavras, não nos deixamos guiar por sua certidão de nascimento, a qual lhe atestou um nome e um gênero, pois segundo Preciado (2014), todas/os nós já fomos mais ou menos operadas/os quando nos foi inscrito um gênero no nascimento. Uma operação realizada com intuito político de manutenção do sistema sexo/gênero heterossexual.

Por meio de seus relatos, compreendemos que Herzer nos dá várias indicações de que desde cedo se reconhece e busca construir vivências e performances dentro de um universo convencionalmente considerado masculino. Enaltece que seus melhores e inesquecíveis amigos eram Artur e Duda. Suas brincadeiras preferidas não se vinculam ao ideário tradicional feminino, relata que “Aos domingos, jogava bola no campinho, matinê à tarde, às vezes brincava de carrinho num terreno baldio, construía barracos no mato e saía à procura de bichos, com meu revólver de espoletas e um pedaço de pau” (HERZER, 2007, p. 33).

Ao arquitetar sua trajetória em territórios nomeadamente reconhecidos como pertencentes à dimensão masculina, certamente não o fez sem embates, pois, conforme nos relata, aprendeu precocemente a ser um contestador das normas. Assim, possivelmente teve que burlar os regulamentos impostos a seu gênero biológico, por exemplo, no que se refere às suas escolhas por brinquedos e brincadeiras reservadas aos meninos, especialmente por sua infância ter sido vivida no contexto da década de setenta.

Podemos conjecturar que Herzer ao perceber que “O contexto social, ao construir o que é próprio do sexo (menino e menina), inventa os atributos de gênero (masculino e feminino)” (FURLANI, 2011, p. 69), buscou traçar para si, por meio das brincadeiras vinculadas à dimensão masculina, os atributos tradicionalmente catalogados para o gênero desejado. De alguma forma parecia intuir que “Essa construção cultural geralmente é limitada e engessa o aprendizado das crianças, sobretudo quando nós, professores e professoras, nos apegamos às construções rígidas de gênero, considerando não adequado que meninos brinquem de casinha, por exemplo” (idem).

Ao discorrer sobre a destruição de sua nova casa, derrubada por uma forte ventania, parece querer marcar os próprios vendavais que atravessaram sua vida, e a impregnou de destruições constantes. Afirma que “O tempo foi passando e levando com ele as lágrimas de um coração quase sempre ameaçado pela destruição” (HERZER, 2007, p. 28).

Uma forma de enfretamento às seguidas destruições e à ausência de carinho e afeto em sua vida, já que não os encontrara em sua nova família adotiva, será um comportamento de agressividade e rebeldia. Afirma que “O tempo foi passando, e eu me tornando uma criança adulta, que lutava contra tudo e contra todos que viessem a me aborrecer com opiniões sobre fatos contra os quais eu me colocava: a agressividade parecia ter se infiltrado no meu sangue” (HERZER, 2007, p. 33).

Na escola sempre se envolvia em brigas, acarretando diversas queixas dos/as professores/as, da vizinhança. E mesmo que Herzer não se dedique muito a relatar os conflitos na escola, nos permite pensar que sofria discriminações e preconceitos no contexto escolar, decorrentes de sua identidade de gênero. Segundo Ávila, em pesquisa realizada com transhomens, “... seria ingenuidade pensar que seus tempos de escola tenham sido fáceis. Eles também relatam inúmeras situações de violência na escola” (ÁVILA, 2014, p. 117).

Sabemos que a escola tem sido historicamente, ao lado de outras instituições reguladoras e normativas, especialmente a família, responsável por incentivar, produzir ou mesmo impor, estrategicamente, padrões hegemônicos e dicotômicos de gênero. A criança apreende na escola, como em uma retroalimentação dos ensinamentos familiares tradicionais, o que é o mais adequado e valorizado para cada gênero. Meninas ou meninos internalizam, precocemente, que ser valorizadas/os e reconhecidas/os como mulher/homem exige o cumprimento protocolar de postulados polarizados e marcados para cada gênero.

Estar à margem de um padrão normativo dos gêneros em um ambiente escolar significa quase que diretamente se submeter à experiência de marginalização, aversão, exclusão, conflito e dor. A homo/lesbo/bi/transfobia é uma realidade elaborada, costurada nos mais variados espaços educacionais, assim, necessita ser incansavelmente desconstruída em suas minuciosas estratégias de produção dos corpos, saberes e subjetividades, pois de acordo com Richard Miskolci:

No caso as “identidades de gênero”, desde a infância, os sujeitos são ensinados a se enquadrar em padrões normativos, demarcando fronteiras do que é esperado ou não de uma menina ou menino. Esses corpos são vigiados pela sociedade (família, escola, mídia), de forma a não apresentar ambiguidades e se ajustar a comportamentos percebidos como “normais” (MISKOLCI, 2014, p. 61).

De modo semelhante às suas perdas precoces, Herzer, aos quatorze anos, já havia alçado vários voos ao romper os convencionais espaços designados para sua idade, “Às noites, não dormia mais em casa; ao entardecer eu saía e só voltava no dia seguinte” (HERZER, 2007, p. 35).

Passou a frequentar um bar-lanchonete, perto de sua casa, em que só frequentavam homens com mais de trinta anos de idade. A bebida passou a ser mais que um hábito, tornou-se uma necessidade, o alimento diário de sua existência, uma possibilidade de vida perante as amarguras acumuladas, e os acontecimentos não menos áridos em sua nova família adotiva. Herzer compartilha que:

Sem o álcool, eu não era nada, brigava muito em casa, mas bastavam algumas doses e me transformava, jogava palitos, baralho, participava de rachas de carro e motos, em São Bernardo do Campo. Porém, se não bebesse nada, só tinha vontade de fugir, de brigar, de ver sangue alheio ou mesmo o meu. [...]sentia-me feliz; naquele mundo não havia tristeza, não havia ódio, era como uma viagem a um mundo perdido (ibid., p. 35-36).

O álcool se tornou um vetor de força, que como o próprio Herzer afirma, o transformava, e permitia-lhe inventar novos modos de vida e de subjetivação, entendida segundo Foucault, como “... o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2012, p. 256). Por meio da embriaguez podia ser mais um homem a jogar palitos e baralho num bar; era uma viagem, uma rota de fuga em sentido deleuziano, passível de romper as normatizações impostas em sua família, escola, em sua dureza cotidiana. Mesmo perante os riscos da dependência, era uma das linhas disponíveis para que pudesse seguir; mais tarde essa linha se bifurcará em outro efeito embriagador, o da escrita de poesias.

Devido sua dependência em relação ao álcool, sua mãe o internou na Comunidade Terapêutica Infância/CTE. Afirma que a grande ironia era o paradoxo da situação, pois apesar de ingerir muito álcool, e passar quase todas as noites no bar próximo à sua casa, nunca havia ingerido drogas. Entretanto, “... a Comunidade Terapêutica Infância/CTE não me guardou desse obstáculo” (HERZER, 2007, p. 36). Em um local que deveria

realizar o tratamento de seu alcoolismo, conheceu as drogas, por meio do uso do comprimido *Optalidon*.

Ao sair dessa clínica foi levado por sua mãe para um tratamento psicológico, o qual não suportava. Foi novamente internado, dessa vez na clínica Instituto Eldorado de Repouso. Saiu depois de três semanas, devido sua promessa de não mais beber. Porém, não conseguia se afastar da bebida. Abandonar o consumo do *Optalidon* foi possível, mas o álcool era seu motor.

As internações a que foi submetido representam os dispositivos iniciais, atravessados por relações de poder, as quais minuciosamente produziram as delinquências e infrações que posteriormente conduziu Herzer à Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), e as sofisticou em mecanismos ainda mais refinados, pois de acordo com Foucault “As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 2012, p. 354).

A ameaça de sua mãe e de seu pai em encaminhá-lo à FEBEM, tornou-se frequente. Até o momento que se cumpriu, pois “... um dia, chegara em casa pela manhã, mal me deitara para dormir, fui acordado com alguém me chamando. Olhei ao redor de minha cama e entendi tudo: meu pai, minha mãe, uma mulher e um policial, todos me fitavam” (HERZER, 2007, p. 38).

Desabafa ao dizer que quando a perua da FEBEM se afastava o levando, sua mãe deixava cair lágrimas da face, no entanto, questionava o motivo de seu choro, já que o havia internado em três lugares seguidos. Acreditava que todos queriam na verdade livrar-se dele, como se livra de um objeto inútil.

As internações de Herzer em clínicas psicológicas, embora visassem o tratamento ao alcoolismo, certamente possuía motivações semelhantes àquelas que levaram a mãe de Jô Lessa a encaminhá-lo para internações em clínicas psiquiátricas. Conjecturamos que a internação de Herzer se deve ao fato de também vestir, transitar, circular com um corpo tido como abjeto e, assim, não desejável aos padrões heterocentros, pois segundo Louro:

As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos (LOURO, 2013b, p. 84)

Ao entrar na FEBEM, de imediato percebeu que aquela fase seria a mais difícil e dolorosa de sua vida. Seria “Um encontro direto com a marginalização!” (HERZER,

2007, p. 39). As palavras de Herzer estavam, assim, estreitamente conectadas com o pensamento foucaultiano, ao afirmar que “As prisões não diminuem a taxa de criminalidade: pode-se aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las, a quantidade de crimes e de criminosos permanece estável, ou, ainda pior, aumenta” (FOUCAULT, 1999, p. 292).

Após narrar a perda de seu e sua genitor/a, a adoção pela/o tia e tio, a infância marcada por sua personalidade agressiva, a precoce boemia e alcoolismo, as internações em clínicas para o tratamento do alcoolismo, sua ida para FEBEM, explica às/aos leitoras/es, no capítulo VII, os acontecimentos ocorridos com sua família adotiva antecedentes à sua ida para Febem.

Afirma que desde o período da infância, o desentendimento entre ele, sua mãe e seu pai adotivos se iniciaram. Em resumo, a trama se deu devido Herzer ter delatado ao pai a traição de sua mãe, justifica que seu intuito era impedir a destruição de sua segunda família, e mantê-la unida. No entanto, o plano de Herzer não correu como esperado, pois o desentendimento foi inevitável e sua mãe o ameaçou, dizendo “... que eu havia destruído a família deles, como se eu não fizesse parte da mesma, que eu não perderia por esperar, eu iria pagar muito caro por isso” (HERZER, 2007, p. 43).

Apresenta ainda outro fator desencadeador do desentendimento. A tentativa de abuso sexual, tendo seu pai adotivo como o autor. Em suas palavras, expõe:

Talvez meu pai já pensasse em fazer isso antes, ou talvez tenha sido algo que ele pensou naquele momento, mas eu estava tapando alguns vidros de perfume, quando senti seu corpo tocar no meu corpo, e suas mãos me apertaram, aquelas mãos que antes eram tão dóceis e tão paternas, tornaram-se imundas e nojentas. Sim, meu pai me desejava. Eu me virei contra ele, estupidamente, tentando afastá-lo de mim. Consegui me livrar de suas garras sujas, correndo em direção à porta: mas ele me alcançou e eu, tentando fugir, me debatia. Ele se irritou e golpeou com toda a sua força o meu braço esquerdo (HERZER, 2007, p. 44-45).

Herzer propõe que esses acontecimentos impulsionaram sua fuga noturna nos bares e na bebida, e ajudou a empurrá-lo para a FEBEM.

Nos relatos sobre o período que ali passou, Herzer destaca a violência extrema praticada pelos representantes da lei, desde os agentes da FEBEM ao diretor. Narra, minuciosamente, as surras, espancamentos, castigos e torturas corriqueiras utilizadas como o principal dispositivo da aprendizagem e reeducação das/os internas/os. Entretanto, as marcas da violência se apresentaram não apenas em seu corpo, mas

igualmente em sua alma, o que nas análises de Foucault, em *Vigiar e punir*, significa que essa é produzida constantemente, pois:

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência (FOUCAULT, 1999, p. 32-33).

Falar em desumanidade praticada dentro da FEBEM e da insalubridade daquele espaço, parece não ser expressões capazes de abranger a denúncia de Herzer em seus relatos. Em um deles descreve as surras a que foi submetido e a inúmeras outras que assistiu. Expõe:

Com a cabeça erguida, olhando para ele, jamais esquecerei seus olhos sádicos, que brilhavam enquanto me batia! Ele se cansou, parou, olhou para mim e me mandou tirar a cueca. Eu balancei a cabeça, me negando... Ele me jogou violentamente no chão, pisou em minha barriga, depois chutou meus pés e saiu. [...] Pensei em morrer... (HERZER, 2007, p. 44-45).

A brutalidade e perversidade eram as armas de produção daquelas vidas tidas como desprezíveis. Porém, Herzer destaca que “... relatar, apenas, não é o suficiente para que as pessoas possam sentir o quanto é constrangedora a visão de um local onde as pessoas são como objetos sem uso... depositadas.” (ibid., p. 48). Depositadas em uma instituição que se intitulava Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor, mas que na verdade nada mais foi do que uma “... prisão, com todos os investimentos políticos do corpo que ela reúne em sua arquitetura fechada...” (FOUCAULT, 1999, p. 34).

Descreve, de maneira semelhante à Jô Lessa, como se organizam as relações entre *as internas*, ou seja, de forma a reproduzir o modelo familiar nuclear e heteronormativo, conforme podemos observar nas palavras de Herzer:

Na Febem, os ‘machões’ tinham sua mulher, isto é, outra menor da mesma unidade e, dependendo do casal, uniam-se a eles outras meninas que se colocavam no papel de filhas ou filhos. Assim sendo, havia várias famílias lá dentro, algumas pequenas, outras imensas (HERZER, 2007, p. 76).

Ainda que contestem as normas e o forte controle regulador praticado dentro da FEBEM, as/os internas/os reproduziam entre si, produtivamente, muitos dos mecanismos a que eram críticas/os, especialmente as atitudes machistas, sexistas e patriarcais arquitetadas pelo modelo familiar heterossexual.

As *machões*, ao realizarem a performatividade do gênero masculino, incluía-se aí a naturalização imposta à masculinidade hegemônica. Assim, entendiam que “... ser um « homem de verdade », na esfera doméstica, significava controlar a mulher dependente e seus filhos e ser o « cabeça » do casal, e na esfera pública do trabalho, a incorporação de uma ética que os tornasse provedores” (ÁVILA, 2013, p. 3-4).

Naquele território sombrio, seco e tenebroso, Herzer conhece outras expressões da sexualidade, além da heteronormativa, ainda que, de alguma forma, permaneça também atrelado às amarras do sistema heteronormativo no que se refere às vivências de suas experiências sexuais.

Expõe que em certo momento se deparou com o relacionamento afetivo e sexual de duas meninas. A partir de então começou a perceber que “... uma delas se trajava, forçando um tipo masculino, embora tivesse gestos muito femininos: seu modo de andar, seu corpo. Era uma garota que mais tarde eu vim a conhecer como ‘um dos machões’ da unidade” (HERZER, 2007, p. 55), fazendo assim referência à presença das lésbicas masculinizadas, ou ao *paizão*, como nomeia Jô Lessa em seus relatos.

O encontro com uma identidade feminina masculinizada permitiu a Herzer a liberdade para poder se identificar com o gênero masculino, conforme expressa: “... sempre desde minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino” (idem). Assim como lhe permitiu viver uma orientação sexual, considerada por ele, naquele momento, homossexual, pois declara que “... ninguém iria modificar: eu era homossexual, ponto final” (ibid., p. 70). Entretanto, seu discurso traz outros elementos a serem considerados, pois também afirma ter realizado “... uma grande descoberta, saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um” (ibid., p. 33).

A perspicácia e riqueza do discurso de Herzer trazem vários enunciados a serem observados. A presença de uma linguagem machista, a identidade de gênero oposta à ordem do nascimento, e a possibilidade da transmasculinidade, uma vez que ele quebra o postulado biologizante defensor da prerrogativa que para ser homem é preciso ter nascido com pênis e testículos. Herzer, em outras palavras, parecia querer afirmar: sou homem, ainda que com um corpo feminino.

No entanto, não tinha naquele momento conhecimento sobre a categoria transmasculinidade, de modo semelhante a Jô Lessa, Dom, e muitos outros *FtM*, pois,

conforme indica Ávila (2014), muitos deles não se autoidentificam como trans na infância. Explica-nos que “Alguns se autoidentificaram como trans na idade adulta, identificando-se anteriormente como ‘lésbicas’. Lésbicas masculinizadas’ ou lésbicas ultramasculinas” (ibid., p. 120).

Sabemos ainda que no contexto da década de setenta no Brasil essa temática não estava na pauta discursiva das políticas de gênero e das multiplicidades sexuais, pois também de acordo com Ávila (2013) a visibilidade das transmasculinidades só começa a se expandir a partir de 2010, seja nas mídias, no movimento LGBTTT, nos diferentes cenários políticos, ou mesmo nos estudos acadêmicos.

Assim, Herzer não poderia se alcunhar como um transhomem, mas ao se nomear como homem, e conhecendo o contexto de sua história de vida, percebemos uma possível proximidade com essa categorização.

Apesar de suas palavras, ao compartilhar seu desejo de ter nascido menino, outra ideia nos é apresentada no prefácio de seu livro por Eduardo Matarazzo Suplicy, quem se tornou tutor legal e protetor de Herzer, e contribuiu para sua saída e sobrevivência fora da FEBEM. Assim como para incentivá-lo na escrita de seu livro autobiográfico, que foi publicado juntamente com suas poesias, por mediação e empenho de Suplicy, quem afirma:

Um dos fatores que provavelmente contribuiu para a transformação da personalidade da menina Sandra Mara Herzer em Anderson Bigode Herzer foi o desaparecimento de seu namorado, de apelido “Bigode”. Bigode teria falecido em um acidente de moto. Segundo Lia Junqueira, a menina Sandra Mara ficou tão triste com a morte do único homem que aprendera a gostar, que pensou em se tornar “Bigode”. Em seu punho ela fez a tatuagem: “Big”. [...] Provavelmente porque preferia não ter mais lembrança de se sentir mulher, optou por não contar esse episódio em seu livro (SUP LIC Y, 2007, p. 12-13).

Enfatizamos mais uma vez que para nós não se encontra em questão saber se de fato Herzer era um *transsexual verdadeiro*, se algum dia assumiu uma identidade de gênero feminina por opção e desejo, já que o paradigma da estabilidade e rigidez dos gêneros é em nossas análises refutado, pois é justamente aquilo que buscamos desconstruir. Embora, conforme analisaremos, Herzer de alguma maneira parece querer legitimar e autenticar sua masculinidade.

O que nos parece interessante observar nas considerações de Suplicy, é que em sua proposição do que teria impulsionado Herzer a transitar de uma identidade de gênero feminina para a masculina, seria a impossibilidade de vivência de uma orientação sexual

heterossexual em um possível romance. Não parece ter sido cogitado a possibilidade de que Herzer pudesse se reconhecer como homem, e ter se envolvido afetiva-sexualmente por outro homem. Sendo assim, um transhomem homossexual.

Novamente percebemos que a herança binária heterossexual impede a elaboração dessa análise, o que também consideramos relacionado ao contexto discursivo daquele período, década de setenta/oitenta. Mesmo na atualidade, muitas vezes não transita na ordem dos discursos sobre gêneros e sexualidades considerar que as pessoas transexuais, ou demais pessoas transgênero, possam ser heterossexuais, bissexuais, homossexuais ou mesmo assexuadas, conforme destaca Edith Modesto:

Alguém pode ser homem ou trans homem e sentir-se atraído sexualmente, ou afetivamente, por homens, ou por mulheres; alguém pode ser mulher ou trans mulher e sentir-se atraída sexualmente, ou afetivamente, por mulheres ou por homens. No primeiro caso, essas pessoas serão consideradas homossexuais; no segundo, heterossexuais. Se a pessoa se sentir atraída afetiva ou sexualmente, tanto por homens, quanto por mulheres, será considerada bissexual, se não se sentir atraída por ninguém, será considerada assexuada (MODESTO, 2013, p. 50).

Para nossas análises a respeito dos relatos autobiográficos de Herzer, optamos em realizá-las apenas a partir daquilo que emerge e circula na superfície de seu discurso. O que nos aparece é que Herzer se nomeia no masculino, assina seu livro dessa forma, sua autobiografia aparece toda no masculino, enfatiza sua masculinidade, critica *as machões*, assim como suas performances de gênero temporárias, transitórias, limitadas aos muros internos da FEBEM.

Assumir sua identidade masculina constitui uma das estratégias subversivas ao território árido da FEBEM, de toda sua ausência de aconchego e ternura parental, Herzer parece quebrar o vazio de sentido ao encontrar a possibilidade de viver uma identidade masculina, já desejada desde a infância. A outra estratégia, a escrita de poesias, com suas novas matizes mais maleáveis, permite igualmente desterritorializar os cárceres das tecnologias políticas fascistas, as quais, segundo Preciado (2014), produzem formas de subjetivação normativas.

Herzer relata-nos uma orientação sexual heterossexual, já que desejava sexualmente suas companheiras internas. Inicialmente, apaixonou-se por Rosana, “Eu a achava linda, perfeita, a mulher que qualquer homem gostaria de obter. Sua pele morena dizia da beleza do sol, nos seus cabelos, quase negros, eu queria perder minhas mãos” (HERZER, 2007, p. 56). Depois o encanto passou e estabeleceu relações com várias

outras companheiras internas, “... eu comecei a ser reconhecido como um garoto, lá dentro, todas as meninas passaram a me tratar bem, a me ouvir e, muitas vezes, até a respeitar minhas decisões” (ibid., p. 66).

É com satisfação que Herzer exhibe sua masculinidade e o reconhecimento dela, assim como o apelido conquistado conseqüentemente, “... não somente nas unidades da Febem, como também no centro da cidade, nos bares; e, logo, em minha própria casa, todos sabiam que se perguntassem por mim como Sandra, poucos responderiam, pois meu apelido era “Bigode” (HERZER, 2007, p. 66). Apelido esse, estreitamente relacionado com uma referência tradicional masculina, o Bigode.

Herzer, o Bigode, passa a ser conhecido por ser assediado e disputado pela maioria das internas, tanto que o apelidaram de “‘Galo’, pois eu não tinha uma só mulher, tinha sempre uma fixa, mas por outro lado inúmeras na unidade e também em outras unidades da Febem” (ibid., p. 76). Afirma que sua *autenticidade masculina* fará com que as garotas lhe mandem cartas e o procurem para conversar, “Nessas cartas propunham até se entregar para mim, quando eu desejasse... E eu me vi rodeado de meninas, até que percebi que eu teria quem eu quisesse, bastaria escolher.” (ibid., p. 67).

Seus relatos, conforme apontamos, não deixa de trazer elementos sexistas e machistas, ou seja, ao proferir as palavras: *ter uma mulher*, compreende a mulher como uma presa, objeto disponível ao prazer sexual masculino. Assim, o discurso de Herzer é carregado de uma vertente heteronormativa, mantenedora do binarismo dos gêneros, e da oposição dominação-submissão decorrentes do par masculino-feminino, responsáveis por reciclar e reafirmar as dicotomias dos gêneros.

Por outro lado a riqueza dos relatos de Herzer também nos possibilita mostrarmos em que contexto e aspectos ele se enrijece na norma e a reproduz, e em quais opera uma desconstrução do padrão de masculinidade hegemônica. Para Robert William Connell e James W. Messerschmidt, a masculinidade hegemônica...

... se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. [...] Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Em muitos momentos, Herzer apresenta-nos uma masculinidade dissidente da hegemônica, pois no contexto em que transita e constitui sua masculinidade, esta não é a mais honrada e desejava. Exercia-a de modo transgressor ao se opor às masculinidades

machistas, rudes, violentas dos agentes da FEBEM, quando defendia as menores diante das agressões gratuitas de que eram vítimas. Assim como ao demonstrar extrema sensibilidade, afetuosidade e humanidade com suas companheiras ou pessoas amigas, e com a dedicação à arte, por meio da escrita de suas poesias e na organização e apresentação de peças de teatro. De tal modo, percebemos a produção de uma masculinidade que busca romper com os padrões normativos, ainda que esteja, em vários aspectos e momentos, no trânsito dessa desconstrução.

Nesse trânsito e devir, Herzer faz questão de expor suas distinções em relação às demais internas nomeadas de *machão*, e apropriar-se cada vez mais dos códigos de gênero convencionalmente atribuídos à masculinidade heterossexual, normativa e hegemônica. Afirma:

Em geral as menores como eu eram chamadas de *machão*, mas a maioria delas era criticada pelas outras, pois nos passeios da unidade para locais como cinema, unidades masculinas, enfim qualquer tipo de passeios, essas menores eram totalmente diferentes: aceitavam gracejos de homens, muitas arrumavam namorados etc. Como nunca dei motivo para nenhuma crítica desse tipo, era sempre ressaltado como sendo o único “machão” autêntico (HERZER, 2007, p. 67).

Na fala de Herzer, ainda que sem uma intenção proposital, percebemos que ao distinguir-se dos demais machões e rotular-se como um *machão autêntico*, aproxima-se do discurso médico endereçado à transexualidade, quando pretende diagnosticar e nomear o *verdadeiro transexual*. Nesse caso, Herzer, corresponderia ao que o saber-médico psiquiátrico postula para diagnosticar o verdadeiro transexual, conforme discutimos no 1º capítulo, por meio das análises de Berenice Bento (2008).

Para o saber médico, o transexual verdadeiro deve se submeter ao teste da vida real para conseguir o laudo que ateste sua transexualidade, ou seja, comprovar ser capaz de viver no cotidiano o gênero a que se identifica. Herzer cumpriria tal exigência, pois não abdica sua identidade masculina em nenhuma circunstância, conforme expressa, era o *machão autêntico*, sem borramentos de fronteiras entre os gêneros.

Relembramos que a realização do diagnóstico transexualizador, submetido às instâncias de saber-poder médicas e psicológicas, está carregado de um caráter patologizante e mesmo transfóbico, pois conforme postula Judith Butler, “El «diagnóstico» puede funcionar de diversas formas, pero una de las formas en las que puede y, de hecho, funciona, especialmente entre aquellos que son transfóbicos, es como instrumento de patologización” (BUTLER, 2006, p. 114).

Outra característica responsável pelo apelido de Herzer, e por sua fama, conforme narra, era a quantidade de pêlos que começaram a se desenvolver em seu corpo, “... nas pernas, axilas, peito, costeleta, características as quais as outras não possuíam, pelo contrário, às vezes chegavam a ser chamadas por ‘mãezinhas’” (HERZER, 2007, p. 67).

A esse respeito Eduardo Suplicy faz também referência, ao afirmar que acompanhou Herzer, após sua saída da FEBEM, em uma consulta com a ginecologista Dr^a Albertina Duarte Takiuti, do Hospital das Clínicas, que constatou que “seus caracteres sexuais femininos sofreram uma parada em seu desenvolvimento (SUPLICY, 2007, p. 12).

Herzer demonstra grande regozijo ao se afastar do vínculo identitário feminino. Era um machão, com pelos, bigode no corpo e no nome. Amado, desejado e respeitado pela maioria das mulheres. Queria de todo forma afastar-se dos vínculos indentitários femininos, conforme expressa: “Sandra... Sandra motivo, Sandra causa, Sandra desgraça, tudo, menos... Sandra gente. Como eu me sentia pequeno, humilhado... rebaixado” (HERZER, 2007, p. 71).

Em outro momento de sua fala percebemos uma construção que nos permite compreender que apesar de gostar de ser identificado como um *machão autêntico*, parece sim, desejar algo mais do que esse rótulo, já que esse pode ser apenas efêmero e restrito ao espaço da FEBEM, ou às suas estruturas de regulação hierárquicas. Assim, expõe que: “... para elas eu não me encaixava na área dos machões e sim um homem qualquer que estivesse em meio às meninas” (ibid., p. 108).

Herzer nos sinaliza, a exemplo desse excerto, que sua identidade de gênero não se devia às circunstâncias transitórias das dinâmicas impregnadas por agressividades, arbitrariedade e hierarquias impostas na FEBEM, ponto de vista que Arnaldo Franco Junior defende quando afirma:

Ao sublinhar, no relato autobiográfico, uma identidade masculina vinculada ao nome que constrói para si, Herzer nos oferece uma possível pista para que reconheçamos que, em sua experiência adolescente na Febem, caracterizada por práticas sistemáticas de violência física e simbólica, a construção de uma identidade masculina é a saída que encontrou para, além de afirmar o seu desejo por mulheres, resistir e sobreviver tanto às surras regadas a murros, tapas na cara, golpes de cassetete, bem como a trabalhos físicos extenuantes e humilhantes quanto à contínua humilhação de ter a sua condição feminina sublinhada como inferior e/ou anormal pelo exercício brutal da autoridade masculina do então diretor da unidade da Febem da Vila Maria – fato que, dada a natureza institucional da Febem, estendia-se também ao exercício dos demais agentes da unidade (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 243).

Por outras vias de análises, compreendemos que sua identidade de gênero ampliava-se para além dos limites daquele território. Deixa transparecer que seu desejo não era ser um machão autêntico da FEBEM, mas um homem, assim reconhecido em qualquer contexto, pois, conforme expressa, “Para mim eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso que deveria ser tratado clinicamente. Mas para o Sr. Humberto não havia outra palavra; simplesmente um machão da V. Maria” (HERZER, 2007, p. 108).

Pelo discurso de Herzer, percebemos que seu desejo era assumir uma identidade masculina no sentido mais convencional, naturalizado e mesmo heterocentrado, almejava ser reconhecido como um homem comum, sem nenhuma proximidade com as características tidas como pertencentes à feminilidade. Esse parece ser o maior embate que enfrentará ao sair da FEBEM, pois, ainda que com grandes ataques homo/transfóbicos, era contraditoriamente aquele território sombrio que preservava sua masculinidade.

Os acontecimentos diários fora da FEBEM impuseram de forma recorrente limites e barreiras para que Herzer pudesse exercer e transitar no gênero escolhido. A esse respeito, Suplicy afirma:

Havia uma enorme barreira para Herzer conseguir um lugar numa pensão ou arrumar um emprego regular. Pessoa doce, que tratava muito bem aos que lhe respeitavam, capaz de se desdobrar em esforços para fazer um bem a quem necessitasse de alguma ajuda, porém com uma dificuldade de ser aceita normalmente por todos. Pois ao longo de seu tempo na Febem, pouco a pouco, e cada vez mais fortemente, Herzer passou a se sentir e a se portar como se fosse homem (SUPLICY, 2007, p. 12).

Herzer, ao realizar um concurso para se efetivar na Assembleia Legislativa de São Paulo, em julho de 1982, foi reprovado, sentiu-se abalado com as discriminações transfóbicas praticadas no momento do exame, pois, “Mesmo à entrada do exame, os responsáveis duvidaram de sua identidade: Um rapaz com o nome de Sandra Mara?” (ibid., p. 14). Lembramos que essa situação humilhante é recorrente para a maioria das pessoas transexuais, uma vez que no Brasil para poderem realizar juridicamente a mudança de nome é preciso, antes, ter se submetido ao processo transexualizador e possuir um laudo médico que ateste sua transexualidade.

Sem ser aprovado no concurso Herzer foi exonerado, e passou a ter dificuldades financeiras, “Herzer demonstrava muita ansiedade. Em 5 de agosto, como também dez dias antes, dei-lhe alguns recursos para que pudesse pagar suas despesas diárias. Nesse

mesmo dia, entretanto, por diversas razões, Herzer escreveu: ‘Minha vida, meu aplauso’ (SUPLICY, 2007, p. 14).

Este poema certamente foi a despedida de Herzer, seu adeus.

MINHA VIDA, MEU APLAUSO

Fiz de minha vida um enorme palco
sem atores, para a peça em cartaz
sem ninguém para aplaudir este meu pranto
que vai pingando e uma poça no palco se faz.
Palco triste é meu mundo desabitado
solitário me apresenta como astro
astro que chora, ri e se curva à derrota
e derrotado muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste
mas todo mundo estava cansado de ver isso
e todo mundo se esqueceu de minha estreia
pois todo mundo tinha um outro compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
e muita gente curiosa veio me ver
viram no palco um corpo já estendido
eram meus fãs que vieram pra me ver morrer.
Esta noite foi a noite em que virei astro
a multidão estava lá, atenta como eu queria
suspirei eterna e vitoriosamente
pois ali o personagem nascia
e eu, ator do mundo, com minha solidão...
morria!

Anderson Herzer (Idem)

Após um mês do episódio relacionado à sua reprovação no concurso, em 9 de agosto de 1982, Herzer salta do Viaduto 23 de Maio, vindo a falecer no dia seguinte.

Ainda na FEBEM, a visibilidade cada vez mais crescente de sua identidade masculina desencadeará embates diretos com o poder normalizador dos funcionários e do então diretor da unidade da FEBEM, Senhor Humberto Marini Neto. Um poder que na análise de Foucault não é um poder repressor, mas incitador, produtor de verdades, corpos, sujeitos, políticas, saberes. Temos assim, segundo Foucault:

... que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 1999, p. 218).

A estratégia de produção dos corpos e dos gêneros na FEBEM é facilmente notada na forma como se organizam as relações entre os/as internos/as, por exemplo, as famílias, as relações afetivas e sexuais, essas não são reprimidas de forma efetiva. Antes, são castigadas, mas ainda assim, incitadas. Por exemplo, o relato seguinte permite-nos perceber como a abjeção das masculinidades dissidentes à hegemônica é produzida no sentido de manter a polaridade normal-anormal, macho ilegítimo/sem pênis, macho legítimo/verdadeiro/com pênis.

O diretor queria, de qualquer modo, que eu raspasse as pernas e usasse vestido, isso sem contar as humilhações que ele me fazia passar perante todas, com palavras de baixo calão, como por exemplo um frase muito comum com a qual ele se dirigia a mim: - Machão sem saco, machão sou eu que tenho duas bolas (HERZER, 2007, p. 72).

Quando o diretor ordena que Herzer raspe as pernas e se vista com vestidos, e ainda lhe dirige ofensas, tendo por arma a evidência da ausência da genitália masculina, ele reafirma um padrão de masculinidade normativo e rechaça os desviantes. Alertamos para a estratégia desse exercício, o qual é sutil, pormenorizada, pois antes de tentarem fazer este apagamento, a própria instituição e seus representantes incitaram a presença e performatividade das/dos machões.

Herzer se impôs não apenas por sua fama e popularidade relacionada a seu estilo masculino, conforme expressa, mas também, por sua ousadia e destemor em enfrentar as ferramentas de maior ataque daqueles que agiam no sentido de intimidar as internas, ou seja, as surras e torturas diversas. Herzer não tinha medo de apanhar, conforme expõe: “A minha resposta não poderia ser outra, eu já estava acostumado a apanhar e, portanto, não tinha mais medo de nada” (ibid., p. 77). Assim, o destemor será uma potente arma de subversão ao quebrar as ferramentas convencionais para a intimidação.

Difícilmente Herzer estava fora da lista das vítimas das sessões de espancamentos, por motivos triviais apanhava quase até a morte, com o acréscimo da intensa violência moral ao ser atacado em decorrência de sua sexualidade e identidade de gênero. Para Foucault:

O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais íntimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente "justificado", visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício: sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem (FOUCAULT, 2012, p. 134-135).

Contra a desordem da subversão dos gêneros produzidos pelo sistema heterocentrado, estavam justificados os tapas, murros, pontapés, os quais vinham sempre acompanhados de frases homo/transfóbicas. Por exemplo, seus algozes diziam: “– Olhe quem está aqui, o homem da casa, o machão sem rola [...] Enquanto me batiam no rosto, dizia... – Abaixa a cabeça, homem como você tem que abaixar a cabeça para mim.” (HERZER, 2007, p. 80-81).

Os termos, *machão sem rola*, *homem sem bolas*, *homem como você*, descritos por Herzer (2007) ao se referir às falas dos agressores na Febem, são expressões recorrentes utilizadas como estratégia de apagamento das masculinidades não hegemônicas. Assim como na produção da própria masculinidade patriarcal e naturalizada, a qual para se afirmar como normal precisa apresentar seu oposto, ou seja, o anormal; colocá-lo à margem para que possa se estabelecer e manter-se no centro da norma.

A transfobia é expressa sem as máscaras às vezes utilizadas em outras instituições sociais, onde o politicamente correto, às vezes, funciona como freio moral.

Ao endereçar insultos tendo como referência a ausência do pênis e testículos, a ferramenta utilizada para os ataques transfóbicos é, nesse caso, decorrente daquilo que Beatriz Preciado nomeou como “... construções metonímicas do sistema heterossexual” (PRECIADO, 2014, p. 26). Nessa lógica de produção, homens e mulheres heterossexuais se veem levados “... a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como único centro mecânico de produção de impulso sexual” (idem).

Herzer questiona o sistema sexo/gênero e seus derivados falocêntricos e heterocêntricos, os quais para Preciado (2012) são produtores dos dispositivos políticos utilizados na produção e regulação daquilo que se convencionou nomear de homem de verdade. Relata que ao ouvir as palavras ofensivas à sua masculinidade, sentia-se diminuído, pois “Estas palavras me ardiam ao fundo da razão, como seria o mundo se todos os homens trouxessem sua virtude, seu caráter no formato de duas bolas?” (HERZER, 2007, p. 110).

Ao longo de seus relatos podemos compreender que, embora em alguns aspectos também contribua para produção e manutenção do sistema político heteronormativo, na maioria das vezes se mostra defensor dos direitos das pessoas historicamente postas nos guetos sociais, na marginalização e, assim sendo, constituídas e marcadas como diferentes, abjetas, instrumentos de manutenção dos territórios da ordem, tais como: raça, gênero, corpo, sexualidade, poder econômico.

Herzer se reconhece como uma pessoa marginalizada em diversos aspectos, era filho de uma trabalhadora do sexo, de um pai assassinado trivialmente, adotado por uma família que o renega, um menor depositado na FEBEM, filho da rua, boêmio, dependente do álcool e de drogas. Um subversor de seu gênero designado no nascimento, e da relação causal entre sexo, gênero e orientação sexual. Era ainda um poeta, um artista, o que muitas vezes também pode se configurar como um trânsito nas margens, especialmente quando a arte se dissocia do prestígio econômico ou midiático.

Em defesa das pessoas levadas a ocuparem lugares de minoridade, e a se constituírem como vidas menores, Herzer se expressa:

Meu momento crítico

Os homens de hoje não se preocupam mais com problemas da humanidade!

E, nesses "problemas", incluo todo tipo de pessoas: débeis mentais, mutilados, homossexuais, epiléticos, alcoólatras, enfim.

Esses tipos de pessoas deixaram de ser considerados gente, e passaram a ser, simplesmente, *defeitos da humanidade*.

Mas, se esses "defeitos" são vistos por todos, quem restará para ver os defeitos do homem de negócios, que vende o seu nome, num palco chamado Orgulho, e que critica a todas as pessoas em voz alta e pública, e que isola-se do mundo, como se ele fosse o pedaço de pão nosso do dia a dia?

Mas, se os homens normais são tão sábios e bons, por que não foram registrados desde o nascimento com o nome Jesus?

— Porque Jesus tem olhos e vê os erros dos homens hipócritas...

Anderson Herzer (HERZER, 2007, p. 159).

Sua vida se arquitetou por um imbricado de rotas de fuga. A Fuga marcou insistentemente todos os anos de sua curta existência. Fugiu para chorar a morte da mãe, fugiu de sua casa adotiva para as noites e bares, a fim de enfrentar a dor da ausência de afeto. Refugiou-se no álcool, no colo da beleza feminina, nas palavras desenhadas em forma de poesia, na necessidade de ser forte para lutar pelas/os menores torturadas/os e,

em muitos casos, igualmente sem família. Suas experiências na FEBEM foram marcadas por inúmeras fugas, idas e vindas àquela instituição, voltas às vezes voluntárias, motivadas por paixões, amores, e pelas conexões ali criadas.

Por fim, realizou sua última fuga, ao mergulhar nos mistérios da companheira que sempre o rondou, a qual insistiu em modificar as direções de seu caminhar. Ao escolher a morte, buscou uma forma de imortalizar todas as demais fugas, de subverter o poder, ao corajosamente fazer de sua própria vida, embora uma vida menor, apagada, uma arma, um grito, um poder, uma menoridade capaz de se agigantar diante dos territórios mais fascistas. Em um de seus poemas, expressa:

Esquecido poeta morto

Todos vão esquecer que um dia eu existi
nem meus vastos prantos vão sobreviver,
versos com poeira de minha razão
sãs lembranças de um poeta solidão. [...]
E dos meus poemas empoeirados, serei luz
a todo homem que esqueceu de me lembrar,
serei figura, imagem oculta, já a reinar
nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.
*UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO
SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA.*

Anderson Herzer (HERZER, 2007, p. 152).

Pretendia com sua partida, o legado de seu livro autobiográfico e de sua poesia, denunciar os horrores praticados no interior da FEBEM, pois sabia que as/os menores continuariam sendo espancadas/os, torturadas/os. Assim, no último capítulo de seu livro narra sua estratégia, “Foi aí que prometi que faria algo por eles, contaria aqui fora de tudo que se passava escondido lá dentro. Não sabia se adiantaria muito, talvez nada, talvez um mínimo” (ibid., p. 131).

Comprendemos que a escolha pelo suicídio não é uma derrota, uma entrega, mas sua última insurreição ao poder. Uma forma de evidenciar sua denúncia e sua arte, já que “A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à vergonha” (DELEUZE, 2004, p. 215).

Sua decisão também se impulsionou pela decepção com a vida fora dos muros da FEBEM, pois via que o preconceito, a desumanidade e crueldade talvez fosse pior aqui fora. Fazia uma referência direta aos preconceitos com sua identidade de gênero e sua

orientação sexual. De forma brilhante, e mais uma vez poética, fala sobre a ilusão da vida na FEBEM, mas afirma que do lado externo daqueles muros ela é ainda pior. Em suas palavras:

Eles continuariam durante tempos ainda naquele mundo onde a ilusão predominava e eu partia para um mundo diferente, muito mais iludido que aquele, pois nesse mundo aqui fora, as pessoas se iludem tanto que se tornam incapazes de reparar, de apurar o ouvido e ouvir um dos nossos minúsculos gemidos (HERZER, 2007, p. 131).

Herzer já havia empunhado as mais diferentes armas contra as tentativas de silenciamento impostas à sua sexualidade e gênero dentro da FEBEM, ao sair seria obrigado a lidar, conforme narra, com um mundo mais iludido e perverso, dada a incapacidade desse em ouvir os gemidos de dor, ou principalmente, de sua perspicácia em minuciosamente suscitá-los. Assim, em semelhança ao que Foucault (2014) desenvolve ao questionar: “É inútil se revoltar?, em momentos limites, o homem preferirá “o risco da morte à certeza de ter de obedecer” (ibid., p. 76).

De tal modo, Herzer parece preferir a certeza da morte a obedecer, pois ao lidar com o preconceito além dos muros da FEBEM se decepciona com a ilusão ainda mais forte daqueles/as que não sabem aceitar as multiplicidades, ou diferenças.

Podemos cogitar que a ameaça destrutiva mais insuportável será a de sua identidade masculina, quando opta precocemente pela morte, não como entrega, mas como enfretamento, pois afirma por meio de suas poesias sua identidade masculina e, assim, se imortaliza no masculino.

Judith Butler questiona as implicações e a força patologizante de um diagnóstico da transexualidade; questiona se esse ajuda a viver, ao possibilitar as mudanças corporais desejadas, por meio do processo transexualizador, ou se empurra muitas pessoas para morte, quando essas por variadas razões não conseguem realizar tais mudanças. Nas palavras da filósofa:

... no debemos subestimar la fuerza de patologización de la diagnosis, especialmente sobre gente joven que puede que no tenga los recursos críticos para resistir esta fuerza. En estos casos, la diagnosis puede ser debilitadora, si no homicida: a veces asesina el alma y a veces se convierte en un factor que contribuye al suicidio. Así que el debate es muy controvertido dado que, en resumidas cuentas, parece una cuestión de vida o muerte; de hecho, para algunos la diagnosis implica la vida mientras que para otros significa la muerte. Otros la consideran una bendición ambivalente o, más bien, una maldición ambivalente (BUTLER, 2006, 116-117).

Mesmo sem conhecer a categoria da transmasculinidade e o processo transexualizador a que são submetidas e patologizadas as pessoas que reivindicam a mudança de sexo, cogitamos que Herzer, de alguma forma, foi diagnosticado pelo olhar do preconceito e da heteronorma, pelos multifacetados e imbrincados territórios políticos e sociais dos gêneros e sexo. A patologização estava de igual modo marcada em sua performatividade de gênero, em sua identidade subversiva e desafiadora do contexto social do final da década de setenta.

Simone Ávila (2014), também aponta o suicídio como um fator decorrente da patologização e preconceitos sociais. Afirma que durante sua pesquisa dois de seus interlocutores tentaram o suicídio, e outros seis declaram que em algum momento de suas vidas pensaram nessa possibilidade. Um deles relata que “Não suportava mais o sofrimento de viver como trans, de não achar saídas para a sua vida, de não conseguir mudar o seu nome, de ter problemas na faculdade por causa disso, enfim, por não ser reconhecido como desejava” (ÁVILA, 2014, p. 127).

Herzer sabia que teria que enfrentar uma batalha mais sangrenta do que aquela realizada nos espaços da FEBEM, pois lá o sangue lhe escorria muitas vezes na carne, mas tinha a esperança de um dia livrar-se de seus algozes e dos limites encerrados por aqueles muros. Entretanto, fora da FEBEM circulava pelas instituições convencionais da sociedade; famílias, escolas, trabalho, assim, não teria apenas muros de cimento a romper.

A necessária e constante desconstrução a se realizar parecia ser sofrida demais para Herzer, já que até aquele momento sua vida foi atormentada pela dor. De alguma forma foi levado a implodir os muros de sua própria existência. Nesse caso, a dinamite a ser utilizada era uma pequena arma, ou seja, sua vida abjeta, a qual se tornou potente ao desterritorializar os muros da patologização endereçadas a seu gênero e sexualidade. Fez de sua existência uma obra de arte, a qual comporta “*regras facultativas* [...] regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (mesmo o suicídio faz parte delas)”. (DELEUZE, 2004, p. 123). O enfrentamento se faria pelo legado de seus relatos e de sua poesia insurgente, pois queria apenas “... ver flores que tão sozinhas nascem, queria muito unir mãos de preto e branco, não queria ser gente, apenas um de todos, um manto. Um manto que envolvesse sentimentos bons e ruins, pessoas de toda cor, raça ou pudor...” (HERZER, 2007, p. 181).

Capítulo 3- TERRITÓRIOS E TRAÇADOS QUE CONSTITUEM/ PRODUZEM DOM

*Ser miserável dentre os miseráveis
-- Carrego em minhas células sombrias
Antagonismos irreconciliáveis
E as mais opostas idiosincrasias!*

*Muito mais cedo do que o imagináveis
Eis-vos, minha alma, enfim, dada às bravias
Cóleras dos dualismos implacáveis
E à gula negra das antinomias!*

*Psique biforme, o Céu e o Inferno absorvo...
Criação a um tempo escura e cor-de-rosa,
Feita dos mais variáveis elementos,*

*Ceva-se em minha carne, como um corvo,
A simultaneidade ultramonstruosa
De todos os contrastes famulentos!
Augusto dos Anjos*

Gozei sempre, como outros e estrangeiro, as derrotas dos meus devaneios, assistente casual ao que pensei ser. Nunca dei crença àquilo em que acreditei. Enchi as mãos de areia, chamei-lhe ouro, e abri as mãos dela toda, escorrente. A frase fora a única verdade. Com a frase dita estava tudo feito; o mais era a areia que sempre fora.

Se não fosse o sonhar sempre, o viver num perpétuo alheamento, poderia, de bom grado, chamar-me um realista, isto é, um indivíduo para quem o mundo exterior é uma nação independente. Mas prefiro não me dar nome, ser o que sou com uma certa obscuridade e ter comigo a malícia de me não saber prever.

Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso.

Fernando pessoa

3.1 Um panorama sobre o atual contexto de vida de Dom. (Referência principal: 1ª Carta: Hoje em Antares/ Anexo 1)

Após as alianças estabelecidas com Dom, por meio da leitura de suas cartas, assim como as conversas informais, conhecemos um pouco de seu universo e do que o afeta de maneira mais intensa. Assim, tomamos a liberdade de iniciar a análise de seus relatos autobiográficos por meio da poesia 7 do poeta português Mário de Sá-Carneiro. Dom considera que tal poesia se trata exatamente de como se sente e se vê.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,

Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro. (MÁRIO DE SÁ..., 2015, s. p.).

A poesia 7 de Mário de Sá Carneiro, expressa muito daquilo que Dom discorre em suas cartas, quando ressalta ser um homem e não a mentira de seu corpo, que embora bastante masculinizado, traz marcas de uma estética tida como feminina, a qual nega sua identidade de gênero, uma vez que os gêneros são inscritos em códigos rígidos e engessados. O que para Beatriz Preciado significa que o sistema sexo/gênero "... mesmo quando seu caráter histórico não natural e construído tenha sido posto amplamente em evidência durante os anos oitenta e noventa, continua sendo descrito como uma estrutura estável, resistente à mudança e às transformações". (PRECIADO, 2014, p. 147).

Perceberemos ao longo dos relatos de nosso colaborador o quanto a observação de Preciado é palpável em sua vida, pois os principais enfrentamentos, decisões e escolhas se fizeram, e ainda se fazem, com forte influência do poder resistente às mudanças do sistema sexo/gênero.

Dom se vê como o intermédio, entre aquilo que reconhece como seu Eu, ou seja, sua identidade masculina, e a tentativa de se desvencilhar do outro renegado, o corpo feminino. Desse modo, a ponte que vai de um ao outro é sustentada por um pilar básculo, ou seja, dobrável, às vezes de tédio, mas muitas vezes também inventivo, persistente, capaz de sorrir e fazer sorrir quase sempre.

Ainda que sua considerada estranheza, advinda do fato de transitar nas fronteiras do masculino e feminino, deixe a tantos perdidos no meio do nada, ele certamente é mais que o pilar, é a própria travessia, o intermédio que multiplica os territórios das masculinidades ao ser um homem para além dos códigos estabelecidos para o gênero masculino. Uma vez que seu corpo mina "... a sintaxe segundo a qual a máquina sexual produz e reproduz corpos". (PRECIADO, 2014, p. 131).

Em sua primeira carta, *Hoje em Antares* (Anexo 1), Dom nos traz uma apresentação resumida de sua história de vida, daquilo que arquiteta sua subjetividade e lhe permite transitar pelos territórios das masculinidades.

O título de sua carta faz referência a uma estrela, Antares, na qual muitas vezes se instala com intuito de se distanciar da aridez do planeta Terra heterocentrado, que insiste em manter lugares fixos para os gêneros e sexo. De modo semelhante, a poesia se constitui como um dispositivo capaz de subverter os enfrentamentos diários relacionados aos

preconceitos, e especialmente a possibilidade de não ser aquilo que seu corpo biológico lhe impõe. Nas palavras de Dom: “A poesia me possibilita ser eu mesmo, a manifestar a minha identidade, a construir um mundo que é só meu, onde entra quem eu permito entrar e fica quem desejar ficar...”. (ANEXO 1).

Em outras palavras, Dom parece querer afirmar que em sua vida entra quem não se sente agredido com sua instabilidade corporal, e fica quem consegue olhar para além das naturalizações produtoras dos gêneros dicotômicos.

Quando relata que com a poesia pode ser ele mesmo, fala-nos de um eu transitório, aberto, inacabado, performático e maleável, pois pode a cada dia, a cada momento, brincar de vestir uma nova identidade. Conforme relata: “Com os amigos eu sou a cada dia uma personalidade diferente da Literatura, dependendo de como eu acordo a cada manhã. Hoje em especial acordei Gonçalves Dias do Cerrado”. (ANEXO 1).

Um dia Dom é Gonçalves Dias do Cerrado, outros, Machado de Assis do cerrado, Castro Alves do cerrado, Fernando Pessoa do cerrado, Augusto dos Anjos do cerrado, ou Dom Quixote, “... um cavaleiro que vivi inventando histórias e fugas dentro da sua própria solidão. Esse cara sou eu que vivo de fantasias e às vezes essas fantasias são desmentidas pela minha dura realidade” (ANEXO 1). Entre tantos personagens, Dom pode assumir masculinidades distintas, dependendo de como se sente a cada dia, a cada novo desafio colocado diante de si. Mantém apenas a referência ao Cerrado, não por acaso, já que esse representa a infância amada e saudosa que traz viva em sua memória, conforme veremos.

Quando pensamos na alusão feita a Dom Quixote, personagem de Miguel Cervantes Saavedra (1981), compreendemos que a vivência da experiência transexual exige a criação de novas rotas para se trilhar, pois não é tarefa simples descolar da própria pele o gênero designado no nascimento. Assim como adentrar em um espaço tão fortemente encerrado em normas rígidas, como o espaço da masculinidade hegemônica, tradicional, patriarcal, o qual postula um modelo específico de ser macho, conforme aponta Welzer-Lang (2001).

Com isso queremos dizer que ser homem, em terra e territórios de machistas, sejam homens ou mulheres, não é tarefa amena; antes, é marcada por dores, exclusões, represálias, negações; conforme afirma Dom: “Ser um homem em um corpo de mulher já me rendeu e ainda me rende muitos dissabores que ainda fere a minha alma de cavaleiro” (ANEXO 1).

Os dissabores a que faz referência são, segundo expressa, o fato de ser visto como uma aberração da natureza, como um estranho, já que seu corpo não traz a inteligibilidade esperada e postulada pela normatividade dos gêneros. Seu corpo apresenta a hibridez dos gêneros, as misturas e multiplicidades vividas simultaneamente.

É interessante observar a conotação da palavra hibridez, a qual de forma usual poderia ser entendida como a mistura de mais de um elemento, encontra-se nos dicionários a seguinte acepção: “2. Anomalia, irregularidade” (FERREIRA, 1999, p. 1041). Vê-se que novamente o sentido remete à anormalidade, monstruosidade, o oposto ao esperado da regularidade dicotômica dos gêneros, que encena repetitivamente a naturalização e essencialização, ainda que saibamos que esse processo é cerceado por disputas políticas de poder e saber.

Jorge Leite Júnior analisa que o que leva as pessoas que se distanciam das normas de gênero a serem atacadas, discriminadas, repudiadas, não é a sua tida diferença corporal, ou seja, sua estética em si, mas o fato de serem compreendidas dentro de uma categoria da anormalidade, monstruosidade. Em suas palavras:

O que causa a agressiva reação com que essas pessoas são tratadas não é o fato de elas se apresentarem como ‘mulher de verdade’, ‘homem vestido de mulher’ ou qualquer coisa do tipo, mas o fato de já serem compreendidas dentro de uma categoria (científica, religiosa ou jurídica) de desvio, de ‘monstruosidade’ que legitima e autoriza a violência contra elas. (LEITE JUNIOR, 2012, p. 566).

As práticas e discursos advindos de saberes científicos, religiosos e jurídicos, postulam o que é o normal com tintas de naturalidade, e essencializam de forma sutil o que é fabricado. Assim, torna-se quase invisível perceber que as práticas de discriminação e violência contra as múltiplas expressões sexuais e de gênero não nascem do bizarro, esquisito, estranho, monstro, mas da própria construção política da monstruosidade.

Para se livrar dos olhares que o classifica como monstro, Dom permanece o quanto pode em Antares, no entanto, muitas vezes se vê obrigado a regressar para assumir suas responsabilidades como pai. Relata que hoje se sente confortável com seus filhos e filha, por não ter que explicar suas diferenças. Porém, mesmo depois de aproximadamente vinte e seis anos, se sente incomodado quando o chamam de mãe, ou mesmo de Mara. A paternidade secreta, vivida em silêncio, é um dos principais conflitos presente na vida de Dom, ainda que para sua filha expresse sua masculinidade.

Em seu trabalho os/as colegas mais próximos o tratam como homem, embora também utilize seu nome de Registro civil, Mara. Para Dom, o que mais o consome é o

fato de viver com um corpo que lhe agride, fere, e impede que as pessoas possam reconhecer sua identidade masculina, e especialmente, que o impossibilita de se afirmar de forma mais categórica para sua família, amigos/as e colegas de trabalho.

Diferentemente de João W. Nery e Jô Lessa, até o início de nossa pesquisa Dom não havia realizado qualquer interferência em seu corpo relacionada ao processo transexualizador, porém, esse é o grande objetivo que hoje o acompanha. Seu desejo se pauta fortemente no fato de que as operações de transexualidade mostram que “qualquer mudança de denominação exige, literalmente, o recorte físico do corpo”. (PRECIADO, 2014, p. 130). Para Dom sua primeira atribuição de gênero, dada no nascimento, foi um erro, agora almeja pela segunda reatribuição, conquistada pelos processos de intervenções cirúrgicas, a qual:

... situa o corpo em uma nova ordem de classificação e redesenha, literalmente, os órgãos (já vimos até que ponto a obsessão da cirurgia vai para encontrar um órgão dentro do outro) sem deixar nada ao acaso, de tal maneira que se produza uma segunda coerência, que deve ser tão sistemática, isto é, tão heterossexual quanto a primeira. (PRECIADO, 2014, p. 130)

A esse respeito teceremos nossas considerações na análise de suas últimas cartas, nas quais nosso colaborador traz outras narrativas sobre suas atuais experiências.

3.2 A infância de Dom - (Referência principal: 2ª Carta: No quintal da minha infância/ Anexo 2)

Nossa pesquisa tem por característica metodológica central o uso da memória, uma vez que os relatos autobiográficos de nossos colaboradores se organizam mediante lembranças pertinentes às suas experiências de vida, trata-se de recordar fatos acontecidos, uma vez que “Contar histórias é remeter-se ao passado; é pôr a memória em ação” (BENTO, 2006, p. 167).

Entretanto, não tomamos como interesse e pressuposto saber se os fatos relatos são rigorosamente verídicos, como poderiam nos advertir. Trabalhamos com a compreensão de que as memórias do passado só são acessadas por meio de ressignificações de nossa própria vida atual. Compreendemos os relatos de João Nery, Jô Lessa, Anderson Herzer e Dom, são ressonâncias das histórias vividas, sendo que os ecos mais fortes serão aqueles mais representativos, pois a memória não deve ser “... compreendida como um arquivo de imagens que é posto em movimento em suas

narrativas. Relembrar é um ato interpretativo, no qual o sujeito atualiza uma leitura sobre o passado e as lembranças são matizadas pelas condições do presente” (BENTO, 2006, p. 167).

Em suas reelaborações do passado Dom tem particular saudosismo em relação à sua infância, conforme expressa por meio do poema de Casimiro de Abreu – *Meus oito anos*, relatando a saudade de sua infância querida, quando adormecia sorrindo e despertava a cantar. Nas considerações de Bento a respeito das memórias de crianças transexuais, a infância “... é lembrada como um período de permanente insatisfação e de aversão às roupas que eram obrigados/as a usar. [...] A organização das lembranças funciona como um recurso para legitimar suas histórias de insatisfação com o gênero imposto”. (idem). Diferentemente de Dom, os relatos de João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer apontam desde a primeira infância, como pudemos ver no capítulo anterior, sentimentos de vergonha, repúdio, aversão ao vestuário, corpo, ou, a imposição e cobrança de familiares no sentido de requererem a vivência causal entre órgão genital e gênero de identificação.

Entretanto, a primeira infância de Dom é rememorada em sentido oposto, já que suas lembranças são bastante positivas, sendo esse período apontado como o mais alegre de sua vida, pois não havia grandes conflitos. Essa atribuição não se deve simplesmente à usual vinculação das memórias da infância como um tempo de brincadeiras, sonhos, e quimeras. Para Dom é mais do que isso; sua infância misturada às cores e liberdade do cerrado lhe permitia ser menino, sem lhe questionar, ou antes, sem lhe informar ser uma menina segundo as convenções e política do sistema sexo/gênero.

Na primeira infância pôde exercitar uma masculinidade que os demais períodos de sua vida lhe subtrairá à força e sem anestesia.

Conforme nos relata, sua infância até os seis anos de idade foi um momento feliz vivido na fazenda, junto à sua mãe, pai e dois irmãos. Tinha grande liberdade para brincar junto a seus irmãos, e não havia diferenças ou preconceitos, pois, segundo Dom:

Fisicamente não tinha nenhuma distinção deles, meus cabelos eram curtos, vivia a correr de shorts, sem camisa e descalço. Estava sempre sujo, todo rajado com o suco das mangas e laranjas que eram fartas em nosso quintal. Minhas pernas eram todas feridas e marcadas devido às brincadeiras em árvores e matas. Não gostava e não usava nenhum adereço feminino. Não usava vestidos, fitas no cabelo, nem nada próximo ao universo feminino. (ANEXO 2).

Quando recorrentemente reafirma a felicidade vivida na infância, vinculamos, em alguns aspectos, sua afirmação aos relatos de *Herculine Barbin*²³ (1838 -1868), conhecida/o também por Abel/Adelaide/Alexina/Camille/. Tal vínculo se deve a apreciação da leitura foucaultiana, para quem *Herculine Barbin* vivia momentos de ingênua felicidade, antes de lhe ser atribuído um único sexo, o masculino.

Foucault nos fala que “O livro *Herculine Barbin* é um documento dessa estranha história do verdadeiro sexo” (FOUCAULT, 1982, p. 4). O filósofo chama-nos à atenção para a raridade dos relatos deixados no diário de *Herculine*, por se tratar das memórias comuns às pessoas a quem a medicina e a justiça do século XIX incansavelmente interrogou a respeito da verdadeira identidade sexual. Em sua apresentação do diário de *Herculine*, Foucault destaca que ela/ele foi:

Criada como uma moça pobre e digna de mérito, num meio quase que exclusivamente feminino e profundamente religioso, Herculine Barbin, cognominada Alexina pelos que lhe eram próximos, foi finalmente reconhecida como sendo um “verdadeiro” rapaz; obrigado a trocar legalmente de sexo, após um processo judiciário e uma modificação de seu estado civil, foi incapaz de adaptar-se a uma nova identidade e terminou por se suicidar. (ibid., p. 5).

Foucault (1982) afirma que as memórias de *Herculine* não se tratam do período posterior ao estabelecimento de sua nova identidade masculina, com a qual não se identificou e cometeu o suicídio. Trata-se do período anterior em que vivia a felicidade de não saber a qual sexo se enquadrava; vivia a doce incerteza, já que podia transitar entre os gêneros, sem com isso ser questionada/o, contestada/o, ou, ameaçada/o. Foucault considera que “... ela tem sempre para ela mesma um sexo incerto; mas é privada das delícias que experimentava em não ter esse sexo, ou em não ter totalmente o mesmo sexo que tinham aquelas com as quais vivia, amava e desejava tanto” (ibid., p.6).

O que nos desperta particular interesse ao comparar os relatos de *Herculine Barbin* com os de Dom é justamente a leitura realizada por Foucault da história de Herculine, assim como a crítica de Butler (2010) a essa leitura, e a resignificação dada por Dom em relação a seu passado, quando atribui à primeira infância um tempo feliz, sem a marca de uma identidade de gênero não desejada, ou, antes, recusada.

²³ “Herculine Barbin, um hermafrodita francês do século XIX. No nascimento, atribuíram o sexo ‘feminino’ a Herculine. Na casa dos 20 anos, após uma série de confissões a padres e médicos, ela/ele foi legalmente obrigada/o a mudar seu sexo para o ‘masculino’”. (BUTLER, 2010, p. 140) Sua história é relatada no livro *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*, com prefácio de Foucault (1982).

Na análise de Foucault o que *Herculine* “... evoca do seu passado é o limbo feliz de uma não identidade” (1982, p. 6). De modo semelhante, Dom nos expõe que o período de sua infância, até os seis anos de idade, irá marcar um divisor de águas em sua vida. Relata que “Até esse momento eu era livre, feliz e estava junto à minha mãe. Não havia regras, controle, divisões de papéis entre menino e menina, como mais tarde acontecerá na escola”. (ANEXO 2).

Se seguirmos a mesma linha de análise de Foucault diremos que o período vivido por Dom, na fazenda, também foi permeado por risos fáceis, como o mundo de *Herculine* no convento, onde “... pairavam no ar sorrisos sem gato”. (FOUCAULT, 1982, p. 6).

De certo modo, Dom argumenta que vivia a felicidade da não identidade, já que se vestia como usualmente vestem os meninos, andava a correr de pés descalços, sem camisa, subia em árvores, e assumia nas brincadeiras papéis tidos, tradicionalmente, como masculinos.

Butler (2010) fará uma crítica às análises de Foucault no que tange a sua leitura sobre os diários de *Herculine*, a qual chama de romanceada. A filósofa considera que em suas apreciações referentes à *Herculine*, temos a “oportunidade de ler Foucault contra ele mesmo” (ibid., p. 144). Argumenta que há um contraste entre o que teoriza sobre a sexualidade em *A história da sexualidade: volume I*, pois “... deixa de reconhecer as relações de poder concretas que tanto constroem como condenam a sexualidade de *Herculine*. Na verdade, ele parece romancear o mundo de prazeres de *Herculine*...” (BUTLER, 2010, p. 140-141) quando o apresenta de forma ingênua, feliz e desconectada e livre de uma identidade.

Butler considera que Foucault retoma um discurso emancipatório, com certo “deleite sentimental” (ibid., p. 143), pois discorre sobre a sexualidade de *Herculine* excluindo-a da categoria sexo, e sem apontar as relações de poder produtoras e reguladoras da lei sobre a sexualidade. O que para Butler é um erro de análise, pois os diários de *Herculine* mostram uma crise constante, um sentimento de culpa, de inadequação por ter um corpo intersexual, ambíguo à normalidade reguladora da sexualidade. A respeito de seus intensos conflitos, *Herculine* discorre:

Sofri muito, e sofri só! Abandonado por todos! Não havia lugar para mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito. Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda perspectiva é nova e brilhante.

Esta idade não existiu para mim. Eu tinha, desde então, um distanciamento instintivo do mundo, como se houvesse já compreendido que viveria nele como um estrangeiro. (FOUCAULT, 1982, p. 13)

Se para Foucault, Herculine antes do decreto de seu sexo verdadeiro, como homem, estava livre para desfrutar os prazeres no convento, seguramente, “... esses prazeres estão desde sempre embutidos na lei difusa mas inarticulada, gerados, na verdade, pela própria lei que pretensamente desafiariam” (BUTLER, 2010, p. 145).

A filósofa parte das próprias análises de Foucault, “Em seu modo antijurídico e antiemancipatório, o Foucault ‘oficial’” (BUTLER, 2010, p. 144), para dizer que mais do que uma visão romanceada, é preciso indagar a respeito dos discursos e práticas políticas e culturais que possibilitaram as condições para que a sexualidade repleta de ternura e carícias de Herculine fosse possível dentro de uma instituição fortemente marcada pela lei religiosa e suas regulações normativas.

Ao longo de seu argumento Butler (2010) aponta indícios de que o limbo feliz de Herculine não era assim tão natural, livre do alcance da lei, ou mesmo, feliz. Ao contrário, “A natureza é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade”. (PRECIADO, 2014, p. 25).

Herculine desde sempre reconhecia sua diferença em relação às outras meninas, o que lhe causava angústia ou sentimentos de superioridade. Por exemplo, encontramos nos relatos de Herculine a seguinte afirmação:

A hora de levantar, sobretudo, era um suplício para mim. Não queria que minhas amigas me vissem e tentava esconder-me. Não que desejasse afastá-las de mim, pois as amava demais para isso, mas é que ficava instintivamente envergonhada da enorme distância que fisicamente nos separava. (FOUCAULT, 1982, p. 33)

Longe da ausência da interdição do poder regulador da lei, temos, ao contrário, estruturas tradicionais de poder que arquitetam, produzem a sexualidade em um ambiente fortemente incitador da homossexualidade feminina, ou seja, o convento.

Herculine e suas parceiras, ao mesmo tempo em que são vigiadas, são também estimuladas nas práticas amorosas pela erotização do ambiente religioso, o qual embora condene a presença da erótica amorosa, a coloca constantemente na ordem discursiva por meio das confissões e subversão ao proibido. O que pode ser percebido pelas roupas que cobrem o corpo, mas o incita a ser desnudado com a retórica incessante do pecado da carne; inclusive, presença recorrente na própria bíblia, em particular, com a imagem

divina e virginal de Maria, grávida, ainda que sem conhecer homem algum. Nas palavras de Butler significa que “Essa ‘estranha felicidade’, como ele a descreve, era ao mesmo tempo ‘obrigatória e proibida’, tinha características tais que o ‘limbo feliz de uma não identidade’ foi sutilmente promovido”. (BUTLER, 2010, p. 147-148).

Quando tangenciamos os relatos autobiográficos de Dom e as apreciações de Foucault (1982) a respeito dos diários de Herculine, nos deixamos orientar pelo fato de que a leitura de Foucault se fundamenta no pressuposto de que a felicidade de Herculine é assegurada ao desfrutar uma não identidade no espaço dos conventos, no qual cresceu e posteriormente se tornou professora. Herculine narra seus enfrentamentos nada amenos, porém, em alguns momentos expressa a felicidade que Foucault tanto enfatiza. Quando discorre a respeito dos passeios realizados, afirma: “A vida no campo tinha para mim um charme incomparável! Eu me sentia reviver no meio daquela vegetação luxuriante, daquele ar puro e vivificante que eu respirava profundamente. Tempos felizes que se foram para sempre!” (FOUCAULT, 1982, p. 49-50).

De modo análogo podemos realizar algumas aproximações no mesmo sentido sobre o período vivido por Dom na fazenda, o qual considera ter sido o melhor e mais feliz de sua vida.

Não apenas na segunda carta escrita por Dom encontramos tal referência, mas em outras cartas como destacamos nos excertos abaixo:

... queria voltar imediatamente pra fazenda, onde estava minha mãe e todo o meu mundo... (Anexo 3)

Assim minha alegria se resumia a contar os dias para as férias na fazenda, onde ainda poderia ser um pouco quem era. (Anexo 3)

Meus pais nunca estranharam meu comportamento, talvez por que pensavam que era coisa de criança e que quando eu crescesse esse comportamento iria mudar. Já as pessoas de fora do meu núcleo familiar eu não sei o que pensavam, talvez pensassem que eu fosse mais um desequilíbrio da natureza. (Anexo 4)

Durante todo período em que vivi na casa da minha tia paterna, as brincadeiras com a prima foi meu maior divertimento, o resto era só o enorme desejo de voltar para a fazenda junto dos meus pais, e aquela imensidão do Cerrado com todos aqueles animais, onde eu me sentia um herói como Macunaíma. (Anexo 5)

Era quase uma insuficiência respiratória que me impedia de raciocinar e de enxergar o óbvio, que aquele menino peralta, barrigudinho de short vermelho, já não existia mais. Nem mesmo o Cerrado já não mais existia. Era como se a minha identidade tivesse ficado presa na poeira vermelha, deixada pelo pau de arara que me levava para a cidade. (Anexo 8)

A notícia de que meus pais deixariam o campo para viver na cidade me fez tomar a decisão de retornar a minha cidade natal. A saudade e a ilusão de ter novamente a mesma sensação de liberdade e harmonia com a minha identidade, antes dos 06 anos de idade eram forte demais. (Anexo 8)

Como podemos perceber pelos excertos destacados, os relatos de Dom recorrentemente retomam a infância bucólica em que se reconhecia como menino, ainda que fosse tratado por seu nome de Registro civil.

Ao conversarmos com Dom, em diversos momentos, observamos que não existe em suas lembranças nenhuma situação, antes de seus seis anos de idade, ou seja, antes de sua entrada na escola, que o dissuadissem de afirmar sua identidade masculina.

Poderíamos tomar algumas observações realizadas por Butler (2010) para indicarmos que a certeza de Dom de sua masculinidade vivida no período da infância, sem que seu gênero atribuído no nascimento fosse lhe imposto pela mãe e pai, não configura que estivesse livre da lei reguladora do sistema sexo/gênero, tampouco de suas produções.

Há uma série de aspectos contextuais a se observar. Por exemplo, o fato de se vestir com shorts, sem camisa, usar cabelos curtos, de modo semelhante aos irmãos, se deve também às circunstâncias sociais e econômicas de sua família. O vestuário dos filhos era passado dos mais velhos aos mais novos, nesse sentido, as roupas de Dom haviam antes sido usadas pelo irmão mais velho. Os cabelos curtos, uma praticidade, pois a mãe não dispunha de tempo para maiores cuidados, uma vez que seu trabalho se estendia da casa à roça. O orçamento reduzido da família não permitia acesso a brinquedos industrializados; as brincadeiras eram elaboradas pelas próprias crianças, consistindo em subir em árvores, correr, inventar jogos, ou brincadeiras de casinha quando recebiam visitas das primas.

O fato dos passeios ao pequeno município próximo à fazenda que cresceu serem raros impedia que outras pessoas, em outros contextos institucionais, interferissem na vivência de sua identidade de gênero.

Mais uma vez é pertinente apontarmos que as experiências vividas por João Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer, se mostram distintas nesse aspecto, uma vez que estavam inseridos em espaços urbanos de grandes metrópoles. Havia um leque amplo de instituições sociais e políticas para exercerem as operações de produção da sexualidade e dos gêneros.

Dom vivia um acentuado isolamento social, passava a maior parte de seu tempo com os irmãos, longe dos cuidados dos adultos, já que seu pai e sua mãe ocupavam os dias dedicados às tarefas na roça, ou em casa.

Relata-nos que a única exceção em relação ao estado de felicidade constante da primeira infância se dava pela percepção da diferença de seu órgão genital e dos irmãos, pois ansiava pelo crescimento de seu pênis; afirma que “Só não entendia como meu órgão genital era diferente dos meus irmãos, isso me causava tamanho desconforto na hora de fazer xixi, na hora do banho. Sentia uma forte necessidade de ter um pênis naquele lugar...” (ANEXO 2). A mesma aspiração é também manifestada por João Nery e Jô Lessa.

Dom acreditava que seu pênis com o tempo cresceria, assim, voltava a se dedicar às brincadeiras:

... de subir em árvores, fingir que era piloto de avião, ou motorista de caminhão, me imaginava vestido igual a meu pai e meu avô nas fotos de família (usando terno e gravata). Nas brincadeiras de casinha com as primas, eu sempre era o pai, nunca aceitei outro papel que não fosse masculino. (ANEXO 2).

Conforme observamos nos relatos autobiográficos de nossos colaboradores em vários momentos descrevem situações de sofrimento, ou idealização de que com o passar do tempo teriam um pênis, ou esse cresceria. Esse gritante anseio, particularmente na situação de Dom, nos indica que de certa forma o limbo feliz já sofria grande interferência da sociedade heterocentrada e de seus postulados naturalizados em relação aos gêneros. Nessa direção Preciado sublinha:

O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual. (PRECIADO, 2014, p. 25).

Na carta que se refere, predominantemente, ao período feliz da primeira infância, nos relata o seguinte diálogo com sua mãe:

Um dia cheguei a perguntar para minha mãe quando o meu “tintim” iria crescer e ficar igual ao do meu irmão. Minha mãe ficou muito brava com a pergunta e ordenou-me de forma bastante áspera para deixar de falar besteira. Percebi então que aquela era uma palavra feia e proibida, como outras tantas que eu mesmo falava longe dela. Aprendi desde muito cedo que sexo era um tema proibido para a minha família. (ANEXO 2).

Segundo Dom, falar de sexo de forma declarada era um tema proibido, ou evitado pela maioria das famílias no contexto social em que estava inserido. O que não estava posto é o jogo discursivo que ressalta determinadas formas de se falar de sexo, ou seja, desde que ele seja na ordem heterossexual e assunto de homens. Devido o contexto tradicional, patriarcal e machista em que a mãe de Dom estava inserida, o que possivelmente tentou evitar foi o enfrentamento diante da identidade de gênero do filho que não correspondia a seu sexo de nascimento.

Outro argumento apresentado por Dom para falar da indistinção de seu gênero e dos irmãos, é o fato de seu pai e sua mãe “... se referiam aos filhos como “os meninos”, nunca faziam distinção entre mim e meus irmãos. (Anexo 2). Tudo indica que o fato de ser chamado no masculino por ser incluído em um “modelo linguístico androcêntrico” (MORENO, 1999, p. 39) contribuiu para que Dom pudesse acreditar que de fato o viam como menino.

Sua identidade de gênero masculina somada a seu vestuário masculino e igualmente atrelados ao modelo sexista de linguagem, o fez reforçar a crença que toda sua família também o reconhecia como menino, o que de certa forma foi importante para evitar sofrimentos por sentimentos de inadequação ao gênero de identificação. Dom, nesse momento não tinha instrumentos para perceber que:

Os modelos linguísticos são genericamente ambíguos para a mulher e claros e categóricos para o homem. Este só tem que ampliar a regra de ouro: sempre e em todos os casos usa-se o masculino. A mulher, ao contrário, permanecerá continuamente diante da dúvida sobre se deve renunciar à sua identidade sexolinguística ou seguir as regras estabelecidas pelas academias de letras e aceitas por todos. (MORENO, 1999, p. 43-44).

Nesse caso particular o modelo linguístico sexista resultou em benefícios, já que de fato Dom não gostaria de ser reconhecido ou citado no feminino.

Em cartas posteriores sobre relatos pertinentes a outros períodos de sua vida, de alguma forma Dom traz afirmações que nos sinaliza que mesmo durante o tempo feliz da fazenda já havia uma sutil produção reguladora heterossexual para manter uma relação

causal entre seu órgão genital e o gênero a se identificar. Afirma: “Foi então que percebi o meu erro de pensar que meus pais me viam como um menino”. (Anexo 8).

Por suas palavras Dom parece nos expressar que seu desejo, ingenuidade, não o deixou perceber que desde sempre já havia uma normalização imposta à sua sexualidade, uma política sexual acionada. O que também é possível perceber na seguinte afirmação: “Na minha ingenuidade de criança, quando brincava de casinha com minhas primas, achava que um dia teria uma família perfeita. Eu sendo pai, tendo uma esposa e filhinhos”. (Anexo 10)

O intenso querer de viver o gênero desejado fez Dom desde cedo desenvolver sua sensibilidade em traçar rotas possíveis para a vivência de sua masculinidade. Assim, deu voz às suas fantasias de menino, cercadas pelo brilho, vivacidade e mistérios do cerrado.

Em uma subversão criativa poderia transformar os fatos árdus e dolorosos segundo seus sonhos e desejos. O que nos leva a considerar que a arquitetura dos moinhos de vento construídos pelo cavaleiro Dom Quixote parece ter sido projetada desde o período de sua infância, o qual relata ter vivido como menino, sem que houvesse contestações em relação a seu gênero masculino.

Talvez sua estratégia inventiva capaz de se metamorfosear em poetas, ou personagens de poemas dramáticos, tenha se iniciado ainda quando era o menino que corria livre no cerrado, ou, quando fantasiava ser o piloto de avião, vestido de gravata, ou motorista de caminhão.

Suas memórias talvez romanceiem as experiências vividas até os seis anos de idade, mas a riqueza das ressignificações de suas lembranças se deve a tentativa de manter vivo o período em que se sentia e se reconhecia como menino, sem com isso ter sua masculinidade renegada. Ao trazer em suas memórias o saudosismo da infância Dom deixa as relações de poder e suas produções de lado, pelo menos nesse momento de sua vida.

Conforme aponta Butler (2010), Foucault parece desejar o mesmo ao analisar os relatos de Herculine, parece querer deixar viva a possibilidade de uma não identidade,ilhada e feliz.

Sabemos que os rituais responsáveis pela produção da masculinidade não ocorrem por ordem natural, por ocasião do nascimento, segundo destaca Preciado (2014), ao contrário, essa se realiza minuciosamente nos corpos, de forma repetitiva e ordenada pelos paradigmas heterocentrados.

O patriarcalismo ocidental transmite seus valores sobre a vivência da masculinidade incansavelmente entre gerações, sendo que o principal e primeiro aprendizado sobre a masculinidade, segundo Daniel Elzer-Lang, se dá com “A mensagem dominante: ser homem é ser diferente do outro, diferente da mulher” (WELZER-LANG, 2001, p. 463). Em seu entendimento o homem só se torna homem por meio do aprendizado do sofrimento, e quando aceita “a lei dos maiores” (idem), ou seja, de homens adultos respeitados dentro da cultura heteronormativa.

Em seus relatos Dom nos conta um episódio em que seu pai durante a noite, no quintal da fazenda, sem iluminação elétrica, sempre contava histórias de monstros e assombrações, e desafiava os filhos quando “perguntava qual dos filhos tinha coragem de dar uma volta no quintal depois da história, eu dizia que sim, e fazia isso só pra provar a minha coragem, e isso me fazia sentir mais homem que meus irmãos”. (ANEXO 2). Pela cena descrita percebemos que nesse momento os filhos participavam de um ritual do aprendizado da masculinidade, o qual exigia destemor, coragem, competitividade, já que “O pequeno-homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem ‘amaldiçoar’ – para integrar o círculo restrito dos homens”. (WELZER-LANG, 2001, p. 463). O que supostamente não se esperava, era que Dom saísse à frente nessa disputa e aprendizado.

Por meio de sua fala, nota-se que Dom, apesar de dizer que sua primeira infância tenha sido um período feliz e sem distinções para com seus irmãos, ele já incorporava a necessidade ainda maior de atestar sua masculinidade, era preciso ser o melhor, pois se os irmãos eram pequenos homens, ele ocupava um lugar de menoridade mais visível, pois o seu corpo, por meio da leitura de seu sexo biológico, depunha contra si.

3.3 A entrada na Escola - (Referência principal: 3ª Carta: Quando meu mundo caiu... / Anexo 3)

Em sua terceira carta, Dom enfatiza sua entrada e primeiras vivências no ambiente escolar, a qual é marcada por um choque, em especial devido ao distanciamento do universo da fazenda.

Os espaços da fazenda e escola se constituem de maneira oposta para nosso colaborador. Na fazenda havia liberdade para ser o menino que sempre se reconheceu, ainda que também houvesse os limites reguladores do sistema heterossexual. Já o ambiente escolar lhe apresentava um mundo até então desconhecido, constituído por

regras, controles, exigências, vigilâncias e produção ininterrupta dos gêneros e das sexualidades. Produção que interditará Dom de viver o gênero identificado. Expõe-nos:

Minha chegada à Escola foi de total estranheza, a começar pela fila de meninos e meninas, logo me disseram onde eu deveria ficar, ou seja, na fila das meninas. Isso me provocou de imediato uma tremenda ira, não quis mais ir à Escola, queria voltar imediatamente pra fazenda, onde estava minha mãe e todo o meu mundo... (ANEXO 3)

Dom fala-nos que a escola lhe causou uma aversão imediata, pois os hábitos exigidos eram totalmente contrários a tudo que conhecia. As filas e banheiros com separação por gênero eram uma violência para os sonhos do menino do campo, que até esse momento só conhecia a imensidão dada pelo cerrado, a qual não trazia placas e rótulos demarcando o mundo em masculino ou feminino. Enfatiza que somente escutou de forma direta e objetiva que era uma menina, na escola, ao tentar usar o banheiro masculino. Relata:

Ainda me lembro do dia em que fiquei de castigo por ter usado o *toalete* masculino, nesse dia então **a Escola me fez o desfavor de me esclarecer de que eu não era menino e que precisava me portar como a menina que de fato era.** A coordenadora me puxou severamente pelo braço, dando-me umas sacudidas, e me levou até o banheiro feminino dizendo ser aquele espaço que deveria usar. (ANEXO 3)

Percebemos pela narrativa de Dom, como a escola exercita uma “pedagogia da sexualidade e do gênero” (LOURO, 2013a, p. 25), a qual se desenvolve minuciosamente por variadas tecnologias de governo, sendo que “esses processos prosseguem e se complementam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos” (idem).

A análise de Louro será também percebida nos relatos posteriores de Dom, por meio dos quais poderemos ver que várias decisões tomadas em sua vida serão motivadas pelo autogoverno. Mesmo sendo um subversor das normalizações impostas desde essa primeira captura da escola, não será tarefa simples para Dom escapar dos variados enfrentamentos vividos no campo minado do preconceito e transfobia da sociedade heterocentrada.

Ávila (2014) apresenta uma afirmação de seus colaboradores muito semelhante à apontada por Dom, quando dizem que “É na escola que percebemos que somos ‘diferentes’”. (ibid., p. 114).

A escola como bem delinea Dom, e outros transhomem, segundo aponta Ávila (2014), faz o desfavor de negar a identidade de gênero quando essa não corresponde ao sexo genital. A escola produz uma sexualidade padrão, normalizada, regulada nos preceitos heterossexistas. E nessa produção atua fervorosamente para eliminar ou espantar qualquer considerada assombração que possa borrar as fronteiras dicotômicas dos gêneros e sua suposta relação causal com a orientação sexual heterossexual.

Sobre tais estratégias realizadas pela escola no processo de normalização dos corpos e das mentes das/os estudantes, Louro nos lembra de que “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. (LOURO, 2012, p. 62).

É preciso ainda hoje, segundo as concepções pedagógicas da sexualidade hegemônica e tradicional, atuar em defesa das dicotomias sexuais e de gênero. E tal defesa segue o critério do repúdio às multiplicidades sexuais e de gênero, pois a ordem heterocêntrica não se mantém em pé de forma natural, porque os sujeitos em sua maioria escolhem viver o gênero de nascimento, ou manter relações exclusivamente heterossexuais. A ordem heterocêntrica se estrutura pela repetição constante de seus postulados, o que consiste em marcar as pessoas corruptoras dessa ordem *natural* como pessoas esquisitas, estranhas, indesejáveis; dignas de repulsa e aversão. É preciso apresentar toda a estranheza do sujeito que renega as categorias do sexo e gênero tidos como normais, para que a anormalidade seja mais temida do que desejada. Ou ainda, que quando se *desejar* ser o anormal, possa se lembrar de quais são as normatizações e punições impostas a quem foge, desvia da norma. Para Louro:

... a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da ‘normalidade’ (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero. (LOURO, 2012, p. 84).

Muitas pessoas, ainda que por temor, se produzem e se autogovernam renunciando a seus anseios, ou mesmo a própria vida a que se identificam para poderem caminhar e atuar socialmente como pessoas normais, apresentáveis, e, portanto, passíveis de receberem o título de mulher ou homem legítima/o, ou seja, mulher com vagina, ou homem com pênis, e atuantes sexualmente em práticas heterossexuais.

A escola, majoritariamente, opera essa defesa e produção da normalização quando se depara em seu espaço com pessoas que quebram os códigos do sistema sexual e de gênero. Particularmente, por meio dos relatos de Dom “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. (LOURO, 2012, p. 84).

As regulares repreensões e discriminações sofridas no ambiente escolar esboçarão sentimentos dos quais Dom não conseguirá se livrar tão cedo em sua vida. Por meio de suas narrativas, talvez possamos mesmo cogitar que ainda hoje os traz consigo, que são os sentimentos de culpa e vergonha de si, do seu corpo, de sua identidade de gênero assignada no nascimento; conforme nos relata:

Desse dia em diante passei a sentir muita vergonha de mim, sentia meu rosto queimar quando precisava usar o *toalete* feminino, assim como a hora de ir para a fila. Esses acontecimentos me fizeram ficar extremamente rebelde, tanto na escola, quanto em casa, só pensava em voltar pra fazenda. Lá não existia fila de meninos e meninas, nem *toalete* masculino e feminino, e nem tão pouco ninguém me dizia o que era de menino ou de menina. (ANEXO 3)

A escola, certamente não é a única instituição responsável por contribuir na arquitetura das subjetividades e sexualidades, mas se pensarmos que cada vez se tem acesso à escola de forma precoce, desde os berçários até à pós-graduação, perceberemos o quanto ela potencialmente tem condições de atuar no exercício constitutivo dos sujeitos. A escola faz vidas, juntamente com outras instituições normativas e reguladoras. Louro considera que a escola com suas “... proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm ‘efeitos de verdade’, constituem parte significativa das histórias pessoais” (LOURO, 2013a, p. 21).

Não se trata, porém, apenas do tempo que os sujeitos passam nas escolas, mas como realizam suas vivências e experiências no seu interior. Como transitam pelos poderes estabelecidos, como tomam para si o direito de falar, de se fazerem escutar. A escola parece que tradicionalmente, tem mais interesse em calar, ou em incitar a fala, para simplesmente controlar, vigiar e governar, do que possibilitar a autonomia dos sujeitos.

Se pensarmos a forma como se organizam os currículos nas instituições escolares, iremos perceber como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2007), que o currículo é marcado por um território político. Trata-se de uma construção social, intencionada, pois os saberes a serem ensinados, ou, o conhecimento tido com válido, não é ocasional, antes, é bem

estipulado, organizado de maneira hierárquica, a serviço do poder e do sistema sexo/gênero. Em outras palavras, “o currículo é uma questão de saber, identidade e poder” (SILVA, 2007, p. 147).

As narrativas de Dom a respeito de sua entrada na escola, do embate enfrentado, demonstram como a escola opera no mais íntimo dos sujeitos. Ela não apenas se centra no que deve ser objeto de conhecimento, ela produz corpos, sentimentos, desejos, opiniões, valores. Ela incita escolhas, preferências, recusas, pudores. O que seria bastante positivo, se ela não se pautasse para suas escolhas em parâmetros de negação das multiplicidades e alteridades, já que visa na maioria das vezes o estabelecimento da norma patriarcal, sexista, machista, misógina e dos sexos e gêneros hegemônicos. Por essa razão Dom afirma que:

Durante as séries iniciais eu me isolei na Escola, sentia raiva das Professoras, dos colegas e os demais. Nesse período eu ficava mais de castigo na secretaria do que na sala de aula, os motivos eram os mesmos, a recusa de cumprir as ordens e as normas da escola. (ANEXO 3).

O isolamento na escola se devia ao fato de não poder se aproximar de nada pertencente ao universo masculino, ter amigos, ou brincar com meninos; por outro lado, as meninas também não o aceitava por considerá-lo diferente delas. Nas palavras de nosso colaborador:

A única brincadeira que eu gostava era o jogo de queimada, porque nesse jogo além de ser todo mundo misturado, meninos e meninas, eu extravasava minha raiva acertando os colegas. [...] Na escola eu estava sempre isolado, ninguém queria brincar comigo. Era estranho para as meninas, que não gostavam de estar ao meu lado. Os meninos não me evitavam como as meninas, por outro lado, havia muita vigilância por parte de toda a equipe da escola para eu não brincar com os meninos. As professoras determinavam que eu fosse brincar de roda com as meninas. O que só aumentava meu pavor de estar ali. (ANEXO 3).

Ainda que às vezes brincasse às escondidas com alguns meninos, esses momentos eram raros, o único amigo que Dom considera ter tido na escola, podemos dizer que também ocupava um marcador social da diferença, pois vivia isolado, porém evidenciado em sua diferença. De alguma forma tinham algo em comum, a abjeção, a margem estipulada. “Ele era neto de uma senhora dona de um bordel na cidade. Sendo assim, ninguém queria, nem os pais deixavam que seus filhos brincassem com o neto da dona do bordel. Tivemos assim uma aproximação, pois também era meu vizinho”. (ANEXO 3).

De modo semelhante, Dom e seu amigo, neto da dona do bordel, são postos em evidência pelo saber da sexualidade, pela *scientia sexualis* e por “esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder” (FOUCAULT, 2010a, p. 83). O amigo por ser neto de uma dona de um bordel, supostamente considerada como prostituta, era apontado como aquele que portava o germe subversor da sexualidade padrão, familiar, motor e base da família tradicional heterocentrada. Não é difícil perceber que a sexualidade “... encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, das disciplinas e das regulamentações” (ibid., p. 161).

Nota que a escola opera, esboça, provoca, suscita uma sexualidade desejada. Ela atua sobre os corpos, moldando suas anatomias, controlando inclusive aspectos bastante individuais, como sensações, prazeres. A escola ensina como os corpos, masculino e feminino devem, cada qual, sentir, desejar. Para isso, recrimina condutas, comportamentos tidos como inadequados, e elogia aqueles que pretende preservar, ensinar. No caso de Dom, esses ensinamentos se davam, também, pelo impedimento de suas brincadeiras e de seus brinquedos considerados de menino. Os quais insistia em levar para escola mesmo sabendo que seria repreendido. Conta-nos:

Certo dia levei para escola um garrafa com minha coleção de bola de gude, estava brincando e mostrando minhas bolas de gude para alguns meninos quando fui repreendido pela coordenadora, por mais uma vez estar brincando com meninos. Minha tia foi chamada à escola, o que me rendeu como castigo perder minha coleção. Fato que me marcou devido ser um dos poucos brinquedos que tinha. Senti-me triste e injustiçado. (ANEXO 3).

As proibições das professoras seguiam repetidamente, e Dom apreendeu a não se calar, crescia uma grande revolta em não poder expressar sua identidade de gênero. Sua resposta às regulações da escola passou a ser o enfrentamento, a resistência. Relata-nos, por exemplo, que em outro momento quando levou uma caixa com uma coleção de tampinhas, a professora a tomou e o ameaçou de não ganhar presente no dia das crianças. “Ela se virou para o quadro-negro para escrever as lições. Eu no meu canto fui tomado como uma ira terrível, e então fui até a sua mesa, bati com toda minha raiva naquela caixa, as tampinhas se espalharam por toda a sala de aula”. (ANEXO 3).

A reação de Dom ao fato da professora lhe retirar mais uma vez seus brinquedos, considerados impróprios por ser de menino, mostra aquilo que delineou Foucault (2010a) a respeito do poder. Afirma que este não se restringe à lei enquanto unidade global, à lei da interdição, ao Estado soberano e suas diversas instituições, como a escola. Mostra

várias proposições para defender que o poder se encontra em todas as mãos, em todas as partes, que ele é circular, e não pertencente a um dono, a uma instituição. Defende que o poder flui de todos os lugares e de todos os sujeitos. Entre tais proposições, destacamos:

- que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e moveis; [...] - que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (FOUCAULT, 2010a, p. 104-105).

Como Foucault analisou em relação ao poder e ao sexo, mais que reprimir comportamentos, os discursos incitam estrategicamente condutas específicas, de forma que a sexualidade passa a ser gerida, administrada.

Dom, como agente do poder, mesmo diante de todas as regras e imposições do ambiente escolar, não se calará, e tampouco abdicará a vivência do gênero identificado. Pelo menos não nos anos iniciais escolares, quando permanecerá pronto a subverter as rotas traçadas para seu gênero. Afirma:

As professoras de fato me odiavam, e eu a elas, e a escola. Eu era teimoso, rebelde, bravo, não obedecia, não fazia nada do que era proposto. Eu assim agia como forma de me rebelar contra as regras que me eram impostas e das quais não concordava. Eu era um ser nada desejado naquele espaço, assim como, tampouco queria estar ali. **Rebelar-me era uma forma de gritar a revolta que calava em mim, e não sabia de outra maneira exprimir.** Pensava de forma vingativa: se não posso fazer o que quero, como brincar de brincadeiras masculinas, também não farei nada do que me pedem (ANEXO 3).

Ele gritará fortemente um não à incorporação do gênero feminino e seguirá na tentativa de construir os caminhos de suas masculinidades. Porém, como veremos em momentos posteriores de sua vida, gritar apenas não será mais uma ferramenta passível de assegurar seus territórios masculinos. Dom aos poucos passa a exercer, em certa medida, uma espécie de governo de si, o que marcará sua vida entre assujeitamentos e subversões possíveis. Contudo “... sem jamais perder de vista que cuidar de si era, antes, de tudo, uma prática social e política” (FISCHER, 1999, p. 52).

3.4 A resistência em não ser menina mesmo com a imposição familiar (Referência principal: **4ª Carta: Presentes inadequados/ Anexo 4**).

O que sobressai na escrita da quarta carta de Dom é um tema bastante debatido no campo dos estudos de gênero, identidade de gênero, papel de gênero e diversidade sexual. Dom nos mostra como minuciosamente se arquiteta uma política intencionada a traçar uma linearidade entre sexo biológico, identidade de gênero e os papéis decretados para cada gênero desempenhar.

A infância ocupa um local privilegiado e necessário para a articulação da produção de um gênero normativo e condizente à heteronormatividade. Sendo esse período funcional para a iniciação do exercício e vigilância das dicotomias dos gêneros. A atribuição de vestuários e brinquedos distintos para meninos e meninas são ferramentas centrais nessa designação e fabricação de gêneros normativos e hegemônicos. Não cruzar as fronteiras binaristas e os papéis atribuídos para cada gênero, se masculino, ou feminino, é assim uma forma de policiar possíveis orientações sexuais desviantes da norma heterossexual. Todavia, segundo aponta Louro, “É provável que para algumas crianças – aquelas que desejam participar de uma atividade controlada pelo outro gênero – as situações que enfatizam fronteiras e limites sejam vividas com muita dificuldade” (LOURO, 2012, p. 83).

Dom será alvo dos marcadores territoriais para os gêneros, quando tem o desprazer de ganhar o que nomeia de “presentes inadequados” (ANEXO 4) de seus parentes. Boneca para se ensinar, por suposição, uma menina com reconhecida aparência estética de menino, o devido lugar para o seu gênero. Mas a menina, que não é menina, já tem a incorporação e divisão dos papéis de gênero e, assim, afirma severamente ser homem e, desse modo, não usará o vestido que acaba de ganhar de presente, afinal, “homens não usavam vestidos” (ANEXO 4).

De modo semelhante às análises realizadas no capítulo 2, a respeito dos relatos de João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer, Dom também nos indica uma repulsa ao vestuário feminino e aos brinquedos tidos como pertencentes a esse universo.

O que fazer quando se deseja um brinquedo para sair contra o sabor do vento e da velocidade, na rota imprevista de uma estrada e de suas bifurcações, e se ganha uma boneca azul? Ah! Azul! Há certa tentativa de maleabilidade, que poderia até soar irônica, quando os parentes de Dom resolvem ousar ao lhe presentear com uma boneca, e permitem que a cor dessa boneca seja subversiva quando às designações normativas dos gêneros, quase como um brinde à masculinidade de Dom. Pode ser azul, mas há de ser uma boneca. Se o pai e mãe de Dom não atuaram diretamente no policiamento dos

gêneros, seus parentes assumiram esse papel, em concordância com a afirmação de Bento quando expressa:

Se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos “estranhos”. Daí o perigo que a transexualidade e a travestilidade representam para as normas de gênero, à medida que reivindicam o gênero em discordância com o corpo-sexuado (BENTO, 2011, p. 552)

Dom, um menino desde cedo contestador, parece não encontrar melhor lugar para aquela boneca do que um chiqueiro. Aos porcos e à lama, indica querer mandar aquele gênero que lhe era imposto, juntamente com um brinquedo que considera inadequado para seu universo masculino. Sente-se humilhado e traído. Entretanto, sua alma gentil, sensível, e já marcada por estigmas, se vê naquela boneca tão indefesa, perdida, também entregue ao nada, à lama e ao vazio. Só lhe resta fazer pela boneca o resgate desejado para si mesmo. Afirma:

Diante desses pensamentos de angústia e raiva que dilaceravam minha alma de criança pobre, vi os porcos mordendo a boneca e isso me provocou uma angústia ainda maior, porque eu me senti aquela boneca, como se a dor dela fosse a minha. Pulei dentro do chiqueiro, peguei a boneca, joguei-a no quintal e isso me aliviou a alma, me fez esquecer o presente frustrado. A boneca lá ficou para sempre esquecida... (ANEXO 4).

Aos visualizarmos a cena de Dom ganhando uma boneca azul, sua decepção, a decisão de atirá-la aos porcos, o arrependimento por pena da fragilidade da boneca, percebemos um conjunto de cenas potencialmente discursivas e políticas. O ato de ganhar a boneca, assim como o ato de jogar a boneca no chiqueiro, constitui-se como linguagens, discursos de governabilidade de corpos/gêneros, de produção de subjetividades, mas, simultaneamente, expressa um escape, uma fuga e ingovernabilidade frente ao poder majoritário dos adultos. Se Dom não podia, e tampouco possuía ferramentas discursivas para expressar toda sua indignação, ele agiria recusando essa primeira, entre tantas outras linguagens de sujeição que lhe serão impostas no transcurso de sua vida. Linguagens que insistirão em fabricar sua inadequação perante as normatizações dos gêneros. Partilhamos da perspectiva de Furlani quando reverbera:

Linguagem e discurso não são apenas meras formas de comunicação, que refletem o real ou transmitem ideias e significados aos sujeitos acerca dos gêneros e das sexualidades. A linguagem e o discurso são instâncias que constroem os sentidos que atribuímos ao mundo e a nós mesmos. Ambos são determinados por relações de poder. Promovem a diferença; definem hierarquias entre os gêneros e as sexualidades; estão na base epistêmica da

lógica que ampara a discriminação e o preconceito voltado às identidades culturais subordinadas, instituindo, sobre elas, a exclusão e a desigualdade social (FURLANI, 2009, p. 134).

3.5 As experiências na casa da tia-paterna, os jogos sexuais com as primas.

(Referência principal: **5ª Carta: *Instintos secretos.*** / Anexo 5).

Se na carta anterior Dom nos fala de sua decepção ao ganhar brinquedos não desejados, na quinta carta nos trará outra dimensão de brincadeiras, essas bem mais prazerosas para nosso colaborador, justamente por se vincular ao universo feminino. Entretanto, o que lhe instiga é poder desempenhar sua condição masculina ao iniciar jogos sexuais com suas primas e vizinhas. Afirma: “Era muito bom brincar naquela água suja, a água me dava uma sensação de poder e liberdade, nossos corpos se encostavam e a pele escorregadia das meninas me causava arrepios e desejos”. (ANEXO 5).

Essa vivência lhe permitirá dar materialidade ao gênero identificado ao se reconhecer sexualmente despertado pelo gênero feminino. Relata que desde menino sente forte desejo pelas meninas e mulheres que circulam em seu meio. Vê-se atraído pelas clientes da tia costureira, seu divertimento “passou a ser espiar no buraco da fechadura aquelas mulheres fazerem as provas de suas vestes”, e aos poucos intensifica seu interesse por cada detalhe da estética do corpo feminino. Por exemplo, nos relata que:

Passar bronzeador nas costas dessa prima que tinha cerca de nove anos a mais que eu, era um misto de tortura e prazer. Aquelas sardas espalhadas na pele branca e aqueles seios pequenos escondidos no biquíni me roubavam a paz. Ficava imaginando sua nudez completa, me despertando, assim, um forte desejo sexual (ANEXO 5).

As narrativas a que nos propusemos analisar, entre elas, as de Dom, nos permitem tecer aproximações com a história de vida de Sillvyo Luccio. A qual tomamos conhecimento por meio do documentário brasileiro *Olhe para mim de novo*, dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla, lançado em 2011. Entre outras narrativas, apresenta a história do personagem principal, Sillvyo Luccio, que afirma ter nascido mulher, em algum momento se reconheceu como lésbica, e hoje se identifica como homem.

O documentário também discute os avanços tecnológicos e da genética no que se refere a seu uso para a vivência da sexualidade, reprodução, e sua apropriação por novas constituições familiares. Aborda outros territórios e segmentos minoritários, fazendo uma

conexão, com particularidades e distanciamentos, entre as temáticas: transexualidade masculina, deficiências, albinismo, maternidade. Levanta um sutil argumento de que dores, sofrimentos, enfrentamentos, devem-se a contextos singulares, cada qual perpassado por suas marcas e possibilidades de tangenciar linhas de escape, rupturas e ressignificações.

De modo semelhante a João W. Nery, Jô Lessa, Anderson Herzer e Dom, Sillvyo Luccio é um homem trans. Vive hoje o trânsito de seu processo transexualizador, inserido no contexto cultural do sertão nordestino, em uma pequena cidade do interior. Uma cultura fortemente impregnada pelo machismo, misoginia e sexismo, e é nessa realidade que passa a se reconhecer com homem transexual e a enfrentar os choques com familiares e sociedade no geral em decorrência do processo transexualizador.

Igualmente, Dom também se encontra inserido em uma cultura machista de um pequeno município do interior, marcada pelo regionalismo agropecuário, pela centralidade de valores morais tradicionais e conservadores.

Por essa particularidade encontramos, tanto nas narrativas de Dom, como nas de Sillvyo Luccio, a necessidade de constituir uma masculinidade marcada pela centralidade do que é ser homem inserido em parâmetros normativos, assim como sob a influência do regionalismo cultural de municípios agrários, marcados pela cultura rural. A qual ressalta o poder do homem como mantenedor da família heterossexual.

Transcrevemos do documentário *Olhe para mim de novo* uma fala de Sillvyo Luccio a respeito de experiências vividas em sua infância; expõe:

Desde criança eu sempre tenho uma história para contar com uma menina. Eu sempre encontrava uma sonsinha, mais safadinha do que eu, para deixar eu beijar na boca, para deixar eu pegar no peitinho, para deixar eu amassar, e realizar os desejinhos dela e os meus, que não eram pequenos, nem poucos. (OLHE PARA MIM DE NOVO, 2013, s. p.).

De modo muito semelhante encontramos nos relatos de Dom a mesma descrição dos jogos sexuais iniciados com a prima. Afirma:

A brincadeira de casinha com a prima acendia um fogo embaixo do cobertor e tudo ficava real. Os beijos, os abraços e as minhas mãos buscando conhecer a geografia daquele corpo colado ao meu. Nossa respiração falhava. O desejo de tocar a pele dela se agigantava e o prazer de tirar suas peças íntimas se transformava em chamas incontroláveis. (ANEXO 5).

A partir dos excertos de Dom e Sillvyo Luccio é possível percebermos uma elaboração da masculinidade articulada ao modo de atuar diante do corpo feminino, que longe de estar inserido em uma ordem biológica, natural e essencializada, está inserida na ordem do discurso, e do “dispositivo da sexualidade”, segundo propõe Foucault (2010a).

Ainda na infância, os aspectos da sexualidade já se engendram por influência de um minucioso regime político de como ser homem, a partir de um modelo de masculinidade fortemente atrelado pelos pressupostos heterocêntricos.

Na elaboração de brincadeiras com as primas e vizinhas/os, Dom nos relata que: se “inspirava nas novelas da época e criávamos histórias para serem representadas, dignas de folhetim global, com beijos na boca e abraços, tudo bem escondido...” (ANEXO 5). A referência tomada para as brincadeiras é um modelo discursivo presente nas mídias, famílias, igrejas, o qual propaga os postulados de uma sociedade heterocentrada, e produz, na perspectiva de Andrea Braga Moruzzi, as relações entre infância e gênero segundo um “padrão adultocêntrico e androcêntrico”, uma vez que:

Estimula-se neles um comportamento que ostenta a sexualidade, a virilidade e a demonstração constante de masculinidade, esta relacionada à força física, a não passividade diante das meninas e ao controle das emoções (não chorar, não se afetar pelas meninas, não se deixar dominar por elas). Por outro lado, estimula-se nas meninas comportamentos que representam a feminilidade, como por exemplo, a passividade diante dos meninos, a meiguice, a ajuda nas tarefas domésticas e especialmente, um comportamento negativo diante da sexualidade (MORUZZI, 2010, p. 5)

Em outro excerto, Dom indica que ao brincarem de casinha as dinâmicas de arranjos familiares não estavam isentas das influências políticas do sexo e gênero, segundo propõe Preciado (2014). Dom relata:

As divisões de papéis nessas brincadeiras eram bem estipuladas. O homem, o chefe, o pai na casinha, sempre era eu; a prima, a mãe, uma das vizinhas, nossa filhinha, e as outras duas juntamente com o amigo, faziam outro casal e sua filhinha, e assim se dava a brincadeira (ANEXO 5).

É possível observarmos por meio de nossas análises realizadas no Capítulo 2, a respeito das narrativas de Anderson Herzer e Jô Lessa, durante o período em que foram internos da FEBEM, uma íntima relação com os relatos de Dom. De modo similar discorrem sobre as regras utilizadas pelas/os internas/os da FEBEM para simularem arranjos familiares, ou seja, com a presença do *paizão*, a mulher do *paizão*, e seus/as filhos/as. O modelo de família heterossexual nuclear é a norma e parâmetro a ser seguido.

Louro (2013a) recorda a partir da *História da sexualidade* de Foucault, que este “não pretendia escrever uma arqueologia das fantasias sexuais, mas sim uma arqueologia do discurso sobre a sexualidade...” (LOURO, 2013a, p. 32). Tomando como referência a necessidade de desconstruir os discursos e verdades naturalizadas sobre os corpos, sexualidades e gêneros, observamos que os relatos de Dom, João Nery, Lessa, Herzer, e Sillvyo Luccio, buscam, recorrentemente, ressaltar aspectos da virilidade masculina, do desejo sexual intenso pelo sexo feminino. Da postura ativa que um homem deve, supostamente, desempenhar.

O que mais uma vez enfatizamos, sem pretender questionar o lugar e condição do desejo e fantasias sexuais, próprias de cada sujeito, é que esses não são neutros. Antes, marcados pelo sistema biopolítico, conforme coloca Preciado (2014); pelos discursos, silêncios e práticas institucionais, segundo destaca Louro (2013a).

Podemos inferir, desse modo, que a infância dos meninos transexuais sofre um duplo investimento, por um lado, a negação social do gênero identificado, nesse caso o gênero masculino, mas por outro, ainda que de maneira silenciosa, a incorporação dos modos hegemônicos do que significa ser homem. Segundo Richard Parker:

O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. [...] É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam (PARKER, 2013a, p. 135)

Dito de outra forma, podemos afirmar que desde a infância nossos colaboradores passam a ter em seus corpos, mentalidade, emoções, linguagens, comportamentos, um investimento do que é ser homem, ou *um homem de verdade*. Ainda que um investimento clandestino, ou realizado de maneira transversal. Entre tais incorporações, está ser o homem garanhão, *pegador*, machão, ou, conforme relata Herzer: *o paizão, ou, o galo*. Para Dom: “Era como um jogo de caça, onde eu era somente o caçador e ela sempre a caça, nunca consegui inverter esses papéis” (ANEXO 5).

Nesse momento, as palavras de nosso colaborador evidenciam um discurso e um saber recorrente que busca produzir a subjetividade feminina com atributos opostos àqueles tidos como próprios ao universo normativo da masculinidade. Ou seja, à condição feminina reserva-se um lugar de submissão, fragilidade, sensibilidade, emotividade; um

corpo vulnerável, uma vez reconhecido como presa, e suscetível ao prazer e domínio masculino, disponível ao poder e agilidade do caçador, nesse caso, o macho.

O documentário *Eu sou homem*, sobre relatos de transhomens, produzido pelo *Coletivo de Feministas Lésbicas/Minas de Cor*, em 2008, sob a direção de Márcia Cabral, traz, entre outras, a seguinte fala de Régis Vascon: “Eu acho que esse jogo de sedução é importante! Na verdade eu sou um conquistador, eu sempre fui. Né?! Eu gosto da caça, eu sou um caçador!” (EU SOU HOMEM (DOCUMENTÁRIO..., 2016, s. p.). Régis e Dom utilizam, mesmo sem se conhecerem, a mesma analogia do homem caçador, ativo. O que se nota é que a ordem discursiva propaga-se em seu caráter produtivo, político, interessado em governar as condutas, corpos, subjetividades. Nesse caso o discurso se organiza, segundo Foucault, em “Procedimento internos, visto que são discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle...” (FOUCAULT, 2010, p. 21), Os sujeitos FtM acabam introjetando os códigos da masculinidade hegemônica, aprendem em uma linha de aproximação com os homens, assim assignados ao nascerem, que ser homem é ser ativo, másculo, *caçador*.

De maneira muito semelhante, Sillvyo Luccio, no documentário *Olhe para mim de novo*, também apresenta uma analogia em que a mulher é apresentada como uma caça, a qual deve ser sutilmente atraída para que possa ser capturada e levada à panela. De modo descontraído, reforçando a *autêntica* masculinidade nordestina, Sillvyo Luccio afirma:

Eu jogo ração pros pombos, xerém, na calçada. Aí o pombo vem e come, aí eu jogo e entro, aí o pombo vem e come, e vai embora. Noutro dia eu jogo de novo, aí o pombo vem e come, e eu me retiro. No terceiro dia eu já não me retiro, eu jogo e fico, aí o pombo vem mais receoso, come o xerém e me vê, e a partir daí eu passo a ficar, eu jogo, por algumas vezes, mais algumas vezes, e contínuo ficando; gera uma intimidade com o pombo, e eu posso pegá-lo com a mão e ele não voa. Assim é a mulher, você joga o xerém (risos)... Olha a expressão, né?! Você joga alguma coisa aqui, ela vem belisca, você se afasta. A partir daí, depois, é que você... quando se gera aquela confiança, com a mulher já é uma confiança, né?! Aí ela já não foge de você, aí você vai e leva pra panela (OLHE PARA MIM DE NOVO, 2013, s. p.).

Há uma aberta referência à relação de poder, onde o corpo feminino é subjugado pela supremacia da lógica patriarcal; há uma relação assimétrica e hierárquica de construção social da masculinidade e feminilidade. Demonstrem acreditar ser preciso, desde cedo, estampar virilidade, especialmente quando se é um homem que ocupa um território da menoridade, ou seja, das masculinidades desviantes. Os discursos, ditos e

não ditos, parecem informar, já na infância de nossos colaboradores, a existência da construída:

... superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado, normatiza o que deve ser a sexualidade masculina, produz uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o verdadeiro homem, o homem normal. Este homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero (WELZER-LANG, 2001, p. 468).

Sabemos que na sociedade heterocentrada uma das estratégias clássicas para a exibição de uma masculinidade hegemônica, reconhecida pelos parâmetros do que seja um homem viril, é sua capacidade de atrair e se relacionar intensamente com o sexo oposto. Quanto mais mulheres um homem se cercar, mais estará atestando sua masculinidade. Não por acaso encontramos, desde o berçário, ditados populares machistas. Por exemplo, é comum em nossa cultura, um homem e pai, afirmar em tom de piada a seguinte expressão: *segura suas cabritas que meu bode está solto*.

Essa estratégia do homem conquistador, *Don Juan*, sedutor, ajuda a naturalizar e reelaborar os pressupostos heteronormativos. Os homens trans ao trilharem rotas para a constituição de suas masculinidades não deixam de incorporar possíveis elementos dessa estratégia. Como salientam Alexandre Toaldo Bello e Jane Felipe:

Nesse jogo de construção da masculinidade torna-se importante discutir de que forma os processos homofóbicos vão se formando e se enraizando nas crianças e, também dessa forma, se espalhando para as mais diversas instâncias sociais. As manifestações homofóbicas vão sendo elaboradas a partir de um conjunto de conhecimentos que circula na relação adulto/criança, criança/criança, criança/escola, fazendo com que os sujeitos infantis introjetem esses saberes em suas vidas e valham-se deles para posicionarem-se em relação à matriz (FELIPE; BELLO, 2009, p. 145).

Os relatos, em especial de Herzer e Lessa, como também de Sillvyo Luccio, no documentário *Olhe para mim de novo*, nos levam a essa visão do homem *garanhão*. Por outro lado, percebemos tanto em Nery, quanto em Lessa, uma tentativa de desconstrução desse modelo hegemônico de masculinidade no referente à educação de seus filhos. Em diversos momentos João Nery nos fala que buscou educar seu filho com princípios diferentes daqueles da sociedade heterocentrada, afirma que tinha “preocupação em não tornar Yuri machista” (NERY, 2011, p. 261).

Ao ter acesso à leitura dos relatos de Herzer, Lessa, e ao documentário de Sillvyo Luccio, Dom sublinha que se sente muito diferente no que se refere às experiências

sexuais, pois não se reconhece como um homem sedutor, *mulherengo*. Nesse sentido, afirma:

Minhas experiências sexuais foram poucas em função do processo de negação, construído ainda na pré-adolescência. Pensava que era impossível uma mulher se interessar por um tipo como eu, um homem com limitações sociais e físicas, devido ao nome e ao corpo de mulher (ANEXO 15).

Dom sente sua masculinidade diminuída por não possuir um corpo biológico masculino, assim como por ter um nome feminino; afirma possuir limitações, as quais compreende ser um impedimento para que possa se relacionar com maior número de parceiras. A sensação de Dom, entretanto, não é incomum quando falamos da transexualidade masculina, já que outros transhomens também expressam a mesma dificuldade, conforme aponta Ávila:

As dificuldades de se relacionar afetiva e sexualmente com as mulheres, para alguns transhomens heterossexuais, são devidas à idealização de um corpo masculino, uma vez que preferem iniciar um relacionamento mais estável quando se sentem mais seguros de sua masculinidade. [...] alguns só iniciaram relacionamentos sexuais e afetivos mais estáveis após se sentirem mais seguros quanto à construção de sua masculinidade, o que mostra que na transição de gêneros de transhomens está implicado o desejo por corpos considerados masculinos por potenciais parceiras sexuais e /ou afetivas (ÁVILA, 2014, p. 224).

A ditadura da masculinidade ideal, viril, potente, ativa, dominante, parece produzir, nesse sentido, tanto para os homens trans, como para homens não trans, marcas de um duplo ou complementar viés. Por um lado a necessidade imperativa de se constituir a partir desse agenciamento normativo, mas por outro, o temor de não alcançar tais patamares de perfeição e idealização designados para a figura masculina. Se na sociedade heterocentrada, ser homem é ser amado e desejado pelas mulheres, ter a sensação que seu corpo, pênis, comportamento, ou postura masculina não cumpre os protocolos anunciados pelas diferentes instituições sociais é motivo de pânico e sofrimento. João Nery compartilha a mesma sensação ao afirmar que “Novamente o pesadelo de que as mulheres não poderiam se sentir atraídas por mim começou a me estrangular” (NERY, 2011, p. 98).

A angústia, medo da rejeição e a necessidade que muitos transhomens possuem de exercer suas expressões de masculinidades de maneira hegemônica deve-se ao fato de já sofrerem o estigma decorrente da subversão biológica dos gêneros. O que não significa

que tenhamos aval para culpabilizar qualquer modo de existência das masculinidades trans. Não esperamos encontrar uma forma correta, adequada, homogênea, já que encontramos múltiplas expressões de transmasculinidades, e todas elas, de alguma maneira enfrentam variadas dores e cicatrizes ao terem que afirmar uma masculinidade tida como abjeta no bojo de uma sociedade perversamente heterocentrada.

Simone Ávila (2014) em suas apreciações sobre os relatos de Sillvyo Luccio, no documentário *Olhe para mim de novo*, afirma que muitas pessoas consideraram suas falas, quando se refere à mulher, machistas, assim como outros transhomens também relataram que “... se sentiram incomodados com essas cenas e chamaram Sillvyo de ‘machista’” (ÁVILA, 2014, p. 171). O que de algum modo também analisamos, mas ressaltamos o fato de sua fala e postura não serem essencializadas por um núcleo identitário naturalizado, antes, fruto de uma produção minuciosa, de uma obra realizada por uma sociedade heterocentrada, a qual os homens trans não estão isentos.

Ávila (2014) compartilha uma fala de Sillvyo emitida durante um debate em Gramado, após a exibição do documentário em que é protagonista. Sillvyo responde a intervenção de uma mulher que o chamou de machista e disse sentir-se desrespeitada em relação ao documentário. Ávila apresenta-nos a exposição de Sillvyo Lucio:

... eu não podia representar o homem perfeito. Eu não sou ator. Eu não sou perfeito. Eu sou um cara cheio de cicatrizes feitas exatamente por pessoas que tem um comportamento do ‘correto’, dos que acham que estão com a ‘verdade’ e com o ‘certo’. Porque acham que eu sou uma aberração, uma ‘sem-vergonhice’, como dizem lá no nosso nordeste. Eu sou o incorreto, eu sou o imperfeito. Eu sou aquilo que ninguém gostaria de ter como filho ou como filha porque eu tenho uma indefinição (FESTIVAL DE CINEMA..., apud ÁVILA, 2014, p. 171).

Em outras palavras, Sillvyo Lucio afirma que sua masculinidade não está comprometida com o politicamente correto, com uma suposta masculinidade verdadeira, especialmente porque ele se considera imperfeito, repleto das marcas da violência e preconceito social inscritas em sua pele.

Sua fala nos mostra como corremos o risco de recairmos em julgamento e culpabilização ao acreditarmos que todos os homens trans, por terem o desejo intenso e urgente de afirmarem as expressões da masculinidade, devam fazê-lo de maneira universal e fidedigna a uma suposta masculinidade verdadeira. Conforme discorreremos no Capítulo 1, essa é uma produção dos saberes médicos, psicológicos, políticos de toda uma maquinaria e sistemas interessados em reiterar uma verdade única e permanente sobre

masculinidade e feminidade. Entretanto, essas são frágeis como castelos de areia, para se manterem em pé precisam, continuamente, ser produzidas, pois, se não o fizerem, a força da maré normativa não hesita em tragá-las mar adentro.

Outro aspecto que gostaríamos de retomar é o fato de que embora nosso colaborador e os demais transhomens a que nos dedicamos a analisar seus relatos sejam heterossexuais, essa não é uma regra das transmasculinidades. Essas são plurais, transitórias, marcadas pelas mais diferentes nuances. No que diz respeito à orientação sexual reafirmamos que muitos homens trans são homossexuais, uma vez que “... não se pode derivar daí que todas as mulheres e os homens transexuais sejam heterossexuais, afinal o fato de mulheres e homens transexuais assumirem a homossexualidade desfaz qualquer possibilidade de se produzir esta inferência” (BENTO, 2008, p. 57).

Como menino transexual e aos poucos se identificando como heterossexual, as primeiras experiências, ou jogos sexuais de Dom, ainda em sua meninice, foram vividos, em certa medida, com a mesma liberdade e desprendimento de *Macunaíma*. O herói descrito por Mário de Andrade, e ressaltado por nosso colaborador na epígrafe de sua 5ª carta, metamorfoseia-se vida afora; em cada pele veste nova alegria. De modo análogo, veremos que também Dom se comporá em diferentes personagens, tomando de empréstimo à realidade, vida, sofrimentos, alegrias, dramas e itinerário dos poetas e de seus personagens, ou de suas aventuras e dramas. Mas o desprendimento de menino, em suas primeiras aventuras sexuais, encontrará no concreto do planalto central uma espécie de dique, conforme veremos em sua próxima carta.

3.6 A adolescência e o exílio imposto pela família (Referência principal: 6ª Carta: O concreto do Planalto Central/ Anexo 6)

Na carta *O concreto do Planalto Central*, Dom narra sua ida para Brasília aos 12 anos de idade, quando foi morar com a prima. A expectativa de sua família é que pudesse “seguir o exemplo de mulher que ela era, feminina, educada, culta e graduada” (ANEXO 6). Havia uma expectativa de que a produção da feminilidade, não eficaz no período da infância, pudesse ser efetivada na convivência com uma mulher feminina e inserida no ar político e inovador da capital federal. Era preciso esboçar uma *filha-mulher* nos moldes hegemônicos do que é traçado para a conduta feminina, pois a “A educação do sujeito e a harmonização da forma não param de obcecar nossa cultura, de inspirar as

segmentações, as planificações, as máquinas binárias que as cortam e as máquinas abstratas que as recortam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.106).

Entretanto, apesar de tentar cumprir a meta traçada por sua família e prima, Dom descobrirá subterfúgios em outros caminhos, os quais o levarão a reafirmar sua masculinidade, mas não sem grandes conflitos.

É importante notarmos a fina metáfora construída para estampar seu sentimento de angústia, medo e aprisionamento ao ter que criar uma estratégia para negar o gênero identificado e forjar aceitar viver o gênero designado em seu nascimento. Para expressar a captura de seu gênero masculino faz um paralelo metafórico entre a solidez do concreto e a sonhada liberdade de fragmentá-lo, uma vez que se sentia sufocado. Delineia: “...aquele concreto erguido nos dias cinza do Planalto Central, aonde eu sempre sozinho, ia me divertir rasgando minhas calças escorregando na cúpula do senado, era uma agressão ao meu sonho de liberdade.” (ANEXO 6). A rigidez que constitui a amálgama dos concretos parece ser feita da mesma matéria-prima que solidifica as normativas do sistema heterocentrado, o qual lhe impedia a liberdade de viver sua masculinidade.

Convivia com o paradoxo de ter que ocultar sua identidade de gênero, pois acreditava que “... jamais poderia revelar minha verdadeira identidade” (idem), e a necessidade de forjar, construir uma identidade que estivesse em adequação com a causalidade de seu corpo biológico; era preciso ser mulher. Ainda que isso sufocasse suas maiores expectativas e desejo de viver como homem.

Precisava escapar à arquitetura cimentada e acinzentada produzida dentro si, pois “Era como se aquela arquitetura dissesse a todo o momento que eu era totalmente errado e só, naquela selva de pedra” (ANEXO 6). Essa sensação de estar errado e, abandonado em seu erro, impossibilitará Dom de reconhecer as sofisticadas tramas do poder ao elaborar mecanismos políticos para inscrever nos corpos as vontades de um sistema sexo/gênero hegemônicos e normativos. Como argumenta Preciado: “Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política. É ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas” (2014, p. 31).

Se por um lado Dom, desde criança, sentia prazer e alegria por ser reconhecido como menino, aos poucos, em especial com a chegada da adolescência, começa a sentir um pânico diante de sua diferença. Experimentava a força dos valores hegemônicos e da clandestinidade que lhe era imposta. As palavras cortantes e imperativas de suas primeiras

professoras, ou seja, de que não era um menino, pareciam ressoar com mais força em sua cabeça. Agora “Para um adolescente na minha condição isso era como uma navalha na alma” (ANEXO 6).

Os sentimentos que agora lhe rondavam eram de temor, vergonha, pânico, pois sentia seu “... rosto queimar de vergonha quando alguém dizia que eu estava parecendo um moleque” (ANEXO 6).

A culpa, ou vergonha, não é um atributo particular, individual. É efeito de uma sociedade orquestrada para ser mantenedora de uma sexualidade tida como natural, biológica, passível de reprodução por ser considerada legítima ao assegurar a ordem familiar heterossexual. Louro argumenta que por meio de variadas “... estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (LOURO, 2013a, p. 27).

A estratégia e revolta da infância de lançar ao chão as tampinhas tomadas pela professora, em sala de aula, já não lhe era mais possível. Seria preciso tentar outras rotas de fuga. Ainda que fosse simular sobre sua pele uma capa, criar uma pessoa desejável socialmente, mesmo que inexistente no reconhecimento de sua subjetividade. Precisava, especial para a prima que o acolhera, simular atração por garotos, quando de fato desejava ser visto e desejado como um. Relata:

Naquele momento eu precisava urgentemente construir uma identidade que não a decepcionasse (eu tinha que ser mulher) [...] Passei a ter a necessidade de inventar interesse em garotos para agradá-la. Dizia a ela que na minha escola tinha um garoto ou outro que me interessava (ANEXO 6).

Movido pelas mesmas circunstâncias e sentimentos, João Nery também se vê interpelado a criar estratégias para não ser vítima de exclusão e preconceito, fala da necessidade de se criar uma “... espécie de pista falsa, de conduta desidentificadora, para evitar os rótulos tão incômodos” (NERY, 2011, p. 50).

Ambos tentam escapar dos apontamentos, discriminações e dos guetos da marginalização. Nesse caso, o que parecia estar em questão era o temor de serem identificados como pertencentes ao grupo identitário das homossexualidades, ou seja, que fossem reconhecidos como lésbicas. A princípio, a estratégia usada será semelhante à distinguida por Eve Kosofsky Sedgwick (2007), quando afirma que pessoas não heterossexuais acabam forçadas a não assumirem publicamente sua orientação sexual, e permanecem reclusas em sua privacidade, pelos mais diferentes armários produzidos

normativamente na sociedade heterocentrada. O objetivo é evitar justamente as acusações, julgamentos e penalidades dos diferentes grupos sociais, em particular do primeiro deles, a família. Mesmo não sendo *gays*, vivenciam em algum período a mesma necessidade e segurança do armário. Dom trancafiará sua masculinidade durante um longo período de sua vida, pois como expressa Sedgwick:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

A produção minuciosa da política de emolduramento dos gêneros exigirá atuações correspondentes com a inscrição realizada nos corpos em seu nascimento. Mas, segundo Leandro Colling (2013, p. 8), “Além de exigir uma linha coerente entre o “sexo biológico” e o gênero, as normas também exigem que as pessoas desejem uma outra pessoa considerada do sexo e do gênero oposto e ainda pratiquem esse desejo de uma determinada forma bem restrita”. Exigência que será feita pela prima de Dom, entre inúmeras outras pessoas de seu ciclo de convivência, entre amigos/as, colegas de trabalho, familiares. Relata que a prima evidenciava “... o quanto era bom namorar um rapaz, fazia questão de deixar claro que eu já estava na idade de interessar por um garoto, o que não ocorria de maneira alguma” (ANEXO 6).

Dom precisava provar ser a mulher que nunca se reconheceu, ou desejou ser; era levado, incitado a atestar os atributos designados para seu gênero de nascimento, o qual pela vertente heteronormativa implica uma relação causal entre gênero e orientação sexual. Atestar a sua feminilidade perpassava em mostrar interesse por meninos.

Para Dom, simular uma orientação sexual oposta a de seu desejo afetivo-sexual era, e será em outros momentos importantes de sua vida, uma via tortuosa, porém mais admissível do que simular uma estética ou gênero feminino.

Compreendemos nessa escolha um atravessamento puramente político e social, pois podia teatralizar interesse por garotos, uma vez que na esfera privada sabia que essa era uma realidade inventada. Por outro lado, vestir-se nos moldes daquilo que a sociedade hegemônica atribui como sendo próprio à dimensão feminina, não era algo minimamente suportável para nosso colaborador. Por exemplo, teve boa intenção em não ofender a prima quando essa lhe sugeriu e deu de presente saia e batom, tentou a experiência de usá-los. Afirma que vestiu a saia e passou o batom, porém o “... resultado foi que eu não

tive coragem de sair do quarto, a sensação foi pior que quando alguém dizia que eu parecia homem, não tive alternativa, tive que dizer a ela que a saia e o batom não davam em mim, eu não conseguia sair daquele jeito...” (ANEXO 6).

Dom se esforça para performatizar certa adequação à feminidade padrão, porém, toma para si uma culpabilidade por não se adequar às normas dicotômicas dos gêneros. O que lhe resta é o receio de perder o respeito e carinho da prima que o acolherá. Demonstra o desejo de não decepcioná-la ao afirmar: “Minha prima me tratava muito bem, dizia sempre que gostava muito de mim e isso melhorou bastante a minha autoestima” (idem). Toda a pressão sofrida lhe gerava um enorme conflito, comum entre pessoas desviantes dos gêneros e sexualidades normativas. Sobre os conflitos vivenciados por pessoas transexuais em relação às normas de gênero, Bento considera:

Esse processo de fuga do cárcere dos corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos. As dúvidas ‘por que eu não gosto dessas roupas? Por que odeio tudo que é de menina? Por que tenho esse corpo?’ levam os sujeitos que vivem em conflito com as normas de gênero a localizar em si a explicação para suas dores, a sentir-se uma aberração, uma coisa impossível de existir (BENTO, 2011, p. 551).

Será mais fácil fingir se interessar por garotos do que violentar seu corpo ao lhe impor o uso de indumentárias femininas. Era intolerável a exibição pública do gênero odiado. Se a face lhe queimava quando alguém dizia que estava parecendo um moleque, ardia-lhe a alma quando via no espelho a exibição ampliada do corpo repudiado. Fugir do corpo que lhe recusava o reconhecimento de sua identidade masculina será uma arma potente, a qual Dom não abrirá mão ao longo dos mais distintos itinerários percorridos. Certamente a usará como forma de manter sua dignidade e enfrentar as adversidades postas.

Batom somente para ser retirado da boca das amadas que conhecerá nas curvas da arquitetura brasiliense, por meio das professoras que o transportará dos conhecimentos científicos e acadêmicos às práticas da sexualidade, da sensualidade regada à boa música e muita literatura.

Evitava olhar os decotes e as saias das meninas de sua idade, pois temia se entregar e revelar seu segredo perante uma possível paixão. Preferirá caminhar por outra linha, acreditando ser essa uma garantia de mais segurança. Passa a se interessar por mulheres mais velhas, estratégia que tem mantido ao longo de sua vida. O que não esperava era ser correspondido em seu interesse. Dom expõe:

Por outro lado, comecei a ter interesse por mulheres mais maduras, sonhava com a tigresa da música do Caetano Veloso. Nessa fase eu vivi inúmeras paixões platônicas por mulheres maduras e extremamente fora da minha realidade, muitas eram minhas professoras e outras eram de outros lugares que eu frequentava, tal como as reuniões do PC do B. O fato de me apaixonar por essas mulheres me dava à certeza e a tranquilidade de que meu segredo estava seguro, tal qual o concreto do Oscar Niemeyer (ANEXO 6).

Porém, o concreto lhe trairá as expectativas ao mostrar a inexistência da suposta e desejada segurança perseguida pela maioria dos sujeitos. A respeito da ânsia por previsibilidade argumenta-nos Daniel Soares Lins que “A razão humana detesta a incerteza. Queremos sempre prever o que vai acontecer ou conhecer antecipadamente o que seria o resultado de nossas iniciativas ou o termo de um projeto no qual estaríamos implicados” (LINS, 2013, p. 131).

Se antes a escola lhe era aversiva, se mostrará também como um lugar de intensos encontros, pois como veremos na maioria de suas demais cartas, é na escola que tecerá conexões de amizade e, particularmente, encontros amorosos, pois com suas principais companheiras o primeiro contato se deu por mediação do contexto e território escolar. Concordamos com a defesa de Rosimeri Aquino da Silva e Rosângela Soares quando reverbera:

A escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo. As relações sociais referem-se ao fato de a escola ser tanto um local de encontro entre jovens quanto um local que tem relações com a mídia e outros espaços culturais (SILVA; SOARES, 2013, p. 91).

A escola tece ferramentas disciplinares, elege discursos e utiliza suas técnicas sutis de poder para produzir nos corpos um gênero e sexualidade desejáveis, normativo e correspondente à lógica binária macho/fêmea em defesa da manutenção da heteronormatividade. A escola opera diversos e minuciosos mecanismos de agenciamento, por exemplo, banheiros separados por gêneros dicotômicos, brincadeiras, esportes, jogos, gestos, posturas corporais e falas designadas como apropriadas e diferenciadas para meninos e meninas. Cores divididas entre universo azul, ou cores mais escuras para meninos, e rosa, ou cores mais claras para meninas. Entre outras fabricações destinadas a manter a ordem dualista dos gêneros.

Todavia é preciso considerar que contra toda tentativa de poder e captura, há sempre engendramentos de ruptura, subversão; o poder, como salienta Foucault (2010a), é transitório, circular, está em todas as mãos, ou, por suas palavras: “- que lá onde há

poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2010a, p. 105)

Os sujeitos quase nunca acatam designações sem se rebelarem contra uma determinada ordem, em particular, aquelas que agridem seus modos de experimentação de vida. A partir dessa compreensão é fácil perceber que a arma mais potente no ambiente de sobriedade e aparente racionalidade escolar é a formação dos grupos de amizade e de relações amorosas. O que é visto nas dinâmicas de Dom quando afirma: “Aos 16 anos meu sangue fervia como de qualquer adolescente da minha idade, gostava das festinhas que rolavam na Asa Norte, de ouvir Cazuzza, Legião Urbana, RPM etc., com as poucas amizades que conquistei no Colégio” (ANEXO 7).

Se as/os professoras/es a princípio são quem seriam as/os representantes de um poder legal, aos estudantes cabe o lugar de minoridade. Entretanto, não sem subvertê-lo ao realizar pequenos atos de potência de vida, tais como: o amor, amizade e o sexo em suas múltiplas nuances. Sem traçar nenhuma via precisa, Dom realizará uma dobra em relação às asperezas do contexto escolar. Fará de seus desafetos com as primeiras professoras uma arma de enfrentamento. Se antes eram inimigas, como afirma: “As professoras de fato me odiavam, e eu a elas, e a escola” (ANEXO 3), se tornarão, em larga medida, aliadas, companheiras de vida, jornadas e rotas de fuga. A teia de relações estabelecidas por nosso colaborador nos ajudará a compreender que nos espaços disciplinares e de relações hierárquicas, poder e prazer muitas vezes fazem parte da mesma estratégia de produção das sexualidades. Pois, como bem mostra Michel Foucault...

Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente, e o psiquiatra com sua histórica e seus perversos, não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as perpétuas espirais do poder e prazer (FOUCAULT, 2010a, p. 53).

3.7 Experiências em Brasília - Primeiras paixões (Referência principal: *7ª Carta: O inevitável* / Anexo 7).

Como foi possível perceber no relato anterior, os territórios da masculinidade de Dom serão marcados, produzidos e subvertidos em grande medida por influência dos acontecimentos perpassados, ou originados no contexto escolar. Se na carta 3 afirma ter

sido a escola a responsável pelo desfavor de lhe informar não ser menino, será novamente nesse espaço, agora no início do Ensino Médio, que nos expressará: “Esse ano foi de fato um divisor de águas em minha vida seca e um tanto Severina. Muitas mudanças e acontecimentos inusitados” (ANEXO 7).

A rigidez do cenário escolar se mostrará como um espaço de erotismos, sensualidade, paixão, sonhos, desejos, como assinala Bell Hooks, não apenas em termos sexuais, mas “... o lugar de eros e do erotismo” (2013a, p. 118), se fazia presente em sala de aula. O que bem expressa a descrição de Dom: “O sotaque nordestino, o perfume, o cabelo e as unhas vermelhas invadiam os meus pensamentos e sentidos, de tal forma que me causava uma disritmia, minha pele arrepiava e o desejo parece que queria sair pelos olhos” (ANEXO 7).

A ambiguidade da presença corporal de nosso colaborador atuará como um borramento das fronteiras dos gêneros, e como um ímã atrairá diferentes olhares. Se a nitidez das identidades se esvai, causando inquietude, perplexidade, também desperta atração e encanto. Em viés análogo, ao discorrer sobre a excentricidade de quem rompe normas identitárias e as posições fixas dos gêneros e das sexualidades, Louro defende que “Sua ambiguidade nos desconforta e ameaça (e também nos fascina, devemos confessar!)” (LOURO, 2013, p. 52). Se perante o desconhecido há dúvida, receio, pânico, temor; há em sua dobra contrária, e dentro do mesmo segmento, êxtase, excitação, desejo, querer, vontade.

Se por um lado havia o medo e revolta em relação ao corpo recusado, esse próprio corpo despertará os olhares de muitas professoras. A masculinidade de Dom, em seu viés de fissura com a hegemônica masculinidade, se constituirá como ferramenta de sedução. A qual talvez não pudesse reconhecer dada sua exigência e aclamação pelo corpo biológico masculino, que seria para si o corpo ideal e almejado. Se lhe é ausente o órgão de *glamour* e vitrine da masculinidade hegemônica e viril, não lhe faltava uma expressão e linguagem corporal masculina desejável, pois como bem delinea Silvana Vilodre Goellner:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças

biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2013, 31).

Um dos fatos inusitado a que se refere Dom será seu envolvimento afetivo com sua professora de EMC (Educação Moral e Cívica). Se de início acreditou que sua paixão não seria correspondida, se surpreenderá ao perceber que não era apenas o seu bom rendimento de aluno que despertava o interesse da professora. Discorre:

... com o tempo comecei a perceber que o olhar e o interesse dela pela minha pessoa era um tanto diferente. Sentia que ela gostava da minha presença, me convidava para ir até seu apartamento, e as visitas ficaram amiúdas, as conversas intermináveis, até que um dia, ouvindo um disco, o qual eu já não me lembro, a gente se beijou, e como já tinha dito o Poetinha, a paixão se transformou em um posto em chamas (ANEXO 7).

As múltiplas sensações corriam como sangue efervescente nas veias da moralidade de Dom. O conflito se instalava em seu corpo, “Em meio a essas chamas, minha paz também se foi pelo ralo do meu *toalete*” (idem). Por uma via era levado de querer a querer, mas por outra, sua culpa e consciência o rechaçava perante às asperezas da *via crucis* das sexualidades dissidentes. Uma vez que “Educados para seguir essa relação rígida entre sexo-gênero-desejo-práticas sexuais, um grande número de pessoas sofre, teme seus próprios desejos e são coibidos em sua afetividade de forma injusta” (MISKOLCI, 2014, p.110).

As diagonais em que se encontra o levam a se perceber em uma encruzilhada, e o conduzirá à percepção de viver entre dois mundos, um real, e outro irreal.

A referência aos termos *real*, e *irreal*, é recorrente nas narrativas de Dom, como também no fragmento da poesia Tabacaria de Álvaro de Campos, a qual faz menção na 13ª carta.

Tal recorrência nos conduz em nossas análises à opção de buscar operar com dois conceitos centrais da teoria foucaultiana, os conceitos de utopia e heterotopia, mencionados por Michel Foucault (2009) na conferência no *Círculo de Estudos Arquitetônicos*, em 14 de março de 1967, e presentes no texto denominado *Outros Espaços*.

Na acepção usual, utopia diz respeito ao que não é realizável, à fantasia, sonhos, divagações, ao que existe apenas na imaginação. Para Foucault “As utopias são os posicionamentos sem lugar real. [...] É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso

da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais” (2009, p. 414).

Em oposição às utopias Foucault falará em heterotopias, sendo em particular a definição de heterotopias de desvio a que mais nos interessa como ferramenta de análise. Foucault nomeia “... por heterotopias que se poderia chamar de desvio: aquela na qual se localizam os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida” (ibid., p. 416).

As heterotopias se referem aos espaços reais e localizáveis, embora não se tratem dos espaços institucionais clássicos, mas de espaços de interligações, coexistências. São espaços transitórios, passíveis de serem manipulados, instalados e reinstalados, percorridos, transmutados, rasgados e refeitos por alinhavos diversos. São espaços em constante devir, “... as heterotopias assumem, evidentemente, formas que são muito variadas, e talvez não se encontrasse uma única forma de heterotopia que fosse absolutamente universal” (idem). Por meio de um espaço real da heterotopia pode--se percorrer outros espaços não presentes, por exemplo, o cinema, a música, ou, o mais comum na atualidade, os espaços virtuais, nos permitem percorrer, simultaneamente, por incontáveis espaços. Em outro excerto, Foucault explica:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias... (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Gostaríamos de conjecturar que ao afirmar viver em dois mundos, um real, e outro irreal, Dom se refere à irrealidade de sua masculinidade, e dos espaços inexistentes para vivê-la e, no oposto, de um espaço das fantasias, dos sonhos envoltos à literatura, livros, por meio dos quais pode fabricar em sua ânsia de ser, o homem que se reconhece. Na fabricação de personagens diversos, por meio do vestir a masculinidade e realidade dos poetas lidos, cria um mundo à parte, um mundo supostamente irreal, ao forjar ser o homem que seu corpo não anima. Esse é o entendimento de nosso colaborador ao afirmar:

“Um mundo **real** com meus medos, desejos e diferenças e o outro mundo **irreal**, onde eu conseguia ser um personagem a cada dia” (Anexo 7).

Sua realidade parecia ser aquilo que poderia ser assumido publicamente para todos/as. O mundo irreal, aquele que compartilha apenas com suas companheiras afetivas, e com seu imaginário literário, vivificado pelas leituras, músicas e regado com poesias, as quais relata que passou a ter acesso por influência da prima. Assim, “A convivência com a prima contribuiu muito na arquitetura desse meu mundo **irreal**” (Anexo 7). Se a prima lhe exigia uma correspondência com seu gênero de nascimento, ao lhe oferecer roupas e acessórios femininos, e ressaltar a necessidade de se interessar por garotos, será também quem oportunizará as principais ferramentas de enfrentamento para subverter a marginalização que lhe era imposta, ao lhe abrir as janelas à literatura poética.

Ao retornar para sua cidade natal terá acentuado, o que chama de seu mundo real, conforme nomeia no título de sua oitava carta: “De volta às raízes e a decepção do **real**” (Anexo 8). Análise que realizaremos em sequência. Mas o título já nos adianta que seu retorno à cidade natal reforçará sua considerada inadequação sexo/gênero.

Já em outro excerto fala do sexo virtual como real, e assim, afirma que perante essa realidade virtual, a companheira não supunha sua real condição, ou seja, de um corpo biológico não condizente à masculinidade, conforme prevê a sociedade normativa. Expõe: “Falávamos a noite toda, até sexo no telefone rolava, e ela nunca soube da minha **real** condição” (Anexo 15).

De que real condição nos fala Dom? De um corpo biológico que, de fato, lhe é irreal, já que é a mentira que não revela sua real identidade de gênero? Sim, em sua concepção, seu corpo é o impedimento para a vivência plena de sua sexualidade, entre outras práticas. Concepção oposta à defendida por Preciado quando certifica que “... aquilo que se invoca como ‘real masculino’ e ‘real feminino’ não existe...” (PRECIADO, 2014, p. 29-30).

Em outra carta, à qual também retomaremos, afirma que ao estabelecer um relacionamento duradouro, tentava fazer com que tudo transcorresse da forma mais real possível, embora indique não encontrar a satisfação e reconhecimento dessa desejada realidade, conforme apresenta: “... por mais estranho que fosse a estrutura familiar com a ex-companheira, devido a minha estranha forma de vida, tentei que esse sonho fosse o mais **real** possível, em nossa convivência de quatorze anos juntos” (Anexo 16).

A nossa proposição é uma relação de aproximação entre os conceitos de utopia e heterotopia de Foucault, quando trata sobre espaços reais, irreais e a justaposição ou multiplicidades de espaços a partir de um espaço específico, e o que Dom afirma ser real e irreal em sua vida, fazendo menção específica a sua masculinidade, ou a ausência de um corpo que a ateste.

Poderíamos considerar as transmasculinidades como heterotopias de desvio, já que não se encaixam nas regras e normas do sistema heterocentrado, se encontram fora e excluídas da masculinidade hegemônica, mas nem por isso deixam de ser masculinidades reais, no sentido de possível, executável. Em outras palavras, os espaços das transmasculinidades existem, são reais, ao permitirem novos devires das masculinidades.

Outra ferramenta indispensável para nossa reflexão é o que Foucault chama de experiência mista, mediana entre as utopias e heterotopias, que é o espelho. Uma vez que o espelho seria uma heterotopia, por portar em si a condição de real e irreal simultaneamente. O espelho é irreal quando a imagem que nele se reflete é virtual, utópica. Eu não estou de fato no espaço do espelho, ele é uma mentira, uma imagem, não é o real. Entretanto, e ao mesmo tempo, a imagem que lá existe é real porque aquele/a que o fita existe do lado de fora, em um espaço real, assim, é refletido aquilo que se é, o espelho devolve uma condição real aos olhos de quem o fita. Mas, por fim nos remete sempre a sua irrealidade, pois temos sempre que aceitar que o que se reflete no espelho está do outro lado, em um mundo virtual. Dito nas palavras do filósofo:

... e acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Se o espelho comporta um espaço irreal e utópico, o fato é que parece agredir quase sempre a vaidade e estética de cada sujeito, pois poucas vezes encontramos satisfação ao fitarmos um espelho. Ele é o interlocutor supremo das queixas e vaidades humanas. Enquanto heterotopia, por existir realmente em seu efeito retroativo ao devolver a imagem refletida, o espelho traz impactos, conforme expressa Dom:

O espelho para mim sempre foi uma tortura, porque a imagem nele refletida não é a minha pessoa, é a minha prisão (Anexo 15)

... era como se eu estivesse vendo a minha deficiência no espelho (Anexo 12).

O espelho continua a ser o meu agressor (Anexo 15).

O espelho, enquanto carrasco cruel, talvez devesse ser visto em seu caráter de irreabilidade e virtualidade, já que de fato não sou o ponto que lá se encontra. O espelho se fixa em um espaço, e depende para ter imagens refletidas que elas se apresentem a ele. Mas ao espelho sempre se escapa, primeiro, bastando lembrar que a imagem que ali se fixa é um devir, pois ao retornamos ao espelho outra imagem se verá; segundo, porque em seu caráter de heterotopia somos também o que está fora do espelho, portanto, passível de modelagens contínuas, de novos mosaicos, tessituras e matizes.

Dom, em conversas informais, recorrentemente ressalta *Tabacaria* como o poema de sua vida, especialmente em seu desfecho: *Falhei em tudo*. Lembramos o seguinte fragmento:

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa **real** por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa **real** por dentro.
Falhei em tudo (Referência feita no Anexo 13).

Mas quem não falhou em tudo nessa vida, quem não falha diariamente, em especial quanto aos parâmetros ditados para os gêneros e sexualidade? O ideal de perfeição, de masculinidade e feminidade é utópico, conforme analisamos no capítulo 1. Não existe o homem e mulher verdadeiro/a, autêntico/a. Se a *Tabacaria* é real para Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, seus desejos, sonhos também são reais. O que com isso queremos propor não é que a masculinidade de Dom seja um sonho, mas sim, que ela é a edificação real e trabalhosa de si. É o esforço de se desconstruir o amontoado de verdades irreais que a sociedade em sua ordem heterocêntrica tenta

solidificar. É preciso ousadia, coragem, para não apenas ser rio que corre para o mar, mas ser rasgos de água que em sua sede possam se refrescar além mar.

Como bem argumenta Cláudia Ribeiro:

As heterotopias, portanto, segundo Foucault, são lugares reais, efetivados, que embora se contraponham ao espaço instituído, coexistem com ele. São lugares de passagem: cita, portanto, o teatro; passam-se horas sendo transportados para muitos lugares. Numa heterotopia, entramos num lugar outro, que pode nos remeter a muitos outros lugares (RIBEIRO, 2008, p. 2).

3.8 Minhas múltiplas faces - Minha não aceitação – O retorno de Brasília (quando o tiro saiu pela culatra...). (Referência principal: 8ª Carta: *De volta às raízes e a decepção do real* / Anexo 8).

Nosso colaborador retorna a sua cidade natal na expectativa de poder reencontrar junto a sua mãe e seu pai, agora residentes na zona urbana, o espaço para afirmar sua masculinidade. Movido pelas lembranças reconfortantes do tempo que vivia no campo, antes de se ingressar na escola, cogita poder ser o mesmo menino que andava a correr livremente pelos campos, de pé no chão, a subir em árvores, de shorts e sem camisa. Buscava o que nomeia de “harmonia com a minha identidade” (ANEXO 8).

Afirma que apesar de certa liberdade que exercia em Brasília, ao “passar despercebido na multidão” (idem), havia ainda uma “inquietação sem fim, a procura de mim mesmo” (idem).

É visível o clamor e ânsia por aquilo que nomeia de identidade, entretanto, talvez o que nosso colaborador estivesse a procurar, em um primeiro momento, era por possíveis espaços para vivência de sua singularidade, uma vez que os “... processos de singularização – poder simplesmente viver, sobreviver num determinado lugar, num determinado momento ser a gente mesmo – não tem nada a ver com identidade (coisas do tipo: meu nome é...)” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 80-81). Entretanto, a singularidade de sua masculinidade encontrará no espaço da pequena cidade do interior barreiras ainda mais rígidas do que as deixadas na capital do país. Reconhece: “Delirei ao imaginar que a proteção dos meus pais me deixaria imune aos olhares e julgamentos alheios” (ANEXO 8).

O que terá é o reforço de seu gênero assignado no nascimento, a despeito da linguagem corporal revestida de enunciados masculinos, por meio das vestimentas, cabelo e acessórios; o que não será impedimento para que as pessoas o reconheçam no

feminino. Essa vivência do gênero de identificação, ainda que inicialmente apenas pelo uso de vestimentas tidas como masculinas, se realizará de forma clandestina, pois os/as transexuais não tiveram abertura ou incentivo em sua família, escola, e sociedade em geral para vivência do gênero reconhecido. Nessa direção Berenice Bento considera que:

Depois de um longo período de impedimentos, começam a vivenciar experiências do gênero com o qual se identificam. Como não tiveram acesso à socialização de uma menina (para as trans femininas) ou de um menino (para os trans masculinos), tampouco vivenciaram os processos de interiorização das verdades que resultam na incorporação de uma determinada estilística dos gêneros, terão de aprendê-las (BENTO, 2014, p. 57).

Podemos dizer que, em um segundo momento, o anseio de nosso colaborador é sim por uma identidade, todavia, “... a identidade está frequentemente vinculada ao reconhecimento. Quando a polícia pede a carteira de identidade de alguém é justamente para poder identificá-la, reconhecê-la socialmente” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 80-81). Nesse caso, o reconhecimento será normativo, uma vez que os olhares estarão governados pela linearidade biologizante sexo-gênero-desejo-orientação sexual. A identidade que pretende afirmar é considerada abjeta, anormal. Logo, estará submetido a um processo de normalização de identidades, já que “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, ‘desejável’, única” (SILVA, 2014, p. 83).

Sua expectativa era poder exercer “... o direito de ser eu mesmo e de ser aceito como realmente sou” (ANEXO 8). Entretanto, relata sua frustração ao perceber que sua mãe e seu pai o viam como mulher; ansiavam que fosse uma “moça prendada” (idem), correspondendo às expectativas do sistema heterocentrado, pois “Certas incorporações de gênero são difíceis de serem apagadas. Podemos interpretar estas permanências como heranças de gênero” (BENTO, 2014, p. 57).

A esperança depositada no encontro com sua família se dissolverá, pois: “Cheguei à triste conclusão de que eu voltava com a intenção de me apresentar como homem e meus pais me recebiam com a intenção de me apresentar como a filha querida...” (ANEXO 8).

Os termos apresentados por Dom: *moça prendada*, *filha querida*, o incentivo para que fizesse *crochê*, *tricô*, reforça um viés biológico, naturalizante e patriarcal de produção da subjetividade feminina, pautada fundamentalmente pela diferença dicotômica sexual.

Diferença inexistente nas análises de Preciado, pois “Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18).

Nessa multidão de diferenças, Dom nos apresenta em seus relatos a interseccionalidade entre os reconhecidos marcadores sociais da diferença, ou seja, classe, gênero, raça e sexualidade. O excerto abaixo ao trazer uma afirmação racista, nos mostra como esses marcadores aparecem de maneira imbricada, fabricados pelos mesmos enunciados que os constituem como abjetos e anormais.

No primeiro momento tentei me impor, mas depois de uma visita a casa de um tio, onde ouvi duras críticas em relação a uma prima que vivia no exterior e que tinha assumido um namoro com uma mulher, fiquei perplexo. Meu tio disse que preferia ver suas filhas casadas com negros, a ver essa tragédia cair sobre sua casa (ANEXO 8).

O que reforça nossa compreensão de que as categorias de gênero, sexualidade e raça necessitam, conjuntamente, serem desconstruídas e subvertidas, pois são de modo semelhante produzidas em um viés normativo, naturalizante e biologizante, afirmadas de forma dicotômica em oposição à hegemonia do homem, heterossexual e branco. Segundo considera Avtar Brah, “Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como variáveis independentes porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 35).

Ao reconhecer o extremo preconceito de seus familiares, Dom teme ser apontado como lésbica, e passa a construir estratégias para se livrar do preconceito e apontamentos. Expõe: “Passei a me esconder e negar tudo que vivi no DF e o que sentia quando via uma saia a passar pelas ruas. Tentei frear todos meus instintos [...] Eu queria a todo custo apagar a ideia dos parentes de que eu era homossexual, feito a prima supracitada” (ANEXO 8).

Dom não se reconhecia como homossexual, ou lésbica, mas sabia que esse era um tema tabu para seus/suas tios/tias, primos/as. Suas escolhas serão impulsionadas, conforme veremos em outras cartas, fortemente pela cobrança endereçada por familiares à sua mãe e pai. Em oposição à considerada naturalidade, o aprendizado da masculinidade e feminidade se “... dá através de inúmeras interações na família, entre outras instituições, que transferem para meninas e meninos as ‘normas’ sociais ou as expectativas de comportamento, que são ‘internalizadas por eles/as’” (ÁVILA, 2014, p. 112). Entretanto, Dom sempre subverterá tais ensinamentos, por exemplo, não aprendendo nenhuma

atividade, ou tarefa, tradicionalmente reconhecidas como femininas. Ao falar sobre a decepção de suas tias, quando tentavam lhe ensinar bordados e crochê, afirma: “Dizia que eu era de fato um moleque e queria saber só de coisas de moleque e que jamais eu aprenderia aqueles ofícios que julgava ser femininos” (ANEXO 8).

Embora não tivesse ainda conhecimento sobre a transexualidade, parecia já cogitar a questão: “Como explicar às pessoas que seu desejo é vivenciar a experiência do outro gênero se seu órgão genital atua subjetivamente como proibidor dessa possibilidade de trânsito?” (BENTO, 2014, p. 55).

A sensação de causar estranhamento e ser crucificado fará Dom se isolar cada vez mais, assim como inventar histórias de interesses afetivo e sexual por rapazes. “Cheguei até mesmo escrever cartas de namorado para mim mesmo na intenção de provar para minha família que tinha deixado um grande amor no DF e que era um rapaz” (ANEXO 8).

O medo, julgamento e isolamento são comuns entre homens transexuais. Simone Ávila, expõe o depoimento de um dos seus colaboradores de pesquisa, Pedro, de 24 anos: “Tinha medo (quase inconsciente) da reação dos outros, dos olhares” (PEDRO apud ÁVILA, 2014, p. 114).

Parafraseando a música que traz na epígrafe de sua carta, Dom volta à sua cidade natal, por acreditar ser esse é o seu lugar, volta para as coisas e pessoas que deixou naquele lugar, mas encontra a aridez do preconceito, passa a se sentir “... cada dia mais só...” (ANEXO 8). Sentimento decorrente do fato de ser um homem fora da linha hegemônica da masculinidade, pois “... aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados *diferentes*, são representados como *o outro* é, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação” (LOURO, 2012, p. 52).

3.9 Crises de não pertencimento ao grupo, a necessidade de me sentir aceito.

(Referência principal: **9ª Carta: Tristezas de um quarto – minguante/ Anexo 9).**

Iniciamos nossas análises a respeito da 9ª carta escrita por Dom com a epígrafe que elege, pois essa expressa bem como a produção de sua subjetividade se arquetizará em uma fina costura capaz de levá-lo a se conduzir por trajetórias que deixarão marcas em seu corpo, em sua história de vida.

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha frente com vinagre.
A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é infundo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!

(Augusto dos Anjos)

Dom expressa pela poesia de Augusto dos Anjos seu tormento ao perceber que não terá o apoio de sua família para viver o gênero escolhido, sua *família ainda está dormindo* em relação à possibilidade de apoiá-lo na subversão contra uma cultura normalizadora e perversa com aquelas/es que rompem os lugares arquitetados como regra para a sexualidade, gênero e raça. Compreende que não poderá pedir *outra camisa*, ou seja, outro gênero, senão aquele imposto em seu nascimento, o qual lhe *ensopa* sua dignidade ao ter que se afirmar como mulher.

Reconhece não poder viver isolado às margens sociais e familiares. Expõe-nos: “A necessidade de inclusão social me fez construir uma bola de neve de enganos” (ANEXO 9). Quando não se encontram alianças de resistência, ou pontos de fuga potentes, afirmadores da vida, o caminho pode ser, estrategicamente, e a princípio, a produção de elementos corporais, ou de vida, que minimize a marginalidade forçosamente imputada. O que não significa entrega ou apaziguamento, mas, elaborações não lineares, árduas, cotidianas, mesmo que revestidas de enganos, falhas. A masculinidade de Dom estacionou-se em sombras para que uma inexistente feminidade pudesse aparecer, visando silenciar os olhos do preconceito, ainda que de forma protocolar.

Por algum período tomou como desígnio desconstruir o rótulo da homossexualidade em sua vida. Afirma que “Provar que todos estavam errados a respeito da minha sexualidade, passou a ser o meu desafio e o meu propósito para ser aceito socialmente”. Longe de negar sua condição masculina, Dom traça um longo caminho, um desvio, toma fôlego diante das marcas da discriminação e isolamento, pois “O medo da rejeição e da exposição pública implicam em diferentes negociações que dependem de diversos contextos”. (ÁVILA, 2014, p. 123).

As negociações e renegociações de nosso colaborador se devem em larga medida por seu desconhecimento em relação a sua própria diferença, achava mesmo não ser

possível romper com o gênero de nascimento, dada sua educação em uma cultura heteronormativa, machista. Não possuía ferramentas para compreender que seu conflito não decorria de sua orientação sexual, mas de gênero. Mesmo sabendo não ser mulher, por força da propagação discursiva, chegou a pensar ser homossexual, conforme relata, “... ser homossexual como as pessoas me viam, e eu que na minha ignorância tinha certeza que eu era” (ANEXO 9).

Delineamos que a transexualidade masculina só aparece na ordem discursiva, política e médica muito recentemente no Brasil, o que implica a impossibilidade de muitos *FtM* poderem ter se reconhecido, ou se reconhecerem como homens transexuais. Paira o receio, em particular para os homens trans heterossexuais, de serem reconhecidos como lésbicas. Sobre a possibilidade de se reconhecerem e se nomearem como transhomens, Simone Ávila afirma que a “A autoidentificação trans é uma descoberta processual que pode levar muito tempo. Para alguns começa com uma ‘sensação’ ou ‘percepção’ de estranheza, de que são ‘diferentes’ de outras pessoas ou não satisfeitos consigo mesmo” (ÁVILA, 2014, p. 121).

Dom explicita o paradoxo em que vivia, pois embora tivesse “... o desejo de ter um pênis” (ANEXO 9), por outro, terá “... a necessidade de ser mulher pela ausência do mesmo” (idem). Ou seja, sua vida, seu corpo, sua existência, sofrerá a violência de uma sociedade governada pelo “falocentrismo”, conforme ressalta Preciado (2014). A ausência de um pedaço de carne governará, muitas vezes, os rumos de sua vida, ainda que encontre brechas, escape. Afinal, por um tempo irá *amarrar um pano na cabeça*, mas não sem o lançar ao vento em momentos oportunos.

Ao longo de sua carta Dom nos fala da necessidade de afirmar uma identidade normalizada para ser aceito socialmente. Quando nos diz: “... eu tinha que ser diferente para esconder a diferença que me arremessava ao grupo das minorias e à cela da exclusão social” (ANEXO 9); fala de uma diferença para ser igual, normal. Ser diferente nesse caso se refere à obrigatoriedade de ser normal, igual à maioria, se adequar à regra instituída para os gêneros e sexualidade. Esconder a diferença é negar sua masculinidade, não ser homem. Ávila (2014) aponta que seus interlocutores trans, ao lidarem com a “descoberta” da “diferença” (ibid., p. 111), defrontaram-se, cada qual em seus contextos e particularidades, com um momento conflituoso.

Na verdade, Dom não esconderá sua diferença, pois essa desde sua infância esteve estampada em sua pele. O que é possível de se constatar pela insistência dos parentes em

lhe presentear com brinquedos típicos de meninas, bonecas e vestidos, visando despertar o gênero negado. De modo semelhante, pelas professoras na escola quando insistiam em arbitrariamente lhe ensinar a fila de meninas e comportamentos desejados para o gênero feminino. Em Brasília, quando a prima tenta lhe convencer da necessidade de namorar rapazes e utilizar roupas apropriadas para moças.

A diferença de Dom sempre esteve visível, dada; por isso, negada, questionada, refutada. O que podemos dizer é que sua diferença servia, ou serve, como o alvo modelo daquilo que é visto como indesejado, incorreto, indigno; para posteriormente se afirmar o correto, o esperado, o bom e exemplar comportamento. Nesse caso, a correspondência de seu gênero com o sexo gonadal, e uma orientação sexual linear nesse segmento. O que se percebe é que a diferença de Dom, assim como das multiplicidades sexuais e de gêneros, se configura como a bifurcação que aponta uma seta para a norma, conforme analisa Kathryn Woodward, “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2014, p. 40).

Nosso colaborador não se exime em se nomear como uma pessoa machista, influenciado pela cultura moralista e patriarcal em que cresceu. Afirma que, como os outros era, ou é, também homofóbico, o que o levará para não ser visto como lésbica a se reconhecer trajando a pele de Augusto dos Anjos do Cerrado, “Não ser mais tempo de milagre! (ANJOS, 1980). Em desespero, “e para por um fim à opressão, amarrei um pano na cabeça “...E na frialdade de um quarto – minguante, eu permiti o estupro do meu corpo e da minha alma” (ANEXO 9).

Essa decisão, se assim a podemos chamar, creio que não, essa circunstância a que foi levado, impulsionado, empurrado, traçará muitos dos desenhos e dos possíveis engendramentos dos territórios de sua transmasculinidade.

3.10 Tentativa de ser uma mulher heterossexual. (Referência principal: **10ª Carta: Certificado de ser mulher sendo homem / Anexo 10)**

Impulsionado pelos agenciamentos de uma sociedade heteronormativa, marcada pelos “padrões patriarcais e falocêntricos” (PRECIADO, 2014, p. 73), Dom forçará a afirmação de uma identidade feminina em prol da aceitação social. Mesmo na contramão de seus desejos percorrerá territórios pantanosos para equacionar uma coerência entre seu corpo e o gênero imposto em seu nascimento.

Entretanto, parecia alheio à ilusão, ou à crença que postula que todo sujeito possui um núcleo identitário unificado, estável, coerente, totalizado. Segundo Nikolas Rose “Os humanos nunca existiram, nunca puderam existir, nessa forma coerente e unificada – a ontologia humana é necessariamente a ontologia de uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo” (ROSE, 2001, p. 139).

Dom relata que desde a infância sonhava em ter uma família na qual pudesse ser o pai nesse núcleo familiar, desejo que não ocorrerá em um primeiro momento, pois conforme expõe:

A pressão imposta pela minha família, afirmando sempre o horror da homossexualidade, somada a minha solidão e ao meu desejo de ser uma pessoa (normal) e de ter uma família como a dos meus pais, como diz a música do Tim Maia, fez do ano de 1988 o ano da minha castração (ANEXO 10).

Seu anseio de formar uma família como a de seus pais, será costurado entre sonhos, frustrações e a necessidade de realizar escolhas que arquitetarão as tramas de sua transmasculinidade.

Apesar de não existir esse sujeito centrado, estável, sabemos que distintos saberes, microscópicas relações de poder, uma gama incomensurável de discursos e “... certas práticas regulatórias buscam governar os indivíduos de uma maneira que está, mais do que nunca, ligada àquelas características que o definem como um ‘eu’”. (ROSE, 2001, p. 140).

Nesse caso o governo imposto é o do gênero atrelado à genitália, como se a *verdade* do eu fosse linear ao genital de nascimento. O que levará Dom a ser incitado a buscar uma identidade verdadeira, autêntica, pois:

... os seres humanos são interpelados, representados e influenciados, *como se fossem eus* de um tipo particular: imbuídos de uma subjetividade individualizada, motivados por ansiedades, e aspirações a respeito de auto-realização, comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades e a maximizar a autêntica expressão dessas identidades em seus estilos de vida (ROSE, 2001, p. 140).

Conjecturamos que mais do que governado, Dom foi levado a realizar uma governabilidade de suas condutas. Por reflexo do espelho social realizará uma dobra sobre sua masculinidade. Tomamos o sentido foucaultiano, retomado por Deleuze (2012), de dobramento e governabilidade/governo de si, ao considerar que todo engendramento das linhas e emaranhados que esboçam a subjetividade, essa sempre transitória, é marcado por forças externas. Ou seja:

É como se as relações do fora se dobrassem, se curvassem para fazerem um forro, e deixassem surgir uma relação a si, para constituir um dentro que se escava e se desenvolve segundo uma dimensão própria: << a encrateia >>, a relação a si enquanto domínio, << é um poder que se exerce sobre si mesmo *no* poder que se exerce sobre os outros >> (como poderíamos governar os outros se não nos governássemos a nós mesmos?) (DELEUZE, 2012, p. 135).

Na tentativa de lhe impor o gênero feminino sua estratégia será o envolvimento sexual com um homem. Provar ser mulher implicava, nos pressupostos de uma sociedade heteronormativa, um envolvimento com um homem, uma estratégia composta na tentativa de apagar, ainda que provisoriamente, sua masculinidade. Paradigma pautado na vertente da “Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros”. (PRECIADO, 2014, p. 21).

Em diversos momentos Dom enfatiza o quanto lhe era inconcebível imaginar-se em uma relação afetiva e sexual com outro homem, era um suplício, mas ainda assim afirma que:

Eu precisava urgentemente de um namorado. Foi então que numa festa na casa de uma tia materna, conheci um rapaz e como ele se mostrou interessado na minha pessoa e pareceu não se importar com meu jeito nada feminino, aceitei sua companhia, bebemos bastante, e no final da festa fomos a um motel (ANEXO 10).

Se lhe era inimaginável essa possibilidade, compreendemos o seu sofrimento ao ter que dispor seu corpo em uma relação sexual que repudiava. Todavia, impelida pelo sistema heterocentrado, já que “No âmbito do sistema capitalista heterocentrado, o corpo funciona como uma prótese-total a serviço da reprodução sexual e da produção do prazer genital”. (PRECIADO, 2014, p. 59). A violência infligida a seu corpo será como uma espécie de autoflagelação, um castigo imposto perante o desvio à norma dos gêneros. A qual será vivida com a inevitável dor da carne autoflagelada. Dom expõe:

Apesar do meu consentimento em ir ao motel, eu jamais poderia imaginar o quão seria nojento e tenebroso estar ali vivendo aquele horror. Era um misto de vergonha e pavor. Foi à mesma sensação de quando me propus a vestir uma saia e passar batom. Só que ali foi impossível recuar... Foi como uma luta entre dois lobos, e perdendo, restou-me somente a vergonha e o sentimento de ser o mais fraco de todos os homens (ANEXO 10).

Todavia, no lugar de uma postura de redenção, percebemos uma ação de coragem, uma subversão, a qual em um primeiro momento pode parecer ofuscada, em particular no entendimento do nosso colaborador. Por outro lado, se considerarmos que Dom, exclusivamente, é levado a realizar um ato sexual com outro homem, porém, não se

submete a abandonar o reconhecimento de seu gênero masculino. Os desdobramentos de sua estratégia não anula sua masculinidade, mas cria um rasgo, um *forro* provisório, já que “... o dentro será sempre o forro *do* fora” (DELEUZE, 2012, p. 133).

Se a estratégia era exibir socialmente um possível namorado para calar o preconceito dos familiares, seus planos seguiram vias inesperadas e resultaram igualmente em consequências que ocasionaram uma reviravolta em sua história de vida. Logo após esse primeiro e único encontro, Dom afirma ter passado:

... a evitar esse rapaz como o vampiro evita o espelho. Depois de cinco meses desse único e tétrico encontro, e quando o rapaz já estava completamente ciente do meu não, descobri que estava gravemente grávido (ANEXO 10).

O termo designado, *gravemente grávido*, expressa o quanto ficou atônito com a descoberta da gravidez, afirma que a notícia foi semelhante a ter sua cabeça decapitada em uma guilhotina. “Eu um homem grávido, me senti um gay com todos meus sentidos destruídos. Mais uma vez tive a triste sensação de ter todos os meus sonhos decepcionados pela minha dura realidade de ser um homem em um corpo de mulher...” (ANEXO 10).

Embora traga como título de sua carta a *Tentativa de ser uma mulher heterossexual*, o que se nota é que Dom não renunciará a seu gênero masculino, ainda que tenha usado “... a maternidade como um certificado de feminilidade...” (ANEXO 10). O que lhe permitiu o cessar dos comentários a respeito de sua diferença, porém apenas temporariamente, pois logo mais terá que continuar “... a inventar histórias de um amor perdido no passado. Acreditava que essas histórias aliadas ao nascimento do meu filho me faria uma pessoa normal no meio social em que vivia” (ANEXO 10).

A normalidade dentro da lógica hegemônica heterossexual precisa ser reiterada constantemente para manter seu exercício operatório, qualquer sinal de diferença é tomado como desvio do sistema sexo/gênero e precisa ser apagado. Dom, apesar de relatar que durante a gravidez sentia como se “estivesse de vestido!” (ANEXO 11), não esboça uma afirmação de um gênero feminino. A analogia nos demonstra a sensação e sofrimento de nosso colaborador durante o período da gravidez; esse era um vestido que só poderia ser retirado após, aproximadamente, nove meses. Lembramos que para a maioria dos homens trans, as roupas tradicionais femininas são repudiadas, o que confirma Ávila (2014) ao expor a opinião de dois transhomens a respeito do uso de vestidos e da maternidade. Relata:

A questão da vestimentária, ou seja, o ódio que sentia ao ter de usar roupas de ‘meninas’ também foi referida por Henrique: ‘eu detestava vestidos’. Da mesma forma, Gustavo diz que desde criança nunca se viu como mãe, não gostava nada do que era de menina (ibid., p. 109).

De modo semelhante a Gustavo, Dom nunca desejou ser mãe, e não realiza nenhuma performance ou ato que possa demonstrar, em uma linguagem normativa, o gênero designado em seu nascimento. Sentia como se estivesse de vestido durante a gravidez, mas não os usou, assim como a nenhuma outra vestimenta ou adereço considerado feminino. Nesse sentido, a gravidez, ainda que seja uma produção tipicamente feminina, não será capaz de realizar o apagamento de sua masculinidade. Uma vez que a barriga estampada não reiterará o gênero feminino, já que esse é inexistente, e desconstruído incansavelmente por nosso colaborador. Não reitera porque segundo delineia Bento:

Reiterar significa que é através das práticas, de uma interpretação em ato das normas de gênero, que o gênero existe. O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (BENTO, 2011, p. 553).

Nosso colaborador foi levado a acreditar que seu envolvimento fortuito com um homem lhe garantiria socialmente o rótulo de mulher e o encaixe ao gênero *verdadeiro*, no entanto a gravidez lhe reforçará o repúdio em relação ao corpo feminino. Conforme expressa, no período da gravidez:

Caí em uma profunda depressão, associada a um conflito existencial, cheguei a entrar embaixo da cama para fugir da vergonha de mim mesmo. Revivi todo meu passado na tentativa de me encontrar e acordar daquele pesadelo, mas a falta de resposta se convertia em raiva e tristeza que brotavam em minha pele me fazendo sentir dó de mim. Definitivamente eu não era eu. Só faltou coragem para buscar uma ponte e saltar fora da vida (ANEXO 11).

Sem perder o desejo e reconhecimento de sua masculinidade, Dom sentirá que sua vida ficou presa em um eixo de inexistência, quando diz: “Não podia sequer imaginar uma paixão por uma mulher tendo eu um filho com um homem [...] Por um longo tempo eu vivi realmente sem me notar” (ANEXO 10).

O sistema sexo/gênero, em suas minúcias e poder de afirmação e reelaboração dos regimes de verdade dos gêneros naturalizados biologicamente, fará com que Dom

permanença ilhado em sua masculinidade. Uma vez que esses regimes “... estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações” (BENTO, 2011, p. 553).

Movido pelos preceitos do sistema heteronormativo, Dom silenciará sua sexualidade, pois apesar da aversão à maternidade ter apenas acentuado sua masculinidade, seu corpo sofrerá o estigma de ter sido submetido ao poder patriarcal do falo. Uma vez que “... nós não somos capazes de visualizar um corpo fora de um sistema de representação sexual heterocentrado” (PRECIADO, 2014, p. 136).

Contudo, apresentamos a proposição de que se o traçar da masculinidade de Dom realiza um desvio no movimento de sua elaboração é porque os agenciamentos o capturam, provisoriamente, por meio de suas forças normativas, sejam elas familiares, políticas, religiosas. O que não será impedimento para quebrá-las, rasgá-las mais tarde em novos agenciamentos territoriais, pois, como veremos, Dom conduzirá o engendramento de sua masculinidade por enfrentamentos diversos. Uma vez que um agenciamento se constitui justamente por “... uma multiplicidade. Ora, um agenciamento qualquer comporta, necessariamente, tanto linhas de segmentaridade dura e binária, quanto linhas moleculares, ou linhas de borda, de fuga ou de declive” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.107).

Será pelas multiplicidades de linhas, trajetórias, desvio e alianças que Dom produzirá, ainda que sem nomear desse modo, sua transmasculinidade.

3.11 O choque de ser mãe sendo homem - A primeira gravidez (Referência principal: **11ª Carta:** *Meu Pequeno Príncipe*/ Anexo 11).

A afirmação: um homem grávido, um homem mãe é tomada com certo estranhamento pela cultura heterocêntrica. A inadmissibilidade da junção, maternidade e homem, advém do enraizamento dos gêneros dicotômicos à expectativa da vivência normativa dos papéis feminino e masculino. No sistema heterocentrado a maternidade só possui inteligibilidade quando vinculada ao corpo feminino. Conforme observa Preciado “É como se os olhos fossem finalmente os encarregados de estabelecer a verdade do gênero verificando a correspondência entre os órgãos anatômicos e uma ordem sexual binária” (PRECIADO, 2014, p. 136).

Gostaríamos, entretanto, de apresentar duas problematizações centrais. Uma referente ao fato de que os olhares vigilantes das adequações às normas de gênero tomam como insulto um corpo esteticamente masculino gerar filhos, ainda que esse tenha sido protocolado no nascimento como feminino. Nesse caso, não basta a genitália, mas a fidelidade, ou harmonia, à regra hegemônica dos gêneros. Outro aspecto a se observar é que mesmo entre aqueles que subvertem as normas dos gêneros, como é o caso de muitos FtM, uma categoria representativa das minorias, a gravidez de um homem trans é tomada como um registro desfavorável à constituição da masculinidade. Uma espécie de prova irrefutável da feminidade, o carimbo do corpo renegado.

No penúltimo capítulo de *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, João W. Nery (2011), em debate com outros homens transexuais, coloca em questão o caso do transhomem Thomas Beatie, reconhecido como o primeiro homem grávido²⁴. Os amigos manifestam perplexidade com a escolha de Thomas Beatie em engravidar, já que no caso dele tratou-se de uma gravidez desejada, devido à companheira não poder mais engravidar, e desejarem ter filhos/as biológicos/as.

Thomas Beatie: “Durante a gestação, ele não duvidou em nenhum momento de sua identidade masculina. Era como se fosse um ‘pai de aluguel’. Tudo isso, sem cortar a barba” (NERY, 2011, p. 317). Dom, de modo semelhante, também não deixou de se reconhecer como homem, afirma nunca ter tido durante a gestação a propagada afetuosidade materna. Sua relação com o filho só ganhará materialidade após o nascimento, quando passa a ter um sentimento de paternidade, ainda que não propagado socialmente. Seu corpo foi também um corpo de aluguel, todavia, diferentemente de Thomas Beatie, o aluguel nesse caso não servia à realização de um desejo, mas resultava da decorrência de se ater à normalização do sistema político sexo/gênero. Precisava lhe impor uma marca da feminilidade, que nos planos iniciais deveria ter sido apenas um aparente envolvimento amoroso com um homem, para livrar-se da caça ao sexo verdadeiro. Conforme analisa Louro, constituir-se homem/mulher perpassa por “... um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero” (LOURO, 2013a, p. 25).

A gravidez de Thomas Beatie traz uma importante contribuição para a desconstrução dos gêneros enquanto verdades naturalizadas e estáveis, assim como

²⁴ Retomar nota de rodapé número 12.

contribuiu para uma “... maior visibilidade dos transhomens” (ÁVILA, 2014, p. 183). Mesmo tendo realizado o processo transexualizador, optou por não retirar os órgãos internos de reprodução, o que lhe permitiu gerar duas crianças, já que esse era seu desejo. Contrariando o tradicional postulado de que essa é uma experiência exclusiva das mulheres, Rita de Assis César observa que “Quanto a isso, Thomas afirmou que o desejo de maternidade ou paternidade, ou seja, de carregar o bebê no ventre, não depende do gênero, ou ainda, que este não seria um desejo especificamente feminino” (CÉSAR, 2012, p. 353). Contudo, não encontraremos facilmente a manifestação desse desejo expressa na afirmação de muitos homens trans, como ousa Thomas Beatie, pois essa subversão exige a abertura de se colocar frente ao perigo de ser apontado como menos viril, macho, como se não fosse o aclamado *homem de verdade*.

Dom partilha a perspectiva apresentada no diálogo de João Nery e seus amigos. Não concebia o fato de estar grávido, o que podemos perceber por suas palavras: “Aqueles visitas ao médico eram para mim uma tortura no meu psicológico e nem assim eu me sentia mulher, eu me sentia um protozoário” (ANEXO 11). Na mesma direção, Amadeus, um dos amigos de João, afirma:

– Que coisa doida! [...] – Cá para nós, é muita vontade de ter filhos biológicos! Esses, na realidade, não tiveram o mesmo problema que eu. Acho que são pessoas que não sabem o que são nem o que querem. Vivem de experiências novas, buscando provar não sei o quê e nem para quem. O meu dom é a paternidade em função do que eu sou. Eles, afinal, são o quê? Pai ou mãe? (NERY, 2011, p. 317).

Amadeus, expressa um discurso muito análogo e recorrente ao de Dom, quando diz que sempre se reconheceu como homem, e que o corpo feminino seria um aprisionamento do gênero identificado. Em suas palavras: “- Jamais faria isso, pois a maternidade é a maior prova da feminilidade. Sou e sempre fui homem. A minha luta foi para sair da prisão do corpo, jamais voltaria a ela” (NERY, 2011, p. 317).

Percebemos que os discursos dos homens transexuais também se configuram, em alguns vieses, por dispositivos dicotômicos e heteronormativos da sexualidade. Compreendem que os conflitos da condição da transexualidade e o desejo de incorporação do gênero identificado não devem ser ameaçados por um borramento, ou qualquer identificação com o gênero postulado no nascimento. O que também é enfatizado pelas palavras de Darcy, outro interlocutor de João Nery.

– São os trans-homo? Aí fundi a cuca! E os filhos, como ficam? – prosseguiu.
– Até posso respeitar a decisão deles. Mas não me vejo numa situação dessas, por mais que seja um ato de amor. Não consigo imaginar um homem dando à luz! É tão intimamente associado à maternidade! Como falou Amadeus, acho o máximo da feminilidade (NERY, 2011, p. 318).

Com um discurso mais maleável, João mostra ponderação ao manifestar outro entendimento. Compreende que a experiência de Thomas Beatie é inovadora, pois realiza uma desconstrução do posicionamento dicotômico feminino/masculino, homem/transhomem. Nas palavras de João Nery:

– Quando li a notícia, o primeiro impacto foi de surpresa, e achei o cara muito corajoso. Jamais engravidaria, mas fiquei feliz em saber que os trans jovens estão assumindo seus desejos, ousando mais na desconstrução do gênero, sem se sentirem ameaçados na sua identidade sexual. Mas por que chegar a esse ponto de engravidar? Dar um retorno físico, voltando a ter hormônios femininos para o tratamento de fertilização, só para ter um filho biológico? Acho mais fácil e útil à sociedade adotar. Ainda mais quando já se tem filhos da parceira. E tem mais: por que eles ainda mantinham os órgãos sexuais internos? (ibid., p. 318).

Embora afirme que jamais se submeteria a gravidez, ao considerar ser esse um retorno à estrutura física renegada, compreende que os jovens trans realizam um alargamento da categoria transexualidade, por proporem novas perspectivas de lidarem com o corpo, assim como uma subversão dos códigos normativos.

Comprendemos que o posicionamento de Dom e dos amigos de João Nery, assim como de muitos outros homens trans, decorre da necessidade de atestarem o gênero identificado, necessidade mais imperativa do que a dos homens biologicamente assim designados. Tal percepção se deve à propagação de discursos que produzem “... nos sujeitos à incômoda e terrível certeza de que ele não é normal e de que, se ele se sente fora do lugar, é porque não existe lugar para ele. Há um processo incessante de produção de anormalidade (BENTO, 2011, p. 558).

A fábrica da normalização atribui à transexualidade uma condição de aberração, assim, inflige diferentes estigmas às pessoas supostamente desviantes. O que faz da experiência transexual, masculina ou feminina, uma subversão em ato. Ser um/uma homem/mulher transexual já é operar um rompimento da ordem hegemônica dos gêneros e da sexualidade normativa. Todavia, destacamos que entre os homens trans também perpassam aspectos de preconceito e exclusão. Aqueles que não esculpem um corpo dentro das normas hegemônicas da masculinidade, por exemplo, com um corpo magro, musculoso e viril, são apontados como menos homens, portanto, mas suscetíveis à

marginalização. A esse respeito, Ávila assinala que “Os transhomens que não se enquadram no modelo ‘sarado’ porque não podem ou não querem ou não se identificam com o mesmo são excluídos da representação de transmasculinidades e permanecem invisíveis” (ÁVILA, 2014, p. 182).

É preciso analisar e denunciar o fato de que o preconceito e transfobia podem estar presentes mesmo entre pessoas transexuais, sendo que “Ao mesmo tempo em que as imagens de transhomens presentes no ‘espaço biográfico’ podem ser uma forma de resistência aos assujeitamentos do poder médico patologizante, pode também ser uma forma de opressão de uns trans sobre os outros” (idem).

Os caminhos que levam um homem trans a gerar um/uma filho/a, não apenas a desejar a maternidade, mas a se encontrar grávido, pode ser constituído por circunstâncias e motivações variadas. Thomas Beatie desejou estar grávido. Dom foi incitado pelo preconceito familiar. Jô Lessa foi vítima de um estupro corretivo que resultou em gravidez, conforme apresentamos no capítulo 2. Já Sillvyo Lucio, no documentário *Olhe para mim de novo*, relata que optou pela gravidez por um sentimento de culpa, por não ter sido a filha que sua mãe e pai desejavam. Filho de uma família evangélica a culpabilidade lhe era acentuada. Sentia que precisava de algum modo reparar sua *falha*. Precisava ter uma filha que pudesse ocupar o lugar que segundo a sociedade heterocentrada não foi capaz de ocupar. Em suas palavras, explica-nos sua motivação:

Eu tinha dado um desgosto tão grande. Eu tinha necessidade de recompensá-los. E eu queria ter uma filha. Eu queria germinar um feto. E essa filha eu colocaria no meu lugar, e na minha vã loucura de adolescência eu pensava: eu vou dar uma filha aos meus pais, e com isso eu vou amenizar a decepção e a tristeza que meus pais tinham em ver uma filha lésbica, morando com outra mulher, porque o povo podia não saber, mas os meus pais sabiam (OLHE PARA MIM DE NOVO, 2013, s. p.).

Elegeu um amigo, por quem tinha admiração, escolheu um dia favorável à concepção, e obteve êxito em seus planos. Engravidou em um único encontro, regado com bastante álcool para encorajar-se em uma prática sexual não desejada, estratégia também utilizada por Dom.

Sillvyo Lucio relata também que o sentimento da maternidade lhe é ausente, com exceção do nascimento da filha, quando teve uma breve sensação materna, por poucos “... minutos, porque logo em seguida, minha mãe chorando do meu lado, e eu, eu em seguida coloquei Maria Teresa nos braços dela. E dei Maria Teresa pra ela naquele momento, sem falar... sem palavras” (OLHE PARA MIM DE NOVO, 2013, s. p.).

Dom, embora não tenha planejado transferir à mãe os cuidados com o filho, perante sua não aceitação com a gravidez, e ao perceber a euforia da mãe, deixou que se ocupasse com todos os detalhes. Relata que sua mãe “... fez tanta festa com esse enxoval que parecia que ela é que estava grávida e isso me fez sair daquele marasmo de tristeza, transferi psicologicamente a gravidez para minha mãe” (ANEXO 11). Porém, diferentemente de Sillvyo Lucio, Dom pôde conviver com o filho, entretanto, sem exercer o papel de mãe, pois acredita que o fato de ser homem se opõe aos cuidados com crianças e com atividades domésticas.

Coube-lhe o provimento financeiro da casa. Conforme relata, assim que a criança nasceu “Voltei a trabalhar imediatamente, e à medida que os dias iam passando me apegava mais àquele bebê, mesmo sem amamentar e sem dar a ele todos aqueles cuidados de mãe, pois tudo isso ficou a cargo da minha mãe” (ANEXO 11).

3.12 Relacionamento com uma companheira/ discriminações sociais e necessidade de provar mais uma vez que eu era mulher - A segunda gravidez (Referência principal: **12ª Carta: Estranha forma de vida / Anexo 12)**

A vigília parece ser a regra central de manutenção da heterossexualidade e da dualidade dos gêneros. Uma espécie de mantra da heterossexualidade não cessa de ecoar seu som persuasivo: vigiai, vigiai constantemente, mantenha-se livre de escorregar fora do recinto imaculado da sexualidade virtuosa, correta. Há, conforme certifica Bento, uma espécie de *heteroterrorismo*, pois “As reiteraões que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2011, p. 552).

Incitado pelo mantra do heteroterrorismo, Dom, não teve apenas uma criança biológica, mas três, dois filhos e uma filha. As três nasceram, de certo modo, desse aterrorizante retinir, o qual lhe dizia: seja mulher, seja mulher heterossexual a qualquer custo. Prove não ser lésbica, mostre sua capacidade de ser mulher envolvendo-se sexualmente com um homem, demonstre a naturalidade de seu corpo e gênero, gere uma criança em seu corpo feminino. Postulados advindos da compreensão de que “A complementaridade natural seria a prova inquestionável de que a humanidade é

necessariamente heterossexual e de que os gêneros só têm sentido quando relacionados às capacidades inerentes de cada corpo” (BENTO, 2011, p. 553).

Mesmo tentando, após o nascimento do primeiro filho, se adequar a tais imperativos, ou seja, aos “conformes da moral” (ANEXO 12), e ter sua alma “congelada naquela paisagem cinza e seca do Cerrado” (idem), não conseguiu a vigília que lhe era reivindicada, exigida.

Contra a segura de seus dias, e todo o “... drama existencial, a crise de identidade desencadeada com a volta à cidade natal, e a gravidez indesejada” (idem), precisava encontrar uma rota de vivacidade, de alegria, um refúgio para a felicidade. Era preciso achar uma brecha, mais uma vez, uma rota de fuga para sua masculinidade e seus desejos.

O que lhe fez vestir-se de Olavo Bilac ao ver perante si “um vulto de mulher” (ANEXO 12), o qual se constituirá no seu grande amor e parceira de mais de dez anos, mesmo com grandes reviravoltas. Com emoção, relata:

A poesia e a música permeavam as nossas noites, deixando a lua sempre cheia, até que em uma dessas noites enluarada a poesia acendeu o fogo da sedução, e aquele olhar me fez crer que, “para o amor não cabe o pejo”; Olavo Bilac naquele instante era eu... Aquele corpo moreno estava inteirinho em minhas mãos, e aquela voz no meu ouvido me deixava como um lobo faminto perdido na escuridão daqueles cabelos negros (ANEXO 12).

O fogo da paixão conduziu Dom para à vitalidade, antes adormecida, e lhe devolveu um pouco da dignidade subtraída com a imposição de uma relação normativa e uma gravidez inconcebível. Poderia transitar mais uma vez com as vestes dos poetas, ser Olavo Bilac, ou Camões, com toda a impetuosidade de um amor em chamadas imperceptíveis. Todavia, por pouco tempo, pois, em breve terá que vestir-se na pele de “Juca Mulato de Menotti Del Picchia sonhando com a filha da patroa” (ANEXO 12), uma vez que a vigília não tardará perante seu considerado novo desvio.

Apaixonar-se por uma mulher tendo recebido na cirurgia de nascimento a marca que lhe atestou o gênero feminino, já que “Todos nós passamos por essa primeira mesa de operações performativa: ‘é uma menina!’ ou ‘é um menino!’ ” (PRECIADO, 2014, p. 130), e com um pequeno filho para cuidar, levará Dom à condição de Juca Mulato, em seu drama de um amor impossível. Conforme expõe: “... queria subir ao céu, mas estava preso em minhas raízes, tal qual o coqueiro do mato” (ANEXO 12). As raízes a que faz referência se configuram pelo gênero designado no nascimento.

A genitália execrada levará Dom a ser apontado como lésbica pelos “... vermes que se alimentam das intimidades secretas, transformando-as em escândalos, infâmias e até tragédias”. (ANEXO 12). Mesmo cumprindo com toda a reserva, anonimato e discrição que a heteronorma exige dos relacionamentos afetivos e sexuais supostamente desviantes, as pessoas mais próximas não tardaram a questionar o fato de não ter um namorado. O que será acentuado pela circunstância de estar muito próximo da companheira, em particular quando essa foi trabalhar como professora na mesma escola em que estudava e era bolsista, subordinado àquelas/es que lhe endereçavam práticas transfóbicas.

O cenário escolar mais uma vez ressurgirá na vida de Dom como um espaço potencialmente aberto e permissivo à execução do preconceito, estigma, marginalização. A instituição escolar, em suas artimanhas e sutilezas de produção da normalidade, por meio de suas/seus representantes, atuará para fiscalizar e exigir que se cumpra a lei heteronormativa.

A instituição que em tese deveria educar, respeitando particularidades e de forma a contribuir para uma sociedade mais justa, termina por ensinar a dissimulação, a obrigação de rejeitar em si tudo o que os diferencia da maioria. O silêncio sobre as diferenças contribui para que alguns aprendam a ignorar seus sentimentos e negar seus desejos (MISKOLCI, 2014, p. 81).

Dom foi intimado, pelas pessoas com as quais convivia na escola, a provar sua feminilidade, quando lhe exigiram: “- ou você arrume um namorado ou a gente nunca mais sai com você!’ Estão falando demais que você é lésbica, não queremos queimar nossa honra com sua presença” (ANEXO 12). Se antes a ordem heteronormativa veio de seus familiares, posteriormente virá por meio das/dos colegas de escola e de professores/as. A maternidade será um álibi perecível, efêmero, desmontável; para se sustentar necessitará de recorrência, ainda que de maneira não planejada.

Sabemos que no processo de constituição da masculinidade muitos homens transexuais, em alguns momentos de suas trajetórias, como aponta Ávila (2014), se afirmam como lésbicas, particularmente por não saberem como se nomear perante a não identificação com o gênero de nascimento. O que ocorreu na história de vida de Jô Lessa, conforme analisado no capítulo 2, e de Sillvyo Lucio, segundo relata no documentário *Olhe para mim de novo*. Por sua vez, Dom, embora se veja impelido em alguns momentos a cogitar tal identificação, é categórico em rechaçá-la, pois ser nomeado como lésbica incide em se reconhecer como a mulher que nunca foi. O que o conduz ao desespero ao

ser repreendido pelas pessoas que considerava amigas, de que estaria sendo reconhecido como lésbica. A sensação conflitante se acentua, pois pretendia ter sua privacidade resguardada, sem se ver às voltas com especulações. Expõe: “Vi minha vida exposta em tom de piada e de maldade, cheguei a sentir nojo de mim mesmo, era como se eu estivesse vendo a minha deficiência no espelho” (ANEXO 12).

A publicização da sexualidade tida e reconhecida como normal, ou aceitável, é propagada e estimulada desde a mais remota infância. Já aquelas tidas como desviantes, anômalas, excêntricas, são renegadas pelo sistema heterocentrado, portanto devem ser silenciadas, mantidas em completo segredo e reclusão. A produção do cárcere a que são submetidas às vivências sexuais não heterossexuais, ou os gêneros não normativos, leva as pessoas que se inserem nesse contexto a tomarem para si mesmas o sentimento de inadequação, culpabilização, rejeição e repúdio em relação à própria diferença. Dom, ao expressar ter sentido nojo de si mesmo quando interpelado, mostra que sua percepção advém de um entendimento social que lhe fez se reconhecer como abjeto, estranho, indesejável; ávido de adentrar o rol da normalidade. O que analisa Richard Miskolci, quando destaca que “Daí não ser de se estranhar que o medo e o nojo pelo próprio desejo levem muitos a se identificar com a cultura dominante que repele com asco sua ‘verdade’” (MISKOLCI, 2014, p. 107).

As análises das cartas de Dom nos permitem compreendermos, em muitas minúcias, uma estreita aproximação com a cultura dominante, pois as subjetividades ao serem arquitetadas levam os sujeitos a internalizarem valores, sentimentos e desejos de identificação e ajustamento com a norma, o centro, o que é aclamado, admirado e desejável. Há, desse modo, uma forte necessidade de se distanciar das identidades marginalizadas, pois “A relação que os/as transexuais vão estabelecer com essas margens constitutivas pode variar do ódio (‘Odeio bicha’, ‘Tenho nojo de sapatão’, ‘Não sou igual a eles’) ao reconhecimento da diferença (‘Não sou igual a eles/as’)” (BENTO, 2006, p. 205).

Dom, em circunstância do início de um novo relacionamento com uma mulher, e ao perceber o interesse por seu corpo biológico, sofre uma repulsão, pois considera que deixar ser tocado intimamente por uma companheira seria se aproximar do vínculo identitário da lesbianidade. Relata: “Para minha surpresa ela gostava de mulher, disse que não se importava com meu jeito masculino, mas queria tirar a minha roupa e me tocar

também, do mesmo jeito que eu a tocara. Isso para mim foi o fim da festa. Fiquei com nojo dela” (ANEXO 15).

Embora tivesse convicção de sua masculinidade, sua educação nos princípios heteronormativos lhe remete a confusão de não saber explicar o fato de ter um corpo feminino, sentir desejo afetivo e sexual por mulheres, e se indignar ao ser apontado como lésbica. Lembramos que Dom não possuía qualquer referência a respeito das transmasculinidades antes do encontro propulsor de nossa pesquisa. Não sabia explicar seu conflito identitário, apenas reconhecia não ser a mulher que o nomeavam.

O abdicar da identificação com a lesbianidade realizada por muitos homens transexuais pode também ser compreendida devido ao fato de que ao se assumirem lésbicas, as mulheres tornam-se vítima de um duplo preconceito, o de gênero, e o da orientação sexual desviante. Conforme analisa Livia Gonsalves Toledo:

... as mulheres que vivenciam as lesbianidades participam de duas categorias consideradas inferiores. Primeiro, pelo gênero (sentir-se como e ser vista como mulher); segundo, por sua orientação homossexual do desejo sexual (relacionar-se afetivo-sexualmente com o mesmo sexo). Assim, enquanto mulheres e não heterossexuais, existem vulnerabilidades e violências específicas sofridas por elas em seu cotidiano, estimulados pela intersecção de valores culturais normativos, poder e diferença percebida (TOLEDO, 2010, p. 6).

Se o encontro com seu primeiro grande amor será o responsável por lhe retirar do marasmo e tristeza vividos em decorrência da primeira gravidez, as especulações e preconceito em função do namoro, a nomeação de lésbica, fará Dom sentir que “... mais uma vez eu fui para o inferno” (ANEXO 12). E o levará a colocar em execução a estratégia anterior. Como uma maioria de transhomens, precisava se opor veementemente à homossexualidade feminina, há uma necessidade da afirmação: ‘Não sou sapatão’” (BENTO, 2006, p. 205).

O movimento cíclico da produção da normalidade impelirá Dom a persistir na compreensão de que a grande motivação do preconceito era sua orientação sexual, e não, necessariamente, seu estereótipo físico, suas vestimentas. Precisava, ainda que com sua estética reconhecida como nada feminina, ser visto com um namorado. Dessa vez, ele mesmo contratou um namorado de aluguel para apresentá-lo ao grupo de amigos/as. Em suas palavras:

Contratei um rapaz para me acompanhar em uma festa da escola e se apresentar como meu namorado. Paguei o ingresso e a cerveja dele, depois do evento

fomos para uma festinha particular na casa da secretária do Diretor da escola, chegando lá o teatro do namoro teve que acontecer, bebemos bastante (ANEXO 12).

O grupo recebeu com felicitação o fato de estar namorando, e indagaram a respeito das intimidades sexuais do novo casal, as quais foram confirmadas pelo falso namorado. A integração entre gênero e sexualidade precisava ser provada, pois como bem expressa Bento:

Tenta-se recuperar a coerência estabelecida pelas normas de gênero, segundo as quais sexualidade e gênero são determinados pela natureza, por meio do esforço da dissimulação. A heterossexualidade do parceiro dará vida ao "meu" gênero. Para que se possa existir na posição do gênero identificado, necessita-se da confirmação dessa posição pelo desinteresse do outro pelo órgão genital (BENTO, 2006, p. 213).

Embora não esperasse, nosso colaborador foi intimado pelo falso namorado a efetivar a encenação, entretanto, de modo similar à primeira tentativa, a segunda experiência de uma relação sexual com um homem não trará a coerência naturalizada e almejada entre gênero e sexualidade. Como relata:

No final da noite ele cobrou a sua resposta em vias de fato. Fiquei em uma sinuca de bico, queria sustentar aquele namoro para provar que eu era mulher e por outro lado aquilo era demais para minha cabeça, deitar com um homem era ferir brutalmente a minha identidade, porém recusar aquela investida poderia sugerir aquilo que eu mais temia ser revelado (ANEXO 12).

A estratégia de propagar ser uma moça com intenso interesse sexual por rapazes, com vasta experiência, não é exclusiva de nosso colaborador. Bento (2006) apresenta a fala de *Alec*, um homem trans que utilizou o mesmo recurso, movido pelo mesmo temor, ou seja, “O medo de ser considerada lésbica e do preconceito dos parentes e conhecidos o fez, inclusive, ‘exagerar’ em sua fama de ‘lobo’. Tinha muitos namorados, mas sempre teve um amor feminino clandestino” (ibid., p. 191).

Espalhar apenas em seu grupo social ter interesse sexual por homens “... já não sustentava mais meu discurso de mulher que gostava de sexo com homens, como ordenava o figurino. Eu precisava de um namorado real, para provar a todos de uma vez por todas que eu era uma mulher normal” (ANEXO 9). O que o fez aceitar a imposição da família e sair com o pai de seu primeiro filho, posteriormente, ceder à pressão do grupo de amigos/as e contratar um namorado de aluguel. Conforme relata “O fato é que por não me assumir, mais uma vez eu paguei alto com a carne, pois

fiquei grávido, e novamente, como aconteceu na primeira gravidez, eu não consegui olhar para aquele garoto de aluguel que eu mesmo procurei” (ANEXO 12).

Se o objetivo era o reconhecimento e preservação das amizades em sua escola e local de trabalho, o que obteve foi o oposto; passou a repetir o mesmo procedimento anterior, aversão ao pai de sua filha, e completa clausura. Afirma que “Depois da constatação da gravidez, tudo começou novamente, a vergonha tomou conta de mim, me deixei levar pela raiva das “amizades”, deixei de ir à escola, abandonei a bolsa na biblioteca...” (idem).

Expõe que após o nascimento da filha, aqui nomeada, carinhosamente, de “minha pequena flor de girassol” (idem), sua rotina passou a ser somente casa e trabalho.

3.13 A convicção de construir uma família com um Padre também falhou - A terceira gravidez (Referência principal: **13ª Carta: *No ergástulo de ser quem sou*** / Anexo 13).

Dom afirma ter construído sua própria masmorra, pois acrescentou ao corpo feminino à condição de mãe de duas crianças, o que lhe roubava a esperança de viver sua masculinidade. Em suas palavras:

A tristeza é a morte lenta da alma e eu estava completamente triste aos 22 anos. Vivia uma vida que não queria. Uma vida que não era minha. Aquelas duas crianças eram como se fosse a chave da minha masmorra, a qual eu mesmo construí. Agora a minha alma não estava fadada apenas ao cárcere em um corpo feminino, minha alma estava presa também à condição de mãe (ANEXO 13).

O aprisionamento a que lhe imputa a responsabilidade, entretanto, esse foi produzido pelo sistema heterocentrado, pela naturalização e essencialização dos corpos, dos gêneros e vivências encerradas em perspectivas rígidas e fixas. As/os amigas/os que antes lhe exigiram uma subjetividade normalizada estavam apenas preocupadas/os com a genitalização das relações sociais e sexuais, porém completamente alheias/os à dor e conflitos infligidos, pois de acordo com Lorenzo Bernini “A matriz heterossexual fabrica e ao mesmo tempo descarta, como produtos defeituosos, as minorias sexuais” (BERNINI, 2012, p. 28).

Dom era então descartado em sua masmorra solitária, pois, com exceção dos novos trabalhos, diurno em um sindicato de educação, e noturno como garçom em bares, “Voltar para casa no final do dia consistia em bater de frente com a minha realidade, além

do peso da maternidade eu sofria de amor” (ANEXO 13). Não tinha mais a companhia e o aconchego dos braços da amada, sentia que não poderia condená-la a viver o drama de sua condição abjeta. Afinal, estava em questão jogar à margem e ao escárnio a pessoa que amava e desejava acima de tudo. Era o próprio Augusto dos Anjos; dizia-lhe incessantemente:

Quem foi que viu a minha Dor chorando?! / Saio. Minh'alma sai agoniada. / Andam monstros sombrios pela estrada / E pela estrada, entre estes monstros, ando! / Sobre histórias de amor o interrogar-me / E vão, é inútil, é improfícuo, em suma; / Não sou capaz de amar mulher alguma / Nem há mulher talvez capaz de amar-me. / O amor tem favos e tem caldos quentes / E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal; / O coração do Poeta é um hospital / Onde morreram todos os doentes... (ANEXO 13).

Ao percorrermos as cartas de Dom navegamos na intensidade e potência de suas elaborações de vida. Longe de percebermos estagnação, redenção, o que se nota é que mesmo em sua profunda tristeza, há sempre saídas, novas invenções do viver. Dom não deixa de estabelecer rizomas, ainda que não saiba “... com o que você pode fazer rizoma, que haste subterrânea irá fazer efetivamente rizoma, ou fazer devir, fazer população no teu deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 30), ele segue experimentando, estabelecendo conexões com a poesia, ou se entregando arduamente ao trabalho, ou à boemia. Conforme relata, “As ocupações na rua se transformaram em uma fuga, para esquecer aquela pele morena vestida de vermelho e os meus desejos de macho...” (ANEXO 13).

A maternidade precisava ser minimizada, pois não conseguia exercer atributos tradicionalmente tidos como maternos, advindos da noção de que “A idealização do feminino está particularmente vinculada a um campo de qualidades fundamentado na imagem de mãe, da santa...” (BENTO, 2006, p. 213). Distante dessa condição buscava a amplitude e multiplicidade dada pelas ruas: a “mãe que já tinha assumido todos os cuidados maternos com o primeiro filho assumiu também esse novo bebê como sendo dela” (ANEXO 12).

Constituído de Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Dom Quixote, entre outros poetas, ou personagens literários, podia enfrentar a dura realidade e inventar formas de lutar seus combates. Para não se entregar era necessário estar aberto ao devir, uma vez que “... todos os devires, como desenhos de feiticeiras, escrevem-se nesse plano de consistência, a última Porta, onde encontram sua saída. Este é o único critério que os impede de atolar, ou de cair no nada” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 31).

E para não cair no nada, ou atolar em tristeza ainda maior, Dom passa a integrar, com intensa participação, o Movimento Sem Terra/MST. No imprevisto de uma porta entreaberta, e nas rotas de fugas estabelecidas, por meio das viagens realizadas em decorrência do envolvimento com o MST, conhece um padre, também defensor e atuante no MST, o qual se tornou um grande amigo. Relata:

Em uma dessas viagens, conheci um Padre filósofo, que dava assessoria aos acampamentos do MST. Logo ficamos amigos, passamos a viajar sempre juntos, tínhamos bastante afinidade. Quando íamos aos acampamentos ou assentamentos, ele sempre rezava uma missa e depois da missa tinha o momento do confessionário, pois o Padre julgava isso fundamental para o equilíbrio humano e um dia me convidou a confessar, eu disse não. Disse que não tinha nada para confessar. A partir daí ele passou a falar mais da confissão, me dizendo de toda a importância do ato, e o quanto seria bom para minha pessoa (ANEXO 13).

A relação entre Dom e o padre nos permite revisitarmos alguns vieses de análises propostas por Michel Foucault (2010a) em sua *História da sexualidade*. A proximidade intensa, e a liberdade convencional serviram como pano de fundo para que o *dispositivo da confissão* se colocasse em exercício. Dom relutava em aceitar o convite do padre para ir ao confessionário “... até que ele me convenceu e fui ao confessionário, disse tudo de mim e dos meus desejos, o que nunca havia dito a ninguém” (ANEXO 13).

Ao longo de sua vida já havia sido, inúmeras vezes, impelido a confessar seu desvio da ordem heterocêntrica por meio de microscópios dispositivos, pois “A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 2010a, p. 72). As condutas, brincadeiras e vestimentas infligidas na infância, o batom ofertado na adolescência, o namorado imposto por parentes e por grupo de amigas/os. Todas as operações forjadas e operacionalizadas por meio da “... colocação do sexo em discurso” (ibid., p. 26). Os silêncios, os comportamentos, as recusas e preferências, e não apenas as ações efetivadas, mas também as pensadas, necessitam ser confessadas, pois se deve “... não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo seu desejo, um discurso” (ibid., p. 27).

As proposições foucaultianas de que não existem interdições, censuras sobre o sexo, mas sim, uma incitação, uma produção discursiva sobre esse, permitem-nos considerarmos que o ato de confissão narrado por nosso colaborador concretiza-se em uma dupla confissão, pois os alinhavos desenhados e as linhas destrinchadas estendem também à confissão do padre. Se a princípio esse é quem apenas realiza a escuta,

posteriormente, nos desdobramentos da relação com Dom, será o confessor. O confessor constitui-se como o dispositivo impulsionador e produtor. Não há a imposição, mas o incitar do dizer, “... de dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo tenham alguma afinidade com o sexo” (ibid., p. 26).

A incitação do dizer e os jogos dos prazeres proporcionados conduzem a uma produção de efeito duplo, pois o poder, de acordo com Foucault, “... ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao poder que o cerca” (ibid., p. 52).

Vejam os que o poder do confessor longe de ser repressivo, ou coercitivo, ele é produtor, podemos afirmar que ele produz novos rizomas a partir da dinâmica da amizade. A confiança passou a ser mútua e a proximidade ampliada. Viagens regulares, conversas e diversões fizeram da amizade uma potência de afirmação da vida²⁵. Dom percebia que sua masculinidade não precisaria ser anulada na presença do amigo; pois havia interesses recíprocos e afinidades, “... éramos dois homens” (ANEXO 13).

O confessor ultrapassa o lugar da captura da fala, e da fiscalização dos comportamentos inadequados, ele se propaga em conversas infundáveis, e como toda produção em devir, ele traz o inesperado. Com perplexidade, Dom recebeu a confissão amorosa do amigo padre: “... disse estar apaixonado por mim e que se eu aceitasse ele deixaria a igreja tão logo terminasse sua Pós-graduação, já que estava realizando o mestrado. Apesar do susto com a declaração, aquele sonho antigo de ter uma família ‘normal’, voltou” (idem).

A volúpia, sensualidade e prazer atravessa o rizoma produzido no confessor, pois se o convite teve a princípio, em algum sentido, o objetivo de interditar, dizer um não à sexualidade desviante; passa, ao contrário, a funcionar por:

... mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa e revela; e, por outro lado, prazer que se abraça por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir (FOUCAULT, 2010a, p. 52).

²⁵ Noção desenvolvida pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1998), em Genealogia da moral – Uma polêmica.

As ramificações rizomáticas experimentadas com o novo amigo possibilitará a Dom desconstruir postulados enrijecidos a respeito de sua sexualidade. Pôde perceber que ter uma relação efetiva e sexual com um homem não esvaecia sua masculinidade, como postula a heteronorma, uma vez que “A ideia de uma identidade *sexual* é ambígua” (LOURO, 2013a, p. 69). A singularidade do padre constitui-se em um dispositivo impulsionador para que Dom pudesse compreender que a sexualidade é atravessada por multiplicidades, se expressa por infindáveis formas. Dom percebeu no companheiro que “... diferentemente das experiências anteriores, ele era delicado, afeminado. Era o avesso de mim!” (ANEXO 13).

Importante destacarmos que os movimentos de Dom em relação a sua sexualidade e gênero operam em variados eixos e sentidos. Há, conforme já delineado, a busca por uma *autoidentificação de urgência*. Nos traçados de sua transmasculinidade Dom transita entre a negação da feminilidade à imposição da feminilidade. Há uma rígida recusa à lesbianidade, mas também em hesitações de que talvez fosse a lésbica que muitos o nomeavam. Transita também entre a certeza de ser homem e na aceitação das normas da sociedade heterocentrada, a qual recusa sua masculinidade.

No relacionamento com o padre considera que eram dois homens, tinha preferência em ser o ativo nas relações sexuais. Expõe: “A gente se dava como dois homens gays, imaginava que ele era uma mulher e fazia sexo anal com ele, e até gostava disso. Uma vez ou outra, quando eu permitia, ele fazia normal comigo” (ANEXO 13). Embora também tivesse a convencionalidade do sexo heterossexual, o que podemos observar é a ampla possibilidade de arranjos e experiências sexuais distante do encerramento dual dos gêneros, e do que gostaria a heteronorma, como corrobora Preciado:

A política das multidões *queer* advém de uma posição crítica em relação aos efeitos normalizadores e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: não há uma base natural (“mulher”, “gay”, etc.) que possa legitimar a ação política (PRECIADO, 2011, p. 6-7)

A dinâmica móvel, fluida, aberta da sexualidade permite, nesta busca incansável de si, a resistência à normalização. Ainda que encontremos vários aspectos normativos nas experimentações e afirmações de nosso colaborador, seu corpo é a própria máquina sociopolítica do desejo, contraventora e desestabilizadora das verdades universais que engessam a sexualidade e o gênero. É “... o corpo como espaço de construção biopolítica,

como lugar de opressão, mas também como centro de resistência” (BOURCIER, 2014, p. 13).

O ir e vir, o voltar atrás em seus posicionamentos, o contradizer, o posicionar de modo categórico constituem o discurso de nosso colaborador. O devir em sua inexatidão oportuniza identificações provisórias de si.

Hoje se reconhece um transhomem heterossexual, ainda que tenha grandes abjeções a ser identificado como homem transexual, conforme veremos em suas últimas cartas. Afirma não ser *gay*. Possui até certa reserva nesse sentido. O que o faz enfatizar que mesmo durante o relacionamento com o padre, ao hospedarem-se em um mosteiro, no qual lhe foi reservado um aposento junto a uma freira, não resistiu ao envolvimento fugaz de uma noite calorosa com a freira.

Sua subjetividade produzida na teia normativa é evidenciada quando afirma: “... contudo meus instintos masculinos não cessavam, cheguei a ficar com uma freira em um mosteiro, onde hospedamos certa vez” (ANEXO 13). Ao afirmar que seus instintos masculinos não cessavam, de algum modo, considera sua masculinidade diminuída ao se relacionar com outro homem, nesse caso, o padre. Ainda que sublinhe que se davam como dois homens, os princípios da hegemônica e naturalizada masculinidade imperam. O que nos permite conceber que “Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 40).

Para não recairmos em rótulos ou identificações fixas, ressaltamos a transitoriedade da experiência trans homossexual vivida com o padre.

O moinho de ventos se põe a girar, e em suas voltas mais uma vez embaralha os planos de construir uma estabilidade por meio de uma família aparentemente nuclear aos olhos do desejado sistema hegemônico sexo/gênero.

A onda que traz a possibilidade do deslizar nas dobras e superfície da água, pode também levar às intempéries marítimas. Nosso surfista ao ouvir o canto sedutor de sua sereia de *olhos verdes* se deixa guiar por seus labirintos outrora já percorridos. O canto extasiante lhe impulsionará ao término do relacionamento com o padre, porém a convivência com a sereia ficará lançada ao futuro, pois Dom estava “... outra vez gravemente grávido” (ANEXO 13).

A força da incitação discursiva do confessor produz desejos, gera efetivamente uma nova vida, demonstrando que “As técnicas disciplinadoras da

sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-poder” (PRECIADO, 2014, p. 156). Entretanto, as perversidades das produções normalizadoras trazem em seu bojo a tentativa de cooptação reiterada ao agenciar a cristalização do viver afirmativo.

O corpo biológico de nosso colaborador o trai, e seu sonho de constituir uma família nuclear lhe enreda em um simulacro impossível de se sustentar. Contra tais dispositivos da normalização política sexual e de gênero, Preciado em seus princípios contrassexuais considera:

A sociedade contrassexual declara e exige a separação absoluta das atividades sexuais e das atividades de reprodução. Nenhum contrato contrassexual conduzirá ao ato de reprodução. Nenhum contrato contrassexual conduzirá ao ato de reprodução. A reprodução será livremente escolhida pelos corpos suscetíveis de gravidez ou por corpos suscetíveis de doar esperma. Nenhum desses atos reprodutivos estabelecerá um laço de filiação ‘natural’ entre os corpos reprodutores e corpo recém-nascido. Todo o corpo recém-nascido terá direito a uma educação contrassexual (PRECIADO, 2014, p. 38).

Como oportunizar uma educação contrassexual ao filho quando as ferramentas de enfrentamento à sua própria diferença são frágeis por estarem em construção? Como poderia explicar à sua família totalmente tradicional em seus valores e princípios religiosos que era um homem em um corpo feminino, e estava grávido de um padre? Nosso colaborador expressa sua sensação de angústia:

Agora sim, cheguei ao fundo do inferno, eu, um homem grávido de um Padre afeminado. O que fazer com aquele bebê? Quem seria o pai? Ele me fez uma proposta e eu aceitei. Deixaríamos o bebê com uma família religiosa e muitíssimo amiga do padre. O que ocorreu, assim, nosso menino foi legalmente adotado por essa família. Cresceu longe dos meus olhos, em outra cidade (ANEXO 13).

Embora Dom e o parceiro tenham operacionalizados princípios dessa sociedade contrassexual ao estabelecerem uma relação desestabilizadora do sistema de produção da sexualidade, e o filho não tenha o vínculo da filiação parental naturalizada, esse princípio foi colocado em anonimato quando buscaram uma família adotiva para a criança. Dom despediu-se do filho nos primeiros dias de sua vida, passou a vê-lo, esporadicamente, na condição de uma *amiga* da família.

Embora não se dedique em suas cartas a delinear mais demoradamente a esse respeito, na proximidade com nosso colaborador tive a oportunidade de conhecer seu

filho, hoje um defensor das diferenças, das minorias étnico-raciais, de gênero e multiplicidades sexuais.

O que também pode ser visto pela grandeza de não se deixar levar pelo ressentimento. Após dezesseis anos, instigado por conhecer a história do seu nascimento, procura por Dom, que relata: “Depois de lhe contar tudo e minhas razões, ele decidiu vir morar em minha casa para conviver com sua família biológica, passou a ter grande afinidade com os irmãos” (ANEXO 13).

Tornara-se, em larga medida, um defensor dos princípios da contrassexualidade. O que também podemos observar no discurso da filha. Já com o filho mais velho não tivemos a oportunidade de estabelecer maiores vínculos, porém Dom afirma ser uma pessoa aberta às diferenças, ainda que tenha reservas a assuntos vinculados à sexualidade.

Nas alianças firmadas alguns rizomas ganharam vida na contramão de seu desejo, o que se configurou no desfecho do relacionamento com o padre, e sua terceira gravidez. Dom vestiu-se de Álvaro de Campos, passou a repetir incansavelmente o poema *Tabacaria*:

Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada. / O mundo é para quem nasce para o conquistar / E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão. / Serei sempre o que não nasceu para isso; / Serei sempre só o que tinha qualidades; / Crer em mim? Não, nem em nada. / Vivi, estudei, amei e até cri, / E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu. / Fiz de mim o que não soube / E o que podia fazer de mim não o fiz. / O dominó que vesti era errado. / Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me... (ANEXO 13).

Novamente a sensação de que falhou em tudo lhe atravessa às sensações.

3.14 O reencontro com a ex-companheira e a decisão de esquecer o passado. Quando me tornei pai. (Referências principais: 14ª Carta: *Minha fuga para Pasárgada* / Anexo 14 & 16ª Carta: *É comum a gente sonhar, eu sei...* / Anexo 16).

Nosso colaborador não pôde concretizar o sonho de constituir uma família tradicional com o padre, tampouco pôde conviver com seu último filho durante sua infância, já que o pai biológico não queria correr o risco de perder o sacerdócio.

Mesmo tendo gerado dois filhos e uma filha, ainda alimentava o desejo da paternidade, de ser o pai em um núcleo familiar. Não por acaso, em sua 10ª carta, faz

alusão à letra da canção *Essa tal felicidade*, do cantor e compositor brasileiro Tim Maia. A qual diz: “De uma coisa eu não desisto, sou fiel, não abro mão/ De ter filhos, ter amigos, companheira e irmãos/Se essa vida é bonita, ela é feita pra sonhar/ Mais aumento o meu desejo de afinal te encontrar” (ESSA TAL... 2016, s. p.).

Seu sonho parecia escapar-lhe por completo quando, na intensa crise existencial em que se encontrava, é surpreendido pela notícia que seu grande amor do passado estava grávida. Ao saber que não havia se casado e estava sozinha, resolve procurá-la. Discorre:

Quando bati em sua porta foi como Gonçalves Dias reencontrando Ana Amélia, ela estava muito infeliz e só, pois se tratava de uma gravidez não planejada. Aquela porta aberta foi um convite a retomar todo nosso passado amoroso, nos deitamos mais uma vez... Senti-me pai naquele exato momento, e esse sentimento me fez ressuscitar das cinzas que restaram da guerra, que até então tinha sido a minha vida Severina (ANEXO 14).

Dom realiza um corte diagonal em sua própria dor, cria nova realidade. Na persistência de uma reinvenção de si elabora novos devires, faz de sua vida uma obra de arte, pois “Não há obra que não indique uma saída para vida, que não trace um caminho entre as pedras” (DELEUZE, 2004, p. 179). Se não podia ser mãe, tampouco pai de seu último filho biológico, terá no filho da companheira o encontro com a paternidade. Livre do peso de sua própria gravidez se regozijará com a gravidez da mulher amada. O nascimento do quarto filho, por não ser gerado por Dom, possibilitará a criação de um espaço de resistência à marginalização de sua masculinidade, ainda que sem conseguir romper definitivamente com a subjetivação heteronormativa. Comenta:

A alegria de ser pai daquele bebê corria em minhas veias, feito um jato fumegante, descompassava meus batimentos cardíacos, apagava o sabor amargo do passado, e junto à lembrança de que eu não era o pai biológico daquela criança. Com a paternidade, minha masculinidade se tornou incontrolável, brotou em minha pele, feito musgos em uma pedra, se tornando ainda mais visível (ANEXO 14).

A dinâmica elaborada pela família passou a ser o casamento e convívio entre Dom, a companheira, e o filho. Ou seja, não há um rompimento com os pressupostos heteronormativos. Antes, o desejo de adentrar no rol da normalidade, pois, ao contrário, para a sociedade contrassexual “Essa tarefa implica desconstruir a casa como espaço privado de produção e de reprodução heterocentrada” (PRECIADO, 2014, p. 42).

Tal desconstrução não se realiza, mas, sim, uma reiteração da união familiar tradicional heterossexual, com suas experiências cotidianas, ou seja, a companheira

realizando atividades femininas vinculadas à maternidade, Dom funções designadas como masculinas. Descreve: “Assim vivemos por doze (12) anos, uma família “normal”, eu era o pai. Mesmo meus dois filhos mais velhos vivendo na casa dos meus pais, minha companheira assumiu o papel de mãe deles” (ANEXO 14).

Os dois primeiros filhos ficaram aos cuidados do/a avô/ó, mas com assistência diária de Dom, conforme expõe: “Passei a ter com meus filhos uma relação de pai, mesmo eles vivendo na casa dos meus pais, todas as responsabilidades financeiras eram por minha conta. Ia visitá-los todos os dias, fazíamos tarefa de escola, íamos à sorveteria etc.” (ANEXO 14). A companheira o apoiava nas visitas ao filho que ficou morando em uma cidade vizinha, com a família de amigos/as do padre. Seguiam uma rotina de uma família comum: “Nos finais de semana íamos todos passear na praça, vez ou outra ia ao circo ou parques de diversões que chegavam à cidade” (Idem).

Resta-nos perguntarmos: quais as táticas de enfrentamento ao estigma e ao preconceito as pessoas marginalizadas podem fazer uso quando estas se encontram no cerne do redemoinho normativo? Quando seus corpos e gêneros são matérias de escárnio e exclusão, já que segundo aponta Fátima Lima, “... os corpos materializam-se a partir das reiterações constantes entre a norma e o sexo. O gênero é produzido no âmbito desse movimento que legitima o binarismo como estruturante dos discursos e práticas” (LIMA, 2014, p. 40).

O casal se via nessa condição, e ainda que extrapolasse os limites impostos à naturalização dos corpos e gêneros, buscava viver uma espécie de neutralidade no convívio social para não atrair olhares inquisitórios sobre a relação constituída. Relação que embora fosse construída no modelo heteronormativo, tinha no corpo de Dom o furo realizado no sistema universal heterossexual, pois quem transgride “... as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (LOURO, 2013b, p. 89).

Nas tramas de sua subjetivação, muitas vezes Dom, ao longo de sua vida, vê-se impelido a corresponder aos reclames de uma feminilidade forçada, adequada ao corpo biológico. Entretanto, sem deixar também de escapar às tramas do poder, pois, “... a dimensão de se produzir enquanto sujeitos comporta sempre as linhas de fuga, os vazamentos, as resistências frente aos processos de assujeitamentos” (LIMA, 2014, p. 113). Não há uma vida encerrada no completo assujeitamento, ou de um todo subversiva.

Mas, uma tentativa de reinvenção constante frente às capturas que limitam o viver a condições insignificantes.

Deleuze, ao retomar as análises foucaultianas, questiona se temos possibilidades e formas “... de nos constituirmos como ‘si’, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente ‘artistas’, para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo?” (DELEUZE, 2004, p. 124).

A resposta dada por Foucault, como bem retoma Deleuze, postula que “É uma questão de forma e de forças. As forças estão sempre em relação com outras forças”. (Idem). A paternidade de Dom se funda como estratégia de resistência e ressignificação do viver, uma força ao possibilitar, ainda que em modos particulares, a vivência da masculinidade interdita. Mesmo que não fosse chamado literalmente de pai, essa era a condição exercida, tanto com os/a filhos/a biológicos/a, como com o filho da companheira, segundo descreve:

Nossa relação sempre foi no que se refere ao relacionamento cotidiano e comum, uma relação de pai e filho, com confiança respeito e admiração mútua. A única exceção é que ele não me chama de pai. E socialmente não sou reconhecido como seu pai, mas nos momentos íntimos ou de chamada por um pai, como resgatá-lo nas madrugadas em suas primeiras experiências de festas noturnas, já na universidade, esse papel sempre coube a mim (ANEXO 14).

A paternidade lhe potencializará uma melhor aceitação de si, pois o fará romper com a estratégia de se obrigar a estabelecer relações com homens para provar o gênero assignado no nascimento. Por suas palavras:

A magia da gravidez e o desejo de tê-la, me fez tomar a decisão de ser eu, de desprezar a ideia do reclame, e na posse de mim mesmo passei a me querer, tal qual meu caráter nato masculino quer que eu seja. Meu gênio de nascimento passou a me impor que eu não deixasse de ser eu mesmo, ou seja, de ser homem, cessando assim o rastro de influência dos outros em meu jeito de ser. A tranquila posse de mim foi como um raio de lucidez, gestada nos últimos quatro meses de gravidez da minha amada (ANEXO 14).

Para Dom, o *constituir-se como si* sempre se operacionaliza por meio de microscópicas ferramentas, seja a escolha do vestuário, a entrega à poesia, e mais tarde a vivência da paternidade que lhe fortalecerá o gênero masculino, como podemos perceber pela forma emocionada que se refere ao filho com a companheira. Descreve que o viu “... nascer, andar e me chamar a todo instante, cujo sorriso era o sol do meu mundo. Velar o

sono daquele pequeno no berço, me emocionar com cada suspiro dele, o ver correndo ao sol, e responder todos aqueles porquês infinitos, era tornar meu sonho real” (ANEXO 16).

Porém, conforme narra, sua decisão não significou liberdade, nem mesmo “... aceitação por parte das pessoas. [...] Assumi todas as responsabilidades de pai e companheiro, porém isso era fortemente negado ao público. Era segredo nosso!” (ANEXO 14). A dinâmica pretendida era de uma família nuclear nos moldes do sistema heteronormativo, porém, a inteligibilidade do corpo/gênero de Dom depunha contra a relação do casal. A qual passou a ser apontada como uma relação lésbica, cercada por preconceitos e estigmas, em diferentes contextos institucionais segundo evidenciam os excertos abaixo:

Passamos muitas situações desagradáveis do tipo brincadeiras de mau gosto do cunhado, que dizia que os pais dela tinham dois genros e meio, ataque homofóbico de um médico que atendeu nosso pequeno, deixando claro que a nossa estranha relação faria muito mal à educação dele. As abordagens inconvenientes (cantadas baratas) dirigidas a ela em locais públicos na minha presença, e outras desse nível... (Anexo 14).

O preconceito passou a rondar a nossa alegria mais de perto. Era possível notar os olhares maliciosos nas reuniões de pais, na Escola dos nossos filhos. Vez ou outra, nosso pequeno chegava com alguma novidade da escola, em relação a nossa convivência. Uma delas foi quando a Coordenadora Pedagógica da Escola, questionou se ele desejava ter mais irmãos, e ele respondeu que já tinha dois irmãos (os meus filhos). Certamente a Escola queria ter certeza das suas suposições em relação a mim e a mãe dele. Outra indagação feita pela mesma Coordenadora, e nos relatada por ele, foi que se ele desejava que sua mãe se casasse novamente, ele respondeu com a maior inocência que sua mãe já era casada com a minha pessoa (Anexo 14).

... nesse meio tempo a família dela começou a questionar o meu jeito de ser, e de me vestir. Chegaram a afirmar que a gente tinha um caso pecaminoso, começaram então a interferir em nosso relacionamento. [...] passei a ser uma pessoa indesejada e mal vista. A mãe dela passou a me tratar mal e a criticar meu jeito (Anexo 14).

Isso causou um abalo sísmico em nossa relação [...] Ela passou a querer mudar meu jeito de ser e de me vestir, dizia que me amava, mas não suportava as pessoas me verem como homem. Pensava e dizia que se eu me portasse e me vestisse como mulher, as pessoas não teriam motivos para falar de nós e poderíamos ficar juntos e em paz. Eu disse não. Atitude por atitude, melhor a mais nobre, pose por pose, preferível a pose de ser quem sou. Assim se deu o nosso fim... (Anexo 14).

Os excertos nos mostram como a experiência trans, ao romper a lógica causal do sexo/gênero, é submetida à vigilância, controle e retaliações. Ainda que a família de Dom se estruturasse em um modelo heteronormativo, cumprindo os protocolos associados a esse sistema, existe a interdição para emissão do certificado de inclusão à família heterocentrada *autêntica*, o lhe faz ser vítima de perseguições e violências. Fátima Lima exprime que:

... a invenção do humano é entrecortada por relações de poder, constituem efeitos dos micropoderes onde determinadas expressões de singularidades se produzem numa dimensão de abjeção, de não reconhecimento, de injúria verbal, de violência física, moral, sexual, entre outras. Entre essas formas de ser e estar “em mundos” encontram-se as experiências trans cortadas, muitas vezes, por violências cotidianas seja em sua dimensão simbólica e/ou concreta. (LIMA, 2014, p. 38-39).

Mesmo se portando e cumprindo o esperado para um homem branco, cristão, pai e companheiro exemplar, segundo podemos conferir em seu relato: “... ia todos os sábados de madrugada para o sítio, dos pais dela, para ajudar na tirada do leite, no trato dos animais, vacinação do gado, controle de pragas nos pastos e etc.” (ANEXO 14), falta-lhe mais, ou seja, o corpo que lhe permita atestar a heterossexualidade. Não basta se afirmar e viver como homem, é preciso provar que a masculinidade exercida corresponde ao gênero naturalizado. Nesse caso seria imprescindível exibir um corpo e um genital masculino para coabitar no teto modelar da família nuclear heterossexual.

À revelia de Dom, mesmo sendo extremamente dedicado à família da companheira, essa passa a condenar o casamento da filha, argumentando ser uma relação imprópria, pecaminosa. A companheira não encontra forças para atuar contra sua família, e exige que Dom se vista de mulher, acreditando que seria o suficiente para cessar os comentários e preconceitos.

No que se refere à família enquanto dispositivo, Foucault (2010a, p. 122) afirma que “A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo”. Ou seja, a família produz aquilo que rechaça; atua na arquitetura da normalidade dos corpos e gêneros, portanto fabrica a própria diferença, uma vez que é somente pela diferenciação com o estranho e monstruoso que o tido normal pode se afirmar e lhe assinalar tal identidade.

Por meio dos excertos destacados, mais uma vez nos deparamos com o modo como a escola, enquanto dispositivo da sexualidade, exerce e produz sua política normativa dos corpos e gêneros, de como não é neutra, mas incitadora da marginalização. A escola elege uma pedagogia heteronormativa, utiliza o método da confissão para subtrair a verdade do sexo abjeto; busca, supostamente, purificar a criança do mal vivenciado em casa. Rouba-lhe o direito de escolher outra cultura sexual diferente da heterocêntrica, segundo denuncia Preciado:

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte (PRECIADO, 2013, p. 96).

Dom conviveu, ao longo de sua vida, com o estranhamento de sua família, dos/as amigos/as, e da escola em relação a seu corpo que não correspondia ao esperado de seu sexo gonadal. Não podia se afirmar como homem, e tentou muitas vezes produzir em si uma feminilidade forçada. Viveu e vive o conflito da identidade de gênero, a respeito do qual Miskolci explana:

No caso da 'identidade de gênero', desde a infância, os sujeitos são ensinados a se enquadrar em padrões normativos, demarcando fronteiras do que é esperado ou não de uma menina ou menino. Esses corpos são vigiados pela sociedade (família, escola, mídia), de forma a não apresentar ambiguidades e se ajustar a comportamentos percebidos como 'normais' (MISKOLCI, 2014, p. 60).

A experiência da paternidade e da família em molde, supostamente, nuclear, converte-se em armas potencializadoras frente aos limites impostos à sua identificação de gênero. Afirma: "Viver a condição de pai me causou uma alegria única, e com essa alegria também veio as responsabilidades e o afeto, que são os laços construídos ao longo da convivência em família" (ANEXO 16). Sua masculinidade encontra um espaço possível para se exercer, o qual quase sempre lhe foi negado. Porém, um espaço temporário, já que a própria rota de fuga construída se desdobrará em captura de seu corpo e masculinidade quando a companheira o intima a vestir-se como mulher. A respeito das linhas de fuga, Deleuze e Guattari consideram que:

Ninguém pode dizer por onde passará a linha de fuga [...] Sabemos demais dos perigos da linha de fuga, e suas ambiguidades. Os riscos estão sempre presentes, e a chance de se safar deles é sempre possível: é em cada caso que

se dirá se a linha é consistente, isto é, se os heterogêneos funcionam efetivamente numa multiplicidade de simbiose, se as multiplicidades transformam-se efetivamente em devires de passagem (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 30).

A paternidade de Dom serviu-lhe como um devir de passagem à masculinidade. Expôs-se aos riscos e imprevisibilidade, mas já não podia mais acorrentar seu corpo às vestes que falsificam o gênero reconhecido, que lhe distancia de sua masculinidade. Desse modo, "... disse não. Atitude por atitude, melhor a mais nobre, pose por pose, preferível a pose de ser quem sou. Assim se deu o nosso fim..." (Anexo 14).

O fim do relacionamento foi sentido com grande lamento, mas substancialmente, com culpa. Nosso colaborador passa a se responsabilizar pelo desfecho, o qual considera como evidência de sua impotência e "... fracasso familiar, onde tudo se deu por eu não ter no corpo aquilo que me falta e o que marca a diferença entre homem e mulher" (ANEXO 16). A ausência de um órgão elabora e atribui-lhe uma identidade antagônica a seu reconhecimento, pois o que se espera é a correlação entre órgão genital e a totalidade do corpo. Ou seja, "... a partir de um órgão sexual preciso, este marco abstrato de construção do 'humano', nos é permitido reconstruir a totalidade do corpo" (PRECIADO, 2014, p. 131). A totalidade de seu corpo é um assalto a sua masculinidade, e obstrui suas experiências como homem. À vista disso seu bramido é pela normalidade, pois considera que seus sonhos estão atrelados à possibilidade de adequação à ordem heterocêntrica. Por isso, persiste em frisar: "Eu queria muito ser normal, ser um pai normal e ter uma família normal" (ANEXO 16).

3.15 Minhas experiências sexuais. (Referência principal: **15ª Carta: Usei todos os sentidos/ Anexo 15).**

Usei todos os sentidos, título da 15ª carta de Dom, permite-nos pensar que a desconstrução de uma sexualidade normativa perpassa, inicialmente, pela tentativa de desvincular a amplitude da sexualidade da genitalização dos corpos. A sexualidade envolve para além dos corpos biológicos uma infinidade de fatores com os quais cada sujeito é atravessado em seu meio cultural e lhe permite interagir com seus corpos e dar-lhes significados, rompendo com o postulado de "... uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente..." (PRECIADO, 2014, p. 21).

Lembramos que Preciado (ibid., p. 22) buscou em Michel Foucault elementos teóricos para tecer seus princípios contrassexuais. A filosofia foucaultiana propõe como estratégia de resistência às práticas disciplinares da sexualidade a contraprodutividade. Do mesmo modo, Preciado compreende que se existe uma produção normativa, naturalizada, *biologicista* da sexualidade é preciso afirmar uma contrassexualidade como forma de resistência. O que significa que cada corpo deve operar como máquinas, tecnologias de produção do prazer sexual em oposição aos postulados tradicionais da sexualidade normativa.

A contrassexualidade, proposta por Preciado (2014), compreende que o sexo necessita se desvincular da reprodução, as relações sexuais não precisam ser pautadas em monogâmias, os órgãos sexuais não devem ser as únicas ferramentas de obtenção e produção do prazer, o corpo será explorado em sua amplitude, cada parte do corpo treinada para se configurar como um potencial órgão de obtenção do prazer. Os gêneros não serão tomados como parâmetros para o estabelecimento das relações sexuais. O número de parceiros não se configurará como barreira para se pensar o arranjo e ato sexual. Uma nova pornografia deve ser proposta, opondo-se à pornografia machista destinada ao consumo masculino heterossexual. Nas palavras de Preciado:

A contrassexualidade busca gerar uma contraprodução de prazer e saber no âmbito de um sistema de contraeconomia contrassexual. Por tal razão, a publicação de imagens e de textos contrassexuais (contrapornografia), assim como a contraprostituição, será considerada como artes e disciplinas (PRECIADO, 2014, p. 43).

Os princípios contrassexuais partem do entendimento de que a sexualidade é montada e desmontada ao longo de diferentes experiências, é produzida por saberes e relações de poder assimétricas, mas passíveis de subversão pela beleza da arte com a qual nos deixamos impactar e atuar em nossa própria invenção.

A sexualidade é configurada por nuances para cada sujeito, por diversos agenciamentos, sejam eles tangenciáveis pelo universo aromático, musical, poético, pelas precisões matemáticas, avanços tecnológicos, ou linguagens e composições químicas, pelo descentramento e riquezas da dimensão psicológica. As práticas sexuais estão abertas à maleabilidade do devir. Embora, como aponta Margareth Rago,

... o desejo é pouco pensado e problematizado em nossos estudos, mesmo porque temos ainda operado com categorias pouco flexíveis que dão conta de algumas dimensões das relações sociais, muito mais racionais do que

emocionais, psíquicas, intuitivas, sentimentais e afetivas, o que sem dúvida empobrece demais a experiência humana (RAGO, 2013, p. 92).

O sexo é o exercício de afirmação política de um corpo em sua extensão, e não a redução aos órgãos reprodutivos, considerados exclusivamente os órgãos sexuais autênticos. Na busca de desconstrução dos princípios heteronormativos, argumenta Preciado:

A contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade (PRECIADO, 2014, p. 23).

Contudo, precisamos considerar que o caminho para realizar a pretendida desconstrução da normalização sexual, por meio da contrassexualidade, conforme propõe Preciado, é longo e trabalhoso, encontrando-se por percorrer. O sexo ainda é tido por uma grande maioria de sujeitos como ferramenta política a favor da manutenção da sexualidade reconhecida como ordeira, padrão, desejável, determinada e fixa; logo, heterossexual.

Entendimento que pressupõe que a vivência da sexualidade deva ser uma prática balizada segundo as normas sociais. Sempre aberta, estampada, revelada, para poder ser digna de se adentrar na ordem heterocentrada; as dissidências mantidas nos guetos, escondida em sua considerada sujeira.

É ainda amplamente propagado e ressaltado como postulado universal a prática sexual desejável, ou seja, o encontro coeso dos corpos genitalmente encaixáveis. Em outras palavras, a constituição histórica da heterossexualidade postulou como verdade que um corpo masculino portador de um pênis deva exercer sua sexualidade no encontro harmonioso com o corpo feminino, com sua vagina receptiva, à espera do órgão genital aclamado oposto.

Entretanto, sabemos que os órgãos sexuais pênis ou vagina não dizem da sexualidade de ninguém, nem tampouco de sua orientação sexual. Em oposição à perspectiva de naturalização do sexo e gênero, Preciado sugere que esses “... deveriam ser considerados como formas de incorporação prostética que se fazem passar por naturais, mas que, em que pese sua resistência anatômico-política, estão sujeitos a processo de transformação e de mudanças constantes” (PRECIADO, 2014, p. 166).

Um genital não define o reconhecimento de gênero de um sujeito. O que em parte nos indicam fragmentos da 15ª carta de Dom, cujo título já nos leva a pensar que *o uso*

de todos os sentidos se opõe a restritividade do sexo genital. Porém, apenas em partes, pois também sua carta nos mostrará o contrário, a aguçada necessidade de adequação à coerência com o corpo masculino tido como verdadeiro.

Não possuir o corpo que se deseja e gostaria que seu gênero de identificação portasse, certamente constitui-se para muitas pessoas em uma barreira para a realização sexual, pois independente da orientação sexual da pessoa transexual, ela não vê em si o corpo desejado, não pode fitá-lo frente ao espelho e sentir contentamento.

Sabemos que tradicionalmente o corpo biológico é aclamado como matéria prima da relação sexual, é com o corpo, por toda sua amplitude e maleabilidade desse corpo, que a sexualidade se exerce. O corpo é máquina que faz funcionar os prazeres e orgasmos. É a potência tecnológica que comparece ao ato sexual, independentemente de suas particularidades e características. Comparecer ao ato sexual compreendendo que sua máquina, ou seja, seu corpo, não é o corpo com o qual se identifica, certamente não é uma experiência simples, fácil de ser subvertida. Afinal, façamos a seguinte conjectura: você que se identifica com seu corpo de nascimento, e o gênero a ele atribuído, gostaria de animar outro corpo, contrário a de seu nascimento e identificação? Sentir-se-ia confortável em comparecer ao ato sexual com o corpo que não reconhece como seu? Ou estaria capturado, intimidado pela denúncia de um corpo falso, que desmente o gênero afirmado para si?

Sabemos que a produção heteronormativa reforça a existência conflituosa das pessoas transexuais, acentua a sensação de se reconhecerem como monstruosidades, aberrações. Se estar só perante o espelho se constitui um desafio, despir-se perante outra pessoa é assumir um corpo temido, rejeitado, execrado. Sensação que leva Dom a expor: “Nunca tirei a roupa para me deitar com uma mulher e nem mesmo com os três homens que passaram pela minha vida” (ANEXO 15). O corpo é velado, pois é a vergonha materializada, assim, expõe seu conflito: “... além da minha limitação social, experimentei o amargo da minha limitação física também” (idem).

Como então colocar em funcionamento essa máquina, essa ferramenta que não foi escolhida, desejada, como fazê-la atuar se a vergonha está anunciada? No caso dos transhomens, como subverter a falta do órgão sexual tido como central? Em alguma medida nosso colaborador expõe que é possível o uso de todos os sentidos em detrimento da peça *glamorizada*, o pênis. Delineia:

Quando me deito com uma mulher, sinto enrijecer o membro que me falta no corpo, porém diante da impossibilidade de usá-lo, tenho que **usar todos os sentidos** para chegar ao prazer. Nesse momento sou um leão desejando uma caça. As curvas de um corpo feminino, a delicadeza dos pelos púbicos, o perfume, o movimento do corpo, o calor da pele, sussurros, isso também me dá à certeza de ser quem sou (ANEXO 15).

A masculinidade de Dom Ihe é assegurada por meio do seu desejo realizado no ato sexual, conforme exprime: na *certeza de ser quem sou*, nesse caso, homem.

Preciado, ao relembrar postulados do pensamento de Deleuze e Guattari, assegura que “Não nos falta nada. [...] Não nos falta nem o pênis nem os seios. O corpo já é um território pelo qual órgãos múltiplos e identidades diversas se cruzam. O que nos falta é vontade, todo o resto sobra” (PRECIADO, 2014, p. 209). Porém, a contradição e força da exigência identitária que aclama a coerência entre gênero, corpo e orientação sexual produz nos sujeitos a sensação da falta.

Quase sempre acreditamos que nos falta algo, seja em nossa estética, no nosso desempenho profissional, na nossa condição de estabelecer relacionamentos afetivos, em nosso desempenho físico e sexual. Acreditamos sermos seres faltantes, pois os saberes tradicionalmente científicos, a exemplo das ciências médicas, psicológicas e psicanalíticas, nos produzem, recorrentemente, como seres faltantes. O que nos remete a vivermos na incansável e falsa busca daquilo que muitas já temos, mas que por naturalizarmos o funcionamento dos corpos, os compreendemos como incapazes. Essa é uma estratégia do sistema heterocentrado, uma vez que:

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossexual que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas (PRECIADO, 2014, p. 25).

Talvez, como sugere Preciado (2014), devêssemos buscar ferramentas tecnológicas para potencializar a capacidade de nosso corpo, colocarmo-nos como seres prostéticos e não faltantes. Operar nosso corpo com o apoio da tecnologia em busca de novas vias de obtenção de prazer.

O uso do *dildo*²⁶ é defendido como um exercício político da contrassexualidade, uma ferramenta de desconstrução do sistema heterocentrado. Contra a suposta falta do

²⁶ A respeito da definição do que é *dildo* retomar página 106.

pênis, em sua grandiosidade, articula-se sua multiplicação, a produtividade expoente do pênis como estratégia de subversão ao engendramento heteronormativo. Em outras palavras, é como se com sua proposta de ascensão expoente do pênis elevasse o falo à multiplicação enésima de si. Nessa direção, discorre Preciado:

Durante o primeiro período de estabelecimento da sociedade contrassexual, o *dildo* e todas suas variações sintáticas – tais como dedos, línguas, vibradores, pepino, cenouras, braços, pernas, o corpo inteiro etc. –, assim como suas variações semânticas – tais como charutos, pistolas, cacetes, dólares etc. - serão utilizadas por todos os corpos ou sujeitos falantes no âmbito dos contratos contrassexuais fictícios, reversíveis e consensuais (PRECIADO, 2014, p. 37).

Os *dildos* aliados às tecnologias prostéticas permitem ampliar e multiplicar a materialidade dos corpos, os quais poderão resistir às dominações normativas da sociedade heterocentrada. Mesmo os corpos em práticas heterossexuais poderão romper com os lugares fixos, centrados e biologizantes da sexualidade restrita ao eixo gonadal do corpo.

Movido pelo ímpeto do desejo, e buscando romper os limites do preconceito, Dom afirma que “Chega um momento que só as mãos e a boca não fazem mais o mesmo efeito das primeiras noites quentes de amor” (ANEXO 15). O que o leva a colocar em prática os exercícios contrassexuais; utiliza o *dildo* em forma de pepino, cenouras, entre outros objetos. Explica: “As brincadeiras com pepino e cenoura na minha cueca, até certo tempo me excitavam, me fazia sentir mais macho, depois compramos um pênis de silicone, e percebi o quanto ela sentia falta daquilo que meu corpo não tem” (ANEXO 15).

As brincadeiras e subversões realizadas com a multiplicação do falo levaram Dom ao efeito colateral produzido pela recorrência das postulações da ordem heterocêntrica, a qual reitera o lugar de abjeção e marginalização dos corpos dissidentes da norma do sistema sexo/gênero. A satisfação da companheira, no lugar de trazer-lhe contentamento, trouxe angústia ao constituir-se na reincidência da falta, no eco incansável que lhe dizia não ser homem, pois lhe faltava a peça fundamental. Compartilha:

Fiquei muito mal, aquele brinquedo de borracha abalou meu psicológico de macho. Novamente me senti uma aberração da natureza. Percebi que para o meu mal não existe remédio. Jamais terei um relacionamento normal com uma mulher, pois o meu corpo me impõe limitações tanto social, quanto física, e principalmente física (ANEXO 15).

Dom vê a falta do pênis biológico como uma deficiência que não pode ser suplantada por nenhum objeto, seja cenoura, pepino, ou a prótese industrial. Sente-se em

um corpo de mentira por não ter o órgão *legítimo*. Demonstra um posicionamento na contramão daquele defendido pelos princípios contrassexuais. Seu grito e clamor é pela naturalidade do corpo biológico, aquele que não lhe foi dado no nascimento e o impede de viver o gênero identificado para além da realização sexual. Embora subverta a traição de seu corpo biológico e tenha uma vida sexual intensa fazendo uso das práticas contrassexuais, a força normalizadora que impõe verdades a ser cumpridas no exercício sexual persegue Dom, fazendo-lhe sentir um fracasso como homem. Por estar preso nas teias das relações heteronormativas, declara discordar desses paradigmas, acredita na existência carnal, autêntica e viril do pênis biológico. Não compartilha os paradigmas defendidos por Preciado, ou seja, de que:

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais) (PRECIADO, 2014, p. 31).

Em outras palavras, Dom subverte e resiste ao gênero designado em seu nascimento, mesmo com um corpo feminino ousa se afirmar como homem, ainda que por meio de estratégias microscópicas, como o uso de um vestuário reconhecido como masculino, a incorporação da poesia e pseudônimos de poetas e personagens literários para exercer sua condição masculina. Porém, livrar-se do peso do corpo feminino enquanto matéria-prima do ato sexual tem-se constituído em um desafio difícil de confrontar. Enfrentamento vivenciado por muitos homens trans, segundo aponta Bento:

Para os transexuais masculinos, os seios eram a parte do seu corpo interdita às carícias. A identidade, como um jogo de imagens, precisava da confirmação do outro para se estabelecer. A relação sexual se configurava em um desses momentos. A existência de uma subjetividade e de performances vinculadas ao gênero identificado poderia “cair por terra” se o parceiro/a visse e/ ou tocasse suas genitálias. Além de ser apontado como um teste para o parceiro/a, em casos de relações heterossexuais. Caso houvesse interesse pelas genitálias, colocar-se-ia em dúvida a masculinidade/feminilidade do outro (BENTO, 2006, p. 212).

Embora operacionalize as práticas contrassexuais, conforme descreve ao longo de sua 15ª carta, não consegue deixar de ser perseguido pelo fantasma da regulação normativa do sistema sexo/gênero. O que se vê no excerto abaixo:

Naquele momento e até hoje, quando me deito com uma mulher me sinto um homem grande e forte, sinto meu pênis petrificar. Eu sou eu, e tirar a minha

roupa ou deixar que toquem as minhas partes íntimas significa a morte da minha alma, diante da realidade do meu corpo (ANEXO 15).

Dom vive o conflito e contradição, pois afirma experimentar a presença de seu pênis, chegando mesmo a ter a sensação da ereção, portanto, frustra-se com sua ausência física, e por não poder deixar ser tocado em seus genitais. O que o levou, por exemplo, a acreditar ter sido essa a motivação da traição de uma companheira. Compartilha: “... ela me traiu com um ex-namorado. Isso me abalou profundamente, mais uma vez a minha deficiência física provou a minha impossibilidade de dar prazer total a uma mulher” (ANEXO 15).

Dom acredita que pode ser deixado por suas companheiras por não satisfazê-las sexualmente por não ter o pênis. Todavia, esse sentimento não lhe é exclusivo, já que muitas pessoas transexuais temem perderem o afeto ou fidelidade de companheiros/as, o que advém da produtividade da genitalização na sexualidade. Tanto homens como mulheres transexuais vivem esse conflito, conforme argumenta Bento:

O medo de perderem ou de não conseguirem namorados (as) pela falta de uma vagina, nas transexuais, e do pênis, nos transexuais, apareceu em algumas narrativas. Para Andréia, o homem necessita de "sexo vaginal". Ela se relaciona com um homem que vive com uma mulher não transexual. A necessidade de ter uma vagina para suprir suas necessidades sexuais foi o sentido que Andréia atribuiu a essa "vida dupla" do companheiro (BENTO, 2006, p. 199).

Dom passa a recusar o uso da prótese peniana em suas práticas sexuais para não se sentir diminuído perante o espectro do órgão verdadeiro e considerado central na vertente normativa. Sente que a presença do *dildo* se constitui como uma prova de sua não virilidade e potência masculina autêntica, verdadeira, especialmente se o *dildo* se configurar em um objeto com formato similar ao do pênis. A falta fica evidenciada, pois está movido pela lógica de que “... Um ato sexual sem pênis não pode ser considerado verdadeiramente sexual” (PRECIADO, 2014, p. 78).

Por sua vez as lésbicas ortodoxas, ou separatistas, conforme nomeia Preciado (2014) são movidas pelo pressuposto de que o *dildo* “... é como signo lamentável, carregado de padrões patriarcais e falocêntricos na sexualidade lésbica” (PRECIADO, 2014, p. 73-74).

Para Dom o *dildo* relembra aquilo que ele não possui e deseja ter incorporado a seu corpo, para as lésbicas ortodoxas representa o poder fálico e machista que tentam manter avidamente à distância. Especialmente por compreenderem que “Na mística da

supremacia vitoriosa da pulsão sexual masculina, qual seja, o pênis-de-vida-própria, está enraizada a lei do direito sexual masculino às mulheres...” (RICH, 2010, p. 32).

Dom deseja acima de tudo o pênis que não tem, as lésbicas radicais criticam e denunciam qualquer prática sexual lésbica que faça uso de *dildos* por acreditarem que esse é uma referência à cultura machista e heteronormativa que buscam desconstruir. Ou seja, “... argumentam que o *dildo* reintroduziu o poder fálico e machista, e que não é senão a projeção de um desejo masculino, e inclusive feminino, na sexualidade lésbica” (PRECIADO, 2014, p. 74).

Por se referirem ao pênis enquanto órgão naturalizado e essencializado ao corpo biológico masculino, ambos os posicionamentos, seja o de Dom, ou das lésbicas ortodoxas, veem e compreendem o pênis envolto no universo fálico e heterossexual. Preciado, ao fazer referência a Butler, exprime que seus argumentos demonstram que “... tanto as lésbicas feministas *antidildo* quanto os discursos homofóbicos repousam sobre um falso pressuposto comum: todo sexo hétero é fálico, e todo sexo fálico é hétero” (ibid., p. 77).

Tais argumentos, assim como os de nosso colaborador, conferem à figura masculina o poder patriarcal do falo. Poder de domínio sobre todos os corpos, masculino, feminino, o corpo adulto, ou da criança. Poder da economia, do Estado, das religiões, o poder que se quer soberano, embora não o seja, já que o poder não está restrito às mãos apenas do dominador, ele transita em todos os corpos e mãos, segundo pronuncia Foucault (2010a). Poder que pode ser subvertido pela sexualidade não heterossexual, em suas multiplicidades, seja pelas pessoas homossexuais, transexuais, lésbicas, bissexuais.

A leitura de Preciado (2014) rompe com o viés lésbico ortodoxo e separatista ao compor o eixo teórico de contraprodução lésbica *queer*. De modo contrário se posiciona a favor do uso rizomático dos *dildos*. Esses devem se alastrar em rotas diagonais, em cada cruzamento deve se multiplicar em novos *dildos*, *dildos* em suas amplas possibilidades e configurações. *Dildo* em forma de pênis, de cacetes, de braços, línguas, pernas, sons, alimentos, borboletas, elefantes, corais no fundo do mar. *Dildo* em qualquer formato material. Seja material físico e não físico; construído pela imaginação e criatividade da estrutura e amplitude psicológica, seja material biotecnológico, a exemplo do próprio corpo humano em sua ampla dimensão. *Dildos*, pênis, usos prostéticos do corpo em seus ilimitados alcances; como bem ressalta Preciado (2014), inclusive o pênis pode ser o *dildo*, assim como pode ser o falo, afinal, o *dildo* considerado enquanto tecnologia sexual

“... ocupa um lugar estratégico entre as tecnologias de repressão da masturbação e as tecnologias de produção de prazer. O *dildo* não é o falo e não representa o falo porque o falo, digamos de uma vez por todas, não existe” (PRECIADO, 2014, p. 78). O *dildo* é o uso e exercício de todos os sentidos.

3.16 A fase da maturidade e a solidão necessária. (Referência principal: 17^a Carta: *Minha vida aos poucos...*/ Anexo 17).

“A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento” (ANEXO 17). Dom nos traz um excerto de uma carta de Fernando Pessoa enviada a Mário de Sá-Carneiro, no ano de 1915, para manifestar seu conflito em relação ao corpo renegado e às limitações impostas para vivência do gênero de identificação. Essa margem *de lá*, a do corpo feminino, enquanto ganha visibilidade na sociedade heterocentrada, nas políticas e maquinaria dos gêneros dicotômicos, cria limitações para que Dom possa viver a margem de *cá*, a do seu gênero identificado. O que nos remete à compreensão de que “... o gênero é um processo de reconhecimento social permanente, cada olhar do Outro funcionava como uma polícia denunciando-a como uma impossibilidade” (BENTO, 2014, p. 58).

Essa denúncia realizada pelo olhar inquisitório do Outro é frisada por Dom, quando nos relata:

Ter que animar um corpo que não é meu, um corpo que não corresponde e não atende as minhas necessidades carnis, sempre me causou um peso desmedido, também por ter que conviver com o preconceito das pessoas e o mal-estar da companheira diante dessas situações intensamente desagradáveis... (ANEXO 17).

Mesmo o surgimento de um novo amor, com duração de seis anos, uma companheira “... menos presa às convenções sociais...” (idem), não retirará Dom das barreiras do preconceito. Novas situações lhe remeterão à conhecida onda de estigmatização, injúrias e desalento frente à transfobia a que quase sempre foi vítima. A respeito da transfobia, Fátima Lima considera que há uma guerra a ser travada cotidianamente no presente, pois:

O confronto não é contra o grande monstro numa batalha final. Os monstros estão a habitar o que há de mais ínfimo no tecido social, estão nas instituições, nos espaços domésticos, nas conversas pretensiosamente fortuitas, nas práticas sociais, nas políticas públicas, nos serviços de saúde, nos divãs psicanalíticos,

nos lares das denominadas “famílias de bem” cujos membros veem noticiários em telas planas como se tudo aquilo nada tivesse a ver com eles. O monstro naturalizou-se (LIMA, 2014, p. 54).

O monstro da exclusão, da discriminação e transfobia é percebido de maneira naturalizada quando encontramos as pessoas livres, e livres no sentido de qualquer impedimento legal, para emitirem palavras ofensivas, ridicularizarem, agredirem fisicamente, matarem as pessoas que escapam aos lugares fixos para as sexualidades e gêneros. O corpo e a sexualidade, quando fogem ao esperado pela norma heterossexual, funcionam como passe livre para o ataque feroz às diferenças sexuais e de gênero. O que torna uma violenta ação de transfobia, praticada por uma senhora em um retiro espiritual, aceita na sociedade heterocentrada. Afinal, o monstro não é ela, o monstro é o dissidente da norma, conforme nos conta Dom:

Certa vez estávamos em um retiro espiritual, quando uma senhora me abordou dirigindo ofensas sem tamanho, questionando se eu não tinha vergonha de ser assim, dizia aos berros que eu tinha aparência de um homem esquisito, e que eu deveria mudar meu jeito de ser e de me vestir para não envergonhar as pessoas ao meu redor. Aquela senhora estava de fato muito irritada com a minha presença naquele lugar (ANEXO 17).

Ser surpreendido com uma agressão realizada por uma senhora, a quem, por uma conduta ética de nosso colaborador, jamais iria confrontar, ainda que estivesse sendo escorraçado de um local público, simplesmente por um ataque ao corpo apresentado, o faz sentir-se, além de humilhado, desestimulado perante sua condição. Especialmente, devido a ter enfrentado ao longo de toda sua história de vida um processo de rejeição na família, no trabalho, dos/as amigos/as, nas relações amorosas. Dom nos afirma: “Isso sempre foi uma grande ofensa para meu ego. É o que faz a minha vida ser em goles, aos poucos, e o que me dói profundamente” (ANEXO 17).

Nosso colaborador expressa uma queixa do que chama de *vida vivida aos poucos, aos goles*; expõe: “... o que me leva a crer que eu jamais terei uma vida vivida continuamente. Sempre estarei morrendo e renascendo” (Idem).

Mas qual vida não é vivida aos poucos, em devir? Já que “O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 24). Especialmente aquelas vidas que buscam se reinventar, sair da linha dos territórios já conhecidos, que buscam a expansão e alegria de um viver não aprisionado às convenções, às totalidades, aos absolutos.

Essa crença de que estamos determinados a uma chegada previamente traçada é ilusória, uma vez que “Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer numa totalidade de destinação” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 62). Nosso corpo é múltiplo, maleável, plástico; nossa sexualidade se constitui por experimentações contínuas. Nosso encontro com nossa constituição é um encontro diário; nossa vida é perplexa para nós mesmos, pois nossas verdades são frágeis naturalizações fabricadas por jogos de saber e poder; os postulados que incorporamos quase sempre são desmentidos perante os confrontos vivenciados. A vida se embaralha o tempo todo, fazendo com que nossas convicções sobre nós mesmos sejam desmentidas. A exigência de nascer e renascer a todo o momento, como afirma nosso colaborador, é a própria operação de experimentar-se, redescobrir-se perante o mosaico a que somos reiteradamente capturados e produzidos em nosso corpo, desejo, sexualidade, pensamento. A força a se realizar sobre as forças normativas que tentam capturar nosso corpo, sexualidade, gênero é um exercício contínuo, muitas vezes angustiante, mas necessário, pois “O deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 24).

A morte do pai, da mãe, a exaustiva condição de se ver no comando doméstico de uma casa, e da educação da/os filha/os adolescente/s, e o fim da relação amorosa levaram Dom a se reconhecer no deserto de si mesmo. Buscava novos caminhos; expõe que: “Nesse momento dramático em que eu vivia, tomei a decisão de ficar só. [...] A solidão também era necessária no sentido de eu me refazer” (ANEXO 17).

Desde o início de sua adolescência, período que teve seu primeiro filho, à tentativa, ou desejo, de construir uma família nuclear com o padre, ao casamento de mais de doze anos com a companheira que o fez pai, à nova parceria de seis anos mostram que de alguma forma Dom buscava o aconchego e suposta calma da conjugalidade. Em particular, uma relação com uma mulher que assegurasse a vivência da masculinidade heterossexual. Recorremos à análise de Suely Rolnik (GUATTARI; ROLNIK, 2013), quando utiliza os personagens da mitologia grega, *Penélope e Ulisses*, - na eterna espera de Penélope por Ulisses, e o constante partir de Ulisses -, para falar sobre o naufrágio da família contemporânea. Afirma que a tentativa de manter a conjugalidade a todo custo se deve a “Essa maldita vontade de espelho. Essa sede insaciável de absoluto, de eterno. Sede que não nos dá trégua, que nos afasta de todos os fios do mundo – humanos ou não – com que poderíamos estar tecendo territórios, nos tecendo” (ibid., p. 243).

Nossa análise não pretende estabelecer um paralelo rígido nesse sentido, pois as relações afetivas constituídas por Dom também potencializaram seu viver, sua masculinidade, em diversos aspectos. Além de que “Penélope e Ulisses somos todos – em diferentes matizes, a cada momento” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 243). Mas, em um dado percurso e trânsito de sua vida, Dom irá perceber que estar sozinho é a força necessária, é o que lhe permitirá tecer a si mesmo com novos fios. Pois “... um dia, o Ulisses – presente em cada um de nós, homens e mulheres – sai de cena: desgarra-se definitivamente de Penélope. Ele não voltará nunca mais. Supera o medo, já não precisa de espelho na espera dela, nem na de ninguém: entrega-se de corpo e alma à desterritorialização” (ibid., p. 246).

Nosso colaborador começa a desvincular sua sexualidade e afetividade da perspectiva naturalizante da família heterocentrada. Seus “relacionamentos passaram a ser somente esporádicos, sem nenhum compromisso, vez ou outra e sempre muito longe do Cerrado, que é pra não estabelecer nenhum vínculo afetivo...” (ANEXO 17). Passa a admitir que não precisa estabelecer, necessariamente, uma relação duradoura com uma mulher para exercer sua masculinidade e paternidade. Em semelhança com a prerrogativa de Preciado, ao alegar que “Hoje, pela primeira vez, se faz necessário repensar o que seria uma paternidade que não necessitasse do sexo para estabelecer laços de filiação e educação” (PRECIADO, 2014, p. 141).

Em seus novos territórios de experimentação, em seu exercício contínuo de morrer e renascer, a poesia é a companheira sempre presente, o fio resistente, o refúgio potente, a alegria necessária, a abertura para outras páginas a serem escritas. Como enfatiza: “... a poesia me salvou, porque sempre foi para mim um refúgio, um encontro comigo mesmo, uma fonte de prazer, uma ferramenta para o esquecimento e uma válvula de escape para minha alegria, o que me mantém vivo” (ANEXO 17).

Mesmo que se vista de Fernando Pessoa e afirme *não ser nada*, que *nunca será nada*, carrega consigo *todos os sonhos do mundo*.

3.17 O atravessamento de múltiplos dispositivos: a formação acadêmica, vida profissional, amizades etc. (Referência principal: **18ª Carta: Como garrafas de naufrago** / Anexo 18).

Sonhar, refugiar-se na poesia, assumir-se como diferentes poetas ao ritmo e clamor de cada enfrentamento. Viver “... à deriva... Como garrafas de naufrago” (ANEXO 18), pode nos indicar que nosso colaborador é um homem dado apenas à fantasia, devaneios e à errância de um andarilho a vagar entre Antares e à magia poética.

Entretanto, na constituição de si, Dom se fez um homem muito prático, objetivo e organizado com a materialidade da vida.

Embora ao longo de nosso trabalho tenhamos feito uso recorrente da noção de dispositivo, gostaríamos de debruçar um pouco mais sobre esse conceito para pensarmos em que medida os trânsitos estabelecidos por nosso colaborador, em suas mais diferentes experimentações de vida, as quais perpassam da brandura poética à praticidade do dinheiro, constituem-se como dispositivos de si.

Tomamos, inicialmente, os estudos do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) a respeito do conceito de dispositivo, quando recorre às análises foucaultianas e, posteriormente, apresenta suas apreciações estabelecendo diferenciações com o sentido dado por Michel Foucault. Recorremos também à crítica tecida por Sandro Chignola (2014) a respeito do entendimento agambeniano acerca do conceito de dispositivo.

Agamben (2009) afirma que este é um termo técnico e decisivo para Foucault, o qual possui uma função estratégica para o filósofo. Relembra, no entanto, que este não desenvolveu uma definição sistemática sobre o conceito. Porém, em uma entrevista em 1977, delineou a respeito, a partir da qual nos traz uma síntese:

Resumamos brevemente os três pontos:

- a) É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c) Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber (AGAMBEN, 2009, p. 29).

O dispositivo busca responder a uma determinada necessidade colocada num dado momento histórico, ele tem “... como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 2012, p. 365). Ele está para além do campo discursivo, está de maneira racional e organizada nas relações de forças, “... seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las etc. ...” (FOUCAULT, 2012, p. 367).

Em uma breve genealogia sobre o vocábulo, Agamben mostra que inicialmente Foucault “... não usa o termo dispositivo, mas o termo, etimologicamente próximo, ‘positivité’, também desta vez sem defini-lo” (AGAMBEN, 2009, p. 29).

Inquieto, o filósofo italiano busca saber onde Foucault teria encontrado o termo ‘positivité’, e verá que o toma de Hegel, via Jean Hyppolite, que havia sido seu professor, e era considerado como um mestre.

Agamben argumenta que:

Em particular, o termo “positividade” tem em Hegel o seu lugar próprio na oposição entre “religião natural” e ‘religião positiva’. Enquanto a religião natural diz respeito à imediata e geral relação da razão humana com o divino, a religião positiva ou histórica compreende o conjunto das crenças, das regras e dos ritos que numa determinada sociedade e num determinado momento histórico são impostos aos indivíduos pelo exterior (AGAMBEN, 2009, p. 30-31).

Percebemos por meio da interpretação de Agamben que Hegel está preocupado com a pureza da razão, com sua liberdade comprometida pela coerção social e histórica do que nomeia de positividades. Desse modo, busca conciliar a positividade com a razão; preocupação que não interessa a Foucault.

Se positividade é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos, então Foucault, tomando emprestado este termo (que se tornará mais tarde “dispositivo”), toma posição em relação ao problema decisivo, que é também o seu problema mais próprio: a relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras que se concretizam as relações de poder. [...] Trata-se para ele, antes, de investigar os modos concretos em que as positividades (ou os dispositivos) agem nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder (AGAMBEN, 2009, p. 32-33).

Para Agamben (2009) o grande interesse de Foucault ao recorrer ao termo *positivité*, o qual se desdobrará no conceito de dispositivo, é pensar como os indivíduos se relacionam com o campo social em seu conjunto institucional, e particularmente, como a produção da subjetividade é perpassada por relações de poder.

Na apreciação de Agamben, em oposição às categorias universais, essencializadas e centralizadas, como a Lei, o Estado, o Poder, a Soberania, Foucault vale-se do conceito de dispositivo. Ou seja, “Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais...” (AGAMBEN, 2009, p. 33).

A interpretação aqui realizada pode nos trazer alguma inquietude ao sermos convidados a situar Foucault próximo a um campo epistemológico das categorias unificadas, totalizadas e universais, uma vez que a elas se opunha. A esse respeito Sandro Chignola é contundente:

Parece-me, portanto, que quando Agamben, no decorrer de sua palestra, qualifica o termo “dispositivo” como o último universal presente em Foucault, isto não se justifica [...] Para Foucault cada dispositivo é um posicionamento; o modo pelo qual se realiza a multiplicidade segundo a singularidade que é uma sua característica e que a distingue de outros processos em outros dispositivos (CHIGNOLA, 2014, p. 10).

Voltando ainda às análises de Agamben, quando busca responder à trajetória mais moderna do termo dispositivo, recorre ao que chama de genealogia teológica da economia. Utiliza-se da teologia cristã para explicar como o termo grego *oikonomia*²⁷ terá uma íntima correspondência com o termo dispositivo. “*Oikonomia* significa em grego a administração do *oikos*, da casa, e, mais geralmente, gestão, *management*”. (AGAMBEN, 2009, p. 35). Para a teologia cristã a preocupação era explicar como Deus pode ser Uno, e ao mesmo tempo tríplice, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo. Deus seria o ser supremo, mas em seu modo de se relacionar como a humanidade e de administrar a casa humana, recorre a *oikonomia* que é ação, nada substancial enquanto Ser. Logo, nesse aspecto, é tríplice, pois se estende à pessoa do Filho e do Espírito Santo. Mais tarde, não bastará ao homem recorrer ao Ser Supremo para conquistar sua salvação, ele necessitará da *oikonomia* trinitária para conquistá-la. Desse modo:

O termo latino *dispositio*, do qual deriva nosso termo “dispositivo”, vem, portanto, para assumir em si toda a complexa esfera semântica da *oikonomia* teológica [...] O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser (AGAMBEN, 2009, p. 38).

Após realizar o desenvolvimento genealógico proposto, Agamben (2009) nos convida a abandonar o entendimento foucaultiano de dispositivo e caminharmos a partir de suas novas elucidações. Entre elas realiza uma divisão entre o que chama “... de um lado, os seres vivos (ou, as substâncias), e, de outro, os dispositivos em que estes são incessantemente capturados” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

²⁷ “... um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens” (AGAMBEN, 2009, p. 39).

Por meio dessa diferenciação, ou relação, entre seres vivos e os dispositivos, resulta o sujeito, o qual é atravessado por inúmeros e diferentes dispositivos, os quais operam a arquitetura de uma multiplicidade de subjetividades.

A especificidade do dispositivo, enquanto ferramenta produtiva, nos leva a vinculá-lo a nosso objeto de estudo, pois compreendemos e buscaremos explicitar mais a frente como esses dispositivos “... devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito” (ibid., p. 38). Consideramos que na produção da subjetivação de nosso colaborador, esse é atravessado pelos mais diferentes dispositivos; de fato, como é comum a todo sujeito. Entretanto, interessa-nos mostrar um pouco como essa vastidão de dispositivos se operacionalizam, seja na tentativa de captura e de assujeitamentos, como também e, sobretudo, nos processos de fugas e subversões na escrita de sua transmasculinidade.

Agamben chama “... literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (idem). A definição utilizada busca extrapolar o sentido mais conhecido emitido por Foucault para caracterizar conhecidas instituições que operam na captura dos sujeitos, sejam, “... as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc.” (AGAMBEN, 2009, p. 40-41).

Em nossas análises buscamos evidenciar como tais dispositivos descritos por Foucault atuaram ou atuam intimamente na produção subjetiva das masculinidades de João W. Nery, Jô Lessa, Anderson Herzer e Dom. Lembramos, por exemplo, que as prisões, os manicômios, o Panóptico, as disciplinas, as medidas jurídicas foram dispositivos intensamente presentes na história de vida de Jô Lessa e Anderson Herzer, particularmente no período em que foram internos na extinta FEBEM. As medidas jurídicas fizeram João Nery perder sua identidade profissional como psicólogo e, desse modo, atuar profissionalmente em inúmeros setores distintos daquele de sua formação acadêmica. Igualmente, se submeteu a ser uma cobaia humana quando o processo transexualizador não era ainda legalizado, na década de setenta. Por sua vez, Dom tem na teia do poder exercido pela escola, confissão, instituição familiar, densos dispositivos a operarem estratégias de produção de seu corpo, sexualidade e gênero.

Agamben realiza uma espécie de atualização dos dispositivos foucaultianos e propõe que esses correspondem a uma infinidade de objetos, expressões artísticas,

linguagens, pensamentos, pessoas. Eles proliferam e se alastram configurando-se nas mais diferentes formas, seja “... a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares, e – por que não – a própria linguagem” (AGAMBEN, 2009, p. 41).

Essa inovação nos interessa, particularmente, ao realizarmos nossas apreciações a respeito das últimas cartas de nosso colaborador e, nesse momento, em relação à sua décima oitava carta.

Se uma caneta, um papel, um celular, a literatura podem ser dispositivos, inferimos que estes se encontram fartamente presentes nos processos da escrita de si de nosso colaborador. A poesia, talvez seja esse dispositivo preponderante que encontramos na tessitura de Dom, contudo, não apenas ela. Por exemplo, o dinheiro, menos discorrido em sua narrativa, é também um dispositivo central na arquitetura de si, e de sua masculinidade. Conforme podemos ler em sua exposição:

Nesse sentido, não demorou muito para eu entender que a liberdade também tem seu preço monetário, ou seja, sem o dinheiro ninguém é livre [...] Dinheiro se obtém unicamente por meio de trabalho e deve ser guardado para eventuais necessidades e não para ostentar luxo [...] Mesmo com o coração coberto de neve, parti a geleira da solidão e trabalhei muito para dar conta das minhas responsabilidades de chefe de família e conquistar alguns bens materiais; casa, terrenos, como segurança de vida para os meus (ANEXO 18).

Sabemos que tradicionalmente em culturas patriarcais e machistas é mandatório que o homem exerça as funções de mantenedor da família, sobretudo, no sentido econômico. Particularmente, por ter que atestar recorrentemente sua masculinidade, como o faz desde o período da infância, Dom se vê impelido a conquistar bens materiais e ter sempre a reserva do dinheiro para sua segurança e de sua família. Nesse aspecto é bastante pragmático e organizado. Relata ter hoje uma vida tranquila, após ter se graduado em geografia e ter sido aprovado em concurso público na área administrativa. O que não lhe é impedimento para “Mesmo trabalhando no setor administrativo, quando necessito aumentar meus rendimentos, à noite trabalho de garçom em bares e pizzarias” (ANEXO 18). O dinheiro se configura como um dispositivo, uma força que incide em outras forças que buscam exercer a captura de seu corpo e de sua masculinidade. O dinheiro passa a funcionar, em algumas circunstâncias, como uma ferramenta de subversão ao preconceito, ele fratura um pouco dos olhares discriminatórios, ao adquirir bens, serviços e acessos.

Todavia, como assinala Agamben, “... um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-global etc.” (AGAMBEN, 2009, p. 41). O que nos permite compreender que nosso colaborador tem na escrita de si a marca de uma multiplicidade de dispositivos; seja a literatura, o dinheiro, as amizades, a poesia, a vestimenta tradicionalmente masculina, as professoras enquanto inimigas, mestras, amantes e companheiras etc.

Ao levantar o questionamento de que modo, e quais estratégias devemos ter perante os dispositivos, Agamben responde que “Isso significa que a estratégia que devemos adotar no nosso corpo a corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum” (ibid., p. 44).

Avaliamos que a estratégia a ser utilizada é o enfrentamento por meio de vias desviantes, rotas de fuga, novas elaborações, um dobramento dos dispositivos que buscam nos capturar. Ao subvertê-los damos-lhes outra roupagem. Por exemplo, o *dildo*, objeto prostético defendido como essencial nas práticas sexuais por Preciado (2014), se configura como um dispositivo subversivo diante da captura dos corpos, gêneros e sexualidades pela sociedade heteronormativa.

Entretanto, Agamben, ao finalizar suas considerações a respeito dos dispositivos, se distancia ainda mais do entendimento foucaultiano, pois compreende que os dispositivos, na atual fase do capitalismo “... é uma máquina de dessubjetivação radical, considerando um complemento da estrutura de soberania que funciona como uma máquina biopolítica absoluta” (CHIGNOLA, 2014, p. 15).

Se os dispositivos se multiplicam ilimitadamente e produzem novas subjetividades, não significa que a esses o sujeito se prenda de forma inerte e passiva, igualando subjetivação à dessubjetivação, como defende Agamben (2009). Uma vez que os dispositivos exercem suas forças em atravessamentos de poder e, como já sabemos, o poder é circular e não soberano. O sujeito a eles escapam, ou por meio deles fabricam uma arma de enfrentamento em relação a outros dispositivos. Chignola relembra que:

Por isso o termo foucaultiano que identifica o sujeito, quando prevalece na sua análise não o mecanismo de subjugação, a fábrica do sujeito que saberes e poderes colocam em movimento dobrando a sua resistência, disciplinando a força, normalizando o excesso de vida, mas o caminho pelo qual o sujeito se faz e se produz livremente, não como uma consciência ou interioridade, mas

como um projeto ou uma flexão da inventividade e da liberdade, tornando-se o “processo de subjetivação” (CHIGNOLA, 2014, p. 9).

Corroborando essa perspectiva, assinalamos, por exemplo, que nosso colaborador tem contra o aprisionamento e controle de sua identidade de gênero realizado por inúmeros dispositivos, o uso das paixões, das experiências sexuais inesperadas que se desdobram em novos e potentes dispositivos. Esses permitem, por algum tempo, o traçar de rotas de fugas intensas, uma vez “... que o dispositivo, para funcionar, deve ligar-se à liberdade do sujeito para compatibilizá-la, governá-la, orientá-la para uso geral, mesmo considerando-a como algo intransponível para o poder” (CHIGNOLA, 2014, p. 14).

Se por um lado Dom se afirma por meio da identidade de diferentes poetas, por outro, tem na voz feminina a presença sedutora que incita sua masculinidade, fazendo-a cada vez mais viva. A interpretação e voz de cantoras femininas se constituem como dispositivos vibrantes. Transpassa a leitura e vivência dos poetas com o deleite do som e interpretação das cantoras preferidas, como destaca:

Quando ouvi Amália Rodrigues, pela primeira vez, tive a certeza de quanto o drama me atrai e me excita. A poesia, a melodia, o ritmo, a sensualidade marcada pela personalidade da voz feminina me arrepiam. Parte da minha emoção e alegria de viver está no Jazz, no Fado, na MPB, e outros ritmos que evidenciam grandes vozes femininas no mundo inteiro, como exemplos, na América Latina, Mercedes Sosa, Omara Portuondo, Dalva de Oliveira, Elis Regina, Maria Bethânia, Alcione etc. Na América do Norte, Joan Baez, Nina Simone, Aretha Franklin... Na África, Miriam Makeba, Cesária Évora..., na Europa, Amália Rodrigues, Concha Buika, Nana Mouskouri, Montserrat Caballé..., no mundo Árabe, Dalida e tantas outras. Todos esses nomes têm tudo que me atrai em uma mulher, de certa forma todas as mulheres com que me relacionei têm muito desses nomes (ANEXO 21).

A universidade também se estabelece como um forte dispositivo, pois lhe possibilita certa acolhida no contato com o universo das homossexualidades e de novas amizades não afeitas à misoginia, sexismo, machismo, homofobia, ou LGBTfobias²⁸. Pormenoriza:

... a universidade me fez enxergar a vida de outro ângulo, e ter outra postura em relação a minha condição [...] aos poucos a Universidade me mostrava que ser homossexual não era tão estranho aos olhos de muitos, o que facilitou algumas poucas amizades que prevalecem até nos dias de hoje. [...] conheci também uma garota que se dizia igual a mim e que tinha um romance com outra menina, as quais se tornaram grandes amigas (ANEXO 18).

²⁸ Esta sigla é uma referência à homofobia, entendida em sentido amplo, praticada contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.

Se durante boa parte de sua vida escolar, vê-se vítima de preconceitos e exclusões, como aconteceu durante o Ensino Médio, em que categoricamente as amigas lhe intimaram a ter um namorado, pois não queriam ter amizade com uma lésbica, no período da universidade essa não será uma problemática. Se o preconceito em relação a si mesmo era enorme, como menciona: “... a universidade me fez enxergar a vida de outro ângulo, e ter outra postura em relação a minha condição” (ANEXO 18).

A escola e as professoras se constituíram muitas vezes como dispositivos de captura, porém Dom não se deixa aprisionar, como já dissemos, faz das professoras suas aliadas em um dado momento de sua vida. O fato de ter filhos/a biológicos, ainda que esse não fosse seu desejo como homem, fará de sua relação parental uma aliada para assumir arduamente um papel de mantenedor da família, da casa. Sua masculinidade ganha vida, os dispositivos que poderiam lhe abater são rasgados por um conjunto de forças minoritárias, de novos dispositivos, ou seja, a poesia, a música, o dinheiro extra do trabalho como garçom, a casa adquirida, a poupança assegurada, os amigos de bar, as companheiras, a veste masculina. Ou seja, como argumenta Chignola, “Estamos sempre amarrados a dispositivos, mas dentro deles agimos e isso significa que, em cada situação em que nos encontramos, é necessário distinguir o que somos – isto é, aquilo que de fato não somos mais – e o que seremos” (CHIGNOLA, 2014, p. 9).

Podemos afirmar que o preconceito, a desilusão, os conflitos, a tristeza por não ter o corpo desejado, e nem sempre ser reconhecido socialmente como homem, não fizeram Dom negar a vida, ou se assujeitar. Ao contrário, ele escreve e reescreve seu itinerário, mesmo na contramão da sociedade heterocentrada, ele escreve a si mesmo. Aos poucos deixa-se impactar por novos dispositivos e rompe-os em linhas de fuga quando esses querem capturá-lo. Conforme nos fala: “Mesmo não rompendo as amarras do preconceito que ainda existe em mim, eu quis viver melhor, mudei, cresci, e levo a vida que vivo à deriva... Como as garrafas de naufrago” (ANEXO 18).

Na análise das últimas cartas redigidas por Dom colocaremos em discussão como nossa pesquisa e a participação de nosso colaborador, ao aceitar relatar e compartilhar sua história de vida se constitui também como um forte dispositivo na escrita de si. Do mesmo modo, buscaremos apontar como sua inserção no processo transexualizador passa a atuar como um dispositivo.

3.18 Apreciações sobre a participação nesta pesquisa e a inserção no processo transexualizador. (Referências principais: **19ª Carta:** *Ser ou não ser, eis a questão!* / Anexo 19 & **20ª Carta:** *Há um virar de página em minha vida* / Anexo 20).

Dom, criador dos moinhos de ventos de sua existência, compartilha conosco que sua vida é uma invenção, o que reconhecemos como bastante positivo, pois uma vida estática, silenciada, e dada de antemão é enfadonha, morta e ressentida²⁹. Para se inventar é preciso sonhar, não de forma quimérica, mas um sonho tecido por experimentações, por marcas de pegadas frisadas, suadas, vistas e sentidas no chão da terra percorrida.

Nosso colaborador sente que a falta de causalidade entre seu corpo biológico e o gênero reconhecido lhe fez forjar uma vida de aparências, uma vida falsificada, a qual o levou a refugiar e negar sua existência, sua masculinidade. Conforme nos relata:

Sempre me refugiei em fantasias, criei uma imagem perfeita de mim mesmo, finjo tão completamente que chego a sentir que sou de fato a soma de todos os poetas, sobretudo Fernando Pessoa, e assim sendo, julgo poder controlar todos meus impulsos e sentimentos, porque sou inventado (ANEXO 19).

Entretanto, como já discutimos, tomamos suas rotas de fugas como subversão e reinvenção de novos modos de vida. Ousamos dizer, após ruminar um pouco de Nietzsche (1974), que somos todos inventados quando queremos assumir o poder que desejamos ter em nossas mãos, ou as vontades e desejos que correm ávidos em nós. Não queremos nunca nos sucumbir, ainda que por vezes assim parecem indicar nossas estratégias. Desejamos, ao contrário, nos afirmar, afirmar a vida em sua potência, em sua alegria. Como ressalta Nietzsche “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei vontade de ser senhor” (NIETZSCHE, 2011, p. 109). Para isso nos inventamos, como o artista inventa, cria sua obra de arte. Quem não faz a si mesmo como uma obra de arte e afirma uma vida alegre e potente, apenas se ressentente; se ressentente, por exemplo, aderindo às regras e códigos mais violentos da sociedade heterocentrada, sem mesmo contestá-los.

Talvez, nessa altura de nosso texto, ainda sejamos tentados/os a questionar se nosso colaborador não tenha se sucumbido, abaixado a cabeça, incorporado passivamente todos os códigos da sociedade heterocentrada que lhe impuseram um gênero de

²⁹ Utilizamos o termo *ressentimento* a partir da perspectiva desenvolvida por Friedrich Nietzsche (1998) em *Genealogia da moral – Uma polêmica*. Categoria problematizada no texto: *A moral do ressentimento e as práticas discriminatórias na diversidade sexual* por Pamplona & Dinis (2013).

nascimento. O que temos a manifestar é que não existe retilineidade, somos misturas, pois não há isenção na captura, assim como não há correntes tão rígidas que não possam ser quebradas. Entretanto, para se romper aço, certamente se exige alguma ação, algum esforço para elaborar modos de sobrevivência e resistência às forças assujeitadoras, ainda que, aparentemente, se aja na contramão do que se almeja. É preciso “Que eu tenha de ser luta e devir e finalidade e contradição de finalidades: ah, quem adivinha minha vontade, também adivinhará os caminhos *tortos* que ela teve que percorrer!” (NIETZSCHE, 2011, p. 110).

Quando Dom nos fala ser inventado, fala-nos da invenção de sua masculinidade, a partir da performatividade de um corpo masculino que muitas vezes considera ser apenas aparente, já que o carimbo social não o atestou nos protocolos da moralidade e legalidade. A respeito da aparência, assim nos fala Nietzsche:

O que é agora, para mim, “aparência”! Na verdade, não o contrário de alguma essência – o que sei eu dizer de qualquer essência, a não ser, justamente, apenas os predicados de sua aparência! Na verdade, não uma máscara morta, que se poderia pôr sobre um X desconhecido e que também se poderia retirar! Aparência, para mim, é o próprio eficiente e vivente, que vai tão longe em sua zombaria de si mesmo, a ponto de me fazer sentir que aqui há aparência e fogo-fátuo e dança de espíritos e nada mais... (NIETZSCHE, 1974, p. 202).

O que a partir da construção de Nietzsche queremos propor é que a sociedade heterocentrada é apenas a tentativa de se afirmar como uma essência naturalizada, quando, na verdade, não passa da *aparência* que outorga às diferenças. Para se afirmar necessita se reiterar constantemente, ainda que seja negando as multiplicidades e as rotulando de aparências decompostas da *verdadeira* sexualidade, do *verdadeiro* gênero. O que aqui está em questão é a fábrica de vidas, de sujeitos, de elaborações de subjetividades, e de assujeitamentos. Ou, por outro lado, de vidas afirmativas, potentes, invenções e quebras da política do sistema sexo/gênero. Como postula Preciado (2014), é necessário colocar em prática princípios contrassexuais. Para isso compreendemos ser imprescindível criar e recriar a si mesmo, em um exercício trabalhoso e minucioso, pois “É preciso perceber que todo processo de assujeitamento traz possibilidades de subversão e esta potência de subverter é a potência criativa da vida, a garantia de que a própria vida só é vida porque pode ser subvertida e reinventada” (LIMA, 2014, p. 85). Dom encontra-se nesse processo, a respeito do qual declara:

Hoje sou Hamlet, extremamente perdido em meus questionamentos, e como disse Guimarães Rosa – O trágico não vem a conta-gotas, e viver é muito

perigoso. Minha vida tem se dado em um vendaval de acontecimentos, devastando meu mundo de solidão em Antares (ANEXO 19).

Sim, viver uma vida potente é perigoso! Pois adentramos, ainda que por meio de alianças e políticas minoritárias, em disputa com vários campos de poder. Subverter é propor um novo modo, é abrir a página do acaso, sair em disparada rumo ao aberto e desconhecido. O que de algum modo Dom vem realizando em diferentes momentos de sua vida, embora não perceba dessa maneira, já que reverbera:

Hoje, pensando em tudo que vivi, posso dizer que fugi a todos os enfrentamentos que a vida de certa forma me impôs. Por excesso de reflexão, para não decepcionar meu núcleo familiar e a sociedade em geral, saí do meu caminho. Condenei a minha alma a viver para todo sempre na clandestinidade, me sujeitando sempre ao real da vida alheia (ANEXO 19).

Se Dom tivesse se assujeitado, certamente teria assumido o gênero imposto no nascimento, seria a Mara; não estaria a fazer parte dessa pesquisa como nosso colaborador. Tampouco no meio de mais um agudo conflito, a questionar-se como Hamlet:

Ser ou não ser - eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E, combatendo-o dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com sono - dizem – extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer – dormir –
Dormir! Talvez sonhar... Ai está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
As pontadas do amor humilhado, as delongas da Lei,
A prepotência do mando, e o achincalhe
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos,
Gemendo e suando numa vida servil,
Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos pra outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz todos nós covardes.
E assim o matiz natural da decisão
Se transforma no doentio pálido do pensamento.

E empreitadas de vigor e coragem,
Refletidas demais, saem de seu caminho,
Perdem o nome de ação. (*Vê Ofélia rezando.*)
Mas, devagar, agora!
A bela Ofélia!
(*Para Ofélia*). Ninfa, em tuas orações
Sejam lembrados todos os meus pecados (SHAKESPEARE,
1999, p. 63-64).

A angústia de Hamlet é se mesmo na morte, em sonho, se reviverá o indesejável e torturante dilema da vida. Conjectura que levanta a consideração de que se no sono da morte não houver a finitude dos conflitos continuaremos a reviver tudo o que em vida já atravessávamos. Logo, em hipótese, se houvesse conflitos em vida, esses não se resolveriam na morte, tampouco, qualquer dor cessaria. Pegar em armas, em diferentes armas, talvez pudesse ser uma saída mais plausível. Compreendemos pegar em armas como um modo de enfrentamento às condições indesejáveis. Muito embora, ressaltamos não nos opormos à saída da morte, apenas nos referimos à clássica encenação shakespeariana, aqui retomada como epígrafe da carta 19ª de nosso colaborador, para a relacionarmos a um caro conceito nietzschiano, o *Eterno Retorno*. A respeito do qual o filósofo discorre:

O mais pesado dos pesos – E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta do existência será sempre virada outra vez – e tu com, poeirinha da poeira!” – Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isso ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem contigo mesmo e com a vida, para não *desejar* nada *mais* do que essa última, eterna confirmação e chancela? – (NIETZSCHE, 1974, p. 216-217).

Trazemos a ideia do Eterno Retorno nietzschiano para examinarmos se Dom, caso vivesse sem as variadas rotas de fuga estabelecidas ao longo da escrita de si, não estaria vivendo de um modo que se tivesse que reafirmar seu viver infinitamente, talvez o recusasse. Se um demônio lhe fizesse o questionamento se desejaria viver eternamente como Mara, sem a afirmação do gênero de identificação, assim o suportaria? Creio, após conhecer um pouco de sua história de vida, que sua resposta tem sido um sim à vida. Um

não àquilo que nega sua existência. Mesmo na dificuldade, quase impensável, de animar um corpo na contramão do seu desejo. Afinal, o corpo é o que de mais íntimo de nós mesmos temos, ele é palpável, visível, condutor de outras características subjetivas. Esse cartão postal, monitorado desde o início da vida, quando impresso *errado*, segundo o paradigma heteronormativo, não se trata de um dilema qualquer. Pois, “Se a experiência nega a origem biológica para a explicação dos comportamentos, contraditoriamente, é a pressuposição dessa origem natural que gerará as expectativas e as suposições sobre as condutas apropriadas para os gêneros” (BENTO, 2014, p. 63).

Embora não estejamos lastimando um descompasso com a norma, estamos afirmando que a norma produz o dilema, pois não fossem as políticas de gênero e sexo, produzidas normativamente, talvez ninguém chegasse a nascer em um corpo errado, pois se poderia reconhecer como homem, ainda que em um corpo feminino, sem maiores sofrimentos.

O que faz a problemática se avolumar são as verdades inventadas e solidificadas. Tradicionalmente, ser homem é ser o homem hegemônico e viril, logo, nenhum corpo tido como feminino pode ocupar esse lugar identitário. Não por acaso nosso colaborador é recorrente em problematizar o fato de não ter um corpo masculino *real*, ou mesmo uma vida *real*, segundo relata:

Enfrentar a realidade significa me enxergar como os outros me veem e não como finjo me enxergar, e finjo tão completamente que finjo que as pessoas também me veem da mesma forma que gostaria de me ver no espelho. Esse estágio de enfrentamento real tem me deixado literalmente entre o ser ou não ser (ANEXO 19).

Para Dom, enfrentar o real significa deixar Antares, Dom Quixote do cerrado, Gonçalves Dias do Cerrado, Castro Alves do cerrado, Fernando Pessoa do cerrado, Pablo Neruda do cerrado, deixar o que considera a fantasia da sua masculinidade. E performatizar por meios das tecnologias biomédicas, hormonais e cirúrgicas as intervenções que lhe garantirão o gênero verdadeiro, aquele que possa ser esfregado, roçado na face preconceituosa do sistema heteronormativo. Que possa dizer: se é o que me exige, agora sou homem, *homem de verdade, real*. Realmente homem. Esse é o movimento exigido, embora os questionamentos, e a necessidade de se desconstruir as postulações do que seja o homem e a mulher reais ou verdadeiros/as permaneça, como defende Bento:

É neste movimento de convencimento e inserção no mundo do outro gênero que a discussão do real e do fictício aparece. O “real” é identificado como a

verdade, e a verdade é ditada pelos imperativos do corpo. Outra vez retomamos as perguntas: o que é um homem e uma mulher de verdade? O que é ter sentimentos femininos e masculinos? Como concluir que este ou aquele sentimento é mais ou menos feminino/masculino? Como reconhecer um/a homem/mulher de verdade? (BENTO, 2014, p. 59).

As afirmações e produções da política do sistema sexo gênero só podem ser contestadas por meio de ferramentas potentes, minoritariamente potentes. Os enfrentamentos se fazem mais que necessários. E “Fugir, mas fugindo, procurar uma arma” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 110), como forma de se desejar o eterno retorno, pois, fugindo pode-se, porventura, ser o que se almeja, ou pelo menos, recusar o que não se deseja. Se não enfrentarmos as amarras e sujeição de nós mesmos podemos querer abominar um demônio que nos fizesse tal proposição nietzschiana.

Entre as verdades inventadas temos a transexualidade enquanto dispositivo historicamente arquitetado pelo saber médico, psiquiátrico, psicológico jurídico e político. A esse respeito Lima delinea:

As transexualidades foram inventadas. Dizer que foram inventadas é diferente de dizer que não existiam. Dizer que foram inventadas é perceber como, quando e de quais maneiras esta forma de subjetividade passa a constituir um elemento importante tanto do ponto de vista discursivo quanto das práticas sociais, ganhando sentidos em determinados regimes de verdade (LIMA, 2014, p. 70).

Dispositivo ao qual inúmeros jovens rapazes, ou homens maduros, têm se agarrado nos últimos dez anos no Brasil, como meio de constituírem uma masculinidade mais próxima dos códigos desejados. Conforme corrobora Lima: “... nos últimos anos tem crescido a participação dos homens transexuais em diferentes espaços indo dos serviços de saúde especializados até as redes sociais e midiáticas” (ibid., p. 116).

Antes de nosso contato, nosso colaborador não conhecia o termo transmasculinidade, ou transexualidade, sabia apenas a respeito das homossexualidades masculina e feminina. E por receio de ser identificado ou nomeado como lésbica fechou-se a qualquer outro conhecimento das diferenças de gênero ou sexuais. Apenas afirmava para si: *sou homem*. Não havia outra possibilidade de nomeação para Dom, assim como para muitos FtM. Ou seja, “Nos relatos biográficos nota-se que sentem dificuldades em falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los” (BENTO, 2008, p. 23). Lembramos que muitos homens trans não se identificam desse modo por desconhecerem a categoria da transexualidade masculina, dada sua invisibilidade, sendo que “Muitos se autoidentificaram ou se autodeterminaram trans a partir de um filme que assistiram, um

livro que leram, de informações encontradas na Internet ou notícias na mídia” (ÁVILA; GROSSI, 2013, p. 9). Aos poucos Dom passa a se interessar por tais discussões, reconhece em nosso campo de estudo um espaço de afirmação ou uma nova rota fuga potencializadora de sua masculinidade. Ao sinalizarmos uma escuta respeitosa, a ponta da conexão rizomática se estabelece, conforme descrito no capítulo 1.

Certamente, nem tudo correu de modo retilíneo, deliberado, o que é próprio das alianças rizomáticas, ou seja, não precisar o desfecho de suas conexões. A carta 19^a, por exemplo, nos traz afirmações que não necessariamente refletem nosso propósito, ou seja, direcioná-lo ao processo transexualizador. Porém, essa foi sua vontade e reconhecemos nossa influência. Perante a qual buscamos também salientar que essa não é uma obrigatoriedade, deve ser uma escolha, ainda que as escolhas sofram interferências incessantes e múltiplas. Agimos também como um dispositivo que atua nas minúcias da fabricação subjetiva. Reconhecemos que em pesquisas acadêmicas não há neutralidade, imparcialidade, racionalidade. Atuar no campo científico das ciências humanas é estar submerso e, ao mesmo tempo, emergindo das feitura humanas. E o humano é isso, essa inconstância, esse aberto, essas reticências à espera de novas escritas.

Nosso colaborador encontrou nessa aliança firmada um espaço e território para lhe impulsionar novos alinhavos na escrita de si, ainda que também tenha encontrado grandes desafios. Conforme expressa nos excertos abaixo:

Em meio a esse desenrolar do novelo de minha existência inexistente, conheci uma pesquisadora de estudos de gêneros e diversidade sexual. Após um café, e muita conversa, brotou em mim o desejo de ser eu mesmo, e não uma invenção inexistente. Daí então passei a sonhar com a possibilidade de ter uma identidade concreta, um papel real para me relacionar com a minha neta e com o todo (ANEXO 19).

A mim, essa pesquisadora apresentou um mundo totalmente desconhecido, as lutas dos grupos LGBT [...]. Tudo isso me chegou como uma grande novidade, como um descortinar para uma nova vida. Decidi então fazer parte dessa pesquisa sobre transmasculinidade, com o afã de romper com o preconceito de mim mesmo, uma vez que sempre fugi do espelho e de pessoas iguais a mim, só para não ter que encarar a minha realidade nua e dura, de ver no outro, ou no espelho a minha deficiência (ANEXO 19).

Após inúmeras conversas com a pesquisadora de assuntos de gêneros, Renata Pamplona, responsável por esta pesquisa, tomei a decisão de me inscrever no programa de mudança de sexo, o que tem me deixado bastante eufórico e ansioso (ANEXO 20).

Tenho vivido e conhecido um mundo totalmente estranho a minha realidade, é de fato como se fosse um período de gestação. São leituras, filmes, conversas que retratam a minha condição, e confesso que muito me choca. (ANEXO 20).

Olhe para mim de novo é um documentário que me causou grande mal estar, foi como se eu estivesse me vendo no espelho, de repente me dei conta de toda minha estranheza. A deficiência do corpo, o conflito da maternidade, as limitações da sexualidade, as fugas na busca de uma existência clandestina... Tudo isso me pesa os ombros. Tudo isso foi exatamente o que eu quis esconder dos outros e de mim mesmo (ANEXO 20).

Compreendemos que nosso trabalho ao oportunizar as escritas e relatos de Dom passou aos poucos a se constituir como um novo dispositivo de sua transmasculinidade, de maneira semelhante à influência exercida por João W. Nery na história de vida de Jô Lessa. Ao compartilharmos histórias de vida de alguns homens transexuais, como João Nery, Jô Lessa, Sillvyo Lucio e documentários de relatos de *FtM*, e a partir do conhecimento do programa transexualizador disponível pelo Sistema Único de Saúde/SUS, Dom toma a decisão de se inscrever no programa. Por meio dos excertos abaixo partilha conosco os primeiros procedimentos realizados para sua inscrição no processo transexualizador:

Não imaginei que seria tão simples e fácil a inscrição no programa, fui a Secretaria de Saúde do meu município, e lá me informaram todos os passos que deveria seguir. Consultei com um Médico Ginecologista que concedeu o encaminhamento para o processo transexualizador em uma capital mais próxima do meu município, no mês de junho de 2015 (ANEXO 20).

No mês de março de 2016 fui a minha primeira consulta com o Médico e a Psicóloga que irão me acompanhar durante todo processo. Na próxima consulta que será em maio de 2016 terei que apresentar os exames solicitados, de sangue, mamografia e tomografia abdominal para prosseguir o tratamento. No decorrer desse percurso vão sendo realizados exames, consultas com psicólogos, psiquiatras, assistente social, e as cirurgias necessárias até o fim do tratamento (ANEXO 20).

A transexualidade enquanto dispositivo produzido como disforia de gênero, transtorno de identidade de gênero, permanece em seu caráter patologizante. Patologia a qual a maioria das pessoas transexuais, ao se inscreverem no processo transexualizador, se submete em prol do corpo desejado. Entretanto, até o momento, a patologização e medicalização da transexualidade e os regimes de verdade que a atestam não têm sido vividos ou percebidos como uma problemática para Dom. Segundo relata, suas primeiras impressões são bastante positivas, especialmente a facilidade que teve para se inscrever no programa. Seu maior impasse tem sido submeter-se aos exames, em particular os procedimentos invasivos em relação ao corpo. Teme despir-se perante enfermeiras/os ou médicos/as.

Todavia, sabemos que os jogos de poder das ciências psicológicas, médicas e jurídicas se estruturam como políticas que ainda priorizam a normalização dos sujeitos. As quais em sua sede de verdade exercem a nomeação e produção da própria transexualidade. Em outras palavras, atestam quem é o transexual verdadeiro. O que é exemplificado por Fátima Lima (2014) ao compartilhar o depoimento de Eduardo, um dos homens trans entrevistados durante seu doutoramento, o qual relata não ter sido reconhecido como homem transexual devido ter uma filha biológica. O instigante a se notar, como observa a pesquisadora, é que o profissional da saúde que atendeu Eduardo não:

... percebia e nem produzia um regime de verdade que tomasse Eduardo como um homem transexual pelo fato dele ter uma filha, como se a condição de maternidade/ paternidade fosse atributo só dos heterossexuais e que tal condição e experiência, antes de tudo humana, constituísse o fator que exclui Eduardo de ser, o que muitas vezes se reproduz no âmbito da saúde, um transexual verdadeiro (LIMA, 2014, p. 67).

Esse poderia ter sido um enfrentamento de Dom, já que tem uma filha e dois filhos biológicos, porém, felizmente, as políticas minoritárias começam a estabelecer conexões de rompimento com alguns vieses normativos no processo transexualizador. Nosso colaborador relata não ter sido esse um impedimento para ser acolhido no programa, já que foi imediatamente reconhecido como um homem transexual.

Outro aspecto a se observar é que algumas pessoas transexuais, mais do que submeterem, acabam por reconhecerem em si a patologia produzida pelo jogo de poder jurídico, médico, psicológico, psiquiátrico. O que também nos mostra Fátima Lima, ao apontar a fala de outro colaborador transexual, Mário, quem afirma: “O transexual ele tem, mas entenda a doença que eu quero dizer. A doença... é... que já vem... é uma formação genética, que já vem dentro da pessoa que a pessoa tem que consertar (Mário, um homem transexual)” (LIMA, 2014, p. 75).

Dom também se reconhece, em larga medida, como um sujeito anormal, patológico, pois em suas cartas encontramos várias atribuições em que se designa como *anomalia*, *aberração*, *deficiência física*, *monstro*, *protozoário*, *maldição* etc. Sobremaneira, sua expectativa em relação ao processo transexualizador é a busca da normalidade. Deseja que as marcas e inscrições em seu corpo sejam o mais próximo daquilo que é nomeado e reconhecido como o *homem de verdade*. Os fragmentos abaixo reverberam essa leitura:

... uma possível nomeação dentro do grupo, e mais, os avanços tecnológicos e jurídicos para a **adequação** de identidade de gênero (ANEXO 19).

Vale a pena o despertar para a guerra da **correção física** em função da **adequação de gênero**, após os 40, chegando aos 50 anos de idade, com a chegada de uma neta? (ANEXO 19).

E foi com esse poema que dei início ao processo transexualizador, acreditando que essa transformação por meio de uma **cirurgia de correção física** seria o encontro do meu corpo com meu ser, seria a chance de sair da clandestinidade, de assumir uma identidade real (ANEXO 19).

Agora me encontro em outra correnteza, as informações da política de gênero acenderam em mim uma nova esperança de vida, a possibilidade de selar um **acordo de paz entre meu corpo e minha alma** (ANEXO 20).

Nosso colaborador busca pelo que nomeia de correção física, adequação de gênero, acordo de paz. Viés oposto ao defendido por Preciado em relação ao procedimento de redesignação sexual, pois defende que “Essas operações não devem servir para que os corpos continuem a remeter à ideia de uma coerência masculina ou feminina” (PRECIADO, 2014, p. 39). Entretanto, o desejo de Dom, assim como de inúmeras outras pessoas transexuais é poder se livrar da sensação de ser uma monstruosidade perante o reconhecimento social. Uma vez que não basta, como propõe Bento (2014), se considerar homem ou mulher, é preciso que o olhar do outro também reconheça e ateste essa enunciação. Quando tal reconhecimento não é realizado, “Aí se instaura uma relação de abjeção onde o léxico acionado para definir o outro passa a ser ‘bicho esquisito’, ‘macho-fêmea’, ‘aberração da natureza’, ‘monstruosidade’” (ibid., p. 58).

Reconhecer-se como uma pessoa anormal, deficiente, desadequada, ineficiente em relação a próprio corpo, longe de ser uma sensação particular, individual, própria daqueles/as que assim se reconhecem, são sensações produzidas normativamente, pois, ao serem nomeados desse modo, o que se visa é a garantia da norma. Para José Gil (2000) os monstros existem e são produzidos para preservarem:

... as nossas mais sólidas certezas; porque necessitamos de certezas sobre a nossa identidade humana ameaçada de indefinição. Os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser. Entre estes dois polos, entre uma possibilidade negativa e um acaso possível, tentamos situar a nossa humanidade de homens (GIL, 2000, p. 168).

Se o arcabouço do suposto monstro desviante das normas heterocentradas é imputado, produzido no sujeito transexual, há o desejo, por quem assim é constituído, de

desconstruí-lo, dismantelá-lo como estratégia de uma sobrevivência menos sufocada e amarrada aos preceitos e jogos de poder dicotômico, binário, naturalizado.

A necessidade de se desconstruir o monstro, quando o processo transexualizador não era ainda uma realidade fundada, é elucidada por João Nery: “Tem de ficar vivo, sadio, para poder usufruir os benefícios que a evolução da ciência lhe poderá proporcionar. Enquanto esse dia não chegar, poupe-se! Brinque com o seu defeito, com a sua inversão. Fale dele em voz alta. Desfaça o monstro!” (2011, p. 63).

Talvez o desejo de João Nery, assim como de Dom, e de outras pessoas transexuais, não seja necessariamente a busca por normalidade, mas o distanciamento da condição de abjeção. A busca pela demolição da figura do monstro. Pois há uma permanente produção da abjeção, da estranheza, na ordem da categoria da monstruosidade, como bem observa Jorge Leite Júnior:

Creio que considerar essas pessoas como abjetas só seja possível quando o termo “abjeto”, como já dito anteriormente, é usado como sinônimo de desprezível, repulsivo, vil, horrível, incompreensível. Talvez a maneira violenta e inferiorizante, com tonalidades de nojo, zombaria e medo com que essas pessoas são ainda cotidianamente tratadas, revele que essas pessoas não estão além ou fora das categorias conhecidas de inteligibilidade social. Talvez elas estejam em uma outra e específica categoria de inteligibilidade. Uma categoria organizada desde, pelo menos, a Antiguidade Clássica e que legitima a maneira com que elas são percebidas e tratadas socialmente: essas pessoas estão na categoria de “monstros” (LEITE JÚNIOR, 2012, p. 561).

O processo transexualizador, em larga medida, mantém viva a considerada presença monstruosa dos corpos e gêneros não inteligíveis. Entretanto, também pode ser compreendido em seu duplo caráter: enquanto dispositivo de assujeitamento, dada sua dimensão patologizadora, e, por outro lado, como forma de enfrentamento à condição de marginalização e estigma. Uma vez que “Os sujeitos transexuais aparecem tanto nos processos de controle quanto nos processos de negociação, de subversão às normas que uniformizam e reduzem a rica experiência das transexualidades a um caráter patológico e medicalizante” (LIMA, 2014, p. 65).

O que se destaca para uma maioria de pessoas transexuais é o desejo, ou mesmo necessidade de aquisição do corpo identificado, e o prazer de ver em si os traços corporais de identificação. Para alcançarem tal propósito buscam as “... tecnologias como possíveis lugares de resistência à dominação” (PRECIADO, 2014, p. 151). O que faz do processo transexualizador um dispositivo estratégico, devendo ser, constantemente, denunciadas

as políticas psiquiátricas, psicológicas, médicas e jurídicas que atuam de modo discriminatório, violento e abusivo em relação ao atendimento às pessoas transexuais.

Entretanto é preciso ressaltar a dimensão múltipla e singular das transmasculinidades, ou da transexualidade. Os desejos não são catalogados, as necessidades divergem entre os sujeitos. O que torna fundamental a não homogeneização no processo transexualizador, pois as demandas são distintas e o desejo de um homem trans não necessariamente será o de outro. Conforme podemos observar na elucidação de Eduardo, interlocutor de Lima:

Identificar-se como transexual ou sentir-se trans é uma das formas de lidar com o fato de estar em desacordo com essas normas. Há pessoas que não desejam “cirurgia”, há as que se satisfazem com os efeitos de hormônios sobre o corpo, há outras que se preocupam mais com a sobrevivência na sociedade do que com a transformação corporal em primeiro plano, embora, na maior parte das vezes, essas coisas estejam ligadas. Mais importante do que procurar definir os critérios para apontar alguém como transexual é estarmos atentos sobre até que ponto os direitos humanos das pessoas que se identificam assim estão sendo garantidos e respeitados (LIMA, 2014, p. 82).

Além de se considerar as multiplicidades e diferenças de demandas das pessoas transexuais é preciso analisar que o sujeito traz seus anseios, temores ao longo do processo transexualizador, pois se trata de procedimentos desconhecidos, de novas experiências, sendo que os impactos físicos e psicológicos são acentuados. Por mais que desejem incorporar caracteres do gênero de identificação, trazem consigo o receio perante as técnicas invasivas, como: o uso de medicamentos, o desafio da fala no processo terapêutico, ou as intervenções cirúrgicas que trazem por si os riscos próprios de qualquer procedimento cirúrgico. Esse quadro nos remete ao entendimento de que cada sujeito estará atravessando um processo de construção de novas performatividades, sendo assim, as negociações serão constantes, e devem ser respeitadas. Para Bento:

Pode-se questionar a representação das pessoas trans como um todo homogêneo, universal, monolítico, sem contradições e diferenças internas ou, o que seria o mesmo, que os níveis discursivo e prático devem ter uma correspondência, sem contradições internas, dando a impressão de que só há uma única forma de vivenciar essa experiência (BENTO, 2014, p. 56).

Há o conflito e temor de não serem aceitos pelo grupo social. Por exemplo, nosso colaborador questiona se sua mudança de gênero, depois de já ter vivido, aproximadamente, 45 anos sendo reconhecido como mulher, por amigos/as, familiares, colegas de trabalho, não traria danos e a exposição de seus familiares. Alega:

Existe em mim uma porta entre aberta, um lado dizendo que as pessoas já se acostumaram com a minha aberração, agora eu tenho uma neta e a exibição da minha anomalia num contexto de questionamentos e mudanças implicaria a exposição de todo meu núcleo familiar, juntamente com um embate social cruel, onde os diferentes são crucificados como os intocáveis na velha Índia (ANEXO 19).

Embora muitos homens trans, a exemplo de Dom, tragam em sua estética e performance cruzamentos de diferentes modos e exercício de sua masculinidade, muitas vezes essa é negada ou camuflada socialmente. A escolha de assumir o gênero de identificação é envolta por muitas expectativas, porém, também com muita aflição, como nos descreve Ávila:

A decisão dos interlocutores de revelar seu segredo é marcada por sentimentos ambivalentes. De um lado, há o desejo de compartilhar com sua família, amigos/as, companheiras/os ou mesmo para as pessoas de um modo geral, e de outro, há o medo da rejeição e das consequências dessa revelação (ÁVILA, 2014, p. 122).

Por meio do documentário *Olhe para mim de novo* é possível vermos o temor levantado por Dom se concretizar na vida de Sillvyo Lucio, pois sua filha, Maria Tereza, é bastante categórica em declarar a não aceitação da transmasculinidade. Relata que poderia aceitar uma orientação sexual diferente da heterossexual, assim considerando que Sillvyo Lucio seria mulher, portanto, lésbica. A mudança de gênero é tida como desnecessária, uma exposição, ou mesmo vaidade estética. Ávila compartilha a fala de Maria Tereza:

Eu já falei para ela (Sillvyo) que se ela parte pra alguma cirurgia, alguma coisa assim, isso pra mim é algo muito extremo e eu não sei como vou lidar com essa situação. Eu vou amá-la, mas eu não sei como vai ficar nossa relação [...] eu não consigo entender [...] ela poderia ter a orientação (sexual) dela, mas pra que fazer cirurgia? Pra que se vestir desta forma? Precisa provar algo para alguém? Eu acho que ela não precisa provar nada pra ninguém (ÁVILA, 2014, p. 174).

O discurso nos indica como as transexualidades, ou transmasculinidades, carregam grande invisibilidade em relação às suas singularidades. O que se nota é que o desconhecimento da filha de Sillvyo Lucio em relação ao conflito dos sujeitos que não se reconhecem no corpo biológico é o desconhecimento de uma grande parcela da sociedade heterocentrada. O dilema de nosso colaborador é acentuado, conforme expõe:

Ou continuo afastado da vida, vivendo clandestinamente, ou declaro guerra aos inúteis que sempre estiveram em meu caminho com seus insultos diante da minha diferença. Vencer a dor de ser o que não se estampa no físico tem me corroído o pensamento até os ossos (ANEXO 19).

Há uma longa espera pelas mudanças físicas, e um gigantesco sonho em poder exibir o corpo desejado, e não mais precisar camuflar o gênero imposto. Os temores, especialmente de ser rejeitado, são pouco a pouco enfrentados pelo desejo da plasticidade corporal. Com emoção, descreve que “É como se eu estivesse com os dias contados para sair da minha masmorra, fazer a barba, tomar um banho, vestir outra roupa e ganhar a rua” (ANEXO 20).

Nosso colaborador, semelhantemente a Sillvyo Lucio, João Nery, Jô Lessa, e tantos outros transhomens na última década no Brasil, vem realizando minuciosamente dobras em seus receios, assim como nos preconceitos, pois sabe que para esculpir uma nova invenção de si é preciso ousadia. Como bem destaca Deleuze:

A criação se faz em gargalhos de estrangulamento. [...] Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível (DELEUZE, 2004, p. 67).

As relações de saber e poder tentam desde o primeiro sinal de vida esboçar vieses mais ou menos precisos para a condução heteronormativa; mas felizmente na outra margem da política sexo/gênero há dispositivos potentes a soprarem ventos fortes que nos impulsionam a um viver criativo, labiríntico e passível de escapar aos ditames do assujeitamento.

Dom se vê afetado por esse vendaval e afirma que há “... um poema vitoriano me cobrando que sou o Capitão de minha alma, dono do meu destino” (ANEXO 19). Mais uma vez se vê como agente de sua vida. De poesia em poesia pega as rédeas de sua existência e decide, de acordo com seu relato: “E foi com esse poema que dei início ao processo transexualizador [...] Tirar a máscara, mesmo tendo envelhecido me daria uma morte mais digna e a certeza de que vivi” (ANEXO 19).

3.19 O desejo de ser invisível na multidão. (Referência principal: **21ª Carta: Janelas do meu quarto.**/ Anexo 21).

No capítulo 1 problematizamos a invisibilidade da transmasculinidade, particularmente quando comparada à transexualidade feminina. Porém, apontamos que tal invisibilidade vem se destituindo mediante forças políticas estabelecidas nos últimos dez anos por grupos de homens trans, a exemplo do NAHT e IBRAT. Sabemos que a conquista e garantias de direitos, como o processo transexualizador assegurado pelo SUS, o uso do nome social, ou a alteração judicial do registro de identidade, só podem ser alcançados mediante incessantes reivindicações, protestos e denúncias. As microscópicas alianças se constituem como contestação e desconstrução de contextos assujeitadores praticados por saberes, discursos e práticas transfóbicas, sexistas, machistas e patriarcais.

Muitos *FtM* se sentem impelidos a atuarem ativamente em defesa dos direitos LGBT, particularmente na causa trans masculina, como é o exemplo de João W. Nery, Jô Lessa e inúmeros outros homens transexuais. Compreendem que suas histórias de vida expressam uma trajetória que pode contribuir para o reconhecimento de outros homens trans, os quais muitas vezes não sabem como se nomear, e clamam, como expomos no capítulo 2, por uma *autoidentificação de urgência*. Existem também aquelas pessoas transexuais que optam por outra política de afirmação, sem necessariamente se definirem em um único gênero, escolhem o borramento das fronteiras, como argumenta Berenice Bento:

Para muitas pessoas trans, ao contrário, esta herança de gênero faz parte de sua biografia e a utilizam como elemento politizador de sua existência, demandando o direito a viver o gênero na fronteira, através de atos performáticos que borrem intencionalmente os limites binários entre os gêneros (BENTO, 2014, p. 58).

Entretanto, não há homogeneidade nesse aspecto, ou seja, de tomar a própria biografia e existência enquanto estratégia política, ou de militância trans. Em uma direção contrária, há também uma busca pelo anonimato para não serem rotulados ou estereotipados como homens transexuais. Nesse caso o anseio é serem vistos sem diferenciações com os homens assim assignados no nascimento. A transexualidade é compreendida de forma transitória, como nos aponta Almeida:

Alguns homens trans de fato rejeitam o termo “transexual” porque veem a transexualidade como algo transitório que será superado pelo acesso às tecnologias médicas/cirúrgicas e ao reconhecimento judicial. Para eles, não se trata da negação do termo “transexualismo” ou “transexualidade” por seu caráter patologizante, mas de uma rejeição a serem vistos como distintos dos demais homens (ALMEIDA, 2012, p. 518).

Há o desejo de uma *autoidentificação de urgência* para se distinguirem de uma possível identidade homossexual feminina. Necessidade comum à maioria dos demais homens heterossexuais que temem ter sua virilidade quebrada ou ameaçada ao se aproximarem de estereótipos tipos como homossexuais, ou de sujeitos homossexuais.

Dom aceita participar de nossa pesquisa por ter em alguma medida encontrado um território passível de reconhecimento de sua masculinidade. Todavia, podemos considerar que esse período de participação, o processo de escrita das cartas, de ressignificação de sua própria história de vida, de certo modo se constituiu como um espaço de passagem, uma ramificação que brota rizoma em outro ponto qualquer, e com algum receio em manter proximidade com as transmasculinidades. Embora o título de nosso trabalho seja *Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades*, nosso colaborador manifesta certo temor em ter sua masculinidade associada à condição transexual, o que supostamente ocasionaria, em seu entendimento, uma espécie de mácula impressa à sua masculinidade. Afirma:

Porém, não me agrada ser reconhecido como homem trans, o meu desejo é ser invisível na multidão, é ser um homem sem rótulos, por esse motivo não participo de grupos políticos e militância Trans ou LGBT, isso me dá a ideia de guetos e para mim o gueto representa exclusão (ANEXO 21).

As identidades, os rótulos, os estereótipos, convergem em alguma dimensão para a estabilidade, essencialização, a fixação dos sujeitos em padrões e espaços de sequestro. Estratégia utilizada pela sociedade heterocentrada para propagar um paradigma da permanência em posição à maleabilidade e ao devir. O dispositivo da transexualidade, ao nomear os sujeitos que não se reconhecem no gênero atribuído no nascimento, encerra-os em um lugar identitário que incide uma marca da diferença, à parte do corpo e gênero naturalmente tido como ideal e desejável. Neste contexto o processo transexualizador se constituirá como um dispositivo capaz de garantir a passagem para o *reino da normalidade*; logo, aspiração frequente para muitas pessoas transexuais. O querer sumir na multidão, ser invisível, não distinguido, torna-se uma pretensão comum, em outras palavras “É possível que o desejo predominante seja de fato o de sumir na multidão, o ‘direito à indiferença’. Esse é facilitado pelo fato de que o passing, como dito, é obtido com facilidade” (ALMEIDA, 2012, p. 519).

O uso da testosterona, hormônio predominantemente presente no corpo masculino, garante a reinscrição de novos corpos, mas, principalmente, de novas

subjetividades. Para Lima “... os hormônios e aqui, particularmente a testosterona, é entendida enquanto dispositivo - o ‘dispositivo texto’” (2014, p. 115). Um dispositivo capaz de desconstruir e reconstruir corpos, mas, acima de tudo, de ressignificar modo de vida.

Os homens transexuais sentem grande satisfação com o uso dos hormônios, o nascimento dos pelos, barbas, a mudança da voz que se torna mais grave, o crescimento do clitóris que será utilizado para a cirurgia da faloplastia. E, especialmente, com a mastectomia masculinizadora, que assegura de modo particular esse *passing* à *masculinidade verdadeira*. Há um querer exercer a masculinidade que é ansiada desde o período da infância, a qual passa a ter, a partir da inserção no processo transexualizador, a visibilidade física de identificação. Conforme observa Lima:

Partindo deste contexto, percebe-se que os processos de hormonização no âmbito da biopolítica e do biocapitalismo contemporâneo, faz parte de uma plataforma política e econômica onde a potente circulação de fármacos acaba por produzir um conjunto de discursos e práticas que arrastam sujeitos e criam novas/outras formas de existência (LIMA, 2014, p. 124).

Por outro lado há a inquietude de ser nomeado diferentemente, atestando uma espécie de estigma indelével, de ter um corpo produzido pela biotecnologia e biopolítica, entretanto, ainda nomeado diferentemente com um corpo não natural, logo, não *verdadeiro*. Não devemos deixar de analisar que “Nesse universo, as discussões e o uso dos hormônios continuam sendo um espaço de permutas, de disputas, de trocas, de tensionamentos no dispositivo da transexualidade” (ibid., p. 122), como também nos mostra Dom:

O processo transexualizador pelo qual estou passando tem me deixado bastante ansioso, há um paradoxo nesse sentido, por um lado desejo demais me olhar no espelho, e me enxergar como me sinto, poder ir ao toailete público sem medo e vergonha, essa é a mágica que sempre quis que acontecesse em meu corpo, por outro lado, existe uma angústia muito forte de ser visto, apontado na rua, e chamado por homem trans. Mesmo com a possibilidade de mudar meu corpo e meu nome para adequar ao meu gênero, me sinto na contramão da natureza, marcado a ferro pela maternidade (ANEXO 21).

Se uma maioria de homens transexuais afirma-se e se reconhece como homem, desde o período da infância, e anseia com grande expectativa livrar-se do corpo indesejado e motivador de estigmas, é de fácil compreensão que não queira uma nomeação que remeta e ateste reincidentemente o gênero negado. Parece ser este um impasse, ou seja, o peso das naturalizações biológicas, dos binarismos a que as pessoas

transexuais se tornam, em larga medida, prisioneiras perpétuas, refém da lógica da normalização, pois, como também destaca Lima “Agora as séries passam a compor degradês de normalização, modulações onde nada e ninguém escapa. Esse processo é importante, pois tanto o dispositivo da transexualidade e, por dentro dele, o dispositivo teste fazem parte desta engrenagem” (2014, p. 121).

Consideramos que o fato de afirmar a transexualidade e publicá-la, como faz João Nery, Jô Lessa, ou recusar tal afirmação, como prefere Dom, ou outros homens trans, como delinea Almeida (2012), faz parte de diferentes e múltiplas estratégias, seja em seu caráter político, de militância, ou apenas de sobrevivência; o que não faz dessa última menos subversiva que a primeira. Afinal, a subversão pode não ser na ordem da militância trans, mas sim das microscópicas experiências de vida, como nomear-se em alcunhas de poetas ou personagens da literatura. Ou ainda, recusar os códigos da cultura heteronormativa em suas mínimas vivências, por exemplo, a contestação do uso das vestimentas tidas como padronizadas para os gêneros. A subversão também é tecida, elaborada pelos sujeitos mediante suas descobertas e experimentações. Como bem argumenta Bento:

Não seria equivocado exigir que as pessoas trans sejam naturalmente subversivos/as, quando também compartilham os sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não contém em si um componente subversivo, à medida que desnaturaliza as expressões de gênero? Deve-se, ao contrário, perguntar o porquê das pessoas trans se identificarem discursivamente com determinadas performances de gênero qualificadas como retrógradadas, submissas (BENTO, 2014, p. 54).

Dom se faz subversivo nas entrelinhas de seu viver, nas pequenas renúncias que capturam sua masculinidade, mostrando-nos que de fato “... a potência dos modos de vida e a ideia de que nem fora nem por trás dos dispositivos de controle, mas no seu âmbito, nas suas urdiduras cotidianas, em suas atualizações se operam a todo instante as resistências” (LIMA, 2014, p. 128).

Em sua última carta nos traz a felicidade, a alegria e amplitude da rua como armas potentes na costura dos territórios percorridos. Relata:

O viés proporcionado pela arte me vestiu com uma armadura cômica e deu-me a possibilidade de enxergar a vida de ângulos diferentes, como se fossem janelas no meu quarto, que dão acesso aos mistérios e aos encantos das ruas cruzadas constantemente por gente, deixando minhas emoções a flor da pele (ANEXO 21).

A alegria é uma presença frequente em nosso colaborador, que está quase sempre sorridente, com uma simpatia que o faz ter uma considerável rede de amizades. Embora assegure muitas vezes estar aprisionado em um mar de tristeza, como cita: “Apesar da existência de uma tristeza enraizada no meu ser, não sou um homem depressivo, mesmo nos momentos nebulosos que trazem os horrores das sombras do passado e o medo do futuro [...] ‘Eu sou o senhor do meu destino!’” (Idem).

Ao questioná-lo a respeito do fato de ser muito expansivo, sorridente e aparentar muita alegria, ele nos diz que é preciso sobreviver de algum modo. Considera que: “Enxergar graça na vida suprimiu a ideia de saltar fora da ponte da minha existência torta. Sou uma pessoa simples, o palhaço me faz rir, gosto de ver a lua, porque a lua alimenta a minha ilusão de que tudo pode acontecer...” (Idem).

O riso é uma arma, uma fissura na norma, um dispositivo que nega o assujeitamento e tentativa de captura do sistema biopolítico sexo/gênero, uma resistência constante na trajetória de nosso colaborador. A respeito da problematização assujeitamento e resistência, a qual colocamos em questão ao longo de nossas análises, destacamos a resposta dada por Fátima Lima:

No entanto, cabe perguntar: tudo é só assujeitamento? Há resistências? E onde se produzem? Poderíamos responder: no âmbito dos próprios dispositivos encontram-se resistências. Estas não são produzidas fora dos mecanismos de poder e assujeitamentos, mas compõem um exterior constitutivo, uma dobra que reitera a todo instante a norma. Por dentro do dispositivo “testo”, nos seus interstícios, a aposta é potência nas resistências que atuam naquilo que Deleuze chamou das fissuras nos dispositivos. (LIMA, 2014, p. 125-126).

Dom racha a normatividade com um riso, com sua presença masculina simples, com uma fala direta. Busca a rua para experienciar esse lugar expansivo; espaço tradicionalmente reservado, pela cultura patriarcal e androcêntrica, aos homens. Expõe:

A rua me atrai, me traz alegria, e a sensação de sucesso na fuga, porque é nas ruas que a vida se movimenta, e são por elas que se chega ao bar. Gonzaguinha foi perfeito quando escreveu mesa de bar “Mesa de bar é onde se toma um porre de liberdade/ E companheiros em pleno exercício de democracia...” (ANEXO 21).

A rua e o bar possibilitam encontros de amizade, de maior liberdade para o exercício da masculinidade, pois “O encontro marcado entre homens, no botequim, de preferência, é um momento de grande força lúdica: é o masculino que reforça o masculino. Em outras palavras, o amor de amizade passa necessariamente pelo combate viril, força...” (LINS, 2013, p. 237).

O que leva Dom ao bar não é necessariamente o álcool, mas o fato de ser um território de resistência, de encontros, de fuga potente e afirmativa. Espaço em que suas alegrias e tristezas podem ser colocadas na mesa, ou apenas silenciadas. Que o corpo híbrido, deslizante entre os gêneros pode ser, ainda que temporariamente, suspenso dos julgamentos e marginalizações. Nesse sentido, Daniel Lins salienta e questiona:

Cair na bebedeira não é a mesma coisa que ser alcoólatra. Cair na bebedeira é também uma maneira de sair da sombra, sair do armário, dizer o mutismo de um corpo amortecido, calcinado. Um corpo que chora. Cair na bebedeira, na maioria das vezes, não é um experimento, uma ponte? Encontros que podem ser elementos de renascimentos? (ibid., p. 232).

O bar é aqui apresentado por nosso colaborador como esse espaço de fuga, e de “sucesso na fuga” (ANEXO 21), particularmente por ser local de encontros, em que as durezas, conflitos, enfrentamentos são desmanchados e refeitos em novos esboços de si. Ali o corpo biológico perde sentido, se torna apagado, indiferente, pois, como compôs Luiz Gonzaga Júnior, compositor e cantor brasileiro, “Na mesa de bar todo mundo é sempre o maior” (“Mesa de Bar”..., 2014, s. p.). Ali, se realiza uma microscópica subversão do viver, para muitos um ato condenável, mas “Beber é um encontro e, nesse sentido, pode se tornar uma renascença diferente para cada um, para cada singularidade: bons afetos, afetos tristes ou uma mescla dos dois...” (LINS, 2013, p. 232).

A mesa de bar é um local comum em que as dores e tristezas são desabafadas e o riso renovado, pois ali “Todo mundo derrama as tintas de sua alegria...” (“Mesa de Bar”..., 2014, s. p.). Espaço de lazer que se metamorfoseia em escritório de arquiteturas do viver, que projeta novos modos de se driblar e aparar as farpas de uma vida assujeitada, capturada.

Nosso colaborador não se entrega, escolhe entre muitas outras ferramentas a alegria como companheira e aliada no tecer da vida. Em seus territórios da transmasculinidade “A alegria é convocada como força revolucionária. A alegria como máquina de guerra contra os desafetos, como ética dos afetos...” (LINS, 2013, p. 262-263).

Elege a arte, a poesia, a música e o riso para chorar suas tristezas, e compor afirmativamente o mosaico movediço de seu viver. Mesmo perante suas incertezas em relação à invenção de uma nova vida, escolhe o risco, conforme descreve:

No entanto, o meu passado é uma roupa velha que não me cabe mais, as possibilidades que a tecnologia e os novos tempos me oferecem, é a chance

que tenho para ser quem sou. Então prefiro o risco da mudança, o risco de perder o meu passado, meu nome de batismo, parentes, amigos, trabalho, e até a cabeça, o risco vale a pena (ANEXO 21).

Dom é um homem da rua, dado às imensidões, por isso vaga por Antares e mantém sempre as portas e *Janelas de seu quarto abertas*. Nos mostra saber que:

Os encontros e cruzamentos das forças e do desejo abrem as múltiplas fronteiras, janelas, portas, prisões e currais, impedindo que nunca uma situação seja fechada, saturada a suas leis a ponto de não poder passar para além dela mesma. Eis, em todo o caso, a convicção da qual se nutre toda resistência contra as forças pardas do futuro e faz o elogio do devir (LINS, 2013, p. 266).

Agarrado nas dobras da incerteza, Dom tem se jogado no colo do futuro, levando sua força, seu choro, suas poesias, seu riso descomprometido e entregue. Relata-nos: “Como escreveu Gonzaguinha, “Passado/ É um pé no chão e um sabiá/ Presente/ É a porta aberta/ E futuro é o que virá, mas, e daí?” Eu só quero ser simples, sair pelas janelas do meu quarto, sem máscara, e ir ao bar...” (ANEXO 21).

**EM ALIANÇAS RIZOMÁTICAS NÃO HÁ FINAIS, OU CONCLUSÕES, MAS
ENTRELAÇAMENTOS DE VIDAS, JANELAS E PORTAS QUE SE ABREM...**

*Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh'alma.*

*Ruge, estoira, vence, quebra, estrondeia, sacode,
Freme, treme, espuma, venta, viola, explode,
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,
Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,
Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,
Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos,
Sobrevive-me em minha vida em todas as direções!*

Álvaro de Campos

As narrativas das transmasculinidades oportunizam não apenas a produção de vida dos sujeitos FtM, mas constituem-se como rizomas que se alastram na reinvenção e reinscrição das masculinidades. De uma masculinidade machista, misógina, sexista, homofóbica, lesbofóbica, transfóbica, temos a ressignificação de novas práticas de constituir-se homem, arquitetadas por diferentes inscrições dessas transmasculinidades.

Tal produção não ocorre de maneira apaziguada, tranquila e sem enfrentamentos. Ao contrário, as transmasculinidades têm se afirmado e conquistado visibilidade mediante corajosas posturas e ousadas ao ocasionarem diferentes rachaduras no sistema sexo/gênero que normatiza o sentido e compreensão do sujeito masculino. O ideal de masculinidade, aquele que é aclamado na cultura ocidental, majoritariamente, define-se na defesa e engendramento de um homem de classe média, branco, cristão, viril, heterossexual, mantenedor de uma família nuclear, forte, racional e distante de estereótipos afeminados, seja dos códigos e discursos vinculados às mulheres ou dos sujeitos homossexuais tidos como afeminados.

Ao longo de nosso texto buscamos mostrar como se operacionaliza a arquitetura das masculinidades trans, e como essas contribuem para a quebra do estereótipo desse sujeito/homem fabricado na teia de discursos heteronormativos, homofóbicos e transfóbicos.

No primeiro capítulo apresentamos nosso objeto de estudo, salientando de forma particular a apresentação de nosso colaborador, Dom, já que diferentemente de João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer, não dispunha da publicação de seus relatos autobiográficos. Nossa intenção inicial foi possibilitar que leitoras e leitores pudessem conhecer parte da biografia de Dom. Também buscamos delinear sobre o procedimento metodológico criado para que nosso colaborador narrasse sua história. Utilizamos como estratégia metodológica a escrita de cartas, como objetivo principal de que os relatos de Dom fossem fluidos, abertos e remontáveis segundo seu próprio interesse e desejo. O que funcionou nesse sentido, embora, em alguns momentos, também ocorresse certa orientação em relação ao que deveria expor.

A escrita em si é desafiadora, narrar a própria história de vida é desconcertante, pois lidamos e acessamos sentimentos, dores, sensações, afetos, alegrias, tristezas. Somos levados por um turbilhão de emoções, às vezes contraditórias, e impactantes. Retomar memórias marcadas por desafios constantes e vivências dramáticas não é tarefa simples. Esse desafio foi experimentado por nosso colaborador, com todas as implicações próprias, o que nos faz reconhecer o grande apoio dado à nossa pesquisa, quando aceita redigir as vinte e uma cartas aqui anexadas.

Não poderíamos partir para a análise dos relatos de João, Jô, Herzer e Dom, sem antes contextualizarmos e problematizarmos conceitualmente as categorias transexualidade e transmasculinidade, o que foi realizado ainda no primeiro capítulo. Observamos os aspectos da fabricação histórica do conceito da transexualidade, enquanto dispositivo que normaliza os sujeitos em uma ordem binária dos gêneros, a qual busca a garantia do dualismo feminino/masculino segundo princípios biologicistas, naturalizantes e essencializados. O pano de fundo da institucionalização do dispositivo da transexualidade é menos o cuidado com os sujeitos transexuais, pois o objetivo é o encerramento, manutenção e higienização dos gêneros normativos. Nesse paradigma, ou se é homem *de verdade*, ou se mulher *de verdade*. As híbrides de gênero, tidas como disforia de gêneros, portanto, patologizadas, devem ser lapidadas nas mesas cirúrgicas de redesignação sexual, visando à adequação ao gênero normativo. A transexualidade se institui enquanto política de estado para que a diferença se apague o quanto antes. O processo transexualizador é a *via crucis* de passagem ao gênero normalizado. O sujeito transexual é aquele que em breve deverá ou ser homem, ou ser mulher, deixando as perigosas e inquietantes fronteiras da indefinição em um longínquo passado.

Ainda no primeiro capítulo, a problematização da transmasculinidade enquanto uma categoria de minoridade nos permitiu delinear a respeito das alianças políticas estabelecidas por homens transexuais. E de como essa força minoritária vem se tornando pujante em suas costuras, alinhavos e novos esboços das masculinidades dissidentes. Juntos, os *FtM* compõem uma potência estridente, revolucionária, a qual denuncia as violências impostas normativamente às masculinidades minoritárias, ou mesmo à masculinidade hegemônica. Coletivamente produzem novas rotas no ressignificar das masculinidades, algumas vezes de maneira menos rígida e aprisionada aos códigos duros do que constitui o sujeito homem.

No segundo capítulo nos debruçamos nas análises dos livros autobiográficos de João W. Nery, Jô Lessa e Anderson Herzer, respectivamente, por meio das obras: *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual*, *A queda para o alto*. Os relatos literários em sua riqueza de detalhes nos permitiram conhecer e problematizar as singularidades dessas diferentes histórias de vida e ao mesmo tempo pudemos perceber as semelhanças que as unem. Muito do que relata João Nery encontramos na fala de Lessa e Herzer. Mais do que isso, mostramos que o encontro de Lessa com Nery ocasiona uma reviravolta na trajetória de Jô Lessa, o qual passa a se reconhecer como um homem trans, assim como ter acessos aos instrumentos necessários para realizar intervenções físicas em seu corpo, quando dá início ao processo transexualizador.

Apontamos diversas aproximações nas narrativas de Anderson Herzer e Jô Lessa, a exemplo do drama da rejeição parental, as experiências vividas na rua e na FEBEM.

As três histórias, juntamente com os relatos de Dom, abrem um leque de ramificações e trilhas entrecruzadas para problematizarmos a categoria da transmaculicidade. Apontam os limites e avanços do processo transexualizador, assim como dos aspectos jurídicos. Oportunizam o debate de como as transexualidades ainda estão atreladas às produções e patologizações dos saberes médicos, psicológicos, psiquiátricos, políticos, jurídicos e educacionais.

Salientamos, conforme apontamentos do referencial teórico adotado, que muitos transhomens só passam a se reconhecer, ou se identificar como trans, a partir do encontro com a história e relatos de outros homens trans. O que se dá por meio de leituras, filmes, documentários, palestras, levando-nos à compreensão de que a problematização das

quatro narrativas aqui eleitas, pode constituir e oportunizar um alargamento político das transmasculinidades.

No capítulo três nos dedicamos a analisar os relatos de Dom, realizados por meio da elaboração de vinte e uma cartas. Dom nos traz uma história de vida forte, marcada por acontecimentos dramáticos, inesperados, com diversas reviravoltas. Por submissões, sujeições, entregas, dores e tristezas vastas. Porém, também relata suas estratégias de sobrevivência e experiências subversivas. Mostra-nos que as rotas de fuga traçadas são inventoras de outras possibilidades. Se Anderson Herzer cria novos nuances e tessituras de vida por meio da escrita de poesias, Dom o faz assumindo a condição dos personagens, protagonistas, ou mesmo autores das narrativas poéticas. A poesia lhe possibilita reinventar e implodir o corpo biológico. Ser Fernando Pessoa do Cerrado, ou tantos outros poetas do Cerrado se constitui como dispositivos demolidores e contestadores do gênero normatizado. A poesia e o riso, ainda que às vezes forçado, lhe permite escapar aos jogos de saber-poder de uma sociedade heterocentrada.

Mesmo ao subverter postulados heteronormativos e traçar múltiplas vias para o desenho de sua masculinidade, a exemplo de sua participação em nossa pesquisa, que de algum modo se constitui como um dispositivo transitório para afirmar sua transexualidade, Dom, diferentemente de Lessa e Nery, não deseja atuar no ativismo político dos transhomens. Afirma que seu desejo é o de se perder na multidão, como também fazem outros *FtM*, segundo descrições da literatura utilizada. Ou seja, deseja deitar ao vento e esquecimento sua hibridez de gêneros. O que quer, conforme expõe em suas cartas, é ser um homem como qualquer outro, sem estereótipos, ou rótulos.

As quatro narrativas trazem, seja referente ao período da infância, adolescência, ou fase adulta, a presença da escola, enquanto espaço regulamentador e produtor de corpos, sexualidades e gêneros.

Dom afirma ter descoberto não ser um menino quando inicia sua escolarização; relata que a escola lhe fez esse desfavor. O que nos permite analisar que os discursos presentes na escola são fortemente assujeitadores, concentram a capacidade de interferir na singularidade dos sujeitos, produzindo seus corpos, pensamentos, desejos e afetos, na violenta via de mão única da normalidade heterossexual. São capazes de levar os sujeitos às margens da sexualidade tida como padrão. A escola operacionaliza pedagogias de gênero dualistas, naturalizadas, normalizadoras, as quais conduzem as pessoas dissidentes dessas normas de gênero e sexualidade hegemônica às dimensões excludentes e

discriminatórias. A escola orchestra a sinfonia do preconceito que é também encenada em outros espaços institucionais. Contudo, por ser sua função produzir saberes, olhares, linguagens, discursos, ela afina instrumentos para que o preconceito e estigmatização se propaguem em ritmo sonoro elevado, e de reverberação para outras instituições sociais, como a família. O eco do preconceito se produz e se propaga pelas instituições escolares. Professoras e professores e suas práticas pedagógicas muitas vezes deixam retinir sons de seu despreparo e temor em lidar com as multiplicidades de gêneros e sexuais.

A escola busca operacionalizar dispositivos de captura dos corpos, fabrica linhas e divisores dicotômicos entre o desejável e condenável, entre o certo e errado, normal e anormal. Ela busca manter vivo o discurso e sistema político de uma sociedade heterossexista, entretanto, felizmente, o vigor de seu espaço também produz o seu avesso. Ou seja, a concentração de forças minoritárias que ensejam caminhos abertos, flexíveis, maleáveis, passíveis de reinvenção de outras condutas. De outras sexualidades, gêneros, corpos, de experiências circundadas pela impulsão dos encontros.

Encontro, por exemplo, estabelecido por Jô Lessa, ao descobrir na fala de uma amiga da escola o entendimento de que sua diferença não era uma aberração. Herzer, mesmo perante o cenário de extrema violência da FEBEM e da escola que ali frequentava, consegue criar suas poesias como armas subversivas e inventivas. Dom estabelece na parceria afetiva, sexual e de amizade, como suas professoras de colégio e colegas de trabalho, em instituições escolares, encontros capazes de ressignificar a constituição de sua masculinidade.

A escola por mais que atue na linha de frente da captura e controle, também oportuniza as ferramentas para que os sujeitos subvertam suas normas, e façam do lamento e drama, o riso, a criação de novas subjetividades, afetos, saberes, prazeres.

Em nossas análises buscamos atuar com entrelaçamentos de vidas. Costuras de histórias e de narrativas autobiográficas que se tangenciam em novas produções de vida, em arquiteturas do cuidado de si. Relatos que se constroem como hidrelétricas do viver afirmativo, usinas de vidas.

Subversões que de haste em haste, de bulbos subterrâneos a pontos de um gramado alastrador proliferam como políticas minoritárias. Quando recortado num ponto qualquer, nasce em outro ponto qualquer. Vidas abertas à afirmação de outros modos de existência que não às capturas. Vidas entregues à beleza do risco. Vidas afetadas por outras vidas. Vidas capazes de traçarem novas tessituras, de fabricarem novos itinerários, diferentes

territórios, desterritorializações de si. Capazes de ruírem com o assujeitamento a que foram encerradas na mesa cirúrgica do nascimento.

Vidas que lhes dão novos nomes, outras peles, outras danças, novos pares. Vidas que se saboreiam com as mudanças, que transam com corpos inventados prosteticamente no gênero desejado, que deleitam em céus, estrelas, terras e gozos fabricados com aço, plástico, carne, gelo, cenouras, pepinos, chocolates, drogas medicamentosas, drogas químicas, fármacos variados. Vidas múltiplas; abertas multidões a arrastar e reinventar corpos no mar do desejo vivo.

Rotas de fugas que permitem criar espaços, esboçar e imprimir novas páginas na escrita de si. Inventar obras de arte nas experiências do viver potente, contestador, desterritorializado dos saberes e poderes normalizadores.

Vidas que procuram despedaçar os monstros aprisionados pela lógica binária dos gêneros e, imprescindivelmente, buscam manter as janelas e portas abertas às plurais constituições das masculinidades e à alegria do devir.

Referências bibliográficas:

A MULHER NO CÓDIGO CIVIL. Disponível em: <http://www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/direito-civil/2247-a-mulher-no-codigo-civil> Acesso em Jun. de 2015

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Rev. Estud. Fem.* 2012, vol.20, n.2, p. 513-523. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200012 Acesso em fev. de 2015

ALMEIDA, Miguel Vale de. A teoria queer e a contestação da categoria 'gênero'. In: CASCAIS, António Fernando. *Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer*. Fenda Edições, 2004, p.91-98.

ALMODÓVAR, Pedro. *La Piel que Habito*. [Filme]. Produção e direção de Pedro Almodóvar. Espanha, 2011, DVD, 120 min.

ALVES, Castro. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

ANJOS, Augusto dos. *Psicologia de um vencido*. In: MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

ATHAYDE, Amanda V. Transexualismo masculino. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, v. 45, n. 4, p. 407-414, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27302001000400014&script=sci_arttext&tlng=es Acesso em: 14 fev. 2015.

ÁVILA, Simone. "Você vira Freak Show"-fragmentos de um documentário escrito. *Revista Gênero*, v. 12, n. 2, 2013.

_____. *Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam. "Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina". In: *FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS*, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria_MariaJoao,Joao040721010.pdf Acesso em: 20 jan. 2015.

_____. O 'y' em questão: as transmasculinidades brasileiras. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero* v. 10, 2013, Florianópolis. *Fazendo Gênero 10* (anais eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

BAGATELAS. Adriana Calcanhoto. Disponível em: <http://letras.mus.br/adriana-calcanhoto/87097/> Acesso em 10 Mar. 2015.

BARBOSA, Roberta Tiburcio; DE MELO, Carolinne Taveira; DE FARIAS HENRIQUE, Helton. Homofobia em a queda para o alto: discriminação x afirmação de identidade por menores infratores. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD1_SA8_ID288_24042015121358.pdf Acesso em Set. 2015.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

_____. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Na escola se aprende a diferença faz diferença. *Estudos Feministas*, 2011, v. 19, n. 2, p. 548-559.

_____. O que pode uma teoria? estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Florestan*, n. 2, p. 46, 2014.

BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. *Revista Bagoas*, 2012, v. 5, n. 06, p. 15-48.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Débora (Org.). *Homofobia e educação – um desafio ao silêncio*. Brasília: EdUnB, 2009, p. 15-46.

BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio. In: PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, v. 26, p. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. *Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault*. In: CRESPO, Ana Isabel et al. *Variações sobre sexo e gênero*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANÇÃO DO TAMOIO. De: Antônio Gonçalves Dias. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000013.pdf>. Acesso em 10 Abr. 2015.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 77-111. 2001.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, 2012.

CHIGNOLA, Sandro. Sobre o dispositivo Foucault, Agamben, Deleuze. *Cadernos IHU ideias* / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. Ano 12 · nº 214 · vol. 12, p. 3-24, 2014.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, p. 405-427.

COMO SE RELACIONAR NA INTERNET - POR JÔ LESSA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uEuJHA4depo> Acesso em Jun. 2015.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DICIONÁRIOS DE NOMES PRÓPRIOS, Disponível em: <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=Mara>. Acesso em 14 Abr. 2015.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34. Autêntica, 2004.

_____. *Foucault*. Lisboa: Edições 70, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs* Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs* Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *Mil Platôs* Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*, São Paulo. Escuta. [Links], 1998. Disponível em:

<http://copyfight.me/Acervo/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20PARNET,%20Claire.%20Dia%CC%81logos.pdf> Acesso em mar. de 2015.

DINIS, Nilson Fernandes. *A arte da fuga em Clarice Lispector: aproximações entre a escrita clariceana e a filosofia de Deleuze e Guattari*. 1998. 125 f. Dissertação (Mestrado

em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): 1998.

_____. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2, 2008.

_____. *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04> Acesso em Ago. 2011.

ESSA TAL FELICIDADE. Tim Maia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tim-maia/48924/> Acesso em: Julho de 2016.

EU SOU HOMEM (DOCUMENTÁRIO) – Parte 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7m4USpNok-0> Acesso em: Maio de 2016.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 141-157, 2009.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*. 2011. 420 f. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), Universidade Federal de Santa Catarina-Florianópolis, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e, O Desejável Conhecimento do Sujeito. *Educação & Realidade*, 1999, v. 24, n. 1. p. 40-59.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

_____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Coleção Ditos & Escritos III.

_____. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2010b.

_____. *Os anormais*: Curso no Collège de France (1974- 1975). São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.

_____. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 5, 2014.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Experiência autoritária e construção da identidade em A queda para o alto, de Herzer. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 12, p. 239-251, 2009.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 22.

FURLANI, Jimena. Representações da mulher e do feminino na mídia impressa brasileira: desconstruindo significados na Educação Sexual. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. *Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual*. Sexualidade. Curitiba: SEED, 2009. p. 131-158.

_____. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 165-184.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 30-42.

GOIFMAN, Kiko; PRISCILLA, Claudia. *Olhe para mim de novo*. [Documentário]. Direção de Kiko Goifman e Cláudia Priscilla. Brasil, 2011.

GOMES, Renato Cordeiro. Eu, por exemplo... Uma reflexão sobre a autobiografia precoce. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 6, 2013, p. 197-217.

GONÇALVES, Camila de Jesus Mello. Transexualidade e direitos humanos: o reconhecimento da identidade de gênero entre os direitos da personalidade. Curitiba: Juruá, 2014.

GONÇALVES, Teixeira Rosângela. Gênero e medida socioeducativa - as jovens dentro e fora da casa. In: *XII semana da mulher*, 2015, Marília. XII semana da mulher, 2015. Disponível em:
http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/genero-e-medida_rosangela-teixeira-goncalves.pdf Acesso em Agosto de 2015.

GONÇALVES DIAS: Canção do Tamoio I Não chores, meu... Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/frase/MTAwMTAzNg/> Acesso em Maio de 2015.

GUATTARI, Félix. Rolnik, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, 2014.

HERZER. *A queda para o alto*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 113- 123.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. *Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*, v. 2, p. 485-506, 2007. Disponível em: http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf Ag. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 9, p. 01-10, 2010.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Nossos corpos também mudam*. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC-SP, 2008.

_____. Transitar para onde?: monstrosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Rev. Estudos Feministas*. 2012, vol. 20, n.2, p. 559-568.

LESSA, Jô. *Eu trans a alça da bolsa: relatos de um transexual*. Rio de Janeiro Metanoia, 2014.

LESSA, JORDHAN. Disponível em: <https://www.facebook.com/lessa.jo?fref=ts> Acesso em Jul. de 2015.

LIMA, Fátima. *Corpos, gêneros, sexualidade: políticas de subjetivação - Textos reunidos*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

LINGIS, Alphonso. A vontade de potência. In: *Educação & realidade*. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Educação, Ed. da Universidade, v.28 n.1, jan/jun 2003.

LINS, Daniel Soares. *O último copo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autêntica, 2013a. p. 7-34.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo horizonte: Autêntica, 2013b.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/7-mario-de-sacarneiro> Acesso em Agos. de 2015.

MESA DE BAR. Alcione e Gonzaguinha: Tim Tim, no sábado do BP, para fazer valer o pleno exercício da democracia. Disponível em: <http://bahiaempauta.com.br/?p=76668> Acesso em 10 Out. de 2016.

MESSEDER, Suely Aldir; PEREIRA, Ana Gabriela Pio. O encontro no universo lésbico de Cassandra Rios: desafios, ambiguidades e tensões nos atos performativos masculinizados em “mulheres lésbicas”. *Via Atlântica*, n. 24, p. 241-256, 2013.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 2007. p. 1-19.

_____. Sexualidade e orientação sexual. In: MISKOLCI, Richard (Org.). *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. *Via Atlântica*, n. 24, p. 49-65, 2013.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

MORUZZI, Andrea Braga. Infâncias: necessárias articulações entre gênero e sexualidade e contribuições dos cadernos Pagu. *Fazendo Gênero*, v. 8, 2008.

NERY, João W. *Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Genealogia da moral – Uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PAMPLONA, Renata Silva. *O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual*. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2012.

PAMPLONA, Renata Silva; DINIS, Nilson Fernandes. A MORAL DO RESENTIMENTO E AS PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS NA DIVERSIDADE SEXUAL. *Itinerarius Reflectionis*, v. 8, n. 2, 2013.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a, p. 125-150.

PEIRCE, Kimberly. *Boys don't cry*. [Filme]. Direção de PEIRCE, Kimberly. Produção de Christine Vachon, Eva Kolodner, Jeff Sharp, John Hart. Estados Unidos, 1999, DVD, 116 min.

PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potência da vida. *Lugar Comum*, n. 17, p. 33-43, 2002.

PESSOA, Fernando. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

PINTO, Maria Jaqueline Coelho; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. *Vivência transexual: o corpo desvela seu drama*. Editora Átomo, 2003.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2011, vol.19, n.1, p. 11-20.

_____. Quem defende a criança queer? *Jangada: crítica, literatura, artes*. 2013, n. 1, p. 96-99.

_____. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 89-98, 2013.

RIBEIRO, Cláudia. Na produção das heterotopias as possibilidades de problematizar gênero e sexualidades navegando nas ambiguidades das águas. *SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, v. 7, 2008. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Educacao_e_genero/Trabalho/04_57_54_NAPROD~1.PDF Acesso em Fev. de 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*. N. 05, p. 17-44. 2010.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.

ROSSI, Alexandre José. Políticas para homossexuais: uma breve análise do programa Brasil sem homofobia e do tema transversal orientação sexual. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis-SC, ago. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Alexandre_Jose_Rossi_46.pdf Acesso em novembro de 2014.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTREIN Celsi Brönstrup. (Org.). *Gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 33-46.

SCIAMMA, Célinne. *Tomboy*. [Filme]. Produção e direção de Célinne Sciamma. França, 2011, DVD, 82 min.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, p.19-54. 2007.

SEGALL, Sérgio Toledo. *Vera*. [Filme]. Produção e direção de Sérgio Toledo Segall. Brasil, 1987, 88 min.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SILVA, Rosimeri Aquino da Silva; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) *Corpo, gênero, sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. P. 82-107.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. A produção social da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2014.

SOUZA, Edmacy Quirina. Crianças negras em escolas de “alma branca”: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil. 2016. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2016.

STREY, Marlene Neves. Gênero, família e sociedade. In: STREY, Marlene Neves. SILVA NETO, João Alves da. HORTA. Rogério Lessa. (Org.) *Família e Gênero*. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2007. p. 17-38.

SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Prefácio. In: HERZER. *A queda para o alto*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 11-16

TOLEDO, Livia Gonsalves. Biopoder, Gêneros e Sexualidades: Articulando Desejo, (In) Visibilidade e Processos de Exclusão na Vivência das Lesbianidades. *Anais do 9 Fazendo Gênero*, 2010. Santa Catarina: UFSC.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estudo. Feministas*. 2001, vol.9, n.2, p. 460-482.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2014.

ANEXO 1

Hoje em Antares (1ª Carta)

Antares é onde habita Dom Quixote do Cerrado, um cavaleiro que vivi inventando histórias e fugas dentro da sua própria solidão. Esse cara sou eu que vivo de fantasias e às vezes essas fantasias são desmentidas pela minha dura realidade. Ser um homem em um corpo de mulher já me rendeu e ainda me rende muitos dissabores que ainda fere a minha alma de cavaleiro.

Hoje me sinto mais perto de vencer a guerra com os moinhos de vento. O sentimento de ser a aberração da natureza já não existe mais e os olhares de espanto e estranheza, já são para mim algo normal e tragável, apesar de que os atos de homofobia ainda tem me agredido e ainda me remetem a um passado extremamente doloroso.

Veza ou outra, tenho que me deslocar de Antares para tomar decisões na Toca da Raposa, onde me encontro com a minha realidade nua e crua de ordem econômica e condição de chefe de um núcleo familiar. Na Toca da Raposa existe uma divisão de classe bem definida, eu sou o rei, e meus filhos, sobrinhos e aderentes são os súditos. A política que se vivi nesse ambiente, que foi construído tão avesso ao modelo imposto pela sociedade fria e calculista, é a verdade e o respeito. Na toca da raposa não existe a necessidade de se questionar minhas diferenças, eu sou o rei, sou o chefe, sou o pai, embora algumas vezes me chamem de mãe, e assim vamos vivendo.

Outro paralelo da minha vida é o mundo exterior ao da Toca da Raposa, que é o meu trabalho e a minha vida social, onde eu tenho que me relacionar com todo tipo de gente, humano e desumano. No meu trabalho eu sou um homem com nome feminino, diante disso um número determinado de pessoas me respeita e me reconhece como um colega normal de trabalho, e outras tantas me evitam por entender que sou mal visto pela sociedade. Com os amigos eu sou a cada dia uma personalidade diferente da Literatura, dependendo de como eu acordo a cada manhã. Hoje em especial acordei Gonçalves Dias do Cerrado:

*Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,*

*Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar. (Canção do Tamoio – Gonçalves Dias)*

A poesia me possibilita ser eu mesmo, a manifestar a minha identidade, a construir um mundo que é só meu, onde entra quem eu permito entrar e fica quem desejar ficar...

Dom

ANEXO 2

No quintal da minha infância (2ª Carta)

Começo a falar da minha infância com um poema de Casimiro de Abreu – *Meus oito anos* – onde a palavra mar poderia ter sido trocada por Cerrado.

*Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!*

*Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minhã irmã!*

*Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!*

*Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,*

*Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!*

Esse poema me remete a um passado muito feliz da minha vida, que foi a minha infância até os seis anos de idade, na fazenda junto aos meus pais e meus dois irmãos. Eu era o segundo de três filhos, meu irmão mais velho tem seis anos mais e o mais novo dois anos menos.

A rotina dos meus pais na fazenda era muito dura, havia muito trabalho na roça e no curral, e isso proporcionava às crianças uma grande liberdade no quintal farto de árvores frutíferas e um córrego que passava ao fundo. Foi nesse ambiente que eu me reconheci como menino. As brincadeiras com meus irmãos, primos e primas, a coragem para enfrentar os desafios impostos pela natureza, tudo isso evidenciava meu caráter masculino e de como me sentia bem assim. Só não entendia como meu órgão genital era diferente dos meus irmãos, isso me causava tamanho desconforto na hora de fazer xixi, na hora do banho. Sentia uma forte necessidade de ter um pênis naquele lugar... Um dia cheguei a perguntar para minha mãe quando o meu “tintim” iria crescer e ficar igual ao do meu irmão. Minha mãe ficou muito brava com a pergunta e ordenou-me de forma bastante áspera para deixar de falar besteira. Percebi então que aquela era uma palavra feia e proibida, como outras tantas que eu mesmo falava longe dela. Aprendi desde muito cedo que sexo era um tema proibido para a minha família.

Mesmo com as dúvidas em relação ao meu órgão genital, eu me sentia um menino, pensava e agia como um menino e pensava também que com o tempo eu teria um pênis. Em casa com meus pais, não havia nenhum tipo de preconceito, me sentia um menino normal, as brincadeiras que eu gostava eram de subir em árvores, fingir que era piloto de avião, ou motorista de caminhão, me imaginava vestido igual a meu pai e meu avô nas fotos de família (usando terno e gravata). Nas brincadeiras de casinha com as primas, eu sempre era o pai, nunca aceitei outro papel que não fosse masculino. Toda noite meu pai contava histórias de contos de fada, monstros e assombrações e sempre me imaginava sendo o herói dessas histórias, e quando meu pai perguntava qual dos filhos tinha coragem de dar uma volta no quintal depois da história, eu dizia que sim, e fazia isso só pra provar a minha coragem, e isso me fazia sentir mais homem que meus irmãos.

Meu pai e minha mãe se referiam aos filhos como “os meninos”, nunca faziam distinção entre mim e meus irmãos. O fato de me apresentar como uma criança

extremamente peralta e rebelde, fez com que minha mãe, a conselho de uma tia, optasse em me vestir igual aos meus irmãos, ou seja, short e camiseta. Minha mãe entendia que assim eu estaria livre de qualquer perigo ao subir em árvores e correr com os moleques. Esse fato me deixou em uma situação extremamente confortável e feliz, justamente porque satisfazia meu ego e me fazia esquecer que eu não tinha um pênis, me via completamente igual aos meus irmãos. Fisicamente não tinha nenhuma distinção deles, meus cabelos eram curtos, vivia a correr de shorts, sem camisa e descalço. Estava sempre sujo, todo rajado com o suco das mangas e laranjas que eram fartas em nosso quintal. Minhas pernas eram todas feridas e marcadas devido às brincadeiras em árvores e matas. Não gostava e não usava nenhum adereço feminino. Não usava vestidos, fitas no cabelo, nem nada próximo ao universo feminino.

Esse período da minha infância irá marcar um divisor de águas em minha vida. Até esse momento eu era livre, feliz e estava junto à minha mãe. Não havia regras, controle, divisões de papéis entre menino e menina, como mais tarde acontecerá na escola. Até porque no campo era normal as mulheres exercerem funções comuns as dos homens. Por exemplo, minha mãe além de fazer suas tarefas domésticas, também ia para roça e para o curral junto de meu pai. Na fazenda era tudo ditado segundo a ordem da natureza, e nessa ordem eu me reconhecia e sentia como menino, e não tinha ninguém para me dizer o contrário.

Dom

ANEXO 3

Quando meu mundo caiu... (3ª Carta)

No ano de 1976 minha família passou por uma série de dificuldades financeiras e minha mãe teve que assumir sozinha as responsabilidades da casa e da fazenda, devido ao estado de saúde do meu pai, que naquele momento não era nada bom. Diante dessa dificuldade, e como era de costume as crianças da fazenda irem morar na cidade, na casa de parentes para estudar, lá fui eu, morar na casa da minha tia paterna, onde já estava meu irmão mais velho e alguns primos e primas. Minha tia era uma mulher bastante incomum para seu tempo, pois era separada do marido -que a abandonou- e desde então passou a viver sozinha e a custear seu próprio sustento com a costura. Era uma mulher forte e determinada. Com ela tínhamos a acolhida financeira, bastante limitada, mas não

tínhamos afeto maternal, pois ela, sozinha, para garantir a ordem da casa, e com tantas crianças, era sempre muito severa e não hesitava em punir as peraltices e deslizes cometidos. Além de que, não dispunha de tempo livre, pois estava dia e noite em sua máquina de costura.

Nesse mesmo ano fui matriculado em uma Escola pública que atendia às crianças do bairro. É importante ressaltar que nesse período a população da minha cidade ainda era bastante pequena em função de que a população rural era bem maior que população urbana, o que caracterizava a Escola como sendo uma Escola pequena, e também o bairro era considerado de pessoas pobres, embora não fosse tão periferia.

Minha chegada à Escola foi de total estranheza, a começar pela fila de meninos e meninas, logo me disseram onde eu deveria ficar, ou seja, na fila das meninas. Isso me provocou de imediato uma tremenda ira, não quis mais ir à Escola, queria voltar imediatamente pra fazenda, onde estava minha mãe e todo o meu mundo... Ainda me lembro do dia em que fiquei de castigo por ter usado o *toalete* masculino, nesse dia então **a Escola me fez o desfavor de me esclarecer de que eu não era menino e que precisava me portar como a menina que de fato era.** A coordenadora me puxou severamente pelo braço, dando-me umas sacudidas, e me levou até o banheiro feminino dizendo ser aquele espaço que deveria usar. Desse dia em diante passei a sentir muita vergonha de mim, sentia meu rosto queimar quando precisava usar o *toalete* feminino, assim como a hora de ir para a fila. Esses acontecimentos me fizeram ficar extremamente rebelde, tanto na escola, quanto em casa, só pensava em voltar pra fazenda. Lá não existia fila de meninos e meninas, nem *toalete* masculino e feminino, e nem tão pouco ninguém me dizia o que era de menino ou de menina. As brincadeiras eram livres e não havia tais distinções. Lá eu era eu mesmo e tinha a minha mãe, que me fazia extrema falta.

Durante as séries iniciais eu me isolei na Escola, sentia raiva das Professoras, dos colegas e os demais. Nesse período eu ficava mais de castigo na secretaria do que na sala de aula, os motivos eram os mesmos, a recusa de cumprir as ordens e as normas da escola. A única brincadeira que eu gostava era o jogo de queimada, porque nesse jogo além de ser todo mundo misturado, meninos e meninas, eu extravasava minha raiva acertando os colegas. Na casa da minha tia era um pouco diferente da Escola, apesar da falta de liberdade, lá não tinha essa coisa de ficarem me afirmando, a todo o momento, de que eu era uma menina. As confusões em casa eram na maioria das vezes porque eu não queria ir para a escola.

Na escola eu estava sempre isolado, ninguém queria brincar comigo. Era estranho para as meninas, que não gostavam de estar ao meu lado. Os meninos não me evitavam como as meninas, por outro lado, havia muita vigilância por parte de toda a equipe da escola para eu não brincar com os meninos. As professoras determinavam que eu fosse brincar de roda com as meninas. O que só aumentava meu pavor de estar ali. O único amigo que tive de alguma forma tinha uma situação semelhante a minha, pois ele vivia também isolado. Ele era neto de uma senhora dona de um bordel na cidade. Sendo assim, ninguém queria, nem os pais deixavam que seus filhos brincassem com o neto da dona do bordel. Tivemos assim uma aproximação, pois também era meu vizinho.

Certo dia levei para escola uma garrafa com minha coleção de bola de gude, estava brincando e mostrando minhas bolas de gude para alguns meninos quando fui repreendido pela coordenadora, por mais uma vez estar brincando com meninos. Minha tia foi chamada à escola, o que me rendeu como castigo perder minha coleção. Fato que me marcou devido ser um dos poucos brinquedos que tinha. Senti-me triste e injustiçado.

Em outro momento levei uma coleção de tampinha de garrafa com figurinhas ao fundo. A professora me tomou a caixa com minhas tampinhas, me ameaçou dizendo que eu não iria ganhar nenhum presente no dia das crianças. Ela se virou para o quadro-negro para escrever as lições. Eu no meu canto fui tomado como uma ira terrível, e então fui até a sua mesa, bati com toda minha raiva naquela caixa, as tampinhas se espalharam por toda a sala de aula. Mais uma vez fui para secretaria e minha tia chamada à escola.

No dia das crianças eu fui o único que não ganhou o livro da professora, pensei comigo: não queria mesmo; mas no fundo queria muito o presente. As professoras de fato me odiavam, e eu a elas, e a escola. Eu era teimoso, rebelde, bravo, não obedecia, não fazia nada do que era proposto. Eu assim agia como forma de me rebelar contra as regras que me eram impostas e das quais não concordava.

Eu era um ser nada desejado naquele espaço, assim como, tampouco queria estar ali. Rebelar-me era uma forma de gritar a revolta que calava em mim, e não sabia de outra maneira exprimir. Pensava de forma vingativa: se não posso fazer o que quero, como brincar de brincadeiras masculinas, também não farei nada do que me pedem.

Assim minha alegria se resumia a contar os dias para as férias na fazenda, onde ainda poderia ser um pouco quem era.

ANEXO 4

Presentes inadequados (4ª Carta)

Como toda criança, eu gostava muito de ganhar presentes e até questionava meu pai o porquê do papai Noel não ir à fazenda, pois a gente raramente ganhava presente no natal. O fato é que alguns presentes me causaram infinito mal estar, e um deles foi quando um primo, recém casado, foi nos visitar no natal e de presente me levou um vestido, fingi que o presente não era meu, daí quando minha mãe me disse para eu ir tomar banho para então vestir o vestido eu fiquei muito bravo e disse com todas as letras e em bom tom que eu era homem e homens não usavam vestidos. Isso gerou um constrangimento sem fim na minha mãe, afinal eu agi com muita grosseria na frente das visitas, além da recusa do presente. Meus pais nunca estranharam meu comportamento, talvez por que pensavam que era coisa de criança e que quando eu crescesse esse comportamento iria mudar. Já as pessoas de fora do meu núcleo familiar eu não sei o que pensavam, talvez pensassem que eu fosse mais um desequilíbrio da natureza.

Passado um tempo, certo dia, como de costume, meus pais foram visitar meus padrinhos, que também tinham um filho, pouco menor que eu e meus irmãos. Chegando lá, ficamos eufóricos com o velocípede que o filho dos meus padrinhos tinha ganhado. Aquele velocípede despertou em mim um desejo incontável de posse, o que gerou também uma enorme confusão e muito choro por parte do dono do brinquedo. Após muita conversa e promessa de castigo, minha madrinha disse que se me comportasse bem, ela iria me dar um presente de aniversário, e até perguntou qual a minha cor preferida, e eu lhe disse logo que era azul e verde. Imaginei então que o presente seria uma bicicleta ou algo parecido, de cor azul ou verde.

O tempo passou e meu aniversário chegou e nada de presente, mas quando chegaram às férias, meus padrinhos marcaram de nos visitar na fazenda, também como era de costume. Neste dia então a ansiedade tomou conta de mim dos meus irmãos, pensávamos todos que de fato o meu presente prometido iria chegar e seria uma bicicleta. O dia da visita chegou e a tristeza também, meu presente tão esperado e desejado era uma boneca de plástico azul. Tamanha foi a minha decepção que a raiva me subiu à orelha. Peguei a boneca e joguei aos porcos no chiqueiro. Fiquei ali na cerca do chiqueiro com meus pensamentos de menino, me sentindo extremamente traído e humilhado, diante do sonho destruído. Eu nunca quis uma boneca, eu queria uma bicicleta para sentir a

emoção do equilíbrio e de pedalar na estrada. Diante desses pensamentos de angústia e raiva que dilaceravam minha alma de criança pobre, vi os porcos mordendo a boneca e isso me provocou uma angústia ainda maior, porque eu me senti aquela boneca, como se a dor dela fosse a minha. Pulei dentro do chiqueiro, peguei a boneca, joguei-a no quintal e isso me aliviou a alma, me fez esquecer o presente frustrado. A boneca lá ficou para sempre esquecida...

Dom

ANEXO 5

Instinto secreto (5ª Carta)

Depois de brincarem Macunaíma quis fazer uma festa em Sofará... Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram mais outra vez.

(Mário de Andrade – Macunaíma)

Desde sempre fui uma criança extremamente travessa, vivia me envolvendo em confusões e atrapalhadas. Quando fui viver na cidade, na casa da tia, meu mundo ficou muito limitado em função de espaço e de liberdade, não tinha a imensidão do Cerrado e era extremamente tolhido nas brincadeiras, até porque não tinha muito com quem brincar. Porém essas limitações não controlaram minha hiperatividade, ao contrário, gerou-me uma grande inquietação, meus instintos sexuais foram ficando mais intensos. Minha tia que era costureira recebia em sua casa muitos clientes, cuja maioria eram mulheres, e meu divertimento passou a ser espiar no buraco da fechadura aquelas mulheres fazerem as provas de suas vestes, assim como a prima com o primo se agarrando no quarto como dois animais às escondidas. Passar bronzeador nas costas dessa prima que tinha cerca de nove anos a mais que eu, era um misto de tortura e prazer. Aquelas sardas espalhadas na pele branca e aqueles seios pequenos escondidos no biquíni me roubavam a paz. Ficava imaginando sua nudez completa, me despertando assim, um forte desejo sexual.

Embora tivesse muitas pessoas na casa da tia, todas tinham bem mais idade que eu, o que dificultava as brincadeiras e entrosamento, até mesmo o meu irmão não me dava muita atenção. Na Escola eu pouco falava com os colegas, e na vizinhança também tinha poucas crianças, apenas um menino e três meninas que também estudavam na mesma Escola, porém de salas diferentes. Com os quatro era possível brincar quando a tia

permitia. Esses momentos concedidos quase sempre me rendiam um castigo por descumprir alguma ordem, do tipo extrapolar o horário de voltar para casa, ou ir a locais proibidos e não informados, como no córrego. Era muito bom brincar naquela água suja, a água me dava uma sensação de poder e liberdade, nossos corpos se encostavam e a pele escorregadia das meninas me causava arrepios e desejos. Com o colega, que estava sempre junto nessas aventuras, era só uma sensação de competição, ele era para mim um tipo de referência, me sentia igual a ele.

Minha tia sempre recebia visitas de parentes que vinham da fazenda. Dentre esses parentes tinha uma prima mais ou menos da minha idade, quando essa prima chegava era uma festa, nos juntávamos com os outros e brincávamos de tudo na rua, o tempo que desse, e a noite a brincadeira ficava dentro de casa e quase sempre era de casinha. As divisões de papéis nessas brincadeiras eram bem estipuladas. O homem, o chefe, o pai na casinha, sempre era eu; a prima, à mãe, uma das vizinhas, nossa filhinha, e as outras duas juntamente com o amigo, faziam outro casal e sua filhinha, e assim se dava a brincadeira. A gente se inspirava nas novelas da época e criávamos histórias para serem representadas, dignas de folhetim global, com beijos na boca e abraços, tudo bem escondido, longe da vista dos adultos que jamais iriam entender e aceitar esse tipo de brincadeira, já que beijo na boca, além de proibido era algo de péssimo conceito e pecaminoso em nosso caso. Quando tudo terminava, já na hora de dormir, a prima sempre dormia na minha cama, por falta de espaço na casa.

A brincadeira de casinha com a prima acendia um fogo embaixo do cobertor e tudo ficava real. Os beijos, os abraços e as minhas mãos buscando conhecer a geografia daquele corpo colado ao meu. Nossa respiração falhava. O desejo de tocar a pele dela se agigantava e o prazer de tirar suas peças íntimas se transformava em chamadas incontroláveis. Era como um jogo de caça, onde eu era somente o caçador e ela sempre a caça, nunca consegui inverter esses papéis.

Durante todo período em que vivi na casa da minha tia paterna, as brincadeiras com a prima foi meu maior divertimento, o resto era só o enorme desejo de voltar para a fazenda junto dos meus pais, e aquela imensidão do Cerrado com todos aqueles animais, onde eu me sentia um herói como Macunaíma.

Dom

ANEXO 6

O concreto do Planalto Central (6ª Carta)

Eu sou como a garça triste
Que mora à beira do rio,
As orvalhadas da noite
Me fazem tremer de frio.
Me fazem tremer de frio
Como os juncos da lagoa;
Feliz da araponga errante
Que é livre, que livre voa.
(Castro Alves)

Após um período conturbado da minha pré-adolescência, aos 12 anos, no ano de 1982 fui viver no Distrito Federal na casa de uma prima paterna, a qual se apresentava para meus pais como um modelo de pessoa que deu certo na vida, sendo assim, meus pais que ainda viviam na fazenda, confiaram a ela o meu destino, imaginavam que eu poderia seguir o exemplo de mulher que ela era, feminina, educada, culta e graduada. Mesmo eu tendo incorporado perfeitamente a ideia de que eu jamais poderia revelar a minha verdadeira identidade, mesmo sabendo que a prima jamais aceitaria estabelecer um diálogo nesses termos, esse período foi muito importante na minha formação humana e intelectual, e até certo modo sem muitas cobranças. Foi uma fase de muitas leituras, muita música e muitas conversas. O ar de Brasília ainda cheirava a política podre da Ditadura Militar e as Diretas Já um golpe anunciado.

Para mim, vindo do interior do Cerrado, trazendo muito sotaque do mato e muito desejo de liberdade, aquele concreto erguido nos dias cinza do Planalto Central, aonde eu sempre sozinho, ia me divertir rasgando minhas calças escorregando na cúpula do senado, era uma agressão ao meu sonho de liberdade. Era como se aquela arquitetura dissesse a todo o momento que eu era totalmente errado e só, naquela selva de pedra. Para um adolescente na minha condição isso era como uma navalha na alma. Só o fato de imaginar que alguém pudesse descobrir a minha verdadeira identidade, isso já me dava motivo para não sair de casa e nem atender ao telefone, sentia meu rosto queimar de vergonha quando alguém dizia que eu estava parecendo moleque. Minha prima me tratava muito bem, dizia sempre que gostava muito de mim e isso melhorou bastante a minha autoestima. Naquele momento eu precisava urgentemente construir uma identidade que não a decepcionasse

(eu tinha que ser mulher), inúmeras vezes em nossas conversas ela me dizia da importância de estudar, e o quanto era bom namorar um rapaz, fazia questão de deixar claro que eu já estava na idade de interessar por um garoto, o que não ocorria de maneira alguma. Sentia claramente a preocupação da minha prima e sabia exatamente por que. Passei a ter a necessidade de inventar interesse em garotos para agradá-la. Dizia a ela que na minha escola tinha um garoto ou outro que me interessava. Ela me aconselhava a me vestir de um jeito mais feminino, chegou a me comprar uma saia e um batom para eu me pintar, vesti a saia e passei o batom, o resultado foi que eu não tive coragem de sair do quarto, a sensação foi pior que quando alguém dizia que eu parecia homem, não tive alternativa, tive que dizer a ela que a saia e o batom não davam em mim, eu não conseguia sair daquele jeito, fiquei me sentindo péssimo em não dar conta de usar aquilo, senti muito medo da prima não gostar mais de mim, fiquei um período muito triste e calado pensando no meu jeito de ser, me sentia de fato uma aberração da natureza. Minha sorte foi de que a prima era realmente uma pessoa muito humana e não me forçou a nada, mas também não desistiu da ideia de que eu precisava ter um namorado.

No início foi muito sofrido, mas com o tempo fui aprendendo com Dom Quixote a lutar contra os moinhos, fui construindo mecanismo para me esconder dos olhares alheios que pudessem me questionar se eu era homem ou mulher.

A leitura, a música e o interesse pela política foi um escape perfeito, pensei que poderia chamar a atenção das pessoas por esse viés, e não pelo jeito de ser e de me vestir. De certa forma isso também me fez burlar o meu interesse pelas saias e os decotes das colegas do colégio, tinha medo de me apaixonar por elas, por isso evitava aproximação com as meninas da minha idade e preferia a amizade com os meninos, o que sempre ocorria naturalmente. Por outro lado, comecei a ter interesse por mulheres mais maduras, sonhava com a tigresa da música do Caetano Veloso. Nessa fase eu vivi inúmeras paixões platônicas por mulheres maduras e extremamente fora da minha realidade, muitas eram minhas Professoras e outras eram de outros lugares que eu frequentava, tal como as reuniões do PC do B. O fato de me apaixonar por essas mulheres me dava à certeza e a tranquilidade de que meu segredo estava seguro, tal qual o concreto do Oscar Niemeyer.

Dom

ANEXO 7

O inevitável (7ª Carta)

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel
Uma mulher, uma beleza que me aconteceu
Esfregando a pele de ouro marrom
Seu corpo contra o meu
Me falou que o mal é bom e o bem cruel
(C. Veloso)

No ano de 1986, ainda em Brasília, iniciei meus estudos no Ensino Médio em uma Escola pública na Asa Norte. Esse ano foi de fato um divisor de águas em minha vida seca e um tanto Severina. Muitas mudanças e acontecimentos inusitados. Depois de certo tempo no Planalto Central acabei aprendendo a conviver e até gostar daquela paisagem cinza e fria. Foi um cenário perfeito para eu poder desenvolver um método para me afastar daquilo que me era proibido, que era o desejo de sexo. Aos 16 anos meu sangue fervia como de qualquer adolescente da minha idade, gostava das festinhas que rolavam na Asa Norte, de ouvir Cazusa, Legião Urbana, RPM etc., com as poucas amizades que conquistei no Colégio. Era muito bom ir ao bar com esses amigos, pois assim eu conseguia estabelecer um elo entre os dois mundos em que eu vivia. Um mundo real com meus medos, desejos e diferenças e o outro mundo irreal, onde eu conseguia ser um personagem a cada dia. Cujo caráter era composto das prosas e versos de muitos escritores e poetas, com os quais eu me identificava. A convivência com a prima contribuiu muito na arquitetura desse meu mundo irreal. Os livros literários, os discos e as poesias, apresentados no dia a dia por ela, ao mesmo tempo em que me encantavam e serviram de escudo para camuflar meus desejos e a minha identidade masculina, sobretudo serviu para construir minha personalidade comunista. Esse universo ambíguo me rendeu inúmeros problemas de ordem política, devido meu envolvimento com o PCdoB e atuação no Grêmio Estudantil do meu Colégio, e também uma paixão feita uma erupção vulcânica.

Já no início do ano letivo, conheci uma Professora de EMC (Educação Moral e Cívica). O sotaque nordestino, o perfume, o cabelo e as unhas vermelhas invadiam os meus pensamentos e sentidos, de tal forma que me causava uma disritmia, minha pele arrepiava e o desejo parece que queria sair pelos olhos. Perdia-me constantemente nas poesias de Camões, “Amor é um fogo que arde sem se ver” e Vinícius de Moraes, “De tudo ao meu amor serei atento”. Também o medo me corroia a alma, como um morcego

em meu travesseiro. De início, imaginei que seria mais uma de tantas paixões platônicas, mas com o tempo comecei a perceber que o olhar e o interesse dela pela minha pessoa era um tanto diferente. Sentia que ela gostava da minha presença, me convidava para ir até seu apartamento, e as visitas ficaram amiúdas, as conversas intermináveis, até que um dia, ouvindo um disco, o qual eu já não me lembro, a gente se beijou, e como já tinha dito o Poetinha, a paixão se transformou em um posto em chamas. Em meio a essas chamas, minha paz também se foi pelo ralo do meu *toalete*. Só de imaginar alguém tendo posse do conhecimento do que tinha me permitido entre quatro paredes, minha cabeça e o meu corpo entravam em um descompasso geral, minha alma se transformava no poema Psicologia de um vencido de Augusto dos Anjos. “Eu, filho do carbono e do amoníaco/ Monstro de escuridão e rutilância/ Sofro, desde a epigênese da infância/ A influência má dos signos do zodíaco/ Profundissimamente hipocondríaco/ Este ambiente me causa repugnância.../ Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia/Que se escapa da boca de um cardíaco...”

Dom

ANEXO 8

De volta às raízes e a decepção do real (8ª Carta)

Tudo estava igual como era antes,
quase nada se modificou
Acho que só eu mesmo mudei,
e voltei...
Eu voltei,
agora pra ficar,
porque aqui,
aqui é o meu lugar
Eu voltei pras coisas que eu deixei,
Fui abrindo a porta devagar,
mas deixei a luz entrar primeiro
Todo meu passado iluminei,
e entrei...

(Roberto Carlos)

A notícia de que meus pais deixariam o campo para viver na cidade me fez tomar a decisão de retornar a minha cidade natal. A saudade e a ilusão de ter novamente a mesma sensação de liberdade e harmonia com a minha identidade, antes dos 06 anos de idade,

eram forte demais. Apesar da vida confortável em Brasília, das fugas e do meu jeito masculino, qual julgava passar despercebido na multidão, mesmo assim ainda sentia um grande vazio dentro de mim, e isso se configurava como uma inquietação sem fim, a procura de mim mesmo. Era quase uma insuficiência respiratória que me impedia de raciocinar e de enxergar o óbvio, que aquele menino peralta, barrigudinho de short vermelho, já não existia mais. Nem mesmo o Cerrado já não mais existia. Era como se a minha identidade tivesse ficado presa na poeira vermelha, deixada pelo pau de arara que me levava para a cidade.

Ao retornar encontrei um cenário totalmente avesso a meu imaginário, tão idealizado e tão desejado. Minha ilusão era de que o convívio com meus pais me daria a possibilidade de assumir a minha verdadeira identidade de homem. Delirei ao imaginar que a proteção dos meus pais me deixaria imune aos olhares e julgamentos alheios. Porém, tão logo retornei, percebi que o tempo passou e aquela lembrança de liberdade que se tem deitado no capim, embaixo das nuvens e em meio aos bichos, está restrita somente aos bichos, e é por isso que quando me deito me imagino um lobo correndo feito um raio no Cerrado, buscando na minha eterna solidão o direito de ser eu mesmo e de ser aceito como realmente sou. Para os meus pais eu nunca deixei de ser aquela criança do passado, a qual eles depositavam grandes esperanças de que um dia eu seria alguém importante com um diploma na mão, todavia compreendi também que eles desejavam que eu fosse uma moça prendada. Teve um tempo, antes de ir viver em Brasília, que uma das minhas tias paternas tentou me ensinar alguns ofícios, tais como: costura, bordado, crochê e tricô. Tais ofícios eram tradição na família e ficavam a cargo das mulheres, porém logo a tia percebeu que o meu talento para esses trabalhos manuais era inexistente, o que a fez perder a paciência por diversas vezes com a minha pessoa. Dizia que eu era de fato um moleque e queria saber só de coisas de moleque e que jamais eu aprenderia aqueles ofícios que julgava ser femininos. Com a minha volta, minha mãe tentou retomar esses ensinamentos, afinal eu já estava com 18 anos de idade e além do diploma eu precisava também de um casamento, e toda mulher tinha obrigação de saber tais ofícios. Foi então que percebi o meu erro de pensar que meus pais me viam como um menino. Cheguei à triste conclusão de que eu voltava com a intenção de me apresentar como homem e meus pais me recebiam com a intenção de me apresentar como a filha querida, que tinha herdado do avô paterno o gosto pela política e pela leitura, o que justificava o jeito exótico de viver e o desapego por coisas materiais.

O reencontro com meus familiares e com as pessoas da cidade foi de total estranhamento. Eu não mais me reconhecia nesse lugar, os olhares das pessoas na rua me crucificavam. Meu cabelo, minhas roupas, meu jeito masculino meio hippie, eram muito malvisto na minha família e na sociedade. As pessoas estranharam de tal forma minha aparência e o meu jeito de ser, que não se intimidavam em dizer que a filha do compadre e da comadre tinha virado homem. No primeiro momento tentei me impor, mas depois de uma visita a casa de um tio, onde ouvi duras críticas em relação a uma prima que vivia no exterior e que tinha assumido um namoro com uma mulher, fiquei perplexo. Meu tio disse que preferia ver suas filhas casadas com negros, a ver essa tragédia cair sobre sua casa. Nesse instante a vergonha, a rejeição das pessoas, e o medo de machucar meus pais tomaram conta de mim, de forma ainda mais cruel que antes, no início da minha adolescência. Passei a me esconder e negar tudo que vivi no DF e o que sentia quando via uma saia a passar pelas ruas. Tentei frear todos meus instintos, inventei histórias de namorados que nunca existiram e fingia me interessar por rapazes. Cheguei até mesmo escrever cartas de namorado para mim mesmo na intenção de provar para minha família que tinha deixado um grande amor no DF e que era um rapaz. Eu queria a todo custo apagar a ideia dos parentes de que eu era homossexual, feito a prima supracitada. Sentia-me cada dia mais só, não conseguia nem mesmo estabelecer vínculos de amizade. A poesia, a literatura, não fazia parte do universo das pessoas desse lugar, as quais eu passei a conviver e que tinham como filosofia de vida, tão somente o cheiro do estrume de gado. Compreendi então que estava vivendo entre feras e para continuar a viver e fazer parte da alcateia era preciso fechar as portas da consciência e os olhos da razão.

Dom

ANEXO 9

Tristezas de um quarto – minguante (9ª Carta)

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha frente com vinagre.
A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é
infindo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!

Nem sempre nos momentos infelizes o silêncio da solidão se torna um meio de liberdade, chega um tempo em que todo ser vivente necessita estar em bando, mesmo que esse bando se trate de uma alcatéia.

A princípio, o regresso à minha cidade natal foi como um degredo a solidão. Senti-me tal qual a Tomás Antônio Gonzaga, exilado em Moçambique, longe dos ideais e longe de um amor proibido. Entretanto, chega um tempo em que a vida é uma ordem e não da pra ser uma ilha. Assim, os dias foram se seguindo de par em par nas noites largas do Cerrado, fui reescrevendo uma nova invenção de vida. A necessidade de inclusão social me fez construir uma bola de neve de enganos.

Com o tempo fui percebendo a distância cultural e sentimental que me separava da minha gente. Meus valores não faziam e ainda não fazem o menor sentido nesse ambiente, onde impera a cultura do boi, ainda assim, estranhamente, eu me vejo nessa gente. Trago em mim parte dessa cultura machista e moralista, tanto que precisei inventar inverdades para as pessoas, inventei que tinha deixado no Planalto Central um grande amor, um homem, qual eu tinha me deitado. Provar que todos estavam errados a respeito da minha sexualidade, passou a ser o meu desafio e o meu propósito para ser aceito socialmente. Tal como meus parentes e os demais do meu lugar, eu julgava que era melhor ter me deitado com um homem antes do casamento do que ser homossexual como as pessoas me viam, e que eu na minha ignorância tinha certeza que eu era. Nessa época eu ainda vivia um paradoxo, o desejo de ter um pênis e a necessidade de ser mulher pela ausência do mesmo. Esse tormento rasgava os meus dias e arrastavam minhas noites, eu tinha que ser diferente para esconder a diferença que me arremessava ao grupo das minorias e à cela da exclusão social.

As fantasias sexuais espalhadas ao vento, já não sustentava mais meu discurso de mulher que gostava de sexo com homens, como ordenava o figurino. Eu precisava de um namorado real, para provar a todos de uma vez por toda que eu era uma mulher normal. No entanto, toda vez que me aproximava de um rapaz e percebia um clima, eu me sentia ainda mais homem e então a repulsa era fatal. Não conseguia me imaginar deitando com um homem, só de pensar nessa cena minha alma estremecia, e foi assim que descobri que não sou homossexual, e mais, descobri que, assim como os outros eu era de fato homofóbico e talvez ainda seja. Naquele momento, o fato era que eu precisava de um

namorado para não ser a ovelha negra da família, e como no poema de Augusto dos Anjos, a esperança de um milagre já não existia mais, e para por um fim à opressão, amarrei um pano na cabeça... E na frialdade de um quarto – minguante, eu permiti o estupro do meu corpo e da minha alma.

Dom

ANEXO 10

Certificado de ser mulher sendo homem (10ª Carta)

Já rodei todo esse mundo procurando encontrar
Um amor, um bem profundo que eu pudesse realizar
Os meus sonhos de criança, como todo mundo faz
De formar uma família como era a dos meus pais.
(Tim Maia)

A pressão imposta pela minha família, afirmando sempre o horror da homossexualidade, somada a minha solidão e ao meu desejo de ser uma pessoa (normal) e de ter uma família como a dos meus pais, como diz a música do Tim Maia, fez do ano de 1988 o ano da minha castração. Decidi romper com todos os meus instintos masculinos, procurei uma religião espírita e passei a dedicar aos cultos na certeza de que os dogmas iriam dar conta do meu propósito de viver sem me notar.

Na minha ingenuidade de criança, quando brincava de casinha com minhas primas, achava que um dia teria uma família perfeita. Eu sendo pai, tendo uma esposa e filhinhos. Mas o tempo passou e a realidade veio como uma navalha deixando somente o amargo da solidão que me lançou no abismo do preconceito. Eu precisava urgentemente de um namorado. Foi então que numa festa na casa de uma tia materna, conheci um rapaz e como ele se mostrou interessado na minha pessoa e pareceu não se importar com meu jeito nada feminino, aceitei sua companhia, bebemos bastante, e no final da festa fomos a um motel. Apesar do meu consentimento em ir ao motel, eu jamais poderia imaginar o quão seria nojento e tenebroso estar ali vivendo aquele horror. Era um misto de vergonha e pavor. Foi à mesma sensação de quando me propus a vestir uma saia e passar batom.

Só que ali foi impossível recuar... Foi como uma luta entre dois lobos, e perdendo, restou-me somente a vergonha e o sentimento de ser o mais fraco de todos os homens.

Após esse acontecimento entrei em uma profunda depressão, o rapaz insistiu em me ver diversas vezes, pois segundo ele, desejava um namoro e continuar com encontros amorosos, os quais só de pensar me causavam nojo, mal estar e muita vergonha de mim mesmo. Comecei a evitar esse rapaz como o vampiro evita o espelho. Depois de cinco meses desse único e tétrico encontro, e quando o rapaz já estava completamente ciente do meu não, descobri que estava gravemente grávido.

Essa notícia foi como ter minha cabeça decapitada na guilhotina. Eu um homem grávido, me senti um gay com todos meus sentidos destruídos. Mais uma vez tive a triste sensação de ter todos os meus sonhos decepados pela minha dura realidade de ser um homem em um corpo de mulher, aquele velho sonho de infância de ter uma família como a dos meus pais teve fim ali, diante daquele exame. Refugiei-me em meu quarto, atendia somente meus pais e meus irmãos.

Gonçalves Dias passou a ser meu livro de cabeceira “– Não chores meu filho;/ Não chores que a vida É luta renhida:/ Viver é lutar./ A vida é combate,/ Que os fracos abate,/ Que os fortes, os bravos/ Só pode exaltar”. Agarrei-me a esses versos como se agarra a uma tábua de salvação. Precisava viver e vivi. Passei a usar a maternidade como um certificado de feminilidade, cessaram os questionamentos da minha sexualidade. Para a minha família era melhor ser mãe solteira do que ser homossexual, e eu passei a ter mais um motivo para continuar negar a mim mesmo. Não podia se quer imaginar uma paixão por uma mulher tendo eu um filho com um homem.

Após o nascimento do meu filho refiz minha vida, continuei os estudos e quando me questionavam a respeito de namoro, sempre dizia que não gostava de sexo e não queria nenhum envolvimento amoroso com nenhuma pessoa. Continuava a inventar histórias de um amor perdido no passado. Acreditava que essas histórias aliadas ao nascimento do meu filho me faria uma pessoa normal no meio social em que vivia. Minha vida passou a ser totalmente rotineira, casa, trabalho, escola e no final de semana passeio nas praças com o filho, e também ia à casa de oração, me dedicar à religião como um alcoólatra frequentando as seções do AA. Por um longo tempo eu vivi realmente sem me notar.

Dom

ANEXO 11

Meu Pequeno Príncipe (11ª Carta)

Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro.

(Antoine de Saint-Exupéry)

O resultado do exame da gravidez me deixou completamente desequilibrado, por diversas vezes pensei em dar cabo em minha vida, tamanho foi o meu desespero. Aquele resultado se configurou na certidão de quem eu não era e também no meu atestado de fracasso. Era como se eu tivesse sido expulso de mim mesmo para dar espaço à outra pessoa. Durante a gravidez era como se eu estivesse de vestido!

Cai em uma profunda depressão, associada a um conflito existencial, cheguei a entrar embaixo da cama para fugir da vergonha de mim mesmo. Revivi todo meu passado na tentativa de me encontrar e acordar daquele pesadelo, mas a falta de resposta se convertia em raiva e tristeza que brotavam em minha pele me fazendo sentir dó de mim. Definitivamente eu não era eu. Só faltou coragem para buscar uma ponte e saltar fora da vida. Tal qual quis também o Severino de João Cabral de Melo Neto.

Minha família não entendia o que se passava com a minha pessoa e todos insistiam para que eu me animasse com a chegada do bebê, afinal ele seria o nosso pequeno príncipe. Minha mãe sofreu muito em me ver naquele estado de treva, me recusando em ir ao médico, e foi o sofrimento dela que me fez decidir pela minha vida e a vida do bebê, que para mim ainda não significava nada. Uma tia que vivia em São Paulo ficou sabendo da gravidez e veio me ver, e a pedido da minha mãe trouxe todo enxoval do bebê. Minha mãe fez tanta festa com esse enxoval que parecia que ela é que estava grávida e isso me fez sair daquele marasmo de tristeza, transferi psicologicamente a gravidez para minha mãe.

Já no sexto mês retornei ao médico após o resultado do exame, disse que queria fazer uma cesariana e não fazer exame de toque. Ele se assustou com o segundo pedido e perguntou por que. Eu apenas lhe disse que era coisa minha e que se ele insistisse eu iria

embora. Como minha mãe estava junto a mim e já o conhecia, então foi bastante tranquilo, e não foi feito esse exame até o dia da cesariana, fizemos apenas uma radiografia. Aquelas visitas ao médico era para mim uma tortura no meu psicológico e nem assim eu me sentia mulher, eu me sentia um protozoário.

Quando o bebê nasceu foi como se eu tivesse me dividido em dois literalmente, a sensação de ter meu corpo de volta, mesmo faltando um pênis, foi uma sensação de alívio. Voltei a trabalhar imediatamente, e à medida que os dias iam passando me apegava mais aquele bebê, mesmo sem amamentar e sem dar a ele todos aqueles cuidados de mãe, pois tudo isso ficou a cargo da minha mãe. Eu só pensava em proteger aquele filhote de leão, levar para brincar ao sol, rezar muito para ele não ter a minha sorte maldita. Passei então a frequentar e a me dedicar à religião espírita na tentativa também de fugir dos meus instintos, afinal agora eu tinha um príncipe, o meu pequeno príncipe.

Dom

ANEXO 12

Estranha forma de vida (12ª Carta)

Nua, mas para o amor não cabe o pejo
Na minha a sua boca eu comprimia.
E, em frêmitos carnis, ela dizia:
Mais abaixo, meu bem, quero o teu beijo!
Na inconsciência bruta do meu desejo
Fremente, a minha boca obedecia,
E os seus seios, tão rígidos mordía,
Fazendo-a arrepiar em doce arpejo.
Em suspiros de gozos infinitos
Disse-me ela, ainda quase em grito:
Mais abaixo, meu bem!?! Num frenesi.
No seu ventre pousei a minha boca,
Mais abaixo, meu bem!?! Disse ela, louca,
Moralistas, perdoai! Obedeci...

Olavo Bilac

Após o nascimento do meu primogênito os dias seguiam de par em par, a única alegria que atravessava a minha solidão era o sorriso daquele pequeno príncipe, que agora fazia parte da minha existência torta. Diante desse cenário veio certa estabilidade emocional; família, trabalho, escola e nos finais de semana frequentava um Centro

Espírita. Todo meu drama existencial, a crise de identidade desencadeada com a volta à cidade natal, e a gravidez indesejada foram substituídos pela castidade e a luta pelo registro civil do meu rebento, sendo necessário um exame de DNA por meio de um processo judicial.

Tudo corria dentro dos conformes da moral, minha alma parecia estar congelada naquela paisagem cinza e seca do Cerrado, até que um vulto de mulher pousou em meus pensamentos... Então minhas noites ficaram excessivamente mais quentes, e da paisagem seca brotou o verde daquele olhar, esqueci-me de tudo, até dos compromissos, passava horas e horas pensando naqueles olhos. No mesmo instante eu já era Juca Mulato de Menotti Del Picchia sonhando com a filha da patroa, só me faltava o cavalo Pigarço para os meus desabafos.

As horas passavam arrastadas até o nosso encontro, mesmo com a diferença de dez anos de idade a vontade de se ver crescia a cada palavra que ela me dizia. A poesia e a música permeavam as nossas noites, deixando a lua sempre cheia, até que em uma dessas noites enluarada a poesia acendeu o fogo da sedução, e aquele olhar me fez crer que, “para o amor não cabe o pejo”; Olavo Bilac naquele instante era eu... Aquele corpo moreno estava inteirinho em minhas mãos, e aquela voz no meu ouvido me deixava como um lobo faminto perdido na escuridão daqueles cabelos negros. Apesar de nunca tirar a roupa na cama, sentia suas unhas vermelhas cravadas em minhas costas, e isso me fazia explodir de prazer. Aquela paulistinha recém-chegada ao Cerrado me fez descobrir o verdadeiro sentido do soneto de Camões, Amor é um fogo que arde sem se ver... É querer estar preso por vontade; / É servir a quem vence, o vencedor; / É ter com quem nos mata, lealdade.

“Mas a mágoa que ronda a alegria de perto entra no coração sempre que o encontra aberto...” mais uma vez eu voltei a ser Juca Mulato, queria subir ao céu, mas estava preso em minhas raízes, tal qual o coqueiro do mato. O segredo que está guardado em sete capas, em um momento escapa pelo olhar, e as línguas que tem como ofício o falar alheio, estão sempre à espreita como vermes que se alimentam das intimidades secretas, transformando-as em escândalos, infâmias e até tragédias.

Infelizmente, foi por esse viés que se deu o nosso enredo amoroso. Desde que ela foi trabalhar na escola em que eu estudava e era bolsista, iniciaram as especulações da nossa “amizade”, a sorte corria sempre às nossas costas, até quando a minha presença se tornou insuportável aos olhos da multidão, fui condenado a ouvir aquela famosa frase:

estão dizendo... Os maledicentes sempre começam com essa frase. Vi minha vida exposta em tom de piada e de maldade, cheguei a sentir nojo de mim mesmo, era como se eu estivesse vendo a minha deficiência no espelho.

Daquele sol que brilhava fazendo brotar o verde do qual me alimentava, só restou o morcego da consciência que passou a rondar todas as minhas noites, pelo peso de ser um homem em um corpo feminino, e pelo horror de ter exposto a reputação da minha amada.

Mesmo já tendo posto fim aquele sonho impossível de ser feliz, mais uma vez eu tive que pagar um preço alto para provar a minha negação. Mais uma vez eu fiquei com dó de mim, ao ouvir das pessoas com as quais eu convivía na escola a frase: “- ou você arrume um namorado ou a gente nunca mais sai com você!” Estão falando demais que você é lésbica, não queremos queimar nossa honra com sua presença.

Ouvir isso foi como uma navalha na alma, afinal tratava-se de pessoas que eu convivía na escola, as quais eu era subordinado enquanto bolsista da biblioteca, eu os considerava como amigos por não ter outros, e mais uma vez eu fui para o inferno.

Contratei um rapaz para me acompanhar em uma festa da escola e se apresentar como meu namorado. Paguei o ingresso e a cerveja dele, depois do evento fomos para uma festinha particular na casa da secretária do Diretor da escola, chegando lá o teatro do namoro teve que acontecer, bebemos bastante. O garoto de aluguel se transformou no espetáculo da noite, a satisfação com a novidade foi geral por me verem de “namorado”, tanto que até perguntaram se a gente transava, e o rapaz confirmou, sem que eu pedisse. No final da noite ele cobrou a sua resposta em vias de fato. Fiquei em uma sinuca de bico, queria sustentar aquele namoro para provar que eu era mulher e por outro lado aquilo era demais para minha cabeça, deitar com um homem era ferir brutalmente a minha identidade, porém recusar aquela investida poderia sugerir aquilo que eu mais temia ser revelado.

O fato é que por não me assumir, mais uma vez eu paguei alto com a carne, pois fiquei grávido, e novamente, como aconteceu na primeira gravidez, eu não consegui olhar para aquele garoto de aluguel que eu mesmo procurei. Tudo que eu mais queria era passar uma borracha naquela noite em que dois alces lutaram para não serem comidos um pelo outro. Era assim que eu me sentia deitando com um homem, um veado derrotado, com a alma dilacerada.

Depois da constatação da gravidez, tudo começou novamente, a vergonha tomou conta de mim, me deixei levar pela raiva das “amizades”, deixei de ir à escola, abandonei a bolsa na biblioteca, e fui trabalhar em um Sindicato por influência de alguns amigos da Capital do Estado, filiados no PC do B. Nesse momento minha rotina passou a ser somente casa, trabalho e após o nascimento da minha pequena flor de girassol, minha mãe que já tinha assumido todos os cuidados maternos com o primeiro filho, assumiu também esse novo bebê como sendo dela.

O tempo passou e minha vida se tornou um Fado que não me saia da lembrança “No grande amor que quis / Vencer os vendavais / A vida quis que fosse assim / Nosso destino / Onda quebrada contra a praia / E nada mais / E a vida passa / Como os versos que escrevemos / E as promessas que fizemos / No dia da despedida / E a vida passa / Passam os dias rasgados / Tudo passa e passa a vida / Dos amantes separados”.

Dom

ANEXO 13

No ergástulo de ser quem sou (13ª Carta)

Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo.
(Álvaro de Campos)

A tristeza é a morte lenta da alma e eu estava completamente triste aos 22 anos. Vivia uma vida que não queria. Uma vida que não era minha. Aquelas duas crianças eram como se fosse a chave da minha masmorra, a qual eu mesmo construí. Agora a minha alma não estava fadada apenas ao cárcere em um corpo feminino, minha alma estava presa também à condição de mãe. Não que eu não amasse aquelas crianças, mas elas me chamando de mamãe eram como um carimbo da minha existência monstruosa.

Na segunda gravidez abandonei a escola e a religião, cheguei à conclusão de que tudo não passava de uma farsa, as pessoas as quais eu considerava amigas eram apenas pessoas medíocres e hipócritas, e quanto mais me deixava levar, mais o precipício da minha vida crescia. A consciência da minha ignorância e inércia diante dessas criaturas me encheu de ódio.

Nessa fase eu era literalmente Augusto dos Anjos, o próprio “filho do carbono e do amoníaco, monstro de escuridão e rutilância...” e para iludir a minha desgraça me entreguei ao trabalho. Trabalhava no Sindicato durante o dia e a noite quando não estava fazendo bico de garçom, ia ao bar ter com os camaradas. Voltar para casa no final do dia consistia em bater de frente com a minha realidade, além do peso da maternidade eu sofria de amor.

As ocupações na rua se transformaram em uma fuga, para esquecer aquela pele morena vestida de vermelho e os meus desejos de macho... Sufoquei toda a minha agonia na poesia de Augusto dos Anjos, como ele escrevia, eu me dizia: “Quem foi que viu a minha Dor chorando?! / Saio. Minh'alma sai agoniada. / Andam monstros sombrios pela estrada / E pela estrada, entre estes monstros, ando! / Sobre histórias de amor o interrogarme / E vão, é inútil, é improfícuo, em suma; / Não sou capaz de amar mulher alguma / Nem há mulher talvez capaz de amar-me. / O amor tem favos e tem caldos quentes / E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal; / O coração do Poeta é um hospital / Onde morreram todos os doentes...”

Durante esse período não vi mais aqueles olhos verdes onde eu dormi, e o trabalho no sindicato foi muito importante nessa fase, retomei amizades do tempo em que vivi em Brasília, conheci outros tantos. Dei uma nova direção para a minha vida, ocupei todo meu tempo lendo e propagando as ideias do *Manifesto Comunista*.

Endureci-me na poesia de Augusto dos Anjos e me transformei em Antônio Gramsci do Cerrado. Eu que não existo fisicamente e tenho que animar um corpo que não condiz com a minha identidade, passei a defender o MST (Movimento Sem Terra). As viagens e conversas eram intensas por conta das ocupações que aconteciam na minha região. Em uma dessas viagens, conheci um Padre filósofo, que dava assessoria aos acampamentos do MST. Logo ficamos amigos, passamos a viajar sempre juntos, tínhamos bastante afinidade. Quando íamos aos acampamentos ou assentamentos, ele sempre rezava uma missa e depois da missa tinha o momento do confessionário, pois o Padre julgava isso fundamental para o equilíbrio humano e um dia me convidou a confessar, eu disse não. Disse que não tinha nada para confessar. A partir daí ele passou a falar mais da confissão, me dizendo de toda a importância do ato, e o quanto seria bom para minha pessoa. O Padre me deixava muito à vontade, conversávamos de tudo e divertíamos bastante também, até que ele me convenceu e fui ao confessionário, disse tudo de mim e dos meus desejos, o que nunca havia dito a ninguém.

Dai em diante ficamos mais próximos, sentia muita confiança nele, éramos dois homens. Quando viajávamos para a Capital do Estado, fazíamos o que tinha de ser feito, e depois íamos para a rua nos divertir, e quando chegávamos ao hotel dormíamos no mesmo quarto, porque as conversas eram intermináveis, até que ele disse estar apaixonado por mim e que se eu aceitasse, ele deixaria a igreja tão logo terminasse sua Pós-graduação, já que estava realizando o mestrado. Apesar do susto com a declaração, aquele sonho antigo de ter uma família “normal”, voltou.

Era muito bom estar junto dele, a nossa amizade alimentava nossos planos conjugais. Mesmo o sexo não sendo a minha preferência, o ato era bem menos sofrido e também não era uma obrigação. Identifiquei com o Padre, podia ter uma família. E, diferentemente das experiências anteriores, ele era delicado, afeminado. Era o avesso de mim!

A gente se dava como dois homens gays, imaginava que ele era uma mulher e fazia sexo anal com ele, e até gostava disso. Uma vez ou outra, quando eu permitia, ele fazia normal comigo. Assim seguíamos juntos, contudo meus instintos masculinos não cessavam, cheguei a ficar com uma freira em um mosteiro, onde hospedamos certa vez. Esse fato perturbou bastante minha cabeça, fui fraco e trai o Padre, comecei a ver a estupidez que seria um casamento na minha condição.

Mais tarde, perto da terceira gravidez, ou já gravido, não sei, me encontrei com aquele amor do passado, aqueles olhos verdes, mais uma vez ficamos juntos e tive a certeza de que meu casamento com o Padre seria uma tragédia. Decidi então romper aquela proposta de compromisso conjugal, o que foi extremamente difícil de ambas as partes, principalmente por que eu já estava outra vez gravemente grávido.

Agora sim, cheguei ao fundo do inferno, eu, um homem grávido de um Padre afeminado. O que fazer com aquele bebê? Quem seria o pai? Ele me fez uma proposta e eu aceitei. Deixaríamos o bebê com uma família religiosa e muitíssimo amiga do padre. O que ocorreu, assim, nosso menino foi legalmente adotado por essa família. Cresceu longe dos meus olhos, em outra cidade.

O padre se tornou o padrinho do bebê e eu me tornei “uma amiga” próxima da família que o adotou. Dessa forma podia manter contato e visitas, embora esporádicas. Foi uma solução bastante difícil para mim, tive que assumir isso absolutamente só e em silêncio absoluto, longe da minha família.

Passei a conviver com meu filho apenas 16 anos depois, quando por vontade própria veio a minha procura para questionar sobre a história de seu nascimento, já que havia muitos boatos em sua cidade, especialmente devido à paternidade, já que ele ficou residido na mesma cidade em que seu pai era Padre. Depois de lhe contar tudo e minhas razões, ele decidiu vir morar em minha casa para conviver com sua família biológica, passou a ter grande afinidade com os irmãos.

Durante toda gravidez meu isolamento foi total, abandonei o trabalho e a tristeza tomou conta de mim. Repetia constantemente, dia e noite, o poema Tabacaria de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa). Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada. / O mundo é para quem nasce para o conquistar / E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão. / Serei sempre o que não nasceu para isso; / Serei sempre só o que tinha qualidades; / Crer em mim? Não, nem em nada. / Vivi, estudei, amei e até cri, / E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu. / Fiz de mim o que não soube / E o que podia fazer de mim não o fiz. / O dominó que vesti era errado. / Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me...

Falhei em tudo, a minha existência é um erro!

Dom

ANEXO 14

Minha fuga para Pasárgada (14ª Carta)

Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

(Gonçalves Dias)

Depois de ter deixado meu terceiro filho aos cuidados de outra família, entrei em uma crise existencial muito forte, a tristeza e o desânimo tomaram conta de mim por inteiro, como se a morte estivesse anunciada. E quando eu estava triste, mais triste de não ter jeito, soube por meio de uma ex-colega de escola que meu grande amor estava grávida, e que não havia se casado. Essa notícia me caiu feito uma bomba; fiquei louco de ciúmes,

esqueci-me de tudo, só pensava em vê-la e saber mais daquela notícia. Tomei coragem e fui procurá-la.

Quando bati em sua porta foi como Gonçalves Dias reencontrando Ana Amélia, ela estava muito infeliz e só, pois se tratava de uma gravidez não planejada. Aquela porta aberta foi um convite a retomar todo nosso passado amoroso, nos deitamos mais uma vez... Senti-me pai naquele exato momento, e esse sentimento me fez ressuscitar das cinzas que restaram da guerra, que até então tinha sido a minha vida Severina. A alegria de ser pai daquele bebê corria em minhas veias, feito um jato fumegante, descompassava meus batimentos cardíacos, apagava o sabor amargo do passado, e junto à lembrança de que eu não era o pai biológico daquela criança. Com a paternidade, minha masculinidade se tornou incontrolável, brotou em minha pele, feito musgos em uma pedra, se tornando ainda mais visível.

A magia da gravidez e o desejo de tê-la, me fez tomar a decisão de ser eu, de desprezar a ideia do reclame, e na posse de mim mesmo passei a me querer, tal qual meu caráter nato masculino quer que eu seja. Meu gênio de nascimento passou a me impor que eu não deixasse de ser eu mesmo, ou seja, de ser homem, cessando assim o rastro de influência dos outros em meu jeito de ser. A tranquila posse de mim foi como um raio de lucidez, gestada nos últimos quatro meses de gravidez da minha amada.

Contudo minha decisão não significou a minha liberdade e tampouco aceitação por parte das pessoas. Passamos a viver juntos na mesma casa, como um casamento normal. Assumi todas as responsabilidades de pai e companheiro, porém isso era fortemente negado ao público. Era segredo nosso! Embora existisse convivência com as famílias, tanto eu com a dela, quanto ela com a minha, nada se comentava do nosso relacionamento, nunca ousamos ter qualquer tipo de intimidade às vistas de outros, e os encontros sociais eram evitados ao máximo.

Passei a ter com meus filhos uma relação de pai, mesmo eles vivendo na casa dos meus pais, todas as responsabilidades financeiras eram por minha conta. Ia visitá-los todos os dias, fazíamos tarefa de escola, íamos à sorveteria, etc. Nessa fase fiz um contrato de trabalho na Secretaria de Educação do Estado, o que garantiu certo conforto à família. Nos finais de semana íamos todos passear na praça, vez ou outra ia ao circo ou parques de diversões que chegavam à cidade.

Assim vivemos por doze (12) anos, uma família “normal”, eu era o pai. Mesmo meus dois filhos mais velhos vivendo na casa dos meus pais, minha companheira assumiu

o papel de mãe deles. Vivíamos bem, ela sempre me acompanhava nas visitas ao meu filho que havia deixado em outra cidade e me dava colo nesses momentos difíceis da minha vida seca.

Tivemos muitos momentos inesquecíveis, muitas alegrias, e muitos momentos tristes. Passamos muitas situações desagradáveis do tipo, brincadeiras de mau gosto do cunhado, que dizia que os pais dela tinham dois genros e meio, ataque homofóbico de um médico que atendeu nosso pequeno, deixando claro que a nossa estranha relação faria muito mal a educação dele. As abordagens inconvenientes (cantadas baratas) dirigidas a ela em locais públicos na minha presença, e outras desse nível, porém a gente se gostava e, no início, esse sentimento acabava superando essas pequenas coisas, que com o passar dos anos, vão se agigantando e mudando os sentimentos.

O preconceito passou a rondar a nossa alegria mais de perto. Era possível notar os olhares maliciosos nas reuniões de pais, na Escola dos nossos filhos. Vez ou outra, nosso pequeno chegava com alguma novidade da escola, em relação a nossa convivência. Uma delas foi quando a Coordenadora Pedagógica da Escola, questionou se ele desejava ter mais irmãos, e ele respondeu que já tinha dois irmãos (os meus filhos). Certamente a Escola queria ter certeza das suas suposições em relação a mim e a mãe dele. Outra indagação feita pela mesma Coordenadora, e nos relatada por ele, foi que se ele desejava que sua mãe se casasse novamente, ele respondeu com a maior inocência que sua mãe já era casada com a minha pessoa.

Na tentativa de minimizar o preconceito que nos rondava quando nosso pequeno nos contou o corrido na escola, a mãe dele tentou lhe explicar que nos não éramos casados, pois o casamento só se dá entre um homem e uma mulher. Eu confirmei o que ela disse, em tom de brincadeira.

Sempre me senti pai do nosso pequeno, desde a gestação, nascimento, adolescência, e hoje na fase adulta. Nossa relação sempre foi no que se refere ao relacionamento cotidiano e comum, uma relação de pai e filho, com confiança respeito e admiração mútua. A única exceção é que ele não me chama de pai. E socialmente não sou reconhecido como seu pai, mas nos momentos íntimos ou de chamada por um pai, como resgatá-lo nas madrugadas em suas primeiras experiências de festas noturnas, já na universidade, esse papel sempre coube a mim. Sua mãe nunca deixou de vir a meu chamado para resolver quaisquer assuntos referentes a ele, por exemplo, acompanhar ao médico, dar conselhos em assuntos importantes, etc. Ainda hoje é assim. Ressalto que

nunca chegou a conhecer seu pai biológico, nunca manifestou esse desejo, embora saiba quem ele é, e que esse o tenha registrado mediante processo judicial.

Isso causou um abalo sísmico em nossa relação, e nesse meio tempo a família dela começou a questionar o meu jeito de ser, e de me vestir. Chegaram a afirmar que a gente tinha um caso pecaminoso, começaram então a interferir em nosso relacionamento. Eu que, ia todos os sábados de madrugada para o sítio, dos pais dela, para ajudar na tirada do leite, no trato dos animais, vacinação do gado, controle de pragas nos pastos e etc. passei a ser uma pessoa indesejada e mal vista. A mãe dela passou a me tratar mal e a criticar meu jeito. Diante dessas situações totalmente desconfortáveis a gente se separou, contudo essa separação não foi mais que um mês. A saudade e o laço da convivência eram muito forte, o que motivou a volta, porém não superou o preconceito. Ela passou a querer mudar meu jeito de ser e de me vestir, dizia que me amava, mas não suportava as pessoas me verem como homem. Pensava e dizia que se eu me portasse e me vestisse como mulher, as pessoas não teriam motivos para falar de nós e poderíamos ficar juntos e em paz. Eu disse não. Atitude por atitude, melhor a mais nobre, pose por pose, preferível a pose de ser quem sou. Assim se deu o nosso fim...

Dom

ANEXO 15

Usei todos os sentidos (15ª Carta)

Talvez que amanhã
Em outra paisagem
Digas que foi vã
Toda essa viagem
Até onde quis
Ser quem me agrada...
Mas ali fui feliz
Não digas nada.

(Fernando Pessoa)

Minhas experiências sexuais foram poucas em função do processo de negação, construído ainda na pré-adolescência. Pensava que era impossível uma mulher se interessar por um tipo como eu, um homem com limitações sociais e físicas, devido ao nome e ao corpo de mulher. Dai se deu a minha fuga, evitava as mulheres, pensava que sexo na minha condição estava extremamente fora de cogitação. Deveria a qualquer custo

mudar a minha natureza de macho e me converter em mulher, como meu corpo se apresentava.

O espelho para mim sempre foi uma tortura, porque a imagem nele refletida não é a minha pessoa, é a minha prisão. É a vergonha da minha alma, é a minha marca de proibido, e é por isso que eu não gosto de me ver. Se eu não me vejo, me sinto, e me sentindo, posso ser tudo que quero, e que sou, e quando me vejo, não quero existir, tenho repulsa de mim mesmo. Isso é que me faz ter uma estranha forma de vida. Não consigo me despir diante de outras pessoas, para mim esse ato sempre foi uma forte agressão à minha alma. Nunca tirei a roupa para me deitar com uma mulher e nem mesmo com os três homens que passaram pela minha vida.

Na minha infância o que mais me excitava além das brincadeiras de casinha com as primas, era ouvir meu pai dizer que dos filhos quem era mais esperto e tinha mais coragem era eu. Depois de crescido, quando meu pai precisava falar de alguma coisa importante, era a mim que procurava, mesmo ele chamando meu nome no diminutivo, talvez para lembrar que eu era mulher, o que me irritava profundamente, mesmo assim, isso também me excitava bastante, porque essas solicitações demonstravam a confiança que ele tinha em mim, e me davam a sensação de ser eu, um homem sério e de responsabilidades, tal como ele foi.

Até bem pouco tempo, eu nem sabia o que de fato sou, pensava que era homossexual, mas não concebia a ideia de ser lésbica, porque nunca me senti mulher, sempre desejei as mulheres femininas que gostam somente de homens. Quando me deito com uma mulher, sinto enrijecer o membro que me falta no corpo, porém diante da impossibilidade de usá-lo, tenho que usar todos os sentidos para chegar ao prazer. Nesse momento sou um leão desejando uma caça. As curvas de um corpo feminino, a delicadeza dos pêlos púbicos, o perfume, o movimento do corpo, o calor da pele, sussurros, isso também me dá à certeza de ser quem sou. Minha alma é de um homem normal, que se excita diante de uma fêmea. A primeira vez que me deitei com uma mulher eu tinha 17 anos e vivia no DF. Meus hormônios estavam à flor da pele, senti orgasmo só de tocar a minha boca nos seios dela, que estavam arrepiados e ela dizendo que me queria. Naquele momento e até hoje, quando me deito com uma mulher me sinto um homem grande e forte, sinto meu pênis petrificar. Eu sou eu, e tirar a minha roupa ou deixar que toquem as minhas partes íntimas significa a morte da minha alma, diante da realidade do meu corpo.

O medo de enfrentar a minha limitação social, por conta do meu corpo, me fez afastar das duas primeiras mulheres que me envolvi. Elas eram minhas professoras, a primeira no Ensino Fundamental. Frequentei a casa dela durante uns quatro a cinco meses. A segunda no Ensino Médio, fui a casa dela apenas umas três vezes, ela era casada. Logo depois deixei o DF. Já na minha terra natal, meu primeiro envolvimento com uma mulher, também foi rompido pela minha condição social, porém depois de tantos enganos e desencontros nos encontramos novamente e vivemos um casamento em segredo durante 12 anos. Nesse período, além da minha limitação social, experimentei o amargo da minha limitação física também. Chega um momento que só as mãos e a boca não fazem mais o mesmo efeito das primeiras noites quentes de amor. As brincadeiras com pepino e cenoura na minha cueca, até certo tempo me excitavam, me fazia sentir mais macho, depois compramos um pênis de silicone, e percebi o quanto ela sentia falta daquilo que meu corpo não tem. Fiquei muito mal, aquele brinquedo de borracha abalou meu psicológico de macho. Novamente me senti uma aberração da natureza. Percebi que para o meu mal não existe remédio. Jamais terei um relacionamento normal com uma mulher, pois o meu corpo me impõe limitações tanto social, quanto física, e principalmente física.

Já no fim do meu relacionamento de 12 anos, naquele auge do desgaste, conheci uma moça na internet, foi uma experiência muito louca, porque *online* é como se o corpo não existisse. Meu encontro com essa moça foi um mero acaso do destino, foi por meio de um e-mail de condolência pelo passamento do meu pai, que recebi de um amigo. Esse e-mail continha uma apresentação de PowerPoint que ele deveria ter recebido de alguém, cujo tema era pai. Ao responder esse e-mail, a minha resposta caiu também no e-mail dela e como meu e-mail era o meu último nome, tal como eu assinei, ela me respondeu querendo saber quem era o rapaz, e como tinha chegado até o seu e-mail. Aquela palavra “rapaz” me chegou como uma flecha do cupido, num instante eu me transformei em Dirceu e ela minha Marília bela. Vivemos uma paixão de perder o tino por mais de um ano, enviei uma foto do meu irmão e lhe disse que era eu, escrevi o poema Marília de Dirceu inteirinho para ela. Nossos e-mails eram muito quentes, a cada manhã eu me vestia de um poeta diferente para encantar aquela Deusa do Sul. Falávamos a noite toda, até sexo no telefone rolava, e ela nunca soube da minha real condição. Depois conheci uma Professora, casada e com netos, em um Congresso de Geografia no Estado S.P. Ela era muito linda, tínhamos muita afinidade, a gente brincava de lobo mau e a fantasia rolava

solta. Ficamos juntos um tempinho, o suficiente para a família da moça vir me procurar e me fazer ameaças para deixá-la.

Todos os meus relacionamentos amorosos aconteceram quando eu menos esperava, e nos lugares menos improváveis. Estava vivendo um momento muito ruim, tive que ser transferido para outro local de trabalho contra a minha vontade, e a convivência com a ex-companheira estava insuportável, o casamento já havia acabado, porém a gente ainda vivia na mesma casa. Nesse novo trabalho reencontrei uma ex-professora dos meus filhos, e com ela vivi uma paixão conturbada num período de cinco anos, apesar dela ter contado para a filha e a mãe do nosso envolvimento, o que para mim foi uma prova de amor, ela me traiu com um ex-namorado. Isso me abalou profundamente, mais uma vez a minha deficiência física provou a minha impossibilidade de dar prazer total a uma mulher. Ficamos separados um tempo, depois ela me procurou dizendo que sentia saudades, que me amava e queria voltar o namoro, e voltamos, porém ela me encontrou muito diferente, aquela paixão já não existia mais. Eu estava vivendo um momento Raul Seixas “Se eu te amo e tu me amas / É um amor a dois profana / O amor de todos os mortais / Porque quem gosta de maçã / Irá gostar de todas / Porque todas são iguais...” e isso gerou uma grande insegurança por parte dela. Dai vieram muitos ciúmes das minhas colegas de trabalho e muitos desentendimentos...

E como escreveu o Poetinha Vinícius de Moraes, “Pra que chorar / Pra que sofrer / Se há sempre um novo amor / Em cada novo amanhecer”. Pensando assim em uma noite quente do Cerrado, conheci outra mulher, linda de endoidecer, e quando percebi naquele olhar um convite à perdição, aceitei sem pensar. Para minha surpresa ela gostava de mulher, disse que não se importava com meu jeito masculino, mas queria tirar a minha roupa e me tocar também, do mesmo jeito que eu a tocaria. Isso para mim foi o fim da festa. Fiquei com nojo dela. Deixei a moça e fui embora, desse dia em diante jurei para mim mesmo que jamais me envolveria sexualmente com outra pessoa.

O tempo passou e mesmo de posse dos conhecimentos sobre a Transmasculinidade, fui incapaz de romper com o conflito existente entre o meu eu e o meu corpo. O espelho continua a ser o meu agressor. Contudo, mesmo minha vida sendo um rio de águas turbulentas, nunca me entreguei às lamentações. Foram muitos momentos triste, mais triste de não ter jeito, porém a minha infância plantou uma alegria em minha alma, e é essa alegria que me faz romper com o tédio da minha vida, por meio da fantasia que a poesia me proporciona. Eu, Fernando Pessoa com uma veia de Vinicius de Moraes

posso dizer: “Toda essa viagem / Até onde quis / Ser quem me agrada... / Mas ali fui feliz...” E “A tristeza tem sempre uma esperança / De um dia não ser mais triste não...”.

Dom

ANEXO 16

É comum a gente sonhar, eu sei... (16ª Carta)

De repente o vejo se transformar
Num menino igual a mim
Que vem correndo me beijar,
Quando eu chegar lá de onde vim.
(Chico Buarque)

Eu sempre sonhei ter uma família normal como a dos meus pais, e por mais estranho que fosse a estrutura familiar com a ex-companheira, devido a minha estranha forma de vida, tentei que esse sonho fosse o mais real possível, em nossa convivência de quatorze anos juntos. Viver a condição de pai me causou uma alegria única, e com essa alegria também veio às responsabilidades e o afeto, que são os laços construídos ao longo da convivência em família.

Não sei se foram os anos ou o desfecho mal sucedido dessa história de amor que me levou para outros caminhos, e de repente eu me vi envolvido em uma nova paixão, com uma nova companheira. Se por um lado à magia daquele sentimento novo me proporcionava muito prazer e me dava o que eu mais precisava naquele momento, que era um pouco de paz e autoestima, por outro lado existia uma dor muito grande, em quebrar aquela rotina de família, de dormir embaixo do mesmo teto, das brincadeiras na cama, as conversas em meio às refeições... Nisso tudo tinha um menininho, que eu vi nascer, andar e me chamar a todo instante, cujo sorriso era o sol do meu mundo. Velar o sono daquele pequeno no berço, me emocionar com cada suspiro dele, o ver correndo ao sol, e responder todos aqueles porquês infinitos, era tornar meu sonho real. De repente eu me via nele, quando vinha correndo numa alegria sem fim, se agarrando em minhas pernas, e quando se debruçava em um livro qualquer se deixando levar pela fantasia e o mistério do saber mais.

O fim é sempre uma porta entreaberta, como cantou Gonzaguinha, “há um lado carente dizendo que sim / E essa vida da gente gritando que não...” Depois de quatorze anos de convivência, era exatamente assim que eu me sentia. Destruir aquela rotina construída, tal qual Manuel Bandeira construiu Pasárgada, significava destruir todo o meu

mundo. Depois da separação houve uma tentativa de volta que só serviu para provar o desgaste e o fim definitivo do casamento. Mesmo com a separação sem volta, continuamos a nos relacionar como amigos; continuei me vendo como pai daquele pequeno que vi crescer. A culpa da separação se acentuou, pois nesse momento nosso filho estava com quatorze anos, ou seja, no início da adolescência. Sentia que ele não queria que me afastasse, e isso partia meu coração.

Mesmo depois de vinte anos a culpa de não conseguir dizer sim nos momentos em que a razão gritava não, ainda me acompanha, evidenciando a minha impotência diante do meu fracasso familiar, onde tudo se deu por eu não ter no corpo aquilo que me falta e o que marca a diferença entre homem e mulher. Eu queria muito ser normal, ser um pai normal e ter uma família normal. Apesar da culpa que trago em mim, por não ter sido esse pai normal, ainda assim, vejo um pedaço de mim muito mais presente nesse pequeno que me fez pai, do que nos outros que são meus biologicamente. E foi assim que eu dei de sonhar...

Dom

ANEXO 17

Minha vida aos poucos... (17ª Carta)

De motejo em motejo arrasta a alma ferida...
Sem constância no amor, dentro do coração
Sente, crespa, crescer a selva retorcida
Dos pensamentos maus, filhos da solidão.

(Olavo Bilac)

Após o vendaval que foi romper um relacionamento de 12 anos, e depois de dois envolvimento mal sucedidos, percebi que minha vida ia sendo vivida aos poucos, cercada com um muro de angústia e solidão. “A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá, e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento”. Quanto mais lia Fernando Pessoa, mais aumentava a minha consciência da disparidade entre minha alma e meu corpo, e junto à compreensão de ter a minha vida sequestrada pela intolerância alheia, especialmente quando tento fugir do meu corpo e viver da forma como me reconheço. Depois de tantos desencontros dessa vida vivida a goles, como os versos de um fado português, quando Fernando Pessoa me deixava longe da ideia de ter um novo

amor, vi passar uma saia que deixou meu coração apressado e a minha alegria voltou. A saia da moça que eu via passar todos os dias em frente a minha sala tinha um balanço totalmente harmonioso com o balanço dos cabelos pretos que lhe cobriam as costas, e esses movimentos tomaram meu corpo num súbito arrepio de desejo, aumentando a distância dos muros de angústia que cercavam minha vida deserta.

O fato de trabalhar em um ambiente escolar facilitou minha aproximação com essa moça, logo a amizade evoluiu para um romance bastante diferente dos outros passados, eu estava mais amadurecido, com os meus 36 anos de idade, e ela menos presa às convenções sociais, tanto que de início confiou o nosso envolvimento amoroso a filha e a mãe dela, o que para mim se configurou como uma prova de amor e me deixou mais apaixonado. Porém mesmo assim, sentia que ela se incomodava com os comentários inconvenientes dos colegas de trabalho em relação a nossa amizade, notava também o seu desconforto quando estávamos em certos lugares públicos e chegava alguém conhecido. Isso sempre foi uma grande ofensa para meu ego. É o que faz a minha vida ser em goles, aos poucos, e o que me dói profundamente.

Tivemos muitos momentos desagradáveis em público. Na escola, frequentemente, era obrigado a ficar ouvindo piadinhas dos colegas em relação aos homossexuais, na intenção de constranger a minha pessoa diante dela. Quando íamos ao bar tinha sempre um olhar a nos espreitar, e se esse olhar fosse de alguém conhecido, o desconforto dela me fazia levantar da mesa e ir embora com a alma totalmente dilacerada. Certa vez estávamos em um retiro espiritual, quando uma senhora me abordou dirigindo ofensas sem tamanho, questionando se eu não tinha vergonha de ser assim, dizia aos berros que eu tinha aparência de um homem esquisito, e que eu deveria mudar meu jeito de ser e de me vestir para não envergonhar as pessoas ao meu redor. Aquela senhora estava de fato muito irritada com a minha presença naquele lugar. Essas ofensas dirigidas a mim nesse retiro espiritual, somadas ao desconforto da minha companheira, diante desse fato, e tudo que vivíamos em público, provocava a sensação de mais um estupro em minha alma, e interferia de forma negativa em nosso relacionamento. Ter que animar um corpo que não é meu, um corpo que não corresponde e não atende as minhas necessidades carnis, sempre me causou um peso desmedido, também por ter que conviver com o preconceito das pessoas e o mal-estar da companheira diante dessas situações intensamente desagradáveis; o que me leva a crer que eu jamais terei uma vida vivida continuamente. Sempre estarei morrendo e renascendo.

Depois de sete anos do falecimento do meu pai, já no ano de 2010, minha mãe também veio a falecer, o que me deixou completamente sem norte. Eu que era só o Rei, o que pagava as contas, levava para passear, agora me vi completamente sem chão e só. Minha mãe sempre cuidou de tudo, das minhas crianças e da casa, eu dizia que ela era a minha primeira ministra, e tudo corria na mais perfeita ordem. Nunca gostei dos afazeres domésticos, nunca soube como conduzir a organização da casa, também nunca tive habilidade para contratar alguém para esse serviço, e quando minha mãe se foi pra sempre, a desordem no meu lar foi total. Tive que voltar a viver com meus filhos biológicos e assumir a administração da casa, o que para mim foi extremamente difícil. Passamos meses almoçando tortas doces de padarias, macarrão instantâneo, empanados, etc. Além da enorme falta do colo de mãe, passei a sentir muita falta de alguém para cuidar de mim e da casa.

Um casamento seria perfeito, mas como? Como derrubar os muros de angústia que me cercam? Cheguei à conclusão de que as pessoas não me aceitam, e eu também não aceito meu corpo e esta estranha forma de vida. Nesse momento dramático em que eu vivia, tomei a decisão de ficar só. Precisava encontrar um caminho para lidar com as questões domésticas, e com os filhos adolescentes, que passaram a estar totalmente na minha responsabilidade. A solidão também era necessária no sentido de eu me refazer.

Meu relacionamento amoroso, depois de seis anos, já estava fadado ao fim. Eu estava péssimo e mais uma vez a poesia me salvou, porque sempre foi para mim um refúgio, um encontro comigo mesmo, uma fonte de prazer, uma ferramenta para o esquecimento e uma válvula de escape para minha alegria, o que me mantém vivo. Quando estou triste, mais triste de não ter jeito vou-me embora para Antares, lá onde eu sou o Rei e meu cavalo Pigarço fala inglês. Dai então passei a me acostumar com esta vida aos poucos, a goles. Passei a viver como um lobo e quando sinto fome vou à caça. Meus relacionamentos passaram a ser somente esporádicos, sem nenhum compromisso, vez ou outra e sempre muito longe do Cerrado, que é pra não estabelecer nenhum vínculo afetivo, pois como escreveu Fernando Pessoa: Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Dom

ANEXO 18

Como garrafas de naufrago (18ª Carta)

Por você, eu, teu corsário preso
Vou partir a geleira azul da solidão
E buscar a mão do mar
Me arrastar até o mar, procurar o mar
Mesmo que eu mande em garrafas
Mensagens por todo o mar
Meu coração tropical partirá esse gelo e irá...
(João Bosco e Aldir Blanc)

Meus pais sempre diziam que os filhos tinham que estudar para traçar um caminho mais fácil de viver, para não ter que enfrentar trabalhos rudimentares como desempenhado por eles na roça. Desde muito cedo aprendi a viver com o pouco, pouca comida, poucos brinquedos e nada de luxo, porém a imaginação era muita e os desejos também. Viver na roça bastava a imensidão do Cerrado, e já tínhamos a sensação de ser dono do mundo e do nosso destino, já na cidade as necessidades eram outras, e a sensação de poder para um desprovido de capital era nula, os muros limitam a liberdade e o dinheiro as possibilidades. As ruas, a igreja, a escola, evidenciavam a todo o momento as diferenças do ter e não ter. Para uma criança, ou um adolescente como fui, isso era, e ainda é muito cruel, pode-se dizer quase o assassinato coletivo dos sonhos. Nesse sentido, não demorou muito para eu entender que a liberdade também tem seu preço monetário, ou seja, sem o dinheiro ninguém é livre. A falta de capital subtrai do ser humano a qualidade de vida e o direito de ir e vir.

Embora eu nunca tenha vivido guardado por Deus contando vil metal, como escreveu Belchior, ainda vivo como meus pais. Minhas concepções em relação a trabalho e dinheiro são as mesmas que aprendi com minha família. Dinheiro se obtém unicamente por meio de trabalho e deve ser guardado para eventuais necessidades e não para ostentar luxo. Durante toda minha vida passei por muitos percalços, desde a intolerância com meu jeito de ser, até privações de ordem econômica, e mesmo assim enfrentei a vida como um “corsário preso”. Mesmo com o coração coberto de neve, parti a geleira da solidão e trabalhei muito para dar conta das minhas responsabilidades de chefe de família e conquistar alguns bens materiais; casa, terrenos, como segurança de vida para os meus. Mesmo assim, sempre tive uma vida muito simples, sem o vício do consumismo; na verdade não me agrada nem um pouco fazer compras, ir ao mercado, ao shopping, é uma tortura para minha pessoa. Só compro calçado quando acaba o que está em uso, e roupas

nunca tive mais que três camisas e duas calças. Não vejo necessidade de ter mais que isso. Sempre recebi muitas críticas em relação ao meu jeito de ser, minha amiga e colega de trabalho, Vitória, brinca dizendo que eu preciso de uma governanta e não de uma namorada.

Hoje posso dizer que tenho uma vida tranqüila, me graduei em Geografia, passei em um concurso público, o que me proporcionou certa estabilidade financeira. Mesmo trabalhando no setor administrativo, quando necessito aumentar meus rendimentos, à noite trabalho de garçom em bares e pizzarias. Socialmente tenho muitos colegas de trabalho e poucos amigos, há quem apenas me tolere, e também quem gosta da minha companhia de verdade, e isso é bastante perceptivo. Meu curso superior não foi o curso dos meus sonhos, mas foi o mais próximo do meu desejo, e me possibilitou conhecer um universo muito diferente em que eu vivia. Em um período difícil da minha vida, em que eu evitava as pessoas e até mesmo pensar na minha diferença, a universidade me fez enxergar a vida de outro ângulo, e ter outra postura em relação a minha condição. Antes de me ingressar no curso de Geografia, comecei a fazer Matemática na mesma Universidade, porém apesar de gostar muito das exatas, não me identifiquei com o curso e nem com as pessoas, o que me levou a desistência. Enquanto no Ensino Médio as pessoas renegavam o meu jeito de ser, o que me rendeu muitos aborrecimentos, os quais contribuíram para o meu isolamento, aos poucos a Universidade me mostrava que ser homossexual não era tão estranho aos olhos de muitos, o que facilitou algumas poucas amizades que prevalecem até nos dias de hoje.

Logo no início do curso de Geografia conheci um Professor do Rio Grande do Sul, que percebeu de imediato minha diferença e me disse que isso era normal e daí, nos tornamos parceiro de copo e de confidências, conheci também uma garota que se dizia igual a mim e que tinha um romance com outra menina, as quais se tornaram grandes amigas. Essas amizades contribuíram para eu perder o medo de ir ao bar e ver o bailado das saias ao vento... Eu quis viver melhor sendo eu mesmo e vivi, passei a encarar melhor o meu rótulo de gay, quando questionado na multidão. Nesse sentido a Universidade ampliou o meu olhar, e como escreveu Fernando Pessoa no poema, O guardador de rebanhos, “porque eu sou do tamanho do que vejo/ E não do tamanho da minha altura...” Mesmo não rompendo as amarras do preconceito que ainda existe em mim, eu quis viver melhor, mudei, cresci, e levo a vida que vivo à deriva... Como as garrafas de naufrago.

Dom

ANEXO 19

Ser ou não ser, eis a questão! (19ª Carta)

Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz, ou pegar em armas contra o mar de angústia – e, combatendo-o dar-lhe fim? Morrer; dormir; só isso. E com sono dizem – extinguir dores do coração e as mil mazelas naturais a que a carne é sujeita. Eis uma consumação ardentemente desejável. Morrer – dormir – dormir! Talvez sonhar... Ai está o problema! Os sonhos que virão no sono da morte quando tivermos escapado do tumulto da vida nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão que dá a desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, a afronta do opressor, desdém do orgulhoso, as pontadas de um amor humilhado, as delongas da Lei, a prepotência do governante, e o achincalho que o homem paciente e dedicado recebe dos inúteis podendo ele próprio encontrar repouso com um simples punhal? Quem aguentaria fardos gemendo e suando numa vida servil, senão por temer de alguma coisa após a morte – o país não descoberto de onde jamais se voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade, nos faz preferir e suportar os males que já temos, a fugirmos para outros que desconhecemos? Assim a reflexão faz todos nós covardes. Assim a força natural de uma decisão se transforma em fétido pensamento. E empreitadas de vigor e coragem, refletidas demais, saem de seu caminho, perdem o nome de ação. (William Shakespeare)

Hoje sou Hamlet, extremamente perdido em meus questionamentos, e como disse Guimarães Rosa – O trágico não vem a conta-gotas, e viver é muito perigoso. Minha vida tem se dado em um vendaval de acontecimentos, devastando meu mundo de solidão em Antares. Sempre me refugiei em fantasias, criei uma imagem perfeita de mim mesmo, finjo tão completamente que chego a sentir que sou de fato a soma de todos os poetas, sobretudo Fernando Pessoa, e assim sendo, julgo poder controlar todos meus impulsos e sentimentos, porque sou inventado. Mas eis que bate a minha porta um novo amor não correspondido. De repente acordei um misto de Castro Alves e Neruda, completamente apaixonado, sofrido pela falta de reflexo desse sentimento, e mais uma vez tento me refugiar na poesia para esquecer aquele “Boa noite!/ E tu dizes – Boa noite./ Mas não digas assim por entre beijos.../ Mas não me digas descobrindo o peito, – Mar de amor onde vagam meus desejos.” Tento recompor meus pensamentos navegando nos versos de Neruda – Se julgas que é vasto e louco/ o vento de bandeiras/ que passa pela minha vida e te resolves/ a deixar-me na margem/ do coração em que tenho raízes,/ pensa/ que nesse dia,/ a essa hora/ levantarei os braços/ e as minhas raízes sairão/ em busca de outra terra...

A realidade também veio com força, me contando que agora minha filha tem uma filha. Novamente o fantasma da dualidade me apavora – avó ou avô? Antes quando a

questão era ser mãe ou pai, eu era o dono da prole, eu próprio tomava as decisões e tinha minha mãe para cumprir o papel de mãe deles, mesmo que isso fosse subentendido somente para mim. Mas e agora? Agora essa menininha não me pertence, e mesmo assim abala meus sentimentos e movimentava o sangue em minhas veias, como um Fado, trazendo a angústia, provocada pelo medo de que ela traga em sua genética a minha maldição, e por outro lado me impõe uma realidade amarga de lidar com as minhas limitações para viver um novo amor (tenho vergonha de dizer que tive filhos). Em meio a esse desenrolar do novelo de minha existência inexistente, conheci uma pesquisadora de estudos de gêneros e diversidade sexual. Após um café, e muita conversa, brotou em mim o desejo de ser eu mesmo, e não uma invenção inexistente. Daí então passei a sonhar com a possibilidade de ter uma identidade concreta, um papel real para me relacionar com a minha neta e com o todo. A mim, essa pesquisadora apresentou um mundo totalmente desconhecido, as lutas dos grupos LGBT, uma possível nomeação dentro do grupo, e mais, os avanços tecnológicos e jurídicos para a adequação de identidade de gênero. Tudo isso me chegou como uma grande novidade, como um descortinar para uma nova vida. Decidi então fazer parte dessa pesquisa sobre transmasculinidade, com o afã de romper com o preconceito de mim mesmo, uma vez que sempre fugi do espelho e de pessoas iguais a mim, só para não ter que encarar a minha realidade nua e dura, de ver no outro, ou no espelho a minha deficiência.

Hoje, pensando em tudo que vivi, posso dizer que fugi a todos os enfrentamentos que a vida de certa forma me impôs. Por excesso de reflexão, para não decepcionar meu núcleo familiar e a sociedade em geral, sai do meu caminho. Condenei a minha alma a viver para todo sempre na clandestinidade, me sujeitando sempre ao real da vida alheia. Hoje estou perplexo com o turbilhão que desconstrói a minha auto-invenção. Enfrentar a realidade significa me enxergar como os outros me vêem e não como finjo me enxergar, e finjo tão completamente que finjo que as pessoas também me vêem da mesma forma que gostaria de me ver no espelho. Esse estágio de enfrentamento real tem me deixado literalmente entre o ser ou não ser. Ou continuo afastado da vida, vivendo clandestinamente, ou declaro guerra aos inúteis que sempre estiveram em meu caminho com seus insultos diante da minha diferença. Vencer a dor de ser o que não se estampa no físico tem me corroído o pensamento até os ossos. Depois de tantos desencontros, de tanta fuga e depois da inércia em um mundo de fantasia, eis a questão! Vale a pena o despertar para a guerra da correção física em função da adequação de gênero, após os 40,

chegando aos 50 anos de idade, com a chegada de uma neta? Existe em mim uma porta entre aberta, um lado dizendo que as pessoas já se acostumaram com a minha aberração, agora eu tenho uma neta e a exibição da minha anomalia num contexto de questionamentos e mudanças implicaria a exposição de todo meu núcleo familiar, juntamente com um embate social cruel, onde os diferentes são crucificados como os intocáveis na velha Índia. Por outro lado, existe um poema vitoriano me cobrando que sou o Capitão de minha alma, dono do meu destino. E foi com esse poema que dei início ao processo transsexualizador, acreditando que essa transformação por meio de uma cirurgia de correção física seria o encontro do meu corpo com meu ser, seria a chance de sair da clandestinidade, de assumir uma identidade real. Tirar a máscara, mesmo tendo envelhecido me daria uma morte mais digna e a certeza de que vivi.

Dom

ANEXO 20

Há um virar de página em minha vida (20ª Carta)

Tô relendo minha lida, minha alma, meus amores
Tô revendo minha vida, minha luta, meus valores
Refazendo minhas forças, minhas fontes, meus favores
Tô regando minhas folhas, minhas faces, minhas flores
Tô limpando minha casa, minha cama, meu quartinho
Tô soprando minha brasa, minha brisa, meu anjinho
Tô bebendo minhas culpas, meu veneno, meu vinho
Escrevendo minhas cartas, meu começo, meu caminho
Estou podando meu jardim
Estou cuidando bem de mim...

(Vander Lee)

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus/ Tempo de absoluta depuração/
Tempo em que não se diz mais: meu amor/ Porque o amor resultou inútil/ E os olhos não choram/ E as mãos tecem apenas o rude trabalho/ E o coração está seco... Esses versos de Drummond refletiam o estado da minha alma até bem pouco tempo, quando julgava minha vida perdida num passado onde eu era, e ainda sou, apenas um intervalo entre o que eu desejo ser e o que a vida fez de mim. Ao longo da minha vida tive por duas vezes a desilusão de ver a minha esperança perdida; a primeira foi quando me dei conta de que jamais teria um pênis e a segunda foi quando minha mãe se foi para todo sempre. Ambas às vezes senti minha alma rasgada, tudo que mais queria era um milagre, e milagres não acontecem.

Agora me encontro em outra correnteza, as informações da política de gênero acenderam em mim uma nova esperança de vida, a possibilidade de selar um acordo de paz entre meu corpo e minha alma. Após inúmeras conversas com a pesquisadora de assuntos de gêneros, Renata Pamplona, responsável por esta pesquisa, tomei a decisão de me inscrever no programa de mudança de sexo, o que tem me deixado bastante eufórico e ansioso. É como se eu estivesse com os dias contados para sair da minha masmorra, fazer a barba, tomar um banho, vestir outra roupa e ganhar a rua. É assim que eu me sinto neste exato momento, virando a página. Não imaginei que seria tão simples e fácil a inscrição no programa, fui a Secretaria de Saúde do meu município, e lá me informaram todos os passos que deveria seguir. Consultei com um Médico Ginecologista que concedeu o encaminhamento para o processo transexualizador em uma capital mais próxima do meu município, no mês de junho de 2015.

No mês de março de 2016 fui a minha primeira consulta com o Médico e a Psicóloga que irão me acompanhar durante todo processo. Na próxima consulta que será em maio de 2016 terei que apresentar os exames solicitados, de sangue, mamografia e tomografia abdominal para prosseguir o tratamento. No decorrer desse percurso vão sendo realizados exames, consultas com psicólogos, psiquiatras, assistente social, e as cirurgias necessárias até o fim do tratamento.

Tenho vivido e conhecido um mundo totalmente estranho a minha realidade, é de fato como se fosse um período de gestação. São leituras, filmes, conversas que retratam a minha condição, e confesso que muito me choca.

Olhe para mim de novo é um documentário que me causou grande mal estar, foi como se eu estivesse me vendo no espelho, de repente me dei conta de toda minha estranheza. A deficiência do corpo, o conflito da maternidade, as limitações da sexualidade, as fugas na busca de uma existência clandestina... Tudo isso me pesa os ombros. Tudo isso foi exatamente o que eu quis esconder dos outros e de mim mesmo. Contudo estou a entender que faz parte do processo esse choque de realidade, até para eu poder me conhecer melhor e romper com o preconceito que tenho sobre mim e outros semelhantes a minha condição, afinal foram muitos anos de reclusão.

Outro filme que me chamou bastante atenção foi Perfume da memória, de Oswaldo Montenegro, onde é colocado em discussão a afinidade, desejo e razão. É um dos filmes mais inteligentes que já vi. Lembrou-me uma canção do Vinicius de Moraes, O homem que diz "sou"/ Não é!/ Porque quem é mesmo "é"/ Não sou!/ O homem que diz

"to"/ Não ta/ Porque ninguém ta/ Quando quer... O filme evidencia uma contradição entre o ser e o não ser das personagens. De certa forma também me identifiquei com a trama, uma vez que o diálogo existente entre Ana e Laura evidencia fugas traçadas de acordo com a necessidade particular de cada ser humano, enquanto Ana era uma mulher aparentemente muito livre, sem o peso das convenções morais e sociais, Laura era sentimentalista, aparentemente uma mulher convencional e frágil, porém no decorrer do filme podemos perceber que a ideia de forte, livre, frágil e convencional não se aplica às aparências. Tudo pode ser uma forma de autodefesa. Nesse sentido, esse filme inquietou meus pensamentos em relação a minha história de vida, pois, durante toda minha vida, desde o princípio das recordações da minha infância, tudo que fiz foi buscar modos para viver sem me notar. Ser bravo, ser forte, como Juca Pirama, personagem de Gonçalves Dias, era uma necessidade diante da minha deficiência física, e também para esconder a minha diferença, no entanto, eu só desejava que as pessoas me vissem como aquela canção da Nina Simone, Don't Let Me Be Misunderstood. Baby, você me entende agora? De vez em quando eu sinto uma pequena loucura./ Mas você não conhece um ser vivo capaz de ser um anjo./ Quando as coisas saem erradas eu me sinto péssimo./ Eu sou apenas uma alma com boas intenções.

Dom

ANEXO 21

Janelas do meu quarto (21ª Carta)

Mesa de bar
É cerveja suada matando a pau o calor
Vamos cantar aquela cantiga que fala da luta e do amor
Mas antes brindar em homenagem
Aqueles que já não vem mais
Saúde pra gente, moçada, que a gente merece demais
Em torno de um copo a gente inventa um mundo melhor
A dona biritá levanta a moral de quem está na pior
A água da mágoa se enxuga no pano daquela toalha
Pra acabar com a tristeza
Esse remédio não falha
Na mesa de um bar todo mundo é sempre o maior
Todo mundo derrama as tintas da sua alegria...
(Gonzaguinha)

A poesia e a música me levam a grande estrela vermelha na constelação de Scorpius, é puro êxtase... É como no Fado de Fernando Pessoa, “Ouvindo-a sou quem

seria/ Se desejar fosse ser.../ É uma simples melodia/ Das que se aprendem a viver.../ Mas é tão consoladora/ A vaga e triste canção.../ Que a minha alma já não chora/ Nem eu tenho coração.../ Sou uma emoção estrangeira, Um erro de sonho ido.../ Canto de qualquer maneira/ E acabo com um sentido!” O viés proporcionado pela arte me vestiu com uma armadura cômica e deu-me a possibilidade de enxergar a vida de ângulos diferentes, como se fossem janelas no meu quarto, que dão acesso aos mistérios e aos encantos das ruas cruzadas constantemente por gente, deixando minhas emoções a flor da pele.

Enxergar graça na vida suprimiu a ideia de saltar fora da ponte da minha existência torta. Sou uma pessoa simples, o palhaço me faz rir, gosto de ver a lua, porque a lua alimenta a minha ilusão de que tudo pode acontecer, não sei rezar, mas gosto de ir à igreja quando não tem ninguém, para entrar em comunhão com o sagrado; não acredito em milagres, só acredito no que vejo e no que sinto, gosto de freqüentar os lares de idosos para ouvir repetidamente suas histórias de vida, com eles tenho a certeza de que sou bem quisto e a diversão é mútua, sincera e inocente. A rua me atrai, me traz alegria, e a sensação de sucesso na fuga, porque é nas ruas que a vida se movimenta, e são por elas que se chega ao bar. Gonzaguinha foi perfeito quando escreveu mesa de bar “Mesa de bar é onde se toma um porre de liberdade/ E companheiros em pleno exercício de democracia...”

Ao longo dos anos fui construindo uma personalidade de muitas almas e em cada momento mudei para fugir do drama que constitui a minha história. A negação do meu ser ficou sufocada por trás de uma falsa alegria construída nos versos de Vinícius de Moraes, “É melhor ser alegre que ser triste/ Alegria é a melhor coisa que existe/ É assim como a luz no coração/ Mas pra fazer um samba com beleza/ É preciso um bocado de tristeza...” Isso também se transformou em uma arma de sedução, pois os poucos envoltimentos amorosos que vivi, tiveram início pelo elo da música, da poesia e da minha alegria que faz de mim uma pessoa aparentemente forte. No entanto, me estranho por viver nas entrelinhas dos homens sem raízes que vivi de amores secretos. Embora eu seja uma figura visivelmente caricata, bem humorada, tenho em mim uma contradição, a alegria externa e o drama interno, e assim, as pessoas supõem que sou feliz.

Ainda lembrando os versos de Vinícius de Moraes, a minha alma é como um samba. “Porque o samba é a tristeza que balança/ E a tristeza têm sempre uma esperança/ De um dia não ser mais triste não/ Põe um pouco de amor numa cadência/ E vai ver que

ninguém no mundo vence/ A beleza que tem um samba não/ Porque o samba nasceu lá na Bahia/ E se hoje ele é branco na poesia/ Ele é negro demais no coração”. Apesar da existência de uma tristeza enraizada no meu ser, não sou um homem depressivo, mesmo nos momentos nebulosos que trazem os horrores das sombras do passado e o medo do futuro, me lembro de um poema vitoriano de William E. Henley: “Eu sou o senhor do meu destino! Eu sou o capitão de minha alma!” “I am the captain of my soul!” Logo me transformo em Che Guevara do Cerrado, esqueço a minha dor e passo a indignar-me com as injustiças, cometida em cada canto do mundo.

Quando ouvi Amália Rodrigues, pela primeira vez, tive a certeza de quanto o drama me atrai e me excita. A poesia, a melodia, o ritmo, a sensualidade marcada pela personalidade da voz feminina me arrepiam. Parte da minha emoção e alegria de viver está no Jazz, no Fado, na MPB, e outros ritmos que evidenciam grandes vozes femininas no mundo inteiro, como exemplos, na América Latina, Mercedes Sosa, Omara Portuondo, Dalva de Oliveira, Elis Regina, Maria Bethânia, Alcione, etc. Na América do Norte, Joan Baez, Nina Simone, Aretha Franklin... Na África, Miriam Makeba, Cesária Évora..., na Europa, Amália Rodrigues, Concha Buika, Nana Mouskouri, Montserrat Caballé..., no mundo Árabe, Dalida e tantas outras. Todos esses nomes têm tudo que me atrai em uma mulher, de certa forma todas as mulheres que me relacionei têm muito desses nomes.

Sou uma canção de Piero Benedictis na voz de Mercedes Sosa, “Soy água, playa, cielo, casa, planta,/ Soy mar, Atlántico, viento y América,/ Soy um montón de cosas santas/ Mezcladas com cosas humanas/ Como te explico... cosas mundanas...” Porém, não me agrada ser reconhecido como homem trans, o meu desejo é ser invisível na multidão, é ser um homem sem rótulos, por esse motivo não participo de grupos políticos e militância Trans ou LGBT, isso me dá a ideia de guetos e para mim o gueto representa exclusão.

O processo transsexualizador pelo qual estou passando tem me deixado bastante ansioso, há um paradoxo nesse sentido, por um lado desejo demais me olhar no espelho, e me enxergar como me sinto, poder ir ao toalete público sem medo e vergonha, essa é a mágica que sempre quis que acontecesse em meu corpo, por outro lado, existe uma angústia muito forte de ser visto, apontado na rua, e chamado por homem trans. Mesmo com a possibilidade de mudar meu corpo e meu nome para adequar ao meu gênero, me sinto na contramão da natureza, marcado a ferro pela maternidade.

No entanto, o meu passado é uma roupa velha que não me cabe mais, as possibilidades que a tecnologia e os novos tempos me oferecem, é a chance que tenho para ser quem sou. Então prefiro o risco da mudança, o risco de perder o meu passado, meu nome de batismo, parentes, amigos, trabalho, e até a cabeça, o risco vale a pena.

Como escreveu Gonzaguinha, “Passado/ É um pé no chão e um sabiá/ Presente/ É a porta aberta/ E futuro é o que virá, mas, e daí?” Eu só quero ser simples, sair pelas janelas do meu quarto, sem máscara, e ir ao bar...

Dom

ANEXO 22 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Territórios da transmasculinidade

Você está convidado a participar de uma pesquisa sobre a experiência de ser um homem transexual que tem o título provisório de “Os territórios da transmasculinidade”. Nesta pesquisa pretendemos conhecer suas experiências de vida em sua amplitude. Esclarecemos não se tratar de um estudo psicológico, pois adotamos um viés teórico polissêmico, no qual compartilhamos o cruzamento de diferentes saberes, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a educação, a psicologia.

Nesse sentido, sua participação é de extrema relevância, pois seus relatos, assim como alguns relatos literários de outros transhomens, permitirão nossa problematização sobre os territórios da transmasculinidade.

Sua participação se concretizará por meio da escrita de aproximadamente trinta cartas, nas quais relatará livremente a respeito das experiências de vida que julgar relevantes, assim como suas sensações, emoções, e reelaborações das lembranças do passado. Visando alcançar nossos objetivos, analisaremos as cartas redigidas a partir de um viés teórico dos estudos de gênero e diversidade sexual, especialmente ancorados nos estudos feministas, pós-estruturalistas, foucaultianos e da teoria *queer*.

Espera-se que o resultado dessa pesquisa contribua para uma maior discussão sobre a experiência da transmasculinidade e possibilite visibilidade e maior empoderamento dos homens trans. Desse modo, tal pesquisa tem um caráter social, pois

almejam com nossas discussões e análises denunciar o preconceito e as injustiças endereçadas aos transhomens. Os resultados também poderão ser úteis no sentido de possibilitar uma reelaboração de sua própria experiência de vida.

Esta pesquisa não oferece riscos físicos ao participante, porém, ressaltamos que esta envolve o acesso a emoções, sentimentos, dores e conflitos. Desse modo, passível de causar desconfortos, sofrimentos. Entretanto, buscaremos manter uma postura ética e de respeito, sem tecer críticas valorativas e coerções para obtenção de informações. Buscaremos acatar a todo procedimento ético adequado na realização de pesquisas acadêmicas, como a preservação e sigilo de dados pessoais. Entretanto, alertamos sobre o risco de possíveis identificações. De todo modo, você poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo. Em caso de sua desistência todo o material será destruído

Eu _____, dou meu consentimento para minha participação voluntária nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Renata Silva Pamplona, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, e do Orientador Dr. Nilson Fernandes Dinis.

Após ouvir os esclarecimentos, assino este termo de consentimento ciente de que:

- 1- Obtive todos os esclarecimentos necessários para poder decidir conscientemente sobre a participação nesta pesquisa.
- 2- Participarei da pesquisa redigindo pelo menos trinta cartas.
- 3- Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo, no entanto, estou ciente que mesmo perante os cuidados éticos de anonimato, existe o risco de possíveis identificações. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
- 4- Terei acesso ao resultado da pesquisa, assim que for encerrada.
- 5- Tenho a liberdade de recusar a participar da pesquisa em qualquer etapa da mesma.
- 6- Poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo telefone 64-99315578 ou 64-36321938, no endereço Rua Joaquim Caetano, nº 280, Setor Aeroporto, Jataí-GO, CEP: 75805-020 ou pelo e-mail

renascersempre@gmail.com; ou com o orientador da pesquisa Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis, na Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Educação, Rodovia Washington Luiz, Km 235 - CEP-13565-905 - Caixa Postal 676 - São Carlos-SP, Fone (16) 3351-8365 ou pelo email ndinis@ufscar.br.

São Carlos, 23 de fevereiro de 2015.

Assinatura do participante/RG
(Favor rubricar as duas páginas)